

DANIEL QUINN

Autor de *Ismael* e *A História de B*

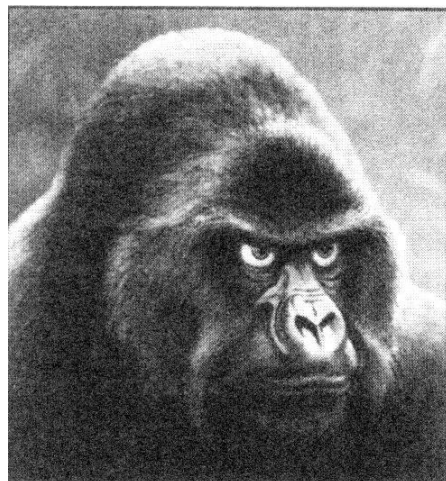


MEU ISMAEL

O fenômeno continua

editora fundação
Peirópolis

DANIEL QUINN



MEU ISMAEL

O fenômeno continua

Tradução

Celso Nogueira

editora fundação
Peirópolis

Sobre a digitalização desta obra:

Esta obra foi digitalizada devido à sua incomensurável importância para a humanidade visando proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.

A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

[Distribua este livro livremente!](#)

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

[Incentive o autor e a publicação de novas obras!](#)

Largadores Virtuais

Agradecemos e valorizamos a Editora Peirópolis pela corajosa publicação desta e demais obras do autor.

A Editora Fundação Peirópolis tem como missão contribuir na divulgação dos valores humanos e publicar livros cujos temas estejam afinados com o propósito de construir um mundo mais justo, ético e harmônico.

Se você tiver dificuldade para encontrar os livros em sua cidade, entre em contato diretamente com a Editora Fundação Peirópolis pelo telefone (5511) 3816 0699, fax (55 11) 3816-6718, escrevendo para a Rua Girassol, 128 — Vila Madalena CEP 05433-000, São Paulo — SP ou pelo e-mail: vendas@editorapeiropolis.com.br

Visite o *site* da Fundação Peirópolis:

www.peiropolis.org.br

E o *site* da Editora:

www.editorapeiropolis.com.br

Para aqueles que sentiram afinidade com esta obra e suas idéias poderão visitar na Internet o único site brasileiro que trata de temas aqui relacionados:

<http://www.largue.cjb.net>

ORELHA DO LIVRO:

Ismael de Daniel Quinn ganhou o Turner Tomorrow Fellowship, prêmio concedido a obras de ficção que apresentam soluções criativas e positivas para os problemas globais. Essa extraordinária narrativa tornou-se um *best seller* alternativo e um guia para o movimento espiritual que vem se desenvolvendo em todo o mundo. O novo livro de Daniel Quinn tem a mesma importância — não se trata de uma continuação, mas sim de outra história contemporânea da primeira, em que a saga de Ismael segue uma direção nova, totalmente imprevisível.

MEU ISMAEL

O gorila lambeu os beijos — estava nervoso, deduzi.

“Creio que podemos dizer com segurança que não estou preparado para lidar com as necessidades de uma pessoa da sua idade. Creio que isso pode ser dito, realmente. Sim”.

“Quer dizer que desiste. É isso que está querendo dizer? Para eu ir embora

porque você desistiu? [...] Você não acha que uma menina de doze anos possa sentir um desejo sincero de salvar o mundo?”

“Não duvide disso”, disse ele, dando a impressão de que as palavras saíam com grande dificuldade.

“Então, por que não quer conversar comigo? O anúncio do jornal dizia que você precisava de um aluno. Não era isso?”

“Dizia isso realmente”.

“Bom. Já arranjou um. Eu”.

Esse diálogo apresenta Julie Gerchak, uma das mais cativantes personagens jovens da literatura desde Huckleberry Finn — e uma das discípulas mais promissoras e instigantes de Ismael. Incapaz de justificar sua recusa, Ismael aceita o terrível risco de lidar com dois alunos de personalidades completamente diferentes — um deles, Julie, insiste em manter sua existência em segredo para o outro (Alan Lomax, conhecido dos leitores como o narrador de *Ismael*).

Julie é inquestionavelmente brilhante (provavelmente mais do que Alan), mas faltam-lhe dez anos de instrução escolar em comparação a ele! Isso significa que Ismael não pode seguir a mesma estratégia — nem esperar o mesmo resultado dos dois. Alan e Julie não só seguem caminhos diferentes com seu mestre símio — eles chegam a lugares distintos.

Contudo, algo mais distingue o relacionamento de Ismael com Julie. Quando a infra-estrutura de sua vida começa a desabar, Ismael precisa escolher um dos alunos para uma missão secreta. Surpreendentemente, a escolha não recai sobre o estudante mais velho e experiente, mas sobre a jovem. Ao revelar a missão e o segredo nela subjacente, Julie apresenta uma conclusão para a saga de Ismael que provocará aplausos dos admiradores de Ismael do mundo inteiro.

O Autor

Daniel Quinn nasceu em Omaha, Nebraska, em 1935. Estudou na Universidade de St. Louis, na Universidade de Viena e na Universidade Loyola de Chicago. Em 1975, Quinn abandonou uma longa carreira de editor para tornar-se *escritor free lance*.

A primeira versão do livro que veio a ser *Ismael* — seu livro premiado — foi escrita em 1977. Seguiram-se seis outras versões até o livro encontrar sua forma final, como ficção, em 1990. Quinn passou a aprofundar as origens e experiências de Ismael numa autobiografia altamente inovadora, com o título: *Providence — The Story of a Fifty Year Vision Quest*.

A respeito de sua nova obra de ficção, Quinn escreveu: “Durante anos, preocupei-me com a possibilidade de jamais igualar — muito menos ultrapassar — o que consegui em *Ismael*. Essa dúvida apagou-se, para mim, com *A História de B*. Ismael certamente aprovaria esse livro”.

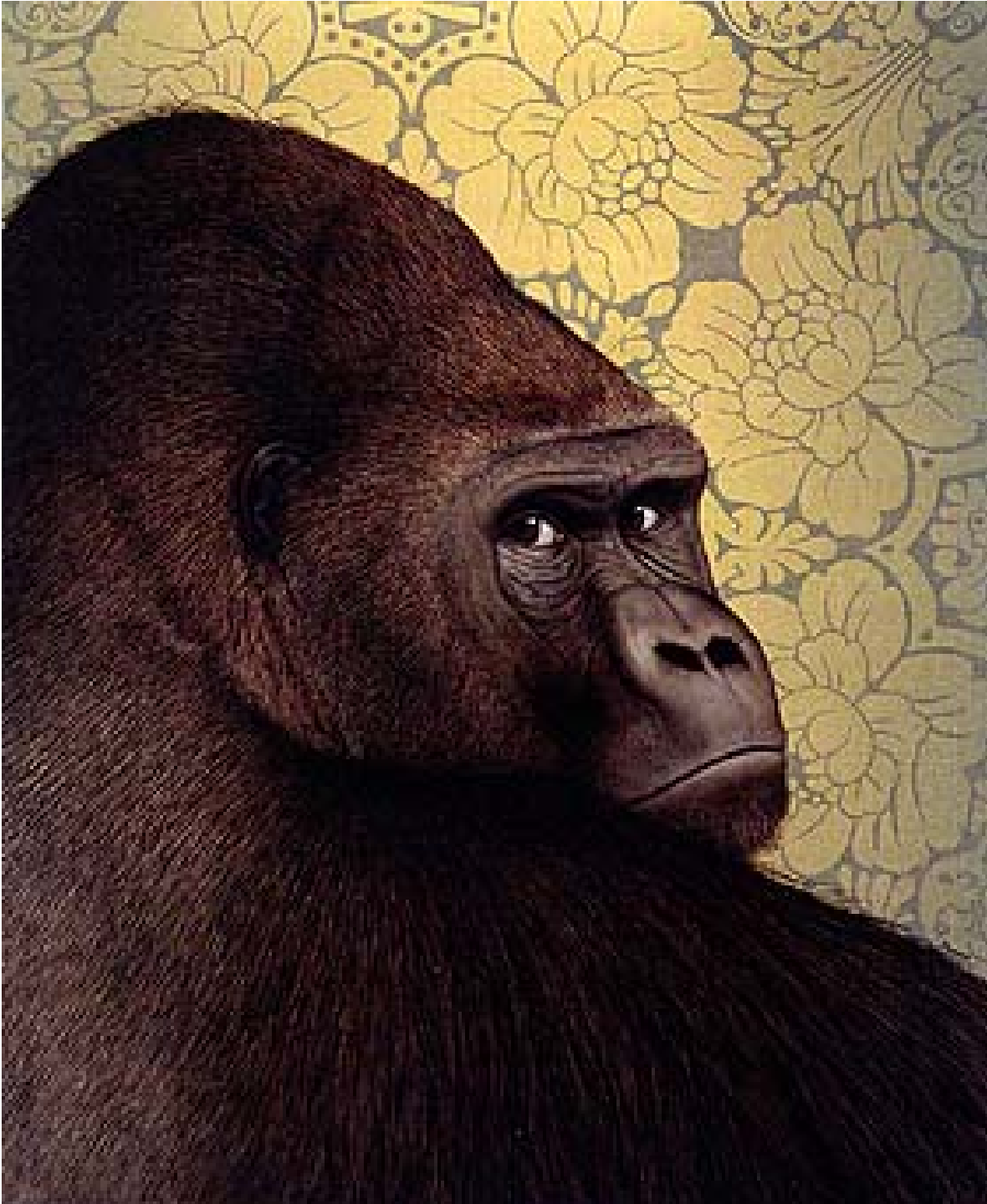


“Chocante, cativante, cheio de esperança e coragem. Quinn penetra cada vez mais na alma, no espírito e na história da humanidade. Graças a Deus, o gorila está de volta! Em *Meu Ismael*, Quinn se aventura num território totalmente novo, levantando questões capazes de provocar uma revisão radical de valores e conduzir a uma nova visão do mundo”.

Susan Chernak McElroy, autora de *Animals as Teachers & Healers*

Muitas pessoas, inspiradas por *Ismael*,
me inspiraram. Este livro é dedicado a três delas:
Rachel Rosenthal, Ray C. Anderson e Alan Thornhill. Agradeço
especialmente a Howie Richey, arquiteto da revolução de Mokonzi Nkemi, e
ao escritor James Burke, cujos livros e artigos chamaram minha atenção para
certos pontos presentes no capítulo intitulado “Revolucionários”.

Leitores familiarizados com a obra de Richard Dawkins,
em especial com *The Selfish Gene*, perceberão facilmente meu
débito para com ele nestas páginas — um débito que
reconheço com toda a humildade e gratidão.



MEU ISMAEL

Ei, você aí

É meio desagradável você acordar, aos dezesseis anos, e ver que já levou ferro. Não que seja muito raro ser ferrada nessa idade. Parece que todo mundo, num raio de cem quilômetros, tem vontade de acabar com a gente. Mas poucas jovens de dezesseis anos são ferradas desse jeito em particular. Não são muitas as que têm a *oportunidade* de levar um ferro desses.

Sou grata, sério mesmo.

Mas esta história não trata de mim aos dezesseis anos. Fala de algo que aconteceu quando eu tinha doze. Foi uma época sofrida de minha vida.

Minha mãe estava a ponto de decidir que tudo bem, o negócio era mesmo encher a cara. Nos três ou quatro anos anteriores, ela tentara me fazer acreditar que só bebia socialmente. Mas, imaginando que eu já devia saber a verdade naquela altura, desistiu de fingir. Para quê? Bem, não pediu a minha opinião a esse respeito. Se tivesse pedido, eu teria dito: “Por favor, mamãe, continue fingindo. Principalmente na minha frente, tá legal?”

Mas esta história não trata da minha mãe. Porém, quem quiser entender o resto precisa saber algumas coisas.

Meus pais se divorciaram quando eu tinha cinco anos, mas não vou aborrecer vocês com essa história. Na verdade, nem *conheço* a história direito, pois minha mãe a conta de um jeito e meu pai, de outro (soa familiar?).

De qualquer modo, meu pai se casou de novo quando eu tinha oito anos. Minha mãe quase fez a mesma coisa, mas o namorado dela era um porre, e ela caiu fora. Mais ou menos nessa época mamãe começou a engordar de montão. Sorte que ela já tinha um bom emprego. Cuidava do processamento de texto num escritório de advocacia importante, no centro. Aí ela começou a “tomar um drinque depois do serviço”. Um, uma ova.

Apesar disso, ela pulava da cama às sete e meia todas as manhãs, infalivelmente. E acho que ela seguia uma regra: nunca começar a beber antes do fim do expediente. Exceto no final de semana, claro — mas não quero falar disso também.

Eu não era uma menina feliz.

Naquele tempo, pensei que poderia ajudar bancando a Boa Filha. Quando voltava para casa depois da escola, tentava arrumar tudo do jeito que minha mãe faria se ainda se importasse com tais coisas. Em geral, isso significava limpar a cozinha. O resto da casa continuava relativamente em ordem. Porém, nenhuma de nós duas tinha tempo para lavar a louça antes de sair para o trabalho ou para a escola.

Um dia, ao apanhar o jornal, fui atraída por um anúncio da seção de classificados. Dizia:

PROFESSOR procura aluno. Deve ter um desejo sincero de salvar o mundo. Candidatar-se pessoalmente.

Em seguida, havia o número da sala e o nome de um pardieiro localizado no centro da cidade.

Achei estranho que um professor estivesse procurando um aluno. Não tinha o menor sentido. Para os professores que eu conhecia, procurar um aluno seria como um cachorro sair atrás de uma pulga.

Aí, dei outra olhada na segunda frase: *Deve ter um desejo sincero de salvar o mundo*. Puxa, o cara não quer mais nada, não?, pensei.

O mais maluco é que o tal professor deveria estar trombeteando seus

serviços, como todo mundo fazia, mas não estava. Aquilo mais parecia um anúncio de emprego. Era como se o professor precisasse do aluno, e não o contrário. Senti um calafrio na nuca e o cabelo se arrepiando no alto da cabeça.

— Uau! — exclamei. — Eu bem que podia *entrar* nessa. Ser o aluno do cara. Poderia ser *útil*.

Ou algo parecido. Soa meio idiota agora, mas o anúncio ficou na minha cabeça. Eu sabia onde ficava o tal pardieiro; só precisava guardar o número da sala. Mesmo assim, guardei o recorte numa gaveta, no meu quarto. Assim, se eu levasse um tombo, batesse a cabeça e ficasse com amnésia, poderia encontrá-lo, qualquer dia desses.

Isso tudo deve ter acontecido numa sexta-feira à noite, pois na manhã seguinte fiquei deitada na cama, pensando no assunto. Sonhando acordada, na verdade.

Depois eu conto o que sonhei acordada.

Sala 105

Ainda bem que minha mãe não me mantinha com rédea curta. *Ela* mesma não se mantinha com rédea curta; então, deve ter se tocado que não seria legal fazer isso *comigo*. Seja como for...

Depois do café da manhã, eu disse para ela:

— Vou sair.

E ela respondeu:

— Está bem.

Não disse: “Aonde você vai?”, nem: “A que horas vai voltar? Só: “Está bem”.

Peguei o ônibus para o centro.

Moramos numa cidade pequena, decente. (Não vou dizer onde exatamente.) A gente pode parar no sinal vermelho sem ser seqüestrada. Carros que passam disparando rajadas são raros. Não há atiradores de tocaia nos telhados. Assim. Portanto, não hesitei em ir sozinha ao centro no sábado de manhã.

Eu conhecia o prédio citado no anúncio. Era o Fairfield. Um tio meu que só quebrava a cara teve um escritório lá. Ele o escolheu por ser bem localizado e barato. Em resumo, um pardieiro.

O saguão me refrescou a memória. A aparência combinava com o cheiro de cachorro molhado e charuto. Levei algum tempo até descobrir aonde tinha que ir. Só havia um corredor cheio de salas no térreo, e não havia nenhuma porta com o número 105. Finalmente, encontrei-a, nos fundos, perto da saída de emergência, de frente para o elevador de cargas.

Pensei com os meus botões: Não pode ser aqui. Mas era. Lá estava a sala 105.

Pensei, ainda com os meus botões: Puxa vida, o que estou fazendo aqui? A porta não vai estar destrancada em pleno sábado. Mas estava.

Abri a porta e dei de cara com uma sala enorme, vazia. Quando tomei fôlego, quase caí de costas. Não senti cheiro de cachorro molhado e charuto, não. Senti cheiro de *zoológico*. Tudo bem, eu gosto de zoológicos.

Mas, como já disse, o lugar estava vazio. Havia apenas uma estante de livros meio torta no canto esquerdo e uma poltrona estofada à direita. Pareciam saldos de uma liquidação de móveis usados ou algo assim.

Pensei com os meus botões: O cara já deve ter se mudado daqui.

Olhei em volta outra vez. Para as janelas altas e sujas que davam para o beco. Para as luminárias industriais empoeiradas penduradas do teto. Para as paredes descascadas cor de pus.

Pensei com os meus botões: Tudo bem, vou mudar para cá.

Acho que era sério. Ninguém ia querer um lugar como aquele, certo? Então, por que eu não podia ficar ali? Bem, já tinha uma poltrona, certo? Eu bem que podia passar sem o resto, por algum tempo.

Havia mais um detalhe que eu não estava entendendo. A poltrona estava na frente de um vidro escuro e enorme, bem no meio da parede à direita. O vidro me fez lembrar o tipo de divisória pela qual as testemunhas olham para identificar suspeitos numa delegacia. Deveria haver uma sala atrás do vidro, pois perto da janela havia uma porta.

Aproximei-me do vidro para dar uma espiada. Encostei o nariz nele, usei a mão para me proteger da luz, e...

Pensei que fosse um filme.

A cerca de um metro do vidro, estava sentado um gorila gordo e enorme, mordiscando um ramo de árvore. Ele me encarava fixamente, e logo percebi que não se tratava de nenhum filme.

— Opa — disse eu, dando um pulo para trás.

Fiquei atônita, mas não muito apavorada. Acho que eu *deveria* ter ficado com medo. Bem, achei que ia gritar até não poder mais, se fosse personagem de um filme. Mas o gorila estava lá, sentado, quieto. Não sei, não, talvez eu fosse tonta demais para sentir medo. Mesmo assim, olhei para trás, por cima do ombro, para ter certeza de que o caminho até a porta estava livre.

Olhei de esguelha para ver se o gorila continuava parado. Continuava. Nem piscava. Caso contrário, eu teria saído dali correndo.

Tudo bem. Eu precisava saber o que estava acontecendo.

O professor não havia se mudado. Claro, ninguém muda e se esquece de levar o gorila de estimação. Portanto, o professor não mudara. Talvez tivesse apenas saído. Para almoçar, sei lá.

E se esquecer de trancar a porta. Provavelmente. Com certeza.

Olhei em torno novamente, tentando entender o que estava acontecendo.

Ninguém morava na sala em que eu me encontrava — não havia cama, equipamentos de cozinha, espaço para guardar roupas ou qualquer coisa assim. Portanto, o professor não morava ali. Obviamente, porém, o *gorila* morava na sala que ficava do outro lado do vidro.

Por quê? Como isso era possível?

Droga, qualquer pessoa pode ter um gorila, se quiser.

Mas por que criar um gorila daquele jeito?

Olhei mais uma vez e notei algo que me escapara antes. Atrás do gorila, havia um cartaz que dizia:

**“COM O FIM DA HUMANIDADE,
HAVERÁ ESPERANÇA
PARA O GORILA?”**

Bem, disse a mim mesma, eis aí uma questão interessante. Contudo, não me parecia muito difícil. Aos doze anos, eu já sabia muito bem o que estava acontecendo pelo mundo. Do jeito que estávamos indo, os gorilas não sobreviveriam por muito tempo. Portanto, a resposta era sim. Com o fim da humanidade, haveria esperança para o gorila.

O macaco que estava na sala ao lado grunhiu, como se não achasse meu raciocínio grande coisa.

Pensei na possibilidade de que o cartaz fosse parte do curso. O anúncio do jornal dizia: *Deve ter um desejo sincero de salvar o mundo*. Aquilo fazia sentido. Salvar o mundo certamente significava salvar os gorilas.

Mas não salvar as pessoas? Foi o que logo me veio à mente. Você sabe, as idéias simplesmente surgem na mente. Como se não viessem de lugar nenhum. Aquela ali, por exemplo, viera do além. Sei a diferença entre estranhos e amigos. Aquele ali era um estranho.

Olhei para o macaco. O macaco me encarou — então, eu *percebi*.

Saí correndo daquele lugar. Rapidinho. Num segundo eu estava olhando para o gorila, no outro me vi parada na calçada, respirando fundo.

Não estava muito longe do centro, onde algumas lojas de departamentos ainda se agüentavam a duras penas. Segui na direção delas, pois lá encontraria pessoas. Queria estar no meio delas enquanto pensava naquilo tudo.

O gorila havia *falado comigo* — dentro de minha própria cabeça.

Era nisso que eu precisava pensar.

Não precisei pensar no que havia ocorrido. Aconteceu, e pronto. Não conseguiria imaginar algo do gênero. E *por que* inventaria uma coisa dessas? Para me *iludir*?

Repassei tudo enquanto subia pela escada rolante da Pearson's. Seis andares para cima. Seis andares para baixo. Muito reconfortante. Ninguém se importa.

Ninguém perturba. Ninguém nota. No final, basta mudar da que desce para a que sobe. Jóias e relógios. Roupas femininas. Roupas masculinas. Artigos para o lar. Brinquedos. Móveis. No último andar, basta mudar da que sobe para a que desce. Móveis. Brinquedos. Artigos para o lar. Roupas masculinas. Roupas femininas. Tudo passa, num movimento lento, tranqüilizador.

Professor procura aluno. Deve ter um desejo sincero de salvar o mundo.

Ou seja, ***você quer dizer salvar o mundo, como no caso dos gorilas.***

E o gorila respondeu: ***Mas não salvar as pessoas?***

Onde estava o professor enquanto tudo aquilo acontecia?

Qual era o plano? Qual era a idéia?

Eu podia imaginar um professor ***exótico***, com um animal de estimação exótico.

Um macaco com cérebro falante. Superexótico. Claro.

Professor procura aluno. Deve ter um desejo sincero de salvar o mundo e ser capaz de aturar um macaco telepata.

Ei, era eu, sem tirar nem pôr.

Parei para tomar uma Coca. Ainda não era nem meio-dia.

Encarei o macaco

Quando retornei à sala 105, segurei a maçaneta e encostei o ouvido na porta.

Ouvi uma voz de homem.

Não dava para entender o que ele dizia.

Estava a alguns metros da porta — e virado para o lado errado. Pelo menos, foi isso que deduzi.

— Hem hehem nhenhenhem hem nhem — disse ele. — Hem nhem nhenhem hem hem.

Silêncio. Um minuto inteiro de silêncio.

— Hem nhenhenhem nhem nem hem nem hem — continuou o sujeito. — Hem hemhem nemhem.

Silêncio. Apenas meio minuto, dessa vez.

— Hem? — perguntou o sujeito. — Hem hehem nhenhenhem hem nhem.

E assim por diante. Muito interessante.

Continuei ouvindo, sem entender nada.

Pensei em entrar. Era uma idéia atraente — como idéia.

Pensei em voltar mais tarde, mas essa não chegava a ser uma idéia atraente. Quem poderia dizer o que eu perderia?

Fiquei por ali mesmo. Os minutos se arrastavam, como numa tarde chuvosa. (Escrevi isso numa redação certa vez. *Os minutos se arrastavam, como numa tarde chuvosa.* O professor escreveu *ótimo!* Na margem. Que panaca!).

Subitamente, ouvi a voz do homem bem perto da porta.

— Não sei — disse ele. — Realmente, não sei. Mas vou tentar.

Atravessei o corredor rapidamente e fiquei encostada na porta do elevador de cargas.

Mais um minuto passou. Então, o sujeito disse: — Está bem — e abriu a porta.

Ele saiu para o corredor, me viu e parou, como se eu fosse uma serpente pronta a dar o bote. Decidiu ignorar minha existência. Fechou a porta atrás de si e se afastou.

— Você é o professor? — perguntei.

Pelo jeito com que ele franziu a testa para mim, deu a impressão de que a pergunta era realmente difícil. Finalmente, ele botou a cabeça em ordem e descobriu o que desejava dizer. Tomou fôlego e respondeu... não.

Obviamente, queria dizer muitas coisas — talvez milhares de palavras, além daquela. Mas só consegui dizer naquele momento: não.

Disse, muito educada:

— Obrigada.

Ele franziu a testa outra vez, deu meia-volta e foi embora.

Na escola, todo garoto que a gente detesta é um panaca. No entanto, não uso muito a palavra “panaca”. Prefiro economizá-la para designar pessoas especiais, como aquele sujeito. O cara era um panaca. Antipatizei com ele na hora, sem saber a razão. Tinha mais ou menos a idade da minha mãe, usava roupas feias e baratas. Era um daqueles sujeitos sombrios, ativos, dá para entender? Juro que nunca tinha visto um corte de cabelo mais horrendo antes de encontrá-lo. Estava escrito na sua testa: “Intelectual — mantenha distância”.

Voltei a prestar atenção à porta que estava à frente. Não achei que precisava pensar em mais nada e, portanto, entrei.

Nada havia mudado, embora eu visse tudo de modo diferente agora, pois

havia compreendido qual era a jogada. O que eu havia escutado do outro lado da porta era uma conversa entre o panaca e o macaco. Naturalmente, só escutei a parte do panaca, pois o macaco não falava alto.

O panaca não era o professor. Portanto, o macaco era o professor.

Só mais uma coisa. O panaca não estava *apavorado*. Isso era importante. Significava que o macaco não era perigoso. Se um panaca não precisava ter medo, *eu* também não.

Sabendo que ele estava lá, foi fácil enxergar o gorila do outro lado do vidro. Continuava no mesmo lugar em que eu o vira pela última vez.

Disse a ele:

— Vim por causa do anúncio.

Silêncio.

Pensei que ele não estivesse me ouvindo. Aproximei a poltrona e repeti a frase.

O macaco me fitou, em silêncio.

— Qual é o problema? — perguntei. — Antes, você falou comigo.

Ele fechou os olhos, bem devagarinho. Não é fácil fechar os olhos daquele jeito, tão devagar. Pensei que ele estava pegando no sono, ou algo assim.

— Qual é o problema? — perguntei de novo.

O macaco suspirou. Não sei descrever um suspiro como aquele. Achei que as paredes iam se afastar com a força do suspiro. Esperei. Imaginei que ele se preparava para falar. Mas, depois de um minuto inteiro, ele continuava sentado.

— Foi você que colocou o anúncio no jornal? — perguntei.

Ele esfregou os olhos fechados, como se quisesse eliminar aquele contato desagradável. Mesmo assim, o macaco finalmente abriu os olhos e falou.

Como antes, a voz dele entrou pela minha cabeça e não pelos ouvidos.

— Pus o anúncio no jornal — admitiu ele. — Mas não era para você.

— Como assim, não era para mim? Não vi nada escrito lá tipo “Este anúncio é para todos, menos para Julie Gerchak”.

— Lamento — disse ele. — Deveria ter dito que não coloquei o anúncio para crianças.

“Crianças!” Aquilo me deixou furiosa.

— Você está me chamando de criança? Tenho doze anos de idade! Idade suficiente para roubar carros. Para fazer um aborto. Para vender *crack*.

Aquele macaco enorme começou a se encolher todo, juro por Deus. A história estava começando a me excitar. Consegui assustar um gorila de quinhentos quilos.

Ele ficou encolhido por algum tempo. Depois, pareceu recuperar o controle da situação. Acalmou-se, e começou a falar.

— Lamento ter tentado descartá-la recorrendo a meios tão banais — disse ele. — Obviamente, você não é do tipo que aceita ser descartada. Contudo, o fato de você ter idade suficiente para roubar carros não é relevante nesse caso.

— E daí? — disse eu.

— Sou um professor — prosseguiu ele.

— Isso eu já sei.

— Como um professor, sou capaz de ajudar determinado tipo de aluno. Não sirvo para qualquer um. Não dou aulas de química, álgebra, francês ou geologia.

— Não vim aqui atrás dessas coisas.

— Citei exemplos apenas. O que quero dizer é que estou capacitado a transmitir apenas um tipo específico de ensinamento.

— Então, o que está querendo me dizer? Que eu não quero esse “tipo

específico de ensinamento”?

Ele concordou com a cabeça.

— É isso mesmo que eu estou querendo dizer. O ensinamento que estou apto a oferecer não seria útil para você... por enquanto.

Numa fração de segundo meus olhos se encheram de lágrimas, mas eu não pretendia deixar que ele percebesse isso. Nem morta.

— Você é igual a todo mundo — disse eu — Um mentiroso.

Ele ergueu as sobrancelhas de repente:

— Mentiroso?

— Sim. Por que não diz logo a verdade? Por que não fala: “Você não passa de uma criança — não serve para nada. Volte daqui a dez anos. Aí talvez valha a pena perder algum tempo com você”. Diga isso, e não ouvirá mais uma palavra de minha boca. Diga logo. Assim, posso voltar para casa.

Ele suspirou novamente, e com mais força ainda. Depois, mexeu a cabeça. Só uma vez.

— Você tem toda a razão — disse ele. — Disse uma mentira. E esperava que você não a percebesse. Por favor, aceite minhas desculpas.

Eu também balancei a cabeça.

— Contudo, a verdade talvez não lhe seja agradável.

— Qual é a verdade?

— Vamos ver. Seu nome é Julie?

— Isso mesmo.

— E você não gosta de ser tratada como criança.

— Acertou em cheio.

— Então, sente-se. Vou interrogá-la como se fosse um adulto.

Sentei-me.

— O que a trouxe aqui, Julie? Por favor, não diga que veio por causa do

anúncio. Já passamos essa parte. O que quer? O que está fazendo aqui?

Abri a boca, mas não saiu nada. Nem uma única sílaba. Fiquei lá, de queixo caído, por um ou dois minutos. Depois, disse:

— E aquele cara que esteve aqui antes? Perguntou a *ele* o que desejava? Perguntou a *ele* o que estava fazendo aqui?

O gorila fez uma coisa muito esquisita. Ergueu a mão direita e a levou à face, tapando os olhos. Parecia que ia começar a contar para brincar de esconde-esconde. O mais gozado é que ele não chegava a tocar o rosto; era como se lesse uma mensagem escrita em letras miúdas na palma da mão.

Esperei.

Após uns dois minutos, ele abaixou a mão e disse:

— Não. Eu não fiz essas perguntas a ele.

Fiquei ali sentada, piscando para ele.

O gorila lambeu os beiços — estava nervoso, deduzi.

— Creio que podemos dizer, com segurança, que não estou preparado para lidar com as necessidades de uma pessoa da sua idade. Creio que isso pode ser dito, realmente. Sim.

— Quer dizer que desiste. É isso que está querendo dizer? Para eu ir embora porque você desistiu?

O gorila me fitou. Não sei dizer se me encarava com raiva, com esperança ou o quê.

Disse:

— Você não acha que uma menina de doze anos pode sentir um desejo sincero de salvar o mundo?

— Não duvido disso — disse ele, dando a impressão de que as palavras saíam com grande dificuldade.

— Então, por que não quer conversar comigo? O anúncio do jornal dizia

que você precisava de um aluno. Não era isso?

— Dizia isso realmente.

— Bom, já arranhou um. Eu.

A postos, na largada

Um longo momento passou. Li certa vez num livro: “Um longo momento passou”. Aquele, porém, *foi mesmo* um longo momento. Finalmente, o gorila murmurou: — Muito bem — disse, balançando a cabeça. — Vamos começar e ver aonde isso nos leva. Meu nome é Ismael.

Acho que ele esperava algum tipo de reação, mas para mim aquele era apenas um nome. Para mim, daria na mesma se me dissesse que se chamava Caramuru. Ele já sabia o meu nome; por isso, apenas fiquei esperando. Finalmente, ele prosseguiu.

— Com referência ao homem que acabou de sair — o nome dele é Alan Lomax, aliás —, afirmei não haver perguntado o que ele queria. No entanto, pedi que contasse uma história para explicar o motivo de sua presença aqui.

— Uma história?

— Sim. Pedi que contasse a história dele. Agora, gostaria que você contasse a sua.

— Não sei o que quer dizer com história.

Ismael franziu o cenho como se suspeitasse de que eu estava bancando a tonta. Talvez estivesse, mas só um pouquinho.

Ele prosseguiu:

— Seus colegas de classe estão fazendo alguma coisa esta tarde, certo? Seja lá o que for, não inclui você.

— É isso aí.

— Muito bem. Explique-me o motivo pelo qual você não está na companhia de seus colegas. De que maneira sua história difere da deles, a ponto de trazê-la a esta sala num sábado?

Bem, já sabia o que ele queria dizer, mas isso não ajudava nada. A que história se referia? Estaria a fim de ouvir a história da separação dos meus pais? O que minha mãe aprontava quando enchia a cara? Os problemas que eu tinha com o Sr. Monstro na escola? O caso com Donnie, meu ex-namorado, o famoso Cara Que Não Era?

— Quero saber o que você procura — disse ele, respondendo às minhas perguntas como se eu as tivesse feito em voz alta.

— Não entendi direito — disse eu. — Os professores com quem estou acostumada nunca perguntam o que a gente procura. Eles ensinam o que sabem e pronto.

— E você esperava encontrar algo assim aqui também? Um professor como os outros?

— Não mesmo.

— Então, você teve sorte, Julie, porque não me pareço com eles. Sou o que se poderia chamar de um mestre maiêutico. Um professor que funciona como parteira para seus alunos — e alunas, claro. Sabe o que é uma parteira?

— Uma parteira é... a mulher que ajuda as crianças a nascer, não é?

— Exatamente. Uma parteira ajuda a mãe a dar à luz o filho que cresceu em seu ventre. Um professor maiêutico ajuda a parir as idéias que crescem na mente de seus alunos.

O gorila me encarou atentamente enquanto eu pensava naquilo. Depois, foi em frente.

— Acha que há muitas idéias crescendo dentro de você?

— Não sei — respondi, e dizia a verdade.

— Acredita que há *alguma coisa* crescendo em sua mente?

Olhei para ele com a expressão mais vaga possível. Estava começando a ficar com medo dele.

— Diga-me uma coisa, Julie. Teria vindo aqui há dois anos, se lesse o anúncio?

Aquela era fácil. Respondi que não.

— Portanto, algo mudou. Dentro de você. É isso que eu desejo saber. Preciso entender o que a trouxe aqui.

Encarei-o por algum tempo; depois, disse:

— Sabe o que digo a mim mesma o tempo inteiro? Falo sério, o tempo inteiro mesmo — vinte vezes por dia. Digo a mim mesma: “Preciso cair fora daqui”.

Ismael franziu a testa, intrigado com a frase.

— Quando tomo banho, lavo a louça ou espero o ônibus, é só isso que escuto, dentro da minha cabeça: “Preciso cair fora daqui”.

— E o que isso significa?

— Não sei.

— Claro que sabe.

— Significa... *correr para salvar a vida*.

— Sua vida está em perigo?

— Está.

— E qual é o perigo?

— Tudo. Pessoas que entram na sala de aula com uma metralhadora. Aviões que bombardeiam hospitais e escolas. Pessoas que soltam nas estações de metrô gás asfixiante que ataca o sistema nervoso ou colocam veneno na água que os outros vão beber. Gente que derruba as florestas ou destrói a camada de ozônio. Não entendo muito dessas coisas, pois não gosto nem de ouvir falar nelas. Sabe do que estou falando?

— Não tenho certeza.

— Bom, você sabe o que é a camada de ozônio, não é? Eu, não. Mas dizem

que ela está cheia de buracos e, se os buracos crescerem muito, vamos começar a morrer que nem moscas. Dizem que as florestas tropicais são os pulmões do planeta e que vamos sufocar se cortarem tudo. Acha que eu sei se isso é verdade? Não sei. Um dos professores disse que mais de duzentas espécies de plantas e animais são extintas a cada dia por causa do que estão fazendo ao planeta. Lembro direitinho, tenho uma boa cabeça para números. Mas acha que eu sei se é verdade mesmo? Não sei, mas acredito que seja. O mesmo professor disse que estão despejando cerca de quinze milhões de toneladas de dióxido de carbono no ar a cada dia. Acha que sei o que isso significa? Só sei que o dióxido de carbono é veneno. Não sei onde ouvi ou li que a taxa de suicídio entre os adolescentes triplicou nos últimos quarenta anos. Acha que ando procurando saber essas coisas? Não mesmo. Mas elas pulam na minha frente, todos os dias, queira ou não queira. As pessoas estão comendo o planeta vivo.

Ismael fez que sim.

— Portanto, você precisa cair fora, como disse.

— Isso mesmo.

Ismael me concedeu alguns segundos para que eu pensasse no assunto; depois, disse:

— Mas isso não serve de motivo para sua vinda aqui. O anúncio não dizia nada a respeito de cair fora.

— É, estou sabendo. Parece que não faz muito sentido.

Ismael ergueu uma sobrancelha para mim.

— Preciso pensar melhor no caso — disse eu.

Levantei-me e virei o rosto para ver melhor o resto da sala. Não havia muita coisa para ver. Só janelas altas, empoeiradas. Paredes cor de pus e a estante capenga do outro lado. Fui até a estante. Poderia ter economizado a viagem.

Havia alguns livros sobre evolução, outros sobre história e pré-história, outros ainda sobre povos primitivos. Vi um livro sobre a cultura dos chimpanzés, que me interessou — mas nada a respeito de gorilas. Um par de atlas de arqueologia. Um livro com o título mais comprido que eu já tinha visto, algo do tipo *A Ascensão Humana à Civilização Descrita pelos Povos Aborígines do Novo Mundo, dos Tempos Pré-Históricos ao Advento da Era Industrial*. Três traduções da Bíblia, o que me pareceu excessivo para um macaco. Nada que me desse vontade de ler aninhada na frente da lareira, caso eu tivesse lareira. Fiquei ali enquanto agüentei; depois, voltei e me sentei.

— Você queria que eu contasse uma história. Não tenho nenhuma para contar, mas andei sonhando acordada.

— Sonhando acordada — disse Ismael quase em tom de interrogação.

Fiz que sim, e ele disse que ouvir isso seria ótimo.

— Está bem. Então, vou contar o que sonhei acordada na manhã de hoje. Andei pensando: não seria bárbaro se eu entrasse na sala 105 do Edifício Fairfield, encontrasse uma mulher na recepção e ela me olhasse e...

— Espere — disse Ismael. — Peço que me desculpe por interrompê-la.

— Que foi?

— Você está... pulando.

— Pulando?

— Saltando partes. Indo depressa demais, correndo.

— Acha que estou sendo muito apressada?

— Sim, indo rápido demais. Não temos hora marcada aqui, Julie. Se pretende compartilhar sua história comigo, por favor, conte tudo com calma — no mesmo ritmo em que ela se desenrolou em sua mente, esta manhã.

— Tudo bem — disse. — Entendo o que quer dizer. Gostaria que eu recomeçasse?

— Sim, por gentileza. Agora, sem pressa. Pare um pouco, organize seus pensamentos. Relaxe-se, deixe que a história volte e tome conta de você. Não faça um resumo para mim. Conte conforme aconteceu.

Organizar pensamentos? Relaxar-se? Deixar que a história tome conta de mim? Acho que ele não tinha idéia do que acabava de me pedir. Eu estava sentada, admito. Mas não podia recostar o corpo e me sentir confortável. Se fizesse isso, meus pés ficariam balançando no ar e eu me sentiria como uma menina de seis anos. Precisava manter os pés no chão, pronta a sair dali em meio segundo — e, se vocês acham que não iam sentir a mesma coisa, sugiro que experimentem ficar sentados na frente de um gorila adulto. O único jeito de relaxar-se e deixar que meu sonho voltasse era me aninhar num canto da poltrona e fechar os olhos — e não me considerava pronta a agir assim na presença de um macaco de meia tonelada.

Dei uma risadinha irônica, impaciente, gutural, com a intenção de transmitir essas noções. Ele ouviu, meditou a esse respeito por algum tempo e depois agiu de um jeito que quase me fez rir de verdade, e alto.

Ele passou dois dedos na altura do coração e depois os ergueu para minha inspeção, como se fosse um escoteiro: *Juro solenemente dizer apenas a verdade.*

Pombas, não agüentei ver aquela cena e dei uma tremenda gargalhada.

Meu sonho

No sonho que tive acordada não me vesti com capricho para ir até o Edifício Fairfield — assim como não o fizera na vida real. Teria sido um equívoco. Como também teria sido um equívoco aparecer lá toda suja. Por isso, fiquei no meio-termo. Há muitas meninas mais bonitas do que eu, ou mais feias, mais altas, mais baixas, mais gordas, mais magras — e talvez faça sentido para elas arrancar os cabelos na hora de escolher o que vão vestir. Para mim, não faz.

O Edifício Fairfield do meu sonho era mais elegante e não tinha nada a ver com o pardieiro da vida real. E, no sonho, a sala 105 não ficava no térreo, perto da porta dos fundos. Era preciso pegar o elevador no saguão (alguém fizera uma bela faxina no elevador também; os detalhes em bronze brilhavam, lindos).

Na porta da sala 105 estava escrito... nada. Pensei nisso um pouco. Queria encontrar uma placa intrigante, tipo POSSIBILIDADES UNIVERSAIS ou AVENTURA CÓSMICA. Mas não. Continuava teimosamente em branco. Entrei. Uma moça que estava sentada a uma escrivaninha levantou a cabeça. Não era uma recepcionista. Não usava roupa de secretária e sim algo mais informal, embora chique. Não estava sentada, mas debruçada, remexendo numa caixa.

Ela ergueu os olhos, curiosa, como se fosse raro ver um estranho entrar pela porta, e perguntou se poderia me ajudar.

“Vim por causa do anúncio”, disse eu.

“Do anúncio”, repetiu ela, endireitando o corpo para me examinar com mais cuidado. “Não sabia que o anúncio ainda estava sendo publicado”.

Não consegui pensar em nada para dizer; então, fiquei quieta.

“Espere um pouco”, disse ela, e desapareceu no corredor. Voltou um minuto depois, na companhia de um homem da sua idade: vinte ou vinte e cinco anos. Estava vestido do mesmo jeito; não usava terno e sim uma roupa esportiva. Mais parecia um turista do que um empresário. Eles me encararam, inexpressivos, fazendo com que eu me sentisse como um móvel que havia sido entregue para apreciação.

Depois de algum tempo, o sujeito disse:

“Você veio por causa do anúncio?”

“Isso mesmo”.

A mulher disse a ele:

“Sabe que eles gostariam muito de ter mais uma pessoa”.

Obviamente, eu não tinha a menor idéia de quem seriam “eles”.

“Sei disso”, retrucou ele, “Vamos até a minha sala para conversarmos um pouco. Meu nome é Phil e essa é Andrea”.

Sentamo-nos na sala dele, e ele disse:

“O motivo de nossa hesitação é que precisamos de pessoas que possam se ausentar por algum tempo. Por *bastante* tempo, na verdade”.

“Isso não é problema”, disse eu.

“Você não está entendendo”, disse Andrea. Estamos falando de anos, talvez décadas”.

“Sério?”

“Sério”.

“Por mim, tudo bem”, disse eu. “Honestamente”.

(“Bem, como pode notar”, disse a Ismael, “nenhum dos dois argumentou que eu era jovem demais, nem que seria melhor se eu fosse um menino, nem que deveria ficar em casa e cuidar da minha mãe e ir para a

escola até me formar ou algo do gênero”. Ele assentiu com um movimento da cabeça, para mostrar que registrara aquele dado muito importante).

Os dois trocaram olhares, e Phil me perguntou quanto tempo eu precisaria para me aprontar.

“Para partir, você quer dizer?”

Ele fez que sim com a cabeça.

“Estou prontinha, desde já. Quando cheguei, já estava pronta”.

“Ótimo”, disse Andrea. Como pode ver, estamos de partida. Se demorasse mais uma hora, não encontraria mais ninguém”.

Vocês devem ter notado que os dois mencionaram o anúncio, mas nenhum deles pronunciou uma sílaba sequer da palavra principal, que era *professor*, isso me preocupou um pouco. Imaginei que a história do professor poderia ser uma isca, mas guardei a opinião para mim mesma. Os adultos ficam furiosos quando a gente desconfia dos truques que eles aplicam nos jovens. Portanto, mantive a boca fechada e ajudei a carregar as caixas para uma perua grande, estacionada no beco que ficava atrás do prédio.

Viajamos durante uma hora, até chegarmos aonde o Judas perdeu as botas (um lugar desconhecido, que não constava de nenhum mapa da região). Parecia um cenário daqueles filmes antigos e baratos que misturavam terror e ficção científica, com aranhas gigantes e roedores assassinos. Acho que era *mesmo* um cenário daqueles. Era o meu sonho, afinal de contas.

Chegamos ao nosso destino: um pequeno acampamento militar sem soldados. Entramos, e as pessoas acenaram e continuaram nos seus afazeres. Percebi logo a existência de dois grupos: o Pessoal, que usava uma espécie de uniforme cáqui, como Phil e Andrea, e os Recrutas, que usavam de tudo, numa mistura que a gente encontra em *shopping centers*, numa tarde de sábado.

Phil e Andrea me deixaram num dos alojamentos, onde os recrutas me receberam e mostraram a cama na qual eu dormiria. Ninguém explicou nada, e eu não perguntei. Achei que tudo se esclareceria, mais cedo ou mais tarde. O que ocorreu realmente foi que eu disse algo que mostrou minha total ignorância. Eles ficaram chocados ao perceber que Phil e Andrea não haviam contado tudo para mim, e eu perguntei o que era o *tudo*. Ninguém me contou nada, disse eu. Por que vocês não contam tudo então? Eles coçaram a cabeça e cochicharam. Por fim, uma mulher se aproximou de mim e disse:

“Por que procurar um professor se você deseja salvar o mundo?”

“Porque eu não sei como fazer isso sozinha, obviamente”.

“Mas que tipo de professor saberia fazer isso, na sua opinião?”

“Não tenho a menor idéia”, disse para a mulher, que aparentava quarenta anos e se chamava Gammaen.

“Acha que poderia ser um funcionário público, alguém do governo?”

Disse que duvidava muito disso e, quando ela perguntou o motivo, respondi:

“Porque alguém do governo, se soubesse como salvar o mundo, estaria fazendo isso, não concorda?”

“Por que você acha que as pessoas em geral não sabem como salvar o mundo?”

“Sei lá”.

“Você acredita que não existe ninguém, no universo inteiro, que sabe viver sem destruir o mundo?”

“Não tenho a menor idéia”, disse eu.

Eles ficaram atrapalhados quando a conversa chegou a esse ponto. Depois de algum tempo, um dos caras viu uma luz. Ele disse:

“Existem pessoas espalhadas pelo universo que sabem viver sem destruir o

planeta”.

“Jura?”, disse eu. Bem, não estava bancando a esperta. Era a primeira vez que ouvia falar naquilo e o confessei a ele.

“É isso mesmo”, disse ele. “Existem milhares de planetas habitados no universo — milhões, talvez — e as pessoas vivem numa boa”.

“Sério?”

“Sério. Elas não queimam tudo, nem entopem de veneno”.

“Puxa, isso é ótimo”, disse eu. ‘Mas como isso pode *nos* ajudar?’

“Ajudaria muito se soubéssemos como elas conseguem, não acha?”

“Com certeza”.

Por um segundo, tive a impressão de que eles iam ficar atrapalhados de novo, mas Gammaen achou um jeito de continuar.

“Nós vamos até lá para aprender”, disse ela.

“Nós, quem?”

“Nós. Todos os recrutas. Nós, e você também”.

“Vamos para *onde?*”, perguntei, ainda sem entender o que ela dizia.

“Vamos dar uma volta pelo universo”.

Finalmente, compreendi tudo: *Esperávamos que viessem nos buscar.*

Era de se esperar que ficássemos fora por décadas. Não precisaríamos ir à escola. Visitaríamos os planetas, observaríamos, descobriríamos como eles agiam.

E traríamos de volta as respostas para o povo da Terra.

Aquele era o programa.

E esse foi o meu sonho

Conheça a Mãe Cultura

— Estúpido, não acha?

Ismael franziu a testa.

— Por que diz isso?

— Quero dizer, foi apenas um devaneio. Bobagem. Papo furado. Besteira.

Ele balançou a cabeça.

— Nenhum relato é desprovido de sentido. Basta saber como encontrá-lo. Isso vale para contos de fadas e devaneios, tanto quanto para romances e poemas épicos.

— Concordo.

— Seu sonho não é bobagem, nem idiotice Julie, posso lhe garantir. E tem mais: cumpriu a função que eu esperava. Pedi uma história capaz de explicar o que você estava fazendo aqui, e a obtive. Agora sei o que procura. Ou, numa definição mais precisa, agora compreendo o que você está preparada para aprender — sem saber isso, não poderia prosseguir.

Não entendi bem aonde ele queria chegar, mas disse que estava contente em saber.

— Mesmo assim — disse ele —, ainda não sei como prosseguir no seu caso. Quer você saiba, quer não, sua presença cria um problema especial.

— Qual?

— Não sou igual aos professores de escola, Julie. Eles apenas ensinam as matérias que os dirigentes decidiram que vocês devem aprender — matemática, geografia, história, biologia e assim por diante. Como já expliquei, atuo como uma espécie de parteira para os estudantes, trazendo à luz as idéias que crescem dentro deles.

Ismael calou-se por um momento para pensar e depois pediu a opinião acerca da diferença entre Alan Lomax e mim, em termos educacionais.

— Bem, suponho que ele já tenha terminado o colegial e provavelmente a faculdade.

— Isso mesmo. E que mais?

— Ele sabe mais coisas do que eu.

— Isso é verdade — disse Ismael. — Todavia, as mesmas idéias estão crescendo dentro de vocês dois.

— Como sabe disso?

Seus lábios se abriram num sorriso.

— Porque vocês dois estão ouvindo a voz da mesma mãe desde o dia em que nasceram. Não me refiro à mãe biológica obviamente, mas à mãe cultural. A Mãe Cultura fala com vocês por meio dos pais — que, por sua vez, ouviram a mesma voz desde o nascimento. Ela fala por meio das personagens dos desenhos animados, dos heróis das histórias em quadrinhos, dos príncipes dos contos de fadas. Ela fala por meio dos apresentadores dos noticiários e professores e candidatos a presidente. Você ouviu sua voz nos programas de entrevistas. E nas canções populares, *jingles* de propaganda, conferências, discursos políticos, sermões e anedotas. Leu seus pensamentos em artigos dos jornais, livros didáticos e quadrinhos.

— Tudo bem — disse eu. — Estou entendendo o que quer dizer... acho.

— Nada disso é típico de sua cultura, Julie. Cada cultura possui sua própria mãe educacional, provedora e instigadora. As idéias transmitidas a você e a Alan diferem daquelas existentes entre os povos tribais, que ainda vivem da mesma maneira que seus ancestrais viviam há dez mil anos — os Huli e Papua, na Nova Guiné, por exemplo. Ou os índios Macuna da região oriental

da Colômbia.

— Claro, estou entendendo direitinho.

— As coisas que podem ser trazidas à luz em você e em Alan são as mesmas, mas encontram-se em estágios diferentes de desenvolvimento. Alan passou vinte anos a mais escutando a Mãe Cultura, em comparação a você, de modo que os elementos encontrados nele estão mais articulados e elaborados.

— É, dá para imaginar. Assim como um feto está mais formado aos sete meses do que aos dois meses.

— Exatamente.

— Tudo bem. E daí?

— E daí que eu gostaria que você fosse embora e me deixasse pensar no modo como devo proceder para o seu caso.

— Ir embora para onde?

— Para qualquer lugar. Para onde quiser. Para casa, se tiver uma.

Era a minha vez de franzir a testa.

— Se eu tiver uma? O que o faz pensar que eu não tenha?

— Nada me faz pensar isso — retrucou Ismael, friamente. — Você ficou brava porque a chamei de criança, disse que tinha idade suficiente para roubar carros, fazer aborto e vender *crack*. Portanto, achei melhor não adotar pressupostos em relação ao seu modo de vida.

— Minha nossa! — disse eu. — Você sempre entende tudo assim, literalmente?

Ismael coçou o queixo por um momento.

— Sim, suponho que sim. Perceberá que tenho um certo senso de humor, mas os exageros com objetivos cômicos geralmente se perdem, para mim.

Disse que me lembraria disso — para não incorrer em exageros cômicos. Depois perguntei se poderia voltar.

— Volte quando quiser. Fique à vontade.

— Amanhã?

— Certamente — disse ele. — Não tiro folga aos domingos.

Uma contração do canto de sua boca me fez pensar que a frase pretendia ser uma brincadeira de algum tipo.

Encontrei minha mãe num torpor confortável quando voltei. Acho que ela pensa que seus deveres maternos incluem demonstrar interesse no modo como passo o tempo fora de casa, de forma que ela perguntou aonde eu tinha ido. Conteí a mentira que havia preparado: estivera na casa de Sharon Spaley, uma amiga.

Alguém achou que eu poderia contar a verdade a ela? Que eu estivera batendo papo com um macaco?

Nem morta.

O povo da maldição

Quando cheguei à sala 105 na manhã seguinte, coleí o ouvido na porta. Queria saber se Alan, o panaca, tinha chegado antes de mim. Depois de me assegurar que isso não tinha acontecido, entrei.

Nenhuma mudança. Isso quer dizer que sofri o impacto daquele cheiro, que agora sabia ser de gorila. Não é que eu não gostasse. Até gostava. Queria ganhar um vidro desse cheiro. Sabe, para passar um pouquinho em mim antes de ir a uma festa. *Isso* ia sacudir as pessoas, despertar o interesse delas pelas coisas.

Ismael estava no mesmo lugar. Achei que devia existir outra sala no conjunto. Provavelmente, atrás do local que eu conseguia ver. A sala que ficava atrás do vidro era pequena demais para qualquer pessoa viver, quanto mais um gorila.

Sentei-me, e trocamos olhares.

Eu disse:

— O que você faria se Alan chegasse enquanto eu estivesse aqui?

Ele fechou a cara. Aposto que considerou a pergunta desnecessária. Mesmo assim, respondeu — perguntando o que eu queria que ele fizesse.

— Que dissesse a ele para voltar mais tarde.

— Entendo. E isso também é o que devo dizer a você caso chegue quando Alan estiver aqui?

— Sim.

— Se Alan estiver aqui quando você chegar, devo pedir que volte mais tarde?

— Isso mesmo.

Ele balançou a cabeça, intrigado.

— Precisaréi conversar com ele a esse respeito. Posso dizer a *você* para voltar mais tarde, mas não posso dizer isso a *ele*. A não ser depois de discutir a questão.

— Não quero que discuta nada — disse eu. — Se Alan chegar enquanto eu estiver aqui prefiro ir embora.

— Por quê? O que tem contra ele?

— Sei lá. Prefiro que ele não saiba nada a meu respeito.

— O que você não deseja que ele saiba?

— Não quero que ele saiba nada. Não quero nem que ele saiba que eu existo.

— Não posso garantir isso, Julie. Se ele entrasse neste exato momento ele obviamente perceberia que você existe.

— Sei disso. Mas essa é a primeira opção. Se não puder evitar que ele saiba, passo para a próxima.

— E qual é a próxima opção?

— Cair fora assim que ele entrar: essa é minha segunda opção.

Ismael ergueu o lábio superior subitamente, expondo uma fileira de dentes marrom-amarelados do tamanho do meu polegar. Levei um segundo para reconhecer que se tratava de um sorriso.

Ele disse:

— Estou começando a acreditar que você tem uma personalidade muito parecida com a minha, Julie.

Fiquei embasbacada.

— Caso não compreenda o que estou dizendo agora, não ligue! Um dia, vai compreender.

Ele tinha razão — eu não estava entendendo nada. Agora, quatro anos

depois, *acho* que compreendo. Acho.

De qualquer modo, o papo furado acabou logo. Ismael se acomodou na cama coberta de mato seco e começou a aula.

— Acredita que *alguém*, no universo, saiba viver num planeta sem destruí-lo? Tive essa impressão ao ouvir o relato do seu sonho.

— Bem... não é que eu *acredite*, exatamente.

— Digamos, então, que faz sentido para você. Parece razoável a você que, se existir vida inteligente em outros pontos do universo, alguns seres possam conseguir um modo equilibrado de lidar com seus planetas?

— Isso mesmo.

— Por que isso parece razoável, Julie?

— Sei lá.

O macaco franziu a testa.

— Antes de dizer “sei lá”, gostaria que você pensasse, dedicasse um momento à consideração de que, talvez, você *saiba*. E, mesmo ao descobrir que realmente não sabe, arrisque uma resposta.

— Está certo. Você quer saber se parece razoável que os habitantes dos outros planetas saibam viver em equilíbrio.

— Exatamente.

Pensei um pouco no assunto e disse-lhe que era uma boa pergunta.

— A questão central é fazer boas perguntas, Julie. Desde o início, eu precisava obter essa informação de você. Nela se baseará nosso trabalho posterior.

— Compreendo — disse eu e continuei a pensar. Depois de mais algum tempo, disse: — Acho que é difícil de explicar.

— As coisas simples são as mais duras de explicar, Julie. Mostrar a alguém como dar o laço no cordão do sapato é fácil; explicar como se faz,

praticamente impossível.

— Claro — disse eu. — É isso aí.

Tentei mais um pouco. Finalmente, disse:

Não sei por que esse exemplo funciona, mas acho que funciona.

Digamos que uma dúzia de máquinas de fazer gelo sejam lançadas por doze empresas diferentes. Uma ou duas máquinas não valem absolutamente nada.

No entanto, a maioria funciona direitinho.

— Por que isso acontece?

— Acho que é porque não se pode esperar que todas as empresas sejam incompetentes. A maioria deve ser relativamente eficiente, ou teria falido.

— Em outras palavras, se você vivesse num mundo em que muitas pessoas fabricassem máquinas de fazer gelo, mas nenhuma funcionasse, consideraria esse mundo excepcional. Se visitasse outros planetas, esperaria encontrar pessoas que soubessem fabricar máquinas viáveis. Em outros termos ainda, parece haver, em sua opinião, algo anormal nas disfunções. O normal é que as coisas funcionem. Não é *normal* que as máquinas falhem.

— Isso, é isso mesmo.

— De onde tirou essa impressão, Julie? Como adquiriu a noção de que é normal que as coisas funcionem?

— Uau — exclamei. De onde *tirei* essa impressão? — Talvez seja isso. Todas as outras coisas do universo parecem funcionar direito. O ar funciona, as nuvens funcionam, as árvores funcionam, as tartarugas funcionam, os germes funcionam, os átomos funcionam, os cogumelos funcionam, os pássaros funcionam, o sol funciona, a lua funciona — o universo inteiro funciona! Cada coisa funciona direito — menos nós. Por quê? O que nos torna tão especiais?

— Você sabe o que a torna especial, Julie.

— Eu?

— Sim. Esse será o primeiro elemento do conhecimento que trarei à luz em você. O que a Mãe Cultura tem a dizer a esse respeito? O que a diferencia das tartarugas, nuvens, vermes, cogumelos e até do sol? Eles funcionam, e você, não, Julie. O que a torna especial?

— Somos especiais porque todo o resto funciona direito. E, porque somos especiais, não funcionamos direito.

— Concordo que há um círculo vicioso no que se aprende com a Mãe Cultura, nesse ponto. Seria proveitoso, porém, que você definisse o que é ser especial.

Meditei sobre a questão por algum tempo. Finalmente, disse:

— Isso é o ensinamento maiêutico, certo?

Ismael concordou inclinando a cabeça.

— Estou impressionada. Gostei. Ninguém fez isso comigo antes. De qualquer modo, o que há de errado conosco é que somos civilizados. Acho que é isso.

Mas, conforme eu pensava, a resposta perdeu parte de sua confiabilidade.

— Isso é uma parte — continuei. — Sermos civilizados. Há também alguma coisa no *modo* como somos civilizados. Não somos *suficientemente* civilizados.

— E por que isso ocorre?

— O motivo pelo qual não somos suficientemente civilizados é que existe alguma coisa errada conosco. Como se houvesse uma gotinha de veneno dentro da gente, capaz de arruinar tudo o que fazemos.

Acho que fiquei ali sentada de boca aberta por algum tempo, pois a certa altura Ismael me disse para continuar. Continuei:

— O que ouvi foi o seguinte, Ismael... Tudo bem se eu chamar você de

Ismael?

O gorila assentiu com a cabeça e disse:

— Tudo bem. É assim que me chamam.

— Então, o que ouvi foi o seguinte: *Precisamos evoluir para uma forma mais desenvolvida para sobreviver*. Não sei exatamente onde ouvi isso. É uma coisa que parece que está no ar.

— Compreendo.

— A forma na qual nos encontramos agora é primitiva demais. *Somos* muito primitivos. Precisamos evoluir para uma forma superior, mais angelical.

— De modo a funcionar direito, como cogumelos, tartarugas e vermes.

Ri e disse:

— É, parece piada. Mas essa é a idéia, acho. Não funcionamos tão bem quanto cogumelos e tartarugas e vermes porque somos inteligentes demais, e não funcionamos tão bem quanto os anjos e deuses porque não somos suficientemente inteligentes. Estamos num estágio esquisito. Vivíamos bem quando éramos *menos* do que humanos, e estaremos ótimos quando formos *mais* do que humanos. No estágio atual, porém, não valemos nada. Os humanos não prestam. A forma em si não é boa. Acho que é isso que a Mãe Cultura tem a dizer.

— Então, a falha situa-se na própria inteligência... de acordo com a Mãe Cultura.

— É isso aí. A inteligência nos torna especiais, certo? Mariposas não conseguiriam destruir o mundo. Bagres também não. É preciso inteligência para isso.

— Nesse caso, o que me diz da busca de seu devaneio? Ao sair pelo universo para aprender a viver, você pretende procurar anjos?

— Não. Isso é engraçado!

Ismael virou a cabeça de lado e me olhou, espantado.

— Estou procurando raças inteligentes, como a nossa, mas que saibam viver sem destruir seus planetas. Somos ainda mais especiais do que eu pensei.

— Continue.

— É como se tivéssemos sofrido uma *maldição*. O povo deste planeta.

Ismael balançou a cabeça.

— Realmente, o conceito generalizado entre as pessoas da sua cultura diz que a humanidade sofreu uma maldição especial: algo ruim, ou basicamente errado, ou mesmo literalmente amaldiçoado pelos deuses.

— Certo.

— Por esse motivo, em seu sonho você procurava o conhecimento que deseja em outra parte do universo. Não poderia encontrá-lo em seu meio, pois pertence a uma raça amaldiçoada. Para encontrar o conhecimento que permite viver em equilíbrio, seria necessário descobrir uma raça que não tivesse sido amaldiçoada. E não há motivo para supor que todo mundo tenha sido amaldiçoado. Você acha que *alguém*, no universo, *deve* saber viverem harmonia.

— É isso aí.

— Portanto, como você pode ver, Julie, seu devaneio está muito longe de ser uma bobagem. E tenho certeza de que a jornada sonhada por você pode ser empreendida e de que realmente a colocará em contato com milhares de pessoas que vivem de modo equilibrado, sem a menor dificuldade.

— Tem certeza? Por quê?

— Porque a maldição que você identificou atua de modo extremamente localizado, apesar do que a Mãe Cultura ensina. Ela não inclui nem remotamente, a humanidade inteira. Milhares de pessoas têm vivido de modo harmonioso, Julie. Sem dificuldade. Sem esforço.

Bem, eu estranhei aquilo, naturalmente, e franzi a testa.

— Você quer dizer algo como a... Atlântida?

— Não estou me referindo a nada que possa se relacionar com Atlântida, Julie. Nem remotamente. Atlântida é um conto de fadas.

— Então, não tenho a menor idéia do que você está falando. Nem de longe. Ismael balançou a cabeça lentamente.

— Sei disso. Pouquíssimas pessoas entre vocês saberiam do que estou falando.

Esperiei que ele chegasse lá, mas ele parou. Por isso, perguntei:

— Você não vai me dizer quais são essas pessoas?

— Acho melhor não dizer, Julie. Você, indubitavelmente, possui essa informação. Se eu a apanhasse no fundo de sua mente e a exibisse aqui, você ficaria impressionada, mas não aprenderia nada. A parteira está aqui para ajudar a cliente a dar à luz e não para parir a criança.

— Você está querendo dizer que eu já sei quem são essas pessoas?

— Quanto a isso, não resta a menor dúvida, Julie.

Dei de ombros e fiz as coisas de sempre. Depois, disse a ele para ir em frente.

Sua cultura

Ismael disse:

— Há uma concepção profundamente arraigada em sua cultura: a sabedoria não pode ser encontrada entre vocês. É isso o que seu devaneio revela. Vocês sabem fabricar equipamentos eletrônicos maravilhosos, sabem enviar naves ao espaço e perscrutar as profundezas dos átomos. Contudo, o conhecimento mais básico e necessário de todos — o conhecimento de como viver — simplesmente não existe entre as pessoas da sua cultura.

— Eu também fiquei com essa impressão.

— Não se trata de uma noção nova, Julie. De modo algum. Ela tem estado presente em sua cultura há milênios.

— Com licença — disse eu. — Você, fica dizendo “as pessoas da sua cultura”, e eu não sei a quem está se referindo. Por que você não fala simplesmente “humanos” ou “americanos?”

— Porque não estou falando dos seres humanos, nem dos americanos. Estou falando das pessoas da sua cultura.

— Bem, acho melhor você explicar isso direito.

— Sabe o que é uma cultura?

— Para ser honesta, não tenho muita certeza.

— A palavra “cultura” é como um camaleão, Julie. Não possui cor própria e assume a cor do ambiente. Significa uma coisa quando falamos na cultura dos chimpanzés, outra quando falamos na cultura da General Motors. É válido afirmar que só existem duas culturas humanas, fundamentalmente diferentes. Também é válido dizer que existem milhares de culturas humanas. Em vez de tentar explicar o que *cultura* significa em si (algo praticamente impossível),

prefiro explicar o que tenho em mente ao mencionar “a sua cultura”. Tudo bem?

— Por mim, tudo bem, — respondi.

— Na verdade, vou tornar as coisas ainda mais fáceis. Vou lhe mostrar as regras práticas com as quais podemos identificar as pessoas da sua cultura. Eis a primeira: você sabe se está no meio de pessoas de sua cultura se a comida é uma *propriedade*, se permanece trancada chave.

— Hummm — disse eu —, é difícil imaginar que possa ser de outro jeito.

— É claro que existe um outro jeito. A comida já foi de todos, como o ar ou o sol. Certamente, você sabe disso.

— Acho que sim.

— Você não parece muito impressionada, Julie. Mas guardar a comida a sete chaves foi uma das maiores inovações da sua cultura. Nenhuma outra cultura, na história, trancou a comida — e fazer isso constitui a base de toda a sua economia.

— Como assim? — perguntei. — Por que isso é a base?

— Caso não existisse a propriedade da comida e ela não permanecesse trancada, Julie, quem trabalharia?

— Ah, claro! Entendi.

— Se você for a Cingapura, Amsterdam, Seul, Buenos Aires, Islamabad, Johannesburg, Tampa, Istambul ou Quioto, descobrirá que as pessoas são extremamente diferentes no modo de vestir, nos costumes relativos ao casamento, nos feriados que observam, nos rituais religiosos, e assim por diante. Mas todos esperam que a comida fique trancada. Ela é uma propriedade, e, se você quiser um pouco dela, precisará comprá-la.

— Certo. Você está dizendo então que todas essas pessoas pertencem a uma única cultura.

— Estou falando de questões fundamentais, e não há nada mais fundamental do que o alimento. Sem dúvida, deve ser difícil para você se dar conta do quanto as pessoas de sua cultura são bizarras nesse aspecto. Vocês consideram normal ter de trabalhar para obter algo que está disponível livremente para qualquer criatura da face da Terra. Vocês simplesmente trancam a comida e depois trabalham para tê-la de volta, e imaginam que está tudo certo.

— É, *fica* esquisito se você colocar as coisas desse jeito. Mas não é só a nossa cultura que faz isso. É a humanidade toda, certo?

— Não, Julie. Sei que a Mãe Cultura ensina que isso é feito por toda a humanidade, mas trata-se de uma mentira. Só vocês, de uma cultura específica, fazem isso e não a humanidade inteira. Quando tivermos terminado, você não terá nenhuma dúvida a esse respeito.

— Está bem.

— Outra regra prática para identificar as pessoas de sua cultura é a seguinte: elas se consideram membros de uma raça fundamentalmente imperfeita, inerentemente condenada ao sofrimento e à dor. Como são fundamentalmente imperfeitos, acham a sabedoria uma coisa muito rara, difícil de obter. Como são inerentemente condenados ao sofrimento, não se surpreendem por viver no meio da pobreza, injustiça e crime, não se surpreendem ao constatar que os governantes são oportunistas e corruptos, não se surpreendem por tornar o mundo inabitável para si mesmos. Podem sentir indignação em consequência de todas essas coisas, mas nunca surpresa, pois acham que o mundo é assim mesmo. Isso faz tanto sentido para eles quanto manter a comida trancada a sete chaves.

— Você se importa de eu bancar a advogada do diabo por um momento?

— Absolutamente.

— Um professor lá da escola sempre olha para nós como se sentisse pena, pois é budista. Isso significa que ele está quilômetros à nossa frente em termos de consciência e desenvolvimento espiritual. Para ele, as pessoas da “nossa cultura” são os ocidentais e quem vive no Oriente pertence a uma cultura inteiramente diferente.

— Suponho que esse professor seja ocidental.

— Acertou. Que isso tem a ver com a nossa conversa?

Ismael deu de ombros.

Os ocidentais costumam pensar que o Oriente é um vasto templo budista, o que equivale a pensar que o Ocidente é um imenso convento de cartuxos. Se esse professor visitasse o Oriente, seguramente teria experiências novas, mas descobriria, em primeiro lugar, que toda a comida estava trancada à chave e, em segundo, que os seres humanos são considerados perniciosos, desgraçados, gananciosos. Exatamente como no Ocidente. Essas questões os caracterizam como pessoas de sua cultura.

— Será que existe mesmo alguém neste mundo que *não* se considera pernicioso, desgraçado e ganancioso?

Ismael meditou por um momento e disse:

— Gostaria de devolver a pergunta a você, reformulada da seguinte forma: em sua fantástica jornada pelo universo, você pretendia procurar outras raças amaldiçoadas?

— Não.

— Sua expectativa é de que todas as espécies do universo sejam amaldiçoadas?

— Não.

Ismael me encarou por um instante e continuou:

— Estou vendo que suas perguntas continuam sem resposta. Vamos tentar

o seguinte: mesmo na sua idade, você já encontrou alguém que acha que tudo de ruim que acontece em sua vida é culpa dos outros — nunca da própria pessoa. Se ainda não encontrou alguém assim, posso garantir que isso vai acontecer mais dia, menos dia. Um indivíduo assim jamais aprende com seus erros, pois ele acredita que nunca comete erros. Jamais descobre a razão de suas dificuldades, pois sempre imagina que a origem delas está nos outros, que se encontram além de seu controle. Para colocar em termos simples, tudo o que dá errado em sua vida é culpa dos outros. Ele nunca diz a si mesmo: “O problema está em meu modo de agir”. Ele sempre diz: “O problema está no que os outros estão fazendo. As outras pessoas são culpadas por todos os meus problemas, e, como não posso mudá-las, sou incompetente”.

— Conheço gente desse tipo — respondi. Não vi motivo para dizer que era a minha mãe.

— Sua cultura adotou esse procedimento para lidar com as dificuldades. Vocês não dizem: “O problema está em nosso modo de agir”. Preferem dizer: “O problema é da própria natureza humana. Ela é a culpada por todas as dificuldades, e não podemos mudá-la, o que evidencia a nossa incompetência”.

— Ah, sim — disse eu. — Agora, estou entendendo.

— Eu também, Julie — disse Ismael. — Os professores dependem dos alunos para prosseguir a jornada da descoberta.

Arregalei os olhos ao ouvir aquilo.

— Você me ouviu dizer várias vezes que as pessoas de sua cultura acreditam pertencer a uma raça imperfeita, amaldiçoada.

— É verdade — confirmei.

— Muito bem. Graças a você, encontrei um jeito muito melhor de dizer

aquilo: *as pessoas de sua cultura culpam a natureza humana por seus problemas*. Continua sendo verdade que vocês pensam pertencer a uma raça imperfeita, amaldiçoada, mas agora nós dois compreendemos melhor o *motivo* que os leva a pensar assim. Isso serve a um propósito: transferir a culpa de si mesmos para algo que se encontra além de seu controle — a natureza humana. Vocês não têm culpa. A culpa é da natureza humana, que não pode ser modificada.

— Certo. Deu para perceber isso.

— Gostaria de ressaltar neste momento que as pessoas de sua cultura acreditam conhecer bem a “natureza humana”. Não se trata de algo que eu acredite conhecer bem. Sempre que eu usar esse termo, ele terá o sentido atribuído pela Mãe Cultura. Esse conceito me é totalmente estranho. Pertence a um referencial epistemológico exclusivo de sua cultura. Não faça cara feia. Não faz nenhum mal aprender uma palavra nova. Epistemologia é o estudo daquilo que pode ser conhecido. Para as pessoas da sua cultura, a “natureza humana” é algo que pode ser conhecido. Para mim, é uma entidade fantástica, um elemento inventado para ser buscado, como o Santo Graal ou a pedra filosofal.

— Certo — disse eu. — Só não sei por que insiste em tudo isso.

Seu rosto se abriu num sorriso.

— Estou falando para a posteridade por meio de você, Julie.

— Não estou entendendo.

— Os professores sobrevivem graças a seus alunos. É mais um motivo pelo qual precisam deles. Você parece ter uma memória privilegiada. Lembra-se de tudo o que ouviu com clareza inusitada.

— Acho que sim.

— Você se lembrará de mim. Levará minhas palavras para além das

paredes desta sala.

— Para onde?

— Para onde você for — qualquer lugar.

Bem, passei um tempo pensando em tudo aquilo. Depois, disse:

— E Alan? Ele vai lembrar também?

Ismael deu de ombros.

— Suponho que tenha chegado a hora de tratar desse assunto, Julie. Já tive muitos alunos. Alguns não levaram nada, outros levaram um pouco, outros ainda levaram muita coisa. Nenhum, porém, aprendeu tudo. Cada um leva o que consegue carregar. Você entende?

— Acho que sim.

— O que eles fazem com o que levam escapa ao meu controle, obviamente. Não tenho a menor idéia do que fazem com isso, ou se chegam a fazer algo. Um deles me escreveu recentemente, explicando sua curiosa noção do que deveria fazer. Ele pretende ir para a Europa e se tornar uma espécie de professor ou pregador itinerante.

— O que você *queria* que ele fizesse?

— Ora, a questão não é o que eu quero. Cada um deve fazer o que estiver ao seu alcance. Considero a idéia curiosa apenas porque não consigo concebê-la. Só sei ensinar nesse contexto — por meio do diálogo. Simplesmente, não consigo me imaginar num auditório dando uma palestra. Deficiência minha, não dele.

— Estou me sentindo meio perdida, Ismael. O que tudo isso tem a ver com Alan e comigo?

— Quando lhe disse que você se lembraria de mim, você perguntou se Alan também se lembraria. Estou tentando explicar que as coisas que estou passando para você se lembrar são muito diferentes daquelas que estou

transmitindo a ele. Não há duas jornadas similares, pois dois alunos nunca são iguais.

— Ah, entendi. Isso tem sentido.

— Fizemos um pequeno desvio para ensinar você a reconhecer os membros de sua cultura. Agora, vamos tentar retornar ao caminho principal. Eu estava dizendo que uma concepção profundamente arraigada em sua cultura afirma que a sabedoria não pode ser encontrada entre vocês, e essa concepção se destaca na sua cultura há milênios.

— Eu me lembro.

— Compreende por que insisto nessa questão?

— Para ser sincera, não.

— Seu devaneio admite que a sabedoria precisa ser buscada em outro lugar — a bilhões de quilômetros deste planeta. Foi esse o motivo pelo qual você precisou sonhar, para início de conversa. No fundo do coração, você sabe que o segredo que procura não pode ser encontrado aqui.

— É verdade. Estou entendendo o que você está querendo dizer.

— Gostaria que você percebesse que a perda desse segredo foi um evento importante de sua história. A humanidade não nasceu deficiente. Isso ocorre unicamente entre as pessoas da sua cultura.

— Está bem, mas por que você quer que eu perceba isso?

— Porque... Você já perdeu alguma coisa? Uma chave, um livro, uma ferramenta, uma carta?

— Claro!

— Lembra-se de como procedeu para tentar localizar o objeto perdido?

— Procurei me lembrar do lugar em que o tinha visto pela última vez.

— Se souber onde perdeu algo, então saberá onde procurar, certo?

— Certo.

— É isso que eu quero mostrar a você: onde e quando se perdeu o segredo que todas as outras espécies deste planeta conhecem — e todas as espécies inteligentes do universo, se existirem.

— Uau — exclamei. — Devemos ser realmente especiais se todas as espécies do universo sabem algo que desconhecemos.

— Vocês são realmente especiais, Julie. Nesse aspecto, sua Mãe Cultura e eu estamos de pleno acordo.

A história da humanidade em 17 segundos

Ismael disse:

— Só existe um ponto pelo qual se pode começar, Julie, com qualquer aluno: o ponto onde o aluno está. Entende o que digo?

— Acho que sim.

— Em geral, só há um meio de saber onde você está: você me dizer. E peço que me diga agora. Preciso que me conte o que sabe da história da humanidade.

Gemi, e Ismael me perguntou o motivo do gemido.

— História não é a minha matéria favorita — respondi.

— Compreendo — disse ele. — Sei como os professores das suas escolas são forçados a ensinar história. No entanto, não estou pedindo a você para recitar o que aprendeu (ou deixou de aprender) na escola. Mesmo que nunca tivesse passado um dia sequer na escola, teria desenvolvido uma impressão geral do que ocorre aqui, só de ficar de olhos e ouvidos abertos nesta cultura por doze anos. Mesmo alguém que só lê as histórias em quadrinhos do jornal de domingo sabe isso.

— Certo — disse eu, e consegui estabelecer a ligação. — Seria a versão da história da humanidade segundo a Mãe Cultura? É isso que você quer escutar?

Ismael concordou com a cabeça.

— É isso exatamente o que estou pedindo. Preciso saber o quanto você assimilou. E você precisa saber o quanto absorveu, o que é mais importante ainda.

— Entendi — disse, e passei a dedicar a esse assunto. Depois de uns três minutos, ele começou a se mostrar inquieto, o que causa uma forte

impressão na gente, se levarmos em conta o tamanho dele. Olhei-o intrigada.

— Tente ser simples, Julie. Não está fazendo o exame final da escola. Passe-me apenas a idéia geral, aquela que todos compreendem. Não quero mil palavras, nem mesmo quinhentas. Bastam cinqüenta.

— Acho que ainda não sei como encaixar as pirâmides e a Segunda Guerra Mundial.

— Vamos começar pela idéia geral. Quando a tivermos, podemos encaixar seja o que for.

— Tá legal. Os humanos apareceram há... cinco milhões de anos?

— Três milhões é uma estimativa amplamente aceita.

— Tá legal, três milhões. Os humanos surgiram cerca de três milhões de anos atrás. Eles viviam de despojos. É essa a palavra certa?

— Originalmente, talvez vivessem de despojos. Mas a palavra certa creio, é “coletores”.

— É, é isso mesmo. Eram coletores. Nômades. Viviam da terra, como os nativos americanos.

— Ótimo. Prossiga.

— Bom, eles continuaram a viver do que a terra dava até uns dez mil anos atrás. Então, por algum motivo, eles desistiram da vida nômade e começaram a cultivar a terra. Acertei a data? Dez mil anos?

Ismael balançou a cabeça, concordando.

— Novas descobertas podem recuar a data, mas, até que seja confirmada, dez mil anos é uma data geralmente aceita.

— Então, eles se fixaram na terra e começaram a cultivá-la; esse foi basicamente o início da civilização. Tudo o que existe por aí. Cidades, países, guerras, barcos a vapor, bicicletas, foguetes, bombas atômicas, gás asfixiante e o resto.

— Excelente — disse o gorila. — Alan fez a mesma coisa para mim, mas levou quase duas horas.

— Sêrio? Por quê?

— Em parte porque é homem, e precisa se exibir um pouco. E em parte por estar ouvindo a voz da Mãe Cultura há tanto tempo que pensa ser sua própria voz. Ele tem muita dificuldade em distinguir uma da outra.

— Entendo — disse, tentando não parecer presunçosa.

— De todo modo, a mentira básica já se manifestou: há cerca de dez mil anos as pessoas desistiram da vida nômade e se fixaram na terra, tornando-se lavradores.

Encarei-o por um minuto, e perguntei que parte estava errada.

— A data está certa, não está?

Ele concordou com uma inclinação da cabeça.

— A parte da coleta também, certo? Quer dizer, antes que os homens se tornassem lavradores, eram coletores, não eram?

Ele concordou novamente.

— Depois, começaram a arar a terra, não foi isso?

— Sim.

— Então, cadê a mentira?

— A mentira está oculta na única parte de sua exposição que não foi objeto de reflexão.

— Dá para você repetir?

— Há cerca de dez mil anos as pessoas desistiram da vida nômade e se fixaram na terra, tornando-se lavradores.

— Opa! — exclamei. — Não vejo nem *espaço* para uma mentira aí.

— Nem a maioria das pessoas de sua cultura. Trata-se, afinal, da versão que a sua cultura faz da história, e parece tão natural que não apresenta nada

de excepcional para você. Pode encontrá-la (ou algumas variações) em seus livros didáticos. Ela é repetida em artigos de jornais e revistas. Se ficar de olhos abertos, a encontrará, de uma forma ou de outra, três vezes por semana. Historiadores a transmitem, e eles certamente reconheceriam a mentira se não ficassem apenas repetindo-a, mecanicamente.

— Mas, afinal, onde está a mentira?

— A mentira está na expressão “as pessoas”, Julie. Não foram *as pessoas* que fizeram isso; foram as pessoas da sua cultura — uma cultura entre dezenas de milhares. A mentira é que suas ações são as ações da humanidade. A mentira é que vocês são a própria humanidade e que sua história é a história humana. A verdade é que há dez mil anos *um povo* desistiu da vida nômade e coletora, estabeleceu-se e passou a cultivar a terra. O resto da humanidade — os outros noventa e nove por cento — continuou a viver como antes.

Fiquei uns dois minutos sem saber o que pensar; depois, disse:

— Para mim, parece que é assim: foi dado um passo na evolução humana. O *Homo coletor* foi extinto e o *Homo lavrador* entrou em cena.

Ismael balançou a cabeça.

— Você é muito perspicaz, Julie. Eu mesmo não consegui ver isso. As pessoas absorvem essa idéia, mas ela não é verdadeira, claro!

— Como sabe disso?

— Primeiro, porque o *Homo coletor* não foi extinto — continua a existir até hoje. Segundo, coletores e agricultores não pertencem a espécies diferentes. São iguais biologicamente. A diferença entre eles é estritamente cultural. Crie uma criança coletora no meio dos agricultores e terá um lavrador. Eduque o filho de um agricultor entre coletores e ele viverá da coleta.

— Tá legal. Mesmo assim, era como se... não sei... como se um conjunto

começasse a tocar uma música nova e todas as pessoas passassem a dançar conforme o ritmo no mundo inteiro.

Ismael balançou a cabeça e disse:

— Soa assim mesmo, Julie. Os livros de história reduziram tudo a uma narrativa muito simples. Na verdade, trata-se de uma história extremamente densa e complexa — e todos de sua cultura precisam conhecê-la. Seu futuro não depende do entendimento da queda do Império Romano, da ascensão de Napoleão, da Guerra de Secessão americana ou das guerras mundiais. Seu futuro depende de entender como vocês chegaram a ser assim, e estou revelando esta história para você.

Ismael parou, e seus olhos permaneceram vidrados por dez minutos. Finalmente, ele franziu a testa e balançou a cabeça. Perguntei o que estava errado.

— Estava tentando descobrir um modo de tornar a história compreensível para você numa única idéia, Julie. Mas não creio que isso seja viável. Ela precisa ser apresentada em diversas versões, cada uma delas destinada a esclarecer um conjunto diferente de temas. Isso tem sentido para você?

— Não muito, para ser honesta. Mas estou escutando, pode crer.

— Ótimo. Vou contar a história com base na sua metáfora da canção e dos dançarinos. Embora possa parecer interessante, não chega nem aos pés da história contada em seus livros didáticos, cuja utilidade se compara, em termos históricos, a qualquer conto de fadas.

Músicos e dançarinos

Terpsícore é um dos lugares do universo que você gostaria de visitar (disse Ismael). Nesse planeta (batizado com o nome da musa da dança), as pessoas surgiram do modo normal e participavam da comunidade da vida. Por muito tempo, viveram como os outros: simplesmente comendo o que encontravam na natureza. Contudo, após viverem assim durante alguns milhões de anos, elas perceberam que era muito fácil promover o crescimento de seus alimentos favoritos. Pode-se dizer que descobriram alguns passos simples que conduziam a esse resultado. Elas não precisavam fazer isso para continuar vivendo, mas dessa forma conseguiam que sua comida preferida estivesse sempre disponível, sem dificuldade. Claro, os passos necessários eram os passos de uma dança.

Se dançassem três ou quatro dias por mês, repetindo aqueles poucos passos simples, enriqueciam imensamente suas vidas. E isso não exigia quase nenhum esforço. Como ocorre aqui na Terra, não havia um único povo no planeta, mas vários. Conforme o tempo foi passando, cada povo desenvolveu uma abordagem própria para a questão da dança. Alguns continuaram a dançar apenas três ou quatro dias por mês. Outros acharam que fazia sentido obter uma quantidade ainda maior de alimentos preferidos, de modo que davam os passos a cada dois ou três dias. A vida prosseguiu assim por algumas dezenas de milhares de anos para os povos daquele planeta. Eles consideravam que a vida deles estava nas mãos dos deuses e largavam tudo por conta deles. Por essa razão, eram chamados de Largadores.

Mas um grupo de Largadores começou a se perguntar:

“Por que devemos viver apenas *parcialmente* dos nossos alimentos

preferidos? Por que não viver *inteiramente* deles? Para tanto, só precisamos dedicar um pouco mais de tempo à dança”.

Portanto, esse grupo específico passou a dançar várias horas por dia. Como eles consideravam que estavam pegando em suas próprias mãos a questão do bem-estar, vamos chamar esse grupo de Pegadores. Os resultados foram extraordinários. Os Pegadores conseguiram montanhas de seus alimentos favoritos. Logo surgiu uma classe dirigente para administrar a acumulação e o estoque dos excedentes — algo que jamais fora necessário quando dançavam algumas horas por semana. Os membros da classe dirigente viviam ocupados demais para dançar e, como seu trabalho era fundamental, passaram a ser considerados líderes políticos e sociais. Mas, depois de alguns anos, os líderes dos Pegadores perceberam que a produção de alimentos estava diminuindo e começaram a investigar os motivos da redução. Descobriram que os dançarinos não se dedicavam muito à dança. Não dançavam várias horas por dia; apenas algumas, se tanto. Os líderes perguntaram o motivo dessa atitude.

“Para que dançar tanto?”, responderam os dançarinos. “Não é necessário dançar sete ou oito horas por dia para obter a comida que desejamos. Sobra alimento se dançarmos apenas uma hora por dia. Nunca passamos fome. Por que não relaxar um pouco, levar a vida com calma, como costumávamos fazer?”

Os líderes viam a situação de modo muito diferente, claro! Se os dançarinos voltassem a viver do modo antigo, os líderes seriam forçados a acompanhá-los, e esse fato não os atraía nem um pouco. Eles analisaram a questão e empregaram vários esquemas para encorajar, estimular, convencer ou pressionar os dançarinos a dançar por mais tempo, mas nenhum deles deu certo, até que um deles teve a idéia de trancar a comida.

“De que adiantará fazer isso?”, perguntaram os outros.

“O motivo da falta de empenho dos dançarinos é a facilidade para obter comida. Basta estender a mão e pegá-la. Se a trancarmos, não poderão fazer isso”.

“Mas, se trancarmos a comida, os dançarinos morrerão de fome!”

“Não, você não entendeu”, retrucou o outro, com um sorriso sarcástico. Vincularemos a dança ao recebimento de comida — quanto mais dançarem, mais alimento receberão. Se os dançarinos dançarem pouco, terão pouca comida. Se dançarem bastante, receberão bastante alimento. Desse modo, os preguiçosos passarão fome, e aqueles que dançarem mais ficarão de barriga cheia”.

“Eles nunca aceitarão esse sistema”, disseram os outros.

“Não terão escolha. Trancaremos a comida nos depósitos. Quem não dançar não come”.

“Os dançarinos vão saquear os depósitos”.

“Recrutaremos guardas entre os dançarinos. Quem tomar conta dos depósitos não precisará dançar. Eles serão pagos do mesmo modo que os dançarinos — com comida. Ganharão conforme as horas que permanecerem de guarda”.

“Não vai dar certo”, disseram.

Mas, por incrível que pareça, deu certo. Mais do que antes até. A partir do momento em que o alimento foi trancado, não faltaram dançarinos dispostos a dançar. Muitos queriam passar dez, doze, até catorze horas dançando num único dia.

Colocar a comida sob sete chaves trouxe outras conseqüências. Por exemplo, no passado cestos comuns eram suficientes para guardar os excedentes produzidos. Mas eram precários demais para conservar as imensas

quantidades de alimentos. Os ceramistas tomaram o lugar dos fabricantes de cestos de palha e aprenderam a confeccionar potes maiores, o que exigiu a construção de fornos maiores e mais eficientes. Como muitos dançarinos não aceitaram passivamente que a comida permanecesse trancada, foi necessário fornecer melhores armas aos guardas; esse fato fez com que os fabricantes de armas procurassem materiais novos, capazes de substituir as armas feitas de pedra — cobre, bronze e assim por diante. Depois da descoberta dos metais para a fabricação de armas, os artesãos encontraram outros usos para eles. E cada novo ofício dava origem a outros.

Contudo, coagir os dançarinos a dançar durante dez ou doze horas por dia teve uma conseqüência ainda mais importante. O crescimento da população é inerente à disponibilidade de alimento. Se se aumentar a quantidade de alimento disponível a uma população qualquer, de qualquer espécie, essa população vai aumentar — desde que haja espaço para o crescimento. E, claro, os Pegadores tinham espaço de sobra para expansão — as terras dos vizinhos.

Eles estavam dispostos a ocupar pacificamente o espaço dos vizinhos. Disseram aos Largadores que viviam na região:

Ei, por que vocês não começam a dançar do jeito que nós fazemos? Não percebem o quanto progredimos graças a isso? Temos coisas com as quais vocês nem podem sonhar. O modo como vocês dançam é terrivelmente ineficiente e improdutivo. O nosso modo de dançar é o modo como as pessoas *devem* dançar. Deixem-nos usar seu território e lhes mostraremos como se faz isso”.

Alguns vizinhos pensaram tratar-se de uma boa idéia e adotaram o modo de vida dos Pegadores. Outros, todavia, disseram:

“Estamos bem assim. Dançamos algumas horas por semana e não queremos

dançar mais do que isso. Achamos que vocês são loucos — passam cinquenta e até sessenta horas por semana dançando. Se querem dançar até cair, o problema é de vocês. Se gostam, aproveitem. Nós não pretendemos segui-los”.

Os Pegadores se expandiram na região e acabaram por isolar os outros. Um dos povos rebeldes, os Singe, costumavam dançar algumas horas por dia para produzir sua comida predileta. Por algum tempo, viveram como sempre o haviam feito. Mas seus filhos começaram a ter inveja das coisas que os filhos dos Pegadores possuíam e passaram a oferecer algumas horas de dança ou a tomar conta dos depósitos de alimentos. Passadas algumas gerações, os Singe foram completamente assimilados, adotando o modo de vida dos Pegadores. Esqueceram-se de que um dia haviam sido Singe.

Outro povo teimoso eram os Kemke, que costumavam dançar só algumas horas por semana e apreciavam a ociosidade proporcionada por seu estilo de vida. Decidiram não permitir entre eles a repetição do que ocorrera com os Singe e mantiveram-se firmes nesse intento. Não tardou e os Pegadores os procuraram, dizendo:

“Bem, não podemos permitir que vocês controlem tanta terra assim, bem no meio do nosso território. Vocês não estão usando a terra de modo eficiente. Se não começarem a dançar do nosso jeito, teremos de transferi-los para um canto do seu território. Assim, poderemos fazer melhor uso da terra”.

Mas os Kemke se recusaram a dançar como os Pegadores e foram transferidos para um lugar chamado “reserva”, pois estava “reservado” aos Kemke. Contudo, os Kemke costumavam obter a maior parte de seus alimentos por meio da coleta, e o pequeno território da reserva não bastava para sustentar um povo coletor. Os Pegadores disseram a eles:

“Tudo bem, daremos comida a vocês. A única exigência é que fiquem fora do caminho, restritos à reserva”.

Assim, os Pegadores passaram a alimentar os Kemke, que gradualmente foram se esquecendo das técnicas de coleta e caça. Obviamente, quanto mais esqueciam mais dependiam dos Pegadores. Sentiam-se como mendigos inúteis, perderam o amor-próprio e se afundaram no alcoolismo e na depressão suicida. No final, os mais jovens não conseguiam vislumbrar nada que valesse a pena na reserva e foram embora, para dançar dez horas por dia para os Pegadores.

Os Waddi também eram um povo refratário às mudanças. Preferiam dançar apenas algumas horas por mês e se sentiam perfeitamente bem com esse estilo de vida. Acompanharam a trajetória dos Singe e dos Kemke, decididos a impedir que algo semelhante lhes ocorresse. Concluíram que tinham mais a perder do que os Singe e os Kemke, que já estavam acostumados a dançar muito para conseguir ter suas comidas prediletas. Quando os Pegadores os convidaram a adotar seu modo de vida, os Waddi disseram: não, obrigado, vivemos felizes assim. E, quando os Pegadores finalmente ordenaram que se mudassem para uma reserva, eles tampouco lhes obedeceram. Os Pegadores explicaram aos Waddi que eles não tinham escolha. Se não fossem voluntariamente para a reserva, seriam transferidos à força. Os Waddi disseram que reagiriam e que estavam prontos para morrer, se fosse preciso, para defender seu modo de vida. Eles argumentaram:

“Vocês já controlam todas as terras desta parte do mundo. Não precisam do pedacinho onde vivemos. Só pedimos que nos deixem viver do nosso jeito. Não vamos incomodá-los”.

Mas os Pegadores retrucaram:

“Vocês não estão entendendo. O modo como vocês vivem é ineficiente e danoso. Está errado. As pessoas não podem viver assim. Todos devem adotar o modo de vida dos Pegadores”.

“Como vocês têm coragem de afirmar isso?”, perguntaram os Waddi.

“Isso é óbvio”, responderam os Pegadores. “Olhem e vejam o quanto fomos bem sucedidos. Se não vivêssemos do modo correto, não teríamos triunfado”.

“Para nós, vocês não parecem bem sucedidos”, retrucaram os Waddi. “Vocês obrigam as pessoas a dançar doze horas por dia só para não morrerem de fome. Para nós, esse é um modo terrível de viver. Dançamos algumas horas por mês e nunca passamos fome, pois todo o alimento do mundo encontra-se a nossa disposição — é só pegar. Levamos uma vida tranqüila, despreocupada, e a consideramos um sucesso”.

Os Pegadores disseram:

“O sucesso não é nada disso. Vocês saberão o que é sucesso quando enviarmos nossas tropas para expulsá-los para as terras que destinamos a vocês”.

E os Waddi realmente aprenderam o que era sucesso — ou, pelo menos, aquilo que os Pegadores chamavam de “sucesso” — quando os soldados chegaram para expulsá-los de suas terras. Os guerreiros dos Pegadores não eram mais corajosos ou habilidosos, mas superavam os Waddi em número e podiam contar com reforços a qualquer momento. Além disso, os invasores tinham armamentos mais *eficazes* e, mais importante que tudo, provisões quase ilimitadas de alimentos, de que certamente os Waddi não dispunham. Os soldados dos Pegadores não precisavam se preocupar com a alimentação, pois novos carregamentos de alimentos frescos chegavam diariamente de sua terra, onde eram produzidos em grandes quantidades, ininterruptamente. Conforme a guerra se arrastava, as forças dos Waddi diminuía, até que, enfraquecidos, foram completamente aniquilados pelos invasores.

E o padrão se estabeleceu, não apenas para os anos seguintes, mas por séculos e milênios. A produção de alimentos crescia sem parar, e a população

de Pegadores aumentava sempre, levando-os a uma expansão que os fazia ocupar terra após terra. Aonde quer que fossem, encontravam povos que dançavam algumas horas por semana, ou por mês, e a todos eles eram dadas as mesmas opções oferecidas aos Singe, Kemke e Waddi: *Juntem-se a nós e permitam que tranquemos os depósitos de comida — ou serão destruídos.* No final das contas, contudo, a escolha era apenas ilusória, pois os povos acabavam sendo inevitavelmente destruídos quer escolhessem a assimilação, quer permitissem seu confinamento a uma reserva, quer enfrentassem os invasores. Os Pegadores não deixaram nada para trás, a não ser Pegadores, em sua conquista do mundo.

Finalmente, após cerca de dez mil anos, quase toda a população de Terpsícore era formada por Pegadores. Restavam apenas alguns remanescentes dos Largadores, escondidos em desertos e florestas que os Pegadores não queriam ou ainda não haviam conseguido dominar. Entre os Pegadores, ninguém duvidava de que seu modo de vida era o correto para todos os povos. O que poderia ser melhor do que manter a comida sob guarda e dançar oito, dez, doze horas por dia, só para sobreviver?

Na escola, as crianças aprendiam essa história. Pessoas como elas viviam no planeta havia cerca de três milhões de anos, mas durante a maior parte desse período não haviam aprendido que dançar incrementava o crescimento dos alimentos favoritos. O fato foi descoberto dez mil anos antes apenas pelos fundadores de sua cultura. Relatado como um ato espontâneo de trancar a comida, os Pegadores começaram imediatamente a dançar oito ou dez horas por dia. Os povos vizinhos jamais haviam dançado, mas aprenderam depressa e se dedicaram com entusiasmo a novidade, percebendo que esse era o modo certo de viver. Exceto alguns povos arredios, escondidos em locais inacessíveis, incapazes de compreender as óbvias vantagens de manter a

comida trancada, a Grande Revolução da Dança conquistou todos os habitantes do mundo sem encontrar oposição.

Exame da parábola

Ismael parou de falar, e eu fiquei olhando para a frente, como se fosse vítima da explosão de uma bomba. Finalmente, disse a ele que precisava sair, tomar alguma coisa e pensar no assunto. Talvez eu tenha simplesmente me arrastado para fora, sem falar uma palavra. Não me lembro.

Para falar a verdade, voltei à Pearson's e fiquei andando de escada rolante por um bom tempo. Não sei por que isso me acalma, mas funciona. Algumas pessoas andam pelos bosques. Eu ando de escada rolante nas grandes lojas.

Parei para tomar uma Coca. Relembrando as coisas, percebo que essa foi a segunda vez que mencionei a Coca. Não quero que pensem que estou fazendo propaganda dela. Todo mundo deveria parar de comprar Coca, se querem saber minha opinião. Contudo, confesso que de vez em quando eu tomo uma.

Depois de quarenta e cinco minutos, eu ainda me sentia como uma vítima de explosão de bomba, fora o fato de que não sentia dor alguma. Na verdade, sentia que começava a entender o que é aprender. Lógico, aprender pode ser algo do tipo procurar o significado de uma palavra. Isso é aprender, claro, como plantar uma muda de grama num campo. Mas existe um outro aprender, que é como dinamitar todo o gramado e começar tudo de novo, que é o que os dançarinos da história de Ismael fizeram. Finalmente, algumas questões começaram a tomar forma em minha mente, e voltei à sala 105 para fazer as perguntas.

— Quero ver se eu entendi direito o que escutei.

— Boa idéia — concordou Ismael.

— Quando você diz “dançar”, está falando na prática da agricultura.

Ele assentiu com a cabeça.

— Então, está dizendo que agricultura não é apenas o cultivo em larga escala e abrangente que praticamos. Você está dizendo que a agricultura é incentivar o crescimento dos alimentos que preferimos.

Ele assentiu novamente.

— Que mais poderia ser? Se você estiver abandonada numa ilha deserta não vai poder criar galinhas e plantar grão-de-bico, a não ser que os encontre por lá. Só é possível cultivar algo que já existe.

— Certo. E você diz que as pessoas incentivavam o crescimento de seus alimentos favoritos muito antes da Revolução Agrícola.

— Certamente. Não há nada de misterioso no processo. Havia pessoas tão inteligentes quanto você duzentos mil anos antes do início da sua “revolução”. A cada geração, surgiam pessoas suficientemente inteligentes para ser cientistas espaciais, mas não temos necessidade deles para concluir que plantas nascem de sementes. Você não precisa ser cientista espacial para perceber que faz sentido deixar algumas sementes enterradas quando se abandona uma área. Nem para saber que arrancar ervas daninhas é importante no cultivo de uma horta. Ninguém precisa ser cientista espacial para saber que nas caçadas é melhor abater um macho do que uma fêmea. Os caçadores nômades estão a apenas um passo de se tornarem caçadores/pastores, que acompanham as migrações de seus animais favoritos, e estes a um passo de se tornarem pastores/caçadores, que exercem algum controle sobre a migração de seus animais favoritos e afugentam outros predadores. E estes, por sua vez, estão a um passo de se tornarem verdadeiros pastores, que controlam completamente os animais e favorecem a reprodução dos domesticados.

— Então, você acha que a revolução consiste apenas em fazer em *tempo integral* o que as pessoas vinham fazendo em *parte do tempo* por milhares de anos.

— Claro. Nenhuma invenção surge completamente desenvolvida, do nada, de repente. Dezenas de milhares de invenções precederam a invenção da lâmpada elétrica de Edison.

— Está certo. Mas você também está dizendo que a verdadeira inovação de nossa revolução não foi cultivar os alimentos, mas trancá-los.

— Sim, essa é, sem dúvida, a chave da questão. Sua revolução teria estancado se não fosse essa característica. Mesmo *hoje* em dia ela seria interrompida sem isso.

— Esta era a última questão que eu queria abordar. Você está dizendo que a revolução não acaba nunca?

— Isso mesmo. Contudo, ela vai acabar logo. A revolução deu certo enquanto havia espaço para expansão. Acontece que o espaço está acabando.

— Acho que podemos exportá-la para outros planetas.

Ismael balançou a cabeça.

— Mesmo que fosse possível, isso seria apenas um paliativo, Julie. Digamos que seis bilhões de habitantes fosse um número máximo razoável para a sua espécie no planeta (embora eu suspeite que seis bilhões seja bem mais do que o máximo saudável). Vocês chegarão aos seis bilhões antes do final deste século. Vamos dizer que obtenham acesso instantâneo a todos os planetas habitáveis do universo, para os quais poderiam começar imediatamente a exportar pessoas. No momento, sua população está dobrando a cada trinta e cinco anos, em média. Portanto, em trinta e cinco anos teriam enchido um segundo planeta. Depois de setenta anos, quatro planetas estariam cheios. Passados cento e cinco anos, oito planetas estariam abarrotados. E assim por diante. Se a taxa de multiplicação se mantivesse, um bilhão de planetas estariam cheios de gente lá pelo ano 3000. Sei que parece incrível, mas, confie em mim, o cálculo está correto. Por volta do ano 3300 uma

centena de bilhões de planetas estariam ocupados; essa é a conta do que poderia ser ocupado nesta galáxia se em cada uma de suas estrelas houvesse ao menos um planeta habitável. Se continuarem a crescer à taxa atual, uma segunda galáxia ficaria abarrotada em trinta e cinco anos. Quatro galáxias em mais trinta e cinco, e oito em mais trinta e cinco. No ano 4000 os planetas de um milhão de galáxias estariam abarrotados. Até o ano 5000, seriam um trilhão de galáxias ocupadas — em outras palavras, todos os planetas do universo. Tudo isso em apenas três mil anos, a partir do pressuposto improvável de que há um planeta habitável para cada estrela do universo.

Eu disse a ele que era difícil acreditar naqueles números.

— Faça você mesma a conta, qualquer hora. Assim, não precisará acreditar, vai verificar por si mesma. Qualquer coisa que cresça sem limites ocupará o universo inteiro. O antropólogo Marvin Harris calculou que, se a população humana dobrasse a cada geração — em vinte anos em vez de trinta e cinco —, todo o universo se converteria numa massa sólida de protoplasma humano em menos de dois mil anos.

Fiquei sentada por algum tempo, tentando reduzir tudo aquilo a um tamanho compreensível. Finalmente, contei a ele a respeito de uma menina que eu conhecia. Ela quase morreu de susto quando lhe contaram de onde vinham os bebês.

— Acho que ela cresceu no fundo de um poço, sabe?

Ele me encarou, polidamente curioso.

— Acho que ela se sentiu traída, primeiro, por Deus, que inventou um método tão nojento para a procriação humana. Depois, por todos os que viviam em volta dela, que sabiam, mas não contaram nada. Finalmente, sentiu-se humilhada por saber que era a última pessoa da face da Terra a conhecer um fato tão simples.

— Suponho que isso seja relevante para a nossa conversa.

— E é. Gostaria de saber se eu sou a última pessoa da face da Terra a saber o que você me contou hoje com a história dos dançarinos.

— Em primeiro lugar, vamos ter certeza de que você *entendeu* o que eu disse. O que essa história significa?

Não era uma pergunta difícil. Era nisso que eu ficava pensando enquanto andava de escada rolante na Pearson's. Disse:

— Essa história acaba com a mentira de que há dez mil anos todos desistiram da coleta e resolveram se tornar agricultores. Acaba com a mentira de que todos aguardavam ansiosamente por esse acontecimento, desde o início dos tempos. Ela acaba com a mentira de que o nosso modo de vida, por se tornar dominante, confirma que esse é o modo como as pessoas “devem” viver.

— Portanto, você é a última pessoa da face da Terra a entender isso? Duvido. Muita gente, ao ouvir a história, sente que “já a conhecia” ou suspeita que “era algo do tipo”. Muitos poderiam ter chegado sozinhos a essa conclusão — tendo todos os fatos à sua disposição —, mas não chegaram. A *vontade* de concluir não estava presente neles.

— Que você quer dizer com isso?

— Que as pessoas raramente olham com atenção para as coisas que não querem descobrir. Desviam a vista de coisas desse tipo. Devo acrescentar que este não é um comentário extremamente original de minha parte.

— Estou perdida — confessei, depois de algum tempo. — Acho que me desviei do caminho principal novamente.

— Não se trata de desvio, Julie, nem de andar às cegas. Parte das questões que você precisa examinar não pode ser vista do caminho principal, de modo

que pegamos uma via secundária de vez em quando. Mas elas sempre acompanham o caminho principal. Não vê para onde estamos indo?

— Tenho idéia, mas não certeza.

— O caminho principal leva ao motivo pelo qual as pessoas de sua cultura precisam procurar a sabedoria em outro lugar: no céu, onde moram Deus e os anjos; no espaço sideral, residência de raças alienígenas “avançadas”; no Outro Mundo, onde se encontram os espíritos dos mortos.

— Puxa! — exclamei. — É para onde estamos indo! Nunca cheguei a pensar que o meu devaneio se encaixava nesse padrão. É isso que está dizendo, certo?

— É isso que estou dizendo. Vocês se vêem como privados de um conhecimento essencial. Sempre pensaram assim. Faz parte de sua natureza. É a própria inacessibilidade desse conhecimento que o torna especial. Ele é inacessível porque é especial e é especial por ser inacessível. Na verdade, é tão especial que vocês só conseguem alcançá-lo pelas vias sobrenaturais: oração, mediunidade, astrologia, meditação, vidas passadas, adivinhação, bola de cristal, leitura de cartas, e assim por diante.

— Em outras palavras, mandraquice — disse eu.

Ismael me encarou por um momento; depois, piscou duas vezes.

— Mandraquice?

— É. Tudo isso que você falou: astrologia, espíritos, anjos, cartomantes.

Ele balançou a cabeça, como a gente faz com o saleiro para ver se tem sal. Em seguida, prosseguiu:

— Quero que você entenda uma coisa. As pessoas de sua cultura aceitam o fato de que esse conhecimento é inacessível. Isso não as surpreende, nem as intriga. Não precisa explicação. Eles *esperam* mesmo que esse conhecimento seja difícil de atingir. Você, por exemplo, tinha certeza de que só uma

excursão galáctica o revelaria.

— É, dá para perceber agora.

Ismael balançou a cabeça.

— Ainda não consegui articular o que pretendo. Vamos tentar novamente. Os pensadores não são limitados pelo que conhecem, pois sempre podem ampliar seus conhecimentos. No entanto, são limitados por aquilo que os intriga, pois não há como se interessar por algo que não intriga a pessoa. Se uma coisa encontra-se além do limite da curiosidade, as pessoas simplesmente não pensam a esse respeito, não *podem* indagar a esse respeito. Essa coisa torna-se um ponto cego — um ponto que nem sequer se sabe que está lá, até alguém chamar sua atenção para ele.

— É o que você está tentando fazer comigo.

— Exatamente. Nós dois estamos explorando um território desconhecido, um continente inteiro, que se esconde dentro do ponto cego de sua cultura.

Ele parou de falar por um momento e depois disse que estávamos num momento adequado para suspender a conversa, por enquanto. Acho que concordei. Não estava cansada exatamente, mas me sentia como se tivesse comido três pedaços de torta.

Levantei-me e disse que voltaria no sábado seguinte. Como isso não provocou reação alguma, por trinta segundos, acrescentei:

— Não está bom assim?

— Não é bem o ideal — respondeu ele.

Expliquei-lhe que as aulas haviam começado e que eu sempre tentava dar um bom exemplo a mim mesma, evitando faltar nas primeiras semanas. Isso implicava também fazer a lição de casa à noite.

— Deixe-me explicar a situação, Julie. Estou numa posição difícil. Ele

mostrou a sala fazendo um amplo gesto com um dos braços.

— Minha permanência neste local tem sido possível graças a uma amiga de longa data, Raquel Sokolow. Ela morreu faz dois meses.

— Lamento ouvir isso — disse eu, como as pessoas costumam fazer.

— Disse que a minha situação é difícil, mas, na verdade, é um pouco mais sério do que isso. Em duas semanas terei de desocupar este imóvel.

— E para onde você vai?

Ele balançou a cabeça.

— Ainda estou tratando disso. Você precisa entender que não me resta muito tempo por aqui. Ou seja, não adiantaria muito se você viesse apenas nos fins de semana.

Fiquei remoendo essa dica por algum tempo; depois, perguntei se Alan Lomax o estava ajudando.

— Por que está perguntando isso?

— Sei lá. Achei que seria difícil para você mudar daqui sem ajuda.

— Alan não está me ajudando em nada — esclareceu Ismael. — Ele não sabe nada a esse respeito. Não há necessidade de que ele saiba. No entanto, há necessidade de que você saiba, pois está pensando que temos todo o tempo do mundo.

Acho que ele percebeu que eu não estava satisfeita com as coisas que me dizia, pois continuou:

— Alan tem estado comigo já há várias semanas, quase todos os dias, e logo chegaremos ao ponto máximo que podemos atingir juntos.

Mesmo assim, havia uma coisa que ele *não* estava explicando com todo o cuidado: o motivo pelo qual Alan estava no escuro. Mesmo que ele não *precisasse* saber a respeito da mudança iminente de Ismael, por que não contar a ele?

Foi aí que Ismael mostrou que podia “dizer” coisas sem usar palavras. Ele transmitiu uma espécie de atitude, e ela dizia claramente: *Isso não é da sua conta.*

Não foi assim tão grosso e direto como parece, traduzido em palavras. Além disso, eu já sabia que não era da minha conta. Gente enxerida sempre sabe exatamente o que é e o que não é da conta dela.

Visita a Calíope

Ismael parecia aliviado por ter falado abertamente de seus problemas. Tínhamos pouco tempo de trabalho pela frente e não podíamos ficar jogando conversa fora. Mesmo assim, comecei nosso encontro seguinte com uma questão provavelmente supérflua:

— Se você sabia que só ficaria por aqui mais algumas semanas, por que colocou o anúncio no jornal?

Ele grunhiu:

— Pus o anúncio no jornal *exatamente* porque dispunha de apenas algumas semanas. Essa talvez seja a minha última chance.

— Sua última chance do quê?

— De arranjar alguém para *levar isso adiante*.

— Isso que está em sua cabeça?

Ele fez que sim.

— Desculpe-me se estou sendo intrometida, mas achei que você tinha um monte de alunos.

— Na verdade, eu tinha, mas nenhum deles aprendeu o que você aprendeu, Julie. Nenhum deles levará adiante o que Alan está levando. Cada um recebe a mensagem de um modo. Cada um recebeu uma lição e a transmitirá de um jeito, embora a mensagem seja uma só.

— Alan não ouviu a história dos dançarinos?

— Não, e você não vai ouvir a história do infeliz aeronauta. As histórias que você ouve são criadas para você, conforme os momentos específicos em que precisa ouvi-las. Do mesmo modo, as histórias que Alan ouve são criadas apenas para ele, conforme os momentos específicos em que ele precisa ouvi-

las. E, aproveitando esta introdução, contarei outra história, que preparei para você ontem à noite. Você deve se lembrar de que eu disse que a compreensão do modo como vocês se tornaram o que são exige várias abordagens.

— Sim.

— A história de Terpsícore foi a primeira. Agora, teremos a segunda, sobre Calíope (assim chamado por causa da musa da poesia épica).

Temos um novo planeta, que você certamente adoraria visitar em sua jornada em busca da iluminação — começou Ismael. — A vida iniciou-se em Calíope do mesmo modo que na Terra. Quem quiser imaginar que Deus deu vida a todas as espécies de modo definitivo, acabado, que o faça. Quanto a mim, não consigo aceitar uma concepção tão primitiva. Se aceitarmos a idéia de que Deus é uma espécie de pai, então não poderíamos conceber um pai capaz de criar filhos completamente formados, adultos, aptos a voar como águias, ver como falcões, correr como leopardos, caçar como tubarões e pensar como cientistas da computação. Acho que só um pai muito limitado e inseguro faria isso.

“Seja lá como for, as criaturas de Calíope se desenvolveram conforme o processo amplamente conhecido como evolução. Não há razão para imaginar que se trata de um processo exclusivo da Terra. Pelo contrário, por motivos que logo se tornarão evidentes, se isso ocorresse seria uma grande surpresa”.

“Não há necessidade ou razão para mergulhar no processo em detalhe. Basta que você veja e entenda algumas poucas conseqüências. Por exemplo, chamo a sua atenção para uma criatura que surgiu em Calíope há cerca de dez milhões de anos, uma lagartixa espinhuda que tinha uma tromba comprida para poder fuçar os formigueiros. Quando digo que ela surgiu, não quero dizer que não teve predecessor. Claro que teve — creio que entende isso”.

Disse que sim.

— A lagartixa espinhuda (vamos chamá-la de tixuda) era uma criatura estranha — ou, certamente, pareceria esquisita para você ou para mim, como ocorre com o porco-espinho ou o tamanduá. Bem, gostaria de saber qual é a sua expectativa em relação a essa criatura. Acredita que seja uma contribuição bem-sucedida à comunidade dos seres vivos de Calíope?

Respondi que não tinha base nenhuma para ter uma expectativa. Como poderia ter? Ismael balançou a cabeça como se minha objeção fizesse sentido para ele.

— Vamos transpor a questão para um local mais próximo. Suponha que os biólogos descobrissem uma tixuda vivendo nos confins das florestas da Nova Guiné. Tal coisa não chega a ser totalmente impossível. Novas espécies são descobertas freqüentemente.

— Certo.

— Qual seria sua expectativa nesse caso? Acredita que tal criatura possa ser um habitante bem-sucedido das selvas da Nova Guiné?

— Claro. Por que não?

— Não é essa a questão que estamos debatendo agora, Julie. A questão é a seguinte: qual é a sua expectativa? E você me respondeu que acreditava que ela fosse uma espécie bem-sucedida. A próxima pergunta é: por que esperava que ela fosse bem-sucedida?

— Porque... se não fosse, não estaria lá, de jeito nenhum.

— E onde estaria?

— Em lugar nenhum. Teria desaparecido.

— Por que?

— Por quê? Porque... as espécies que fracassam desaparecem, não é isso?

— Nesse caso, Julie, prefiro que você mesma responda. As espécies que

fracassaram desaparecem ou não?

— Claro que sim. Não pode ser de outro jeito. Se uma espécie está aqui, então, obviamente, ela não pode ser um fracasso.

— Exatamente. Por mais estranho que possa parecer aos nossos olhos. Portanto, um pássaro que não voa, como a ema, por mais improvável que pareça, é um sucesso — no lugar onde está, no momento atual. Isso não constitui uma garantia de permanência no planeta. O dodó foi um sucesso — onde estava, quando estava. As condições mudaram e ele não conseguiu sobreviver com sucesso — onde estava, quando estava — e fracassou, desaparecendo.

— Entendo.

— Eis um fato fundamental: a comunidade da vida que vemos aqui, num dado momento, não é uma coleção reunida ao acaso. Trata-se de uma coleção de *sucessos*. O que restou depois que os fracassos desapareceram.

— Certo.

— Bem, vamos voltar a Calíope. Repito a pergunta sobre sua expectativa em relação à tixuda.

— Minha expectativa é que seja um sucesso, pois não estaria lá se fosse um fracasso.

— Muito bem. Nenhuma espécie evolui fracassando. O que a comunidade da vida promove é o sucesso: espécies capazes de lidar com as condições do meio. Por isso digo que o processo que observamos aqui é, com muita probabilidade, o mesmo processo que ocorre em qualquer lugar. Num dado momento, em qualquer planeta, as comunidades serão compostas por espécies que funcionam bem.

— Claro. Não vejo como poderia ser de outro modo.

— Ao mesmo tempo, porém, qualquer espécie pode estar em decadência.

Volte daqui a vinte anos, e talvez tenha desaparecido. Mas isso não invalida nossa expectativa geral. Qualquer espécie específica pode ser extinta se fracassar, mas certamente ela não surgiu graças ao fracasso. Nenhuma espécie surge porque fracassou. Isso é simplesmente inimaginável.

— É verdade.

— Bem, vamos voltar a Calíope para examinar as condições de reprodução da tixuda. Trata-se de um ser inteiramente promíscuo. Os machos e as fêmeas não reconhecem seus filhotes, mas as fêmeas reconhecem o ninho e cuidam de qualquer filhote que esteja no ninho. Se a fêmea encontrar um ninho de outra tixuda sem vigilância em seu território, ela penetra no ninho e mata todos os filhotes que encontrar lá.

Perguntei por que ela fazia isso.

— Suas intenções são um mistério. Mas matar os filhotes alheios leva a um aumento das chances de seu sucesso, em termos reprodutivos. Com a morte dos outros filhotes, as tixudas que carregam seus genes têm mais chance de disseminar seu patrimônio genético. Está entendendo o que eu quero dizer?

— Acho que sim. No entanto, acho um pouco vago.

— Ótimo. Os machos têm uma atitude oposta. Como expliquei, uma fêmea mata os rivais de sua cria *dentro* de seu território. Um macho mata os filhotes que estão fora de seu território.

— Por que fora e não dentro?

— Porque os filhotes que estão dentro do território podem ser dele. Dentro do território, os filhotes da fêmea estão no seu ninho apenas. Dentro de seu território, os filhotes do macho estão espalhados por toda parte.

— Minha cabeça está ficando meio confusa. Como o matar as crias fora do território aumenta as chances em termos reprodutivos?

— De uma forma diferente daquela que aumenta as chances da fêmea que

mata os filhotes dentro do território. O macho que se move fora do território está procurando oportunidades de acasalamento, e as oportunidades aumentarão se as fêmeas encontradas não tiverem crias. Se ele mata a atual geração de filhotes, a próxima carregará seus genes apenas.

— Puxa! — exclamei. — Então, a matança de filhotes não tem nada a ver com controle da população.

— Os indivíduos reagem de um modo que aumenta sua representação no conjunto genético, mas essa atuação tem outros efeitos também. Quando a população é muito densa no território da fêmea, é mais provável que ela encontre ninhos das rivais — e mais provável que mate as crias. Por outro lado, quando a população é esparsa, o macho tem menos possibilidades de acasalamento em seu próprio território e se aventura mais longe. Ao ir mais longe, é mais provável que encontre ninhadas alheias e as mate. Em outras palavras, quando o território é escassamente habitado, a fêmea mata menos crias, e o macho mata mais fora dali. Quando o território é muito povoado, a fêmea mata mais filhotes, e o macho, menos. O efeito final tende a estabilizar a população. Nada poderia dar certo a longo prazo se houvesse um efeito oposto.

— Certo.

— Bem, qual é a sua expectativa em relação a esse sistema? Espera que seja um sucesso para as tixudas ou um fracasso?

A pergunta me pareceu sem sentido e eu expressei isso.

— Pelo jeito que você descreveu, qualquer sistema seria um sucesso. Você pode inventar qualquer coisa, e vou dizer que a minha expectativa é que funcione direito. Você poderia inventar um sistema no qual as tixudas não se reproduzissem, e eu seria obrigada a dizer que funciona, senão elas não continuariam lá, certo?

— Uma objeção válida — concordou ele. — Todavia, não se trata apenas de uma fantasia inventada por mim. Ocorre exatamente isso entre os camundongos-de-pata-branca, *Peromyscus leucopus*, conforme foi observado nas matas dos montes Allegheny. Não quero dizer que isso seja exclusividade deles. Padrões similares podem ser encontrados em ratos-calungas, gerbos, lemingues e várias espécies de macaco.

— Certo. Só não sei aonde você quer chegar.

— Estou tentando mostrar o caminho para você. Os hábitos da tixuda (ou do camundongo-de-pata-branca) parecem bizarros, até que se compreenda como contribuem para o sucesso do animal. Talvez se possa considerá-los até imorais, algo a que pessoas decentes devem pôr um fim.

— É, isso é verdade.

— Gostaria que você entendesse que, ao tentar impingir-lhes um comportamento que considera mais nobre e elevado, eles provavelmente seriam extintos em poucas gerações. Para usar um pouco do jargão, nosso exame de suas estratégias mostrou que eles são evolutivamente estáveis. Imagine que essas espécies, na condição que as vemos agora, são o resultado de centenas de milhares de experimentos realizados num período de dez milhões de anos. Durante esse tempo, todos os tipos de estratégia reprodutiva foram testados. Muitos levariam à eliminação da espécie — como a sua sugestão de não se acasalarem. Animais que não se acasalam obviamente não contribuem para o patrimônio genético. Geração após geração, aqueles que não têm tendência para o acasalamento não se reproduzem. Geração após geração, essa tendência diminui. Isso faz sentido para você?

— É claro que faz.

— Durante esse período, dezenas de estratégias são testadas. Aquelas que favorecem o sucesso reprodutivo são reforçadas a cada geração e as que

tendem a diminuir esse mesmo sucesso perdem força. Isso também faz sentido?

— Claro.

— Ao final desse período, vemos que um único conjunto de estratégias prevaleceu. Quando o território começa a ficar congestionado, as fêmeas matam as crias dos ninhos das rivais. Quando as oportunidades reprodutivas passam a escassear, os machos saem do seu território e matam os filhotes que encontram pelo caminho. Uma análise dessas estratégias mostra as razões pelas quais elas não podem ser reforçadas por nenhuma outra. Mas este não é o momento nem o local para tal análise, e peço que aceite a minha palavra a esse respeito. As duas estratégias são evolutivamente estáveis, o que significa que não existe nenhuma outra capaz de superá-las. Qualquer outra estratégia falharia. Indivíduos que desistem de matar filhotes nas circunstâncias descritas não terão o mesmo sucesso reprodutivo dos indivíduos que persistem nessa conduta. Isso significa que qualquer ataque a essa estratégia é uma investida à viabilidade biológica das espécies em questão.

— Tá legal. A minha cabeça está zumbindo, mas acho que entendi.

— Esses padrões infanticidas devem parecer esquisitos para você. Eu arriscaria dizer que isso não se deve a características intrinsecamente peculiares, mas, sim, ao fato de que você não cresceu convivendo com eles, como ocorreu com outros padrões. Você nunca verá um documentário sobre os camundongos-de-pata-branca, pois eles não são temas fascinantes, em termos cinematográficos. O que você *sempre* verá em documentários são criaturas enormes, dramáticas, como cabritos monteses e elefantes-marinhos. E eles, indubitavelmente, mostrarão comportamentos que promovem o sucesso reprodutivo individual. Por exemplo, num filme sobre cabritos monteses, verá cenas em que os machos lutam entre si dando cabeçadas. Da

mesma forma, filmes sobre os elefantes-marinhos em geral mostram machos gigantescos lutando violentamente pela posse de um harém. As pessoas se divertem com tais espetáculos, mas não apreciariam ver os camundongos-de-pata-branca mordendo a cabeça de filhotes menores do que um polegar.

— Concordo.

— Não obstante, os confrontos entre as criaturas que eu mencionei são igualmente mortais. E mais interessantes aos nossos olhos.

— É verdade, acho. Mas não sei bem aonde quer chegar.

— Estou tentando fazer com que você se acostume com o fato de que coisas aparentemente estranhas em sua percepção na verdade não são mais estranhas do que outras que parecem normais. Está acostumada a ver animais de comportamento agressivo, de modo que a agressividade dos cabritos monteses e elefantes-marinhos não chega a chamar a sua atenção. Mas, como não está habituada a ver animais matando as crias dos rivais, o comportamento infanticida dos camundongos-de-pata-branca lhe parece grotesco, talvez até chocante. Mas, no fundo, as duas estratégias são grotescas e comuns. Acho que se pode dizer que estou tentando fazer com que você pare de olhar para seus companheiros da comunidade da vida como se fossem personagens de *Bambi* — humanos disfarçados de animais. Num desenho animado de Disney, dois cervos machos trocando chifradas são retratados como guerreiros valorosos e heróicos. Um camundongo-de-pata-branca se esgueirando no ninho de um rival para matar a ninhada, porém, seria inevitavelmente mostrado como um vilão desprezível e covarde.

— Sei. Dá para entender, sem dúvida.

Calíope, parte II

— Acho apropriado, Julie, comentar alguns aspectos gerais da competição na comunidade da vida.

— Tá legal.

— Alan e eu estamos explorando a questão da competição entre as espécies diferentes, ou *extra-espécies*. Um determinado conjunto de regras ou estratégias foi evoluindo na comunidade da vida, assegurando uma competição acirrada, mas limitada, entre as espécies. *Grosso modo*, podemos resumir isso da seguinte maneira: “Competir até o limite máximo de sua capacidade, sem, no entanto, eliminar seus competidores, destruir seu alimento ou negar-lhes acesso ao alimento”. Você e eu (caso ainda não o tenha notado) estamos explorando um outro tipo de competição: entre os membros de uma mesma espécie, ou *intra-espécies*.

— Claro — disse eu, animada. — Tudo bem.

— Como você pode notar facilmente, no caso dos camundongos-de-pata-branca, as regras aplicáveis à competição entre extra-espécies não valem para a competição entre intra-espécies. Uma fêmea de camundongo-de-pata-branca se empenhará em matar os filhotes de uma fêmea rival, mas não moverá um dedo para matar filhotes de musaranho. Gostaria que me dissesse o motivo desse comportamento.

Depois de analisar a questão, respondi:

— Pelo que estou entendendo, ao matar os filhotes rivais, o camundongo-de-pata-branca está aumentando as probabilidades de seu sucesso reprodutivo. Terá mais genes no conjunto genético do que o rival. Certo?

— Perfeitamente correto.

— Assim, matar as ninhadas de musaranho não lhe dará tal benefício.

— Por que não?

— A morte dos filhotes de musaranho seria irrelevante. Os genes dos musaranhos são parte do patrimônio genético desta espécie, certo? Será que eu estou entendendo?

Ismael fez que sim com a cabeça.

— Você está entendendo direito. Os genes dos musaranhos fazem parte apenas do patrimônio genético deles.

— Portanto, matar musaranhos não aumenta as chances de um camundongo-de-pata-branca, assim como matar corujas ou jacarés.

Ismael me encarou por tão longo tempo que comecei a me encolher. Finalmente, perguntei-lhe se havia algum problema.

— Nenhum, Julie. Sua habilidade em responder a cada questão me leva a perguntar se você não andou estudando esse tema.

— Não — respondi. — Não tenho nem mesmo certeza de qual é exatamente o tema.

— Não importa. Você é muito rápida. Preciso tomar cuidado para não torná-la presunçosa. Sua conclusão, porém, é muito abrangente. O camundongo-de-pata-branca pode obter *algum* benefício com a morte das crias dos musaranhos, pois elas consomem os mesmos alimentos dos seus filhotes.

— Então, por que não matá-los?

— Porque há milhares de espécies que competem com as crias dos camundongos por *alguns* recursos naturais — e a mãe não pode matar todas. Contudo, existe apenas uma espécie que compete com seus filhotes por *todos* os recursos — *totalmente*.

Demorei um segundo para entender. Então, claro, percebi tudo:

— Os outros camundongos-de-pata-branca.

— Claro! Acabar com um ninho repleto de musaranhos traria um benefício muito limitado aos camundongos. Mas eliminar um ninho de camundongos-de-pata-branca representa um benefício claro, indubitável.

— Claro, estou entendendo.

— Por esse motivo, as leis que regulam a competição *entre* as espécies são (e devem ser) muito diferentes das regras de competição *dentro* da espécie. A competição dentro da espécie é sempre mais árdua do que a competição entre espécies. Isso porque os membros da mesma espécie estão sempre competindo pelos mesmos recursos. E isso é particularmente verdadeiro quando se trata do acasalamento. Centenas de espécies podem competir com o camundongo-de-pata-branca para comer urna amora, mas só haverá outro camundongo competindo para se acasalar com uma fêmea.

— Entendo — disse eu.

— O que você quer dizer com “entendo”?

— Entendo, quero dizer que voltamos às batalhas implacáveis dos elefantes-marinhos e cabritos monteses. Estou certa?

— Não exatamente — disse o gorila. — Nosso foco recai sobre a competição geral intra-espécies por todos os recursos e não apenas na questão reprodutiva.

— Certo. Mas... estamos realmente no caminho principal? Isso nos levará à explicação do motivo que nos leva a recorrer a espíritos, anjos e extraterrestres para descobrir como viver bem?

— Por mais estranho que pareça, estamos definitivamente no caminho correto.

— Ótimo.

— A evolução favorece o que funciona direito. Por exemplo, já vimos que

matar ninhadas rivais funciona para o camundongo-de-pata-branca. Mas, claro, não daria certo se os camundongos matassem seus próprios filhotes. Essa estratégia não poderia dar certo. Jamais funcionaria, pois conduz à eliminação. Acho que consegue entender isso.

— Claro!

— Bem, agora vamos dar uma espiada no que funciona bem quando se trata de competição entre membros de uma mesma espécie, pois eles estão competindo constantemente pelos mesmos recursos, e as oportunidades de conflito surgem diariamente ou a cada hora até. Obviamente, portanto, a evolução deve ter incentivado modos de resolver os conflitos que não sejam necessariamente mortais. A resolução de todos os conflitos relativos a recursos pelo combate até a morte não daria certo.

— Claro. Quanto a isso, não tenho dúvida.

— Existe um número finito de estratégias que podem ser adotadas por membros de uma mesma espécie, mas fazer uma lista delas agora não serviria a nossos objetivos. Prefiro fazer uma nova visita a Calíope para estudar os Awks e examinar as estratégias que a evolução promoveu entre eles para lidar com o conflito.

— Que são Awks?

— Os Awks são uma espécie resultante do cruzamento de macacos com avestruzes caso você consiga imaginar uma mistura tão bizarra. Originalmente, eram pássaros, mas sentiam-se tão à vontade nas árvores que o vôo se tornou algo supérfluo para eles. Por isso, assemelham-se às avestruzes, com asas pequenas, atrofiadas. E aos macacos, pois desenvolveram membros capazes de agarrar e balançar. As pernas e o rabo permitem escapar de quase todos os predadores. Ao contrário de muitas espécies cujos machos se tornam supérfluos depois de fecundar a fêmea, o macho Awk precisa continuar por

perto para providenciar a alimentação dos recém-nascidos. E, quando a presença dele não é mais necessária para a alimentação dos filhotes, as três ou quatro fêmeas sob seus cuidados tornam-se aptas para acasalar novamente. Portanto, os Awks adotam um tipo de vida doméstica.

“Quando dois Awks se encontram e disputam uma fruta apetitosa, geralmente ocorre o seguinte: eles se encaram, arreganham os dentes e gritam. Se um deles é visivelmente menor do que o outro, em geral ele desiste e foge. Mas nem sempre isso acontece. A cada cinco vezes, em duas (talvez dependendo do tamanho da fome) o menor começa a pular de um lado para outro, numa atitude ameaçadora. Nesse momento, o outro geralmente recua, mesmo que seja maior. Nem sempre, porém. Uma a cada cinco vezes ele se recusa a aceitar a intimidação e tenta reagir, pulando e mostrando os dentes. Isso leva o outro a botar o rabo entre as pernas — novamente, nem sempre. Talvez a cada dez vezes observemos a insistência do menor em ameaçar o maior, e isso conduz a um confronto físico, que dura entre vinte e trinta segundos, resultando em pequenos cortes e machucados. O vitorioso come a fruta”.

“A estratégia seguida pelos Awks pode ser resumida da seguinte forma: ‘Ao ser enfrentado por um competidor Awk, seja agressivo, mas recue se o outro for muito maior — a não ser que você realmente precise do objeto em disputa. Nesse caso, tente ocasionalmente ser um pouco mais agressivo, para ver se o outro recua. Se ele reagir com mais agressividade, fuja. A não ser que realmente dependa do objeto e ache que é seu dia de sorte’. É claro que não estou dizendo que essa estratégia seja consciente. Se formos articulá-la em palavras, podemos dizer que os Awks se *comportam* como se seguissem uma estratégia consciente, do modo que descrevi”.

— Entendo.

— Bem, esse tipo de comportamento não é raro. A maior parte das espécies resolve seus conflitos internos dessa maneira. Não vale a pena entrar numa batalha séria por causa de uma fruta, mas também não vale a pena recuar a cada disputa por uma fruta. É importante assumir um comportamento previsível até certo ponto, mas também é importante mostrar-se imprevisível. Por exemplo, seu oponente deve saber que você, ao mostrar os dentes, está disposto a atacar. Por outro lado, seu oponente não pode confiar em que você recuará só por que lhe mostrou os dentes.

— Certo.

— Repito: esse tipo de estratégia evolui porque *funciona* — repetidamente, para todas as espécies, e provavelmente no universo inteiro.

— É, isso faz sentido.

Ismael parou para refletir por um momento.

— Estou tentando mostrar a você que, se fizesse a viagem de seu sonho, encontraria o mesmo cenário evolutivo em todos os lugares, pois no universo inteiro (e não apenas em nosso planeta) a evolução é um processo que, por suas características intrínsecas e invariáveis, promove o que funciona direito, e o que funciona direito não pode variar muito de um planeta para outro. Aonde quer que você vá, em todo o universo, encontrará espécies *desaparecendo* em consequência do fracasso, mas nunca uma espécie *surgindo* por causa de um fracasso. Aonde quer que você vá no universo, verá que nunca vale a pena lutar até a morte por um bocado de alimento.

Fechei os olhos e me recostei na poltrona para meditar sobre a questão. Depois de algum tempo, disse:

— Você está me dizendo algo sobre a sabedoria que eu conseguiria ter se eu fosse capaz de realizar a jornada galáctica de verdade.

Ele concordou inclinando a cabeça.

— Isso mesmo. Em certo sentido, nós dois estamos empreendendo a viagem aqui mesmo, sem sair do chão. Prosseguindo... em meu exame inicial das estratégias competitivas dos Awks, achei melhor não falar de um elemento muito importante, a territorialidade. Gostaria de introduzi-lo agora. Os humanos freqüentemente interpretam mal a territorialidade dos animais, pois raciocinam em termos humanos. Um grupo de homens começa tentando encontrar um território para se estabelecer — um lugar que consideram sua propriedade. Cercam um pedaço de terra e dizem: “Este território é nosso e vamos defender tudo o que há nele”. As pessoas presumem, portanto, que um animal adota a mesma atitude quando marca um território com o seu odor. Esse antropomorfismo produz muitos equívocos. Não somente porque os animais são incapazes de tal nível de abstração, mas também porque eles não sabem nada a respeito de territórios e não se interessam nem um pouco por esse assunto. Para começo de conversa, um animal jamais procura um território nesses termos — uma propriedade. Ele procura alimentar-se e acasalar-se e, quando encontra o que deseja, traça um círculo em sua volta, alertando os rivais de sua espécie: “Os recursos que estão dentro do círculo têm dono e serão defendidos”. Ele não dá a mínima para o número de metros quadrados e, se os recursos desaparecerem, o animal irá embora sem olhar para trás.

— Isso me parece meio óbvio — disse eu.

Ismael deu de ombros.

— Qualquer caminho parece óbvio quando está aberto. Contudo, tendo estabelecido que existe uma diferença, podemos prosseguir como se isso não tivesse importância. Em geral, animais que defendem seus recursos agem exatamente como se estivessem defendendo um território. Podemos começar notando que os animais não defendem o território contra os milhares de

espécies que o invadem — não poderiam e não precisariam. A única espécie contra a qual precisam defender o território é a sua própria, pelos motivos já delineados.

“A territorialidade acrescenta outra dimensão ao conflito entre seres da mesma espécie. Há quarenta anos o grande zoólogo holandês Nikolaas Tinbergen conseguiu realizar uma bela demonstração do fato, usando dois esgana-gatas machos, que fizeram ninhos em cantos opostos de um mesmo aquário. Tinbergen usou dois cilindros de vidro no aquário para capturar os esgana-gatas e trocá-los de lado. Vamos chamá-los de Azul e Vermelho. Quando colocava o Azul e o Vermelho juntos nos cilindros no meio do aquário, cada um reagia com igual hostilidade em relação ao outro. Mas, quando os aproximava do ninho do Vermelho, o comportamento deles começava a mudar. O Vermelho tentava atacar e o Azul buscava bater em retirada. Quando os colocava perto do ninho do Azul, os papéis se invertiam: o Azul atacava e o Vermelho fugia. (Isso, aliás, também demonstra a falácia da ‘territorialidade’: os esgana-gatas não estavam disputando água obviamente.) Eis o elemento que a territorialidade adiciona as estratégias típicas, adotadas pelos seres de uma mesma espécie em seus conflitos: ‘Se você é o residente, ataque; se é o intruso, bata em retirada’. Se tiver um cão, ou um gato, poderá ver essa estratégia repetida inúmeras vezes nas vizinhanças de sua casa”.

— Tá legal, mas, já que falou em cães e gatos, tenho uma dúvida sobre animais e territorialidade. Cães e gatos costumam voltar insistentemente para os antigos lares, mesmo depois que sua família humana se mudou para outro lugar.

Ismael balançou a cabeça.

— Você tem razão, Julie. Eu não pensava em animais domésticos quando

fiz o comentário. Animais domésticos adotam uma atitude similar à dos humanos em relação a território. Em larga medida, é isso que os torna animais domésticos. Aliás, a própria palavra “domesticado” significa “ligado ou acostumado a uma casa”. Se fossem abandonados e retornassem ao estado selvagem, contudo, você poderia ver que eles rapidamente deixariam de lado essa ligação com a casa, pois ela seria totalmente imprópria na natureza.

— É, acho que sim — disse eu.

— Vamos retornar a Calíope e aos Awks — continuou Ismael. — Digamos que cinco milhões de anos tenham transcorrido desde nossa última visita. Houve importantes alterações climáticas. A cobertura florestal que abrigava os Awks desapareceu, embora isso não tenha ocorrido muito depressa, permitindo que os Awks se adaptassem às mudanças paulatinas. O que vemos agora é uma espécie que vive no solo e não mais nas árvores. Como, na verdade, eles constituem uma nova espécie, vamos batizá-los com outro nome. Vamos chamá-los de Bawks. Os Bawks não conseguem mais escapar dos predadores espalhando-se pelo alto das árvores, como seus ancestrais. Naquela época, era cada um por si, o que funcionava perfeitamente. Agora, porém, eles precisam ficar juntos e formar uma tropa de defesa. Se um indivíduo tentar fugir sozinho, provavelmente será apanhado por um predador.

“Os ancestrais dos Bawks comiam tudo o que havia nas árvores: frutas, nozes, folhas e uma grande variedade de insetos. Não eram suficientemente ágeis para pegar pássaros adultos, mas ninhos desprotegidos eram uma tentação inevitável. Quando foram forçados a descer das árvores em busca de comida, continuaram a comer o que encontrassem. No entanto, as condições no solo eram diferentes. Para começo de conversa, a comida não estava mais ao alcance da mão. No chão havia mais animais competindo pelo alimento

disponível. Foram então obrigados a diversificar a dieta. Muitos de seus competidores eram perfeitamente comestíveis, embora fosse mais difícil pegá-los, pois os Bawks não eram tão ágeis no solo quanto nas árvores. Gradualmente, os Bawks desenvolveram algo capaz de compensar a falta de velocidade. Eles aprenderam a caçar em grupo, e essa estratégia aumentou sua eficácia. Os ancestrais dos Bawks não tiveram necessidade de aprender nada disso”.

“O tipo de competição entre eles também mudou. Embora os indivíduos continuassem a competir com outros indivíduos pelos recursos, o sucesso de cada indivíduo dependia da cooperação com os outros, para assegurar o sucesso do grupo. Como já mencionei, quando eram atacados, os Awks simplesmente se espalhavam pelos galhos das árvores. Mas os Bawks não eram tão ágeis para fazer isso no chão. Eram obrigados a cerrar fileiras e lutar como grupo. Os Awks viviam exclusivamente da coleta individual, que funcionava perfeitamente nas árvores. Já os Bawks, confinados ao solo, conseguiam se alimentar melhor se caçassem em grupo. Podemos notar que a competição não se dava mais prioritariamente entre os indivíduos. Ela acontecia agora entre grupos. Contudo, embora a entidade competitiva tenha mudado, as estratégias eram as mesmas: ‘O grupo residente ataca; o invasor recua. Se nenhum dos grupos é residente ou invasor, adota-se uma estratégia mista. Ameace o outro grupo; se ele fugir, ótimo. Se reagir com ameaça, é melhor atacar, em certas ocasiões. Em outras recuar. Caso seu grupo seja ameaçado, reaja algumas vezes e fuja outras’. Essas estratégias permitiram aos grupos de Bawks viver lado a lado, sem que um eliminasse o outro, ou fosse massacrado. Ao mesmo tempo, eles podiam competir pelos recursos de que necessitavam sem precisar lutar até a morte por cada frutinha”.

— Entendi — disse eu, disposta a fazer a minha parte naquela história.

— Bem, agora vamos deixar Calíope e voltar cinco milhões de anos no tempo. Depois de fazer uma pequena exploração, descobrimos que os Bawks continuam vivendo bem. Um ramo deles evoluiu, até tornar-se uma nova espécie, que chamaremos de Cawks. Não precisamos teorizar sobre as pressões que induziram seu rumo evolutivo específico. Para os nossos propósitos, basta saber que ele ocorreu. Os Cawks, em vários aspectos, estavam mais próximos dos Bawks do que estes dos Awks, que viviam nas árvores, como você se recorda, da coleta individual, e se espalhavam quando atacados. Os Cawks viviam no solo como os Bawks, buscavam comida em grupo e reagiam em conjunto quando atacados. No entanto, os Cawks deram um passo gigantesco no desenvolvimento dessas tendências. Tornaram-se seres culturais. Isso significa que os indivíduos de uma geração passavam aos outros o que aprendiam de seus pais, acrescentando as descobertas que haviam feito no decorrer de sua vida. Eles transmitiam o material acumulado nos diversos períodos do passado. Por exemplo, os filhotes aprendiam que os ramos de certa árvore poderiam ser usados como uma espécie de vara de pescar formigas se removessem as folhas e os introduzissem nos formigueiros. Essa técnica datava de quatro milhões de anos. Todos aprendiam a curtir a pele dos animais para usá-la na confecção de cordas e roupas, uma técnica que já tinha dois ou três milhões de anos. E a fazer fios a partir de certas fibras da casca de uma árvore, acender o fogo, transformar pedras em ferramentas, manufaturar lanças e instrumentos para arremessá-las. Essas técnicas tinham um milhão de anos. Milhares de técnicas e processos — de várias eras — eram transmitidos de uma geração a outra.

“Embora os Cawks vivessem em grupos, como seus predecessores, os Bawks, não seria correto chamá-los de grupos, pois não existe distinção entre um grupo e outro. Na verdade, os Cawks viviam em tribos — os Jays, Kays,

Ells, Emms, Enns, e assim por diante — e cada uma delas era diferente da outra. Cada tribo possuía um patrimônio cultural próprio, distinto, que passava de uma geração a outra, bem como as diversas técnicas descritas anteriormente, que formavam a herança cultural comum a todos os Awks. A herança tribal incluía canções, histórias, mitos e costumes que podiam ter milhares ou centenas de milhares de anos de idade. Neste momento em que os estudamos, eles não são povos letrados e, mesmo que o fossem, seus registros não abrangeriam dezenas de milhares de anos. Se lhes perguntassem a idade dessas coisas, eles responderiam apenas que ninguém sabia. Tudo aquilo, pensavam, vinha desde a aurora do mundo. No que dizia respeito a um jay, sempre haviam existido, literalmente. Isso valia também para os Kays, os Ells, os Emms e todo o resto”.

“Existem certas diferenças entre as tribos que parecem um tanto caprichosas. Uma tribo gosta de cestos de palha trançada; outra, de fibra. Uma tribo trança os cestos em preto e branco, outra trabalha com motivos coloridos. Mas há outras diferenças que parecem cruciais. Numa tribo, a linhagem é determinada pela mãe, enquanto em outra vale a ascendência do pai. Numa tribo, os anciões têm direito a opinar de modo decisivo nos assuntos coletivos; em outra, todos os adultos se equivalem. Numa tribo, transmite-se o poder de modo hereditário; em outra, o chefe mantém o poder até ser derrotado em combate individual. Entre os Emms, os parentes importantes são a mãe e os tios maternos; o pai não tem a menor importância. Entre os Ells, homens e mulheres nunca coabitam como marido e esposa; os homens moram numa casa e as mulheres, em outra. Uma tribo pratica a poliandria (vários maridos), e a outra, a poliginia (várias esposas). E assim por diante”.

“Ainda mais importantes do que todas essas coisas são as leis tribais que têm uma única característica comum: não constituem listas de atos proibidos e

sim de procedimentos para lidar com problemas que surgem inevitavelmente na vida em comunidade. Que se deve fazer quando alguém perturba constantemente a paz por descontrole do temperamento? Como proceder quando um cônjuge é infiel? Como agir no caso de um membro da tribo ferir ou matar outro? Ao contrário das leis que você conhece, Julie, aquelas nunca foram formuladas por um comitê. Elas surgiram entre os membros da tribo assim como as estratégias de competição se desenvolveram — por eliminação constante de tudo o que não funciona, do que não corresponde aos desejos da população — durante dezenas de milhares de anos. Num sentido muito real, os Ells *são* as leis dos Ells. Ou, melhor ainda, as leis de cada tribo representam a *vontade* da tribo. Suas leis fazem sentido totalmente dentro do contexto global da sua cultura. As leis dos Ells não fazem sentido para os Emms, mas que diferença isso faz? Os Emms têm suas próprias leis, que fazem sentido para eles, embora sejam muito diferentes das dos Ells, ou de qualquer outro povo”.

“Deve ser difícil para você imaginar uma coisa dessas, mas as leis de cada tribo são inteiramente suficientes para ela. Tendo sido formuladas no decorrer da existência da tribo, durante milhares de anos, é quase inconcebível que surja uma situação inédita. Nada assume maior importância para uma geração do que receber a lei integralmente. Ao se tornarem Enns ou Emms, os jovens de cada geração são imbuídos do espírito da tribo. As leis tribais representam os *meios* para alguém se tornar um Ell ou um Kay. Essas leis não são iguais às suas, Julie, que são em larga medida inúteis, ignoradas e desprezadas, além de permanentemente sujeitas a mudanças. As leis tribais cumprem a tarefa inerente a elas, ano após ano, geração após geração, era após era”.

— Bem — disse eu —, parece bárbaro, mas, para falar a verdade, dá uma impressão de que é meio estagnado.

Ismael balançou a cabeça.

— Eu quero que você seja honesta, Julie. Sempre. Lembre-se, porém, de que em todos os casos essas leis representam a vontade da tribo e não a vontade de alguém de fora. Ninguém é obrigado a adotar tais leis. Nenhum tribunal mandará uma pessoa para a cadeia se ela desprezar essa herança. Todos têm completa liberdade para abandonar as leis quando quiserem.

— Certo.

— Resta uma tarefa antes de considerarmos encerrado o nosso dia: examinar a competição entre os Cawks. Os padrões estabelecidos entre eles são muito similares aos que vigoravam entre os Bawks. Dentro da tribo, o que funciona melhor, para cada indivíduo, é apoiar e defender a tribo; apesar de os membros precisarem dos mesmos recursos, o melhor meio para obtê-los é a cooperação entre eles. Assim como no caso dos Bawks, em que a competição se dá em termos de grupo contra grupo, a competição entre os Cawks ocorre na base da tribo contra tribo. Nessa área, notamos que uma nova estratégia se faz presente, em adição àquelas que nós já conhecemos. Ela pode ser descrita como a estratégia da retaliação sem nexos: “Pague na mesma moeda, mas não seja muito previsível”.

“Na prática, *pagar na mesma moeda* significa não incomodar os Emms, se eles não o incomodarem. Se os Emms o incomodarem, retribua a gentileza, sempre. *Não seja muito previsível* significa que pode ser uma boa idéia agir de modo hostil em relação aos Emms, de tempos em tempos, mesmo que eles não o incomodem. A retaliação da parte deles é certa, pois sempre pagam na mesma moeda. No entanto, esse é o preço a pagar pela demonstração de que sua tribo continua ali, e alerta. Então, assim que a situação estiver equilibrada entre as tribos, pode se dar uma grande festa para comemorar a amizade imorredoura e promover alguns casamentos (pois, obviamente, não pode haver

casamento apenas entre os membros da tribo, eternamente)”).

“Embora a estratégia da ‘retaliação sem nexos’ possa parecer belicosa, na verdade funciona como uma estratégia de manutenção da paz. Pense em duas pessoas que discutem se devem ir ao cinema ou ao teatro. Em vez de resolver a disputa em uma luta, elas tiram cara ou coroa, concordando de antemão que irão ao cinema se der cara e ao teatro se der coroa. O mesmo objetivo é atingido ao determinar o ataque aos residentes e a retirada aos invasores. O combate é evitado se as duas partes seguem a mesma estratégia. Mesmo assim, se você passar um ano observando os Jays, Kays, Ells, Emms, Enns e Ohhs, verá que eles se mantêm num estado constante de prontidão relaxada contra os outros. Isso não significa escaramuças diárias ou mensais, embora possa haver confrontos esporádicos nas áreas de fronteira. Estou querendo mostrar que a tribo vive em estado de alerta constante. Uma vez por ano, em média, uma das tribos ataca a tribo vizinha, ou várias delas. Para uma pessoa da sua cultura, isso causa espanto. Uma pessoa da sua cultura quer saber quando os Cawks conseguirão finalmente resolver suas diferenças e aprender a viver em paz. E a resposta é que os Cawks aprenderão a resolver suas diferenças e a viver em paz quando os cabritos monteses aprenderem isso, ou quando os esgana-gatas e os elefantes-marinheiros fizerem isso também. Em outras palavras, as estratégias competitivas praticadas entre os Cawks não devem ser vistas como desordens ou falhas de caráter, como ‘problemas’ que exigem uma solução, pois não são nada disso, assim como as estratégias competitivas dos camundongos-de-pata-branca, lobos e alces tampouco o são. Longe de serem defeitos a ser suprimidos, são o que restou depois da eliminação de todas as outras estratégias. Em resumo, são evolutivamente estáveis. Elas funcionam bem para os Cawks. Foram testadas durante milhões de anos, e todas as outras estratégias foram eliminadas por ineficiência”.

— Que bárbaro! — disse eu. — Isso parece ser o auge.

— E é — confirmou Ismael. Mais uma coisa e podemos encerrar por hoje. Por que os Enns reagem aos ataques dos vizinhos e ocasionalmente os agrirem? Por que não persistem e os aniquilam?

— Por que deveriam fazer isso?

Ismael balançou a cabeça.

— Essa não é a pergunta correta, Julie. Não importa o motivo. A pergunta certa é: por que não funcionaria bem? Talvez funcionasse. Talvez fosse melhor do que a outra estratégia. Em vez de atacar os Emms esporadicamente, os Jays podem simplesmente aniquilá-los.

— Isso muda completamente o jogo.

— Prossiga.

— Seria como tirar cara ou coroa e depois não aceitar o resultado.

— Por quê?

— Porque os Emms não *poderiam* retaliar se fossem exterminados. O jogo assim: “Você sabe que vou retaliar se você me atacar, e sei que você vai retaliar se eu o atacar”. Mas, se eu exterminar você, você não pode retaliar. Aí o jogo acaba.

— Isso é verdade. Mas e daí, Julie? Suponhamos que os Jays aniquilem os Emms. O que os Kays, Ells e Enns vão pensar a esse respeito?

A ficha caiu finalmente.

— Entendi aonde quer chegar — disse eu. — Eles dirão: “Se os Jays começarem a aniquilar os oponentes, precisamos adotar uma nova estratégia em relação a eles. Não podemos nos dar ao luxo de tratá-los como se eles estivessem jogando Retaliação sem Nexo, porque não é o caso. Precisamos tratá-los como quem joga Aniquilação; caso contrário, *seremos* aniquilados”.

— E como se deve tratá-los quando jogam Aniquilação?

— Acho que depende. Se os Jays voltarem a jogar Retaliação sem Nexo, provavelmente é melhor deixá-los viver. Mas, se os Jays continuarem a jogar Aniquilação, então os sobreviventes precisam unir as forças contra os Jays e aniquilá-los.

Ismael balançou a cabeça.

— Foi isso que os nativos americanos fizeram com os colonizadores europeus quando finalmente ficou claro que não pretendiam jogar outra coisa com eles a não ser Aniquilação. Os nativos americanos tentaram deixar de lado as rivalidades tribais e unir as forças contra os colonizadores — mas esperaram até ser tarde demais.

Intervalo

Entre as sessões da sala 105, acho que deveria haver um interlúdio musical, ou uma sessão de Reflexões Profundas, ou qualquer coisa, para o pessoal poder se levantar, ir ao banheiro e tomar um lanche. Sou forçada a admitir que Alan lidou com isso de um jeito legal no livro dele. Mas ele é profissional, certo? Ele não fez mais do que a obrigação. A única coisa que eu consigo fazer é sapatear por dez ou vinte segundos.

No fundo, a verdade é que sou meio preguiçosa. Não quero nem pensar no que estava acontecendo comigo nas quarenta e oito horas que passaram entre a sessão que acabei de descrever e a seguinte.

Droga, mas isso não está certo. A verdade é a seguinte: não quero que *ninguém* saiba o que estava acontecendo comigo. Era importante demais. Ismael estava me virando pelo avesso e de cabeça para baixo, e eu não podia compartilhar isso com ninguém. Ainda não consigo. Sinto muito.

Também acho legal o modo de Alan tornar cada nova visita um acontecimento extraordinário. Pelo que eu me lembre, voltei à sala 105, entrei e sentei na poltrona. Ismael levantou a cabeça e me encarou, com ar intrigado.

Fiquei meio sem jeito e perguntei educadamente:

— Isso aí é aipo?

Ele franziu o cenho, enquanto examinava o talo.

— Isto é aipo — respondeu, em tom solene.

— Pensei que aipo fosse uma coisa que serviam em festas finas com patê de atum.

Ismael meditou por um momento e depois disse:

— Eu acho que aipo é um alimento para gorilas, que cresce

espontaneamente no meio do mato e pode ser encontrado, às vezes. Vocês não *inventaram* o aipo, sabia?

Bom, foi assim que começou *aquela* sessão.

Quando parei de rir, disse:

— Não sei bem como devo entender a história a respeito dos Awks, Bawks e Cawks. Posso dizer o que eu *acho* que entendi?

— Por obséquio.

— Os Cawks são um modelo dos humanos que viviam há dez mil anos.

Ismael concordou:

— E continuam vivendo nos locais aonde as pessoas da sua cultura não conseguiram chegar para destruí-los.

— Certo. Mas por que falar tudo isso sobre Awks, Bawks e Cawks?

— Vou explicar o meu raciocínio, esperando que faça sentido. A estratégia competitiva seguida pelos povos tribais que conhecemos na atualidade é, *grosso modo*, a de retaliação sem nexos que atribuí aos Cawks: “Pague na mesma moeda, mas não seja muito previsível”. O que se observa entre essas tribos é exatamente o que descrevi a respeito dos Cawks: cada tribo vive em estado de alerta permanente — numa condição de belicosidade mais ou menos constante, embora relaxada, no que diz respeito aos vizinhos. Quando os povos Pegadores — pessoas da sua cultura — encontram tais tribos, não sentem curiosidade de saber o que leva as tribos a viver assim, ou se a vida delas faz sentido naquela situação, ou se funciona satisfatoriamente para elas. Os Pegadores dizem simplesmente: “Isso não é um modo de vida aceitável e não vamos tolerá-lo”. Jamais lhes ocorreria tentar impedir o camundongo-de-pata-branca de levar a vida a seu modo, ou proibir os elefantes-marinhos e cabritos monteses de viver como desejassem. No entanto, consideram-se, com

a maior naturalidade, especialistas no modo como os seres humanos devem viver.

— Isso é verdade — disse eu.

— A questão seguinte a considerar é: há quanto tempo os povos tribais vivem assim? Eis a resposta: não existe motivo para se supor que esse modo de vida seja novidade para os povos tribais, assim como não se deve supor que a hibernação seja uma novidade para os ursos, ou a migração para os pássaros, ou a construção de represa para os castores. Pelo contrário, o que vemos na estratégia competitiva dos povos tribais é uma estratégia evolutivamente estável, aperfeiçoada durante centenas de milhares de anos, quem sabe até por mais de um milhão de anos. Na verdade, não sei como essa estratégia se desenvolveu. Posso, no máximo, fazer uma narrativa hipotética de seu desenvolvimento. Não resta dúvida sobre a condição final da estratégia, mas saber como *chegou* a esse estado talvez jamais ultrapasse o terreno das conjecturas. Isso ajuda?

— Ajuda. Mas me diga em que ponto do caminho principal estamos.

— Vou lhe dizer onde estamos. Quando se convive com povos tribais, descobre-se que eles não consultam os céus para encontrar um modo de vida. Não precisam de um anjo ou homem do espaço para iluminá-los. Eles *sabem* como viver. Suas leis e costumes constituem um guia detalhado e satisfatório. Quando digo isso, não estou afirmando que os pigmeus Akoa da África acreditam saber como todos os seres humanos devem viver, nem que os ilhéus Ninivak do Alasca pensam saber como todos os seres humanos devem viver, ou que os Bindibu da Austrália crêem saber como todos os seres humanos devem viver. Nada disso. Eles sabem apenas que tem um modo de vida completamente satisfatório. A idéia de que deve existir um modo universalmente correto que sirva para todas as pessoas do mundo soa ridícula

para eles.

— Tá legal — disse eu. — Mas e nós, como ficamos?

— Ficamos no caminho principal, Julie. Estamos tentando descobrir por que as pessoas da sua cultura são diferentes desses povos tribais, que olham para si mesmos para descobrir como viver. Estamos tentando descobrir como esse conhecimento tornou-se tão difícil de se obter entre as pessoas da sua cultura e por que elas precisam procurar a resposta em deuses, anjos, profetas, extraterrestres e espíritos dos mortos.

— Tá legal. Tudo bem.

— Devo preveni-la de que as pessoas dirão que as minhas idéias sobre os povos tribais são românticas. Elas acreditam que a Mãe Cultura fala a mais pura verdade quando ensina que os seres humanos são inerentemente imperfeitos e completamente condenados ao sofrimento. Elas estão convencidas de que deve haver muita coisa errada em qualquer modo de vida tribal e, claro, estão certas se por ‘errado’ entendermos uma coisa da qual elas não gostam. Existem aspectos, em qualquer das culturas mencionadas, que você consideraria de mau gosto, imorais ou repugnantes. Mas continua valendo o fato de que os antropólogos, quando encontram povos tribais, descobrem pessoas que não mostram sinais de descontentamento, que não se queixam de infelicidade ou maus-tratos, que não estão prestes a explodir de raiva, sempre às turras com a depressão, ansiedade e alienação.

“As pessoas que imaginam que eu estou idealizando um modo de vida não compreendem que uma cultura tribal viva continua a existir porque sobreviveu durante milhares de anos, e sobreviveu porque seus membros estão satisfeitos com ela. Talvez sociedades tribais sigam ocasionalmente caminhos intoleráveis a seus membros. Contudo, se isso ocorrer, essas sociedades desaparecem pela simples razão de que as pessoas não encontram motivos

suficientes para apoiá-las. Só existe um modo de forçar as pessoas a aceitar um modo de vida intolerável”.

— Já sei — disse eu. — Você tem que trancar a comida.

O Crescente Fértil

— Estamos prontos agora para a terceira e última parte da história, Julie, que se passa no Crescente Fértil há cerca de dez mil anos. De modo algum se poderia considerar aquela parte do mundo vazia, quero dizer, sem seres humanos. Naquela época o Crescente Fértil era um imenso jardim, não o deserto que conhecemos hoje, e as pessoas viviam ali havia pelo menos centenas de milhares de anos. Como os modernos caçadores-coletores, os povos de lá praticavam a agricultura de algum modo, no sentido de encorajar o crescimento de seus alimentos favoritos. Como em Terpsícore, cada povo adotava uma abordagem própria da agricultura. Certos povos dedicavam alguns minutos por semana às atividades agrícolas. Outros queriam ter maior quantidade da comida predileta, de modo que gastavam algumas horas por semana. Outros ainda desejavam manter uma dieta baseada principalmente nos alimentos favoritos, e passavam uma hora por dia trabalhando a terra, ou até mais. Como deve se lembrar, no caso de Terpsícore chamei todos esses povos de Largadores. Podemos manter o nome para seus equivalentes terrestres, pois eles também consideravam que estavam na mão dos deuses e largavam tudo por conta deles.

“A certa altura, assim como ocorrera em Terpsícore, um grupo de Largadores disse: ‘Por que precisamos viver apenas *parcialmente* dos alimentos que preferimos? Por que não viver *inteiramente* deles? Basta dedicar mais algum tempo a plantar, arrancar ervas daninhas, criar animais e assim por diante’. Portanto, esse grupo específico passou a trabalhar várias horas por dia nos campos. A decisão de se tornarem agricultores de tempo integral não foi necessariamente tomada por uma única geração. Talvez tenha

sido desenvolvida lentamente, no decorrer de dezenas de gerações. Ou mais depressa, em apenas três ou quatro. As duas possibilidades podem ser descritas de modo plausível. Mas, lenta ou rapidamente, houve um povo tribal do Crescente Fértil que adotou, sem dúvida alguma, a agricultura em tempo integral. Agora, gostaria que você me dissesse como viviam esses vários povos”.

— Como assim?

— Quando conversamos pela última vez, dedicamos um bom tempo ao exame da competição dentro de uma mesma espécie: as várias estratégias que permitem aos competidores resolver conflitos sem travar combates mortais por todos os assuntos banais. Por exemplo, a estratégia territorial dizia: “Ataque se for residente, bata em retirada se for invasor”.

— É, eu me lembro.

— Ótimo. Então, qual era o jogo dos povos do Crescente Fértil?

— Acho que jogavam Retaliação sem Nexo. “Pague na mesma moeda, mas não seja muito previsível”.

— Isso mesmo. Como já expliquei, não temos motivo para acreditar que essa tribo vivesse de modo diferente há dez mil anos da forma como vive hoje. Os membros se mantêm prontos para o combate, pagam na mesma moeda e ocasionalmente atacam de surpresa, para que ninguém fique tentado a atacá-los. Bem, o fato de viver da agricultura não torna essa estratégia inoperante. Houve povos agricultores no Novo Mundo que viveram muito bem em conformidade com essa estratégia — não eliminavam seus vizinhos e não eram massacrados por eles. Mas, a certa altura, no Oriente Próximo, há dez mil anos, um grupo de agricultores de tempo integral começou a tentar eliminar os vizinhos.

“Quando falo em eliminar os vizinhos, quero dizer que eles fizeram com os

vizinhos o que os descendentes de europeus fizeram com os povos nativos do Novo Mundo. Quando os colonizadores europeus começaram a chegar à América, os nativos, obviamente, continuavam seguindo a estratégia da retaliação sem nexo. Ela havia funcionado para eles desde o início dos tempos e foi adotada também em relação aos recém-chegados, que, para dizer o mínimo, ficaram atônitos. Quando consideravam que estava finalmente tudo resolvido — como queriam! —, os nativos realizavam ataques brutais, inesperados, sem qualquer provocação (como costumavam fazer entre eles). Havia sentido nesses ataques para os nativos, e realmente funcionara por muito tempo. Os colonizadores brancos aprenderam a respeitar a imprevisibilidade dos nativos. Mas, no final, a quantidade de colonizadores brancos aumentou tanto que conseguiram anular a estratégia dos nativos. Em alguns casos, ocuparam a terra e absolveram a população local. Em outros, invadiram o território dos nativos e os obrigaram a ir embora, viver ou morrer em outro canto. Em outros ainda, simplesmente chegaram e exterminaram toda a população. De todo modo, aniquilaram os habitantes da terra enquanto entidades tribais. Os Pegadores não estavam interessados em viver rodeados por tribos que jogavam Retaliação sem Nexo — no Novo Mundo ou no Crescente Fértil. Dá para perceber por quê”.

Concordei.

— Na última vez em que estive aqui, você descobriu o que ocorreria se uma tribo que jogava Retaliação sem Nexo resolvesse subitamente jogar Aniquilação, lembra-se?

— Claro. Os vizinhos uniriam as forças e acabariam com eles.

— Isso mesmo. Normalmente, isso funcionaria muito bem. Por que, então, não deu certo contra os Pegadores do Crescente Fértil?

— Acho que não funcionou pelo mesmo motivo por que não funcionou

aqui no Novo Mundo. Os Pegadores foram capazes de produzir suprimentos ilimitados dos materiais necessários para vencer guerras. Isso os tornou invencíveis. A união dos povos tribais não adiantou nada.

— Sim, foi isso mesmo. Novas circunstâncias podem invalidar qualquer estratégia, mesmo que tenha funcionado impecavelmente por um milhão de anos, e uma tribo com recursos agrícolas virtualmente ilimitados jogando Aniquilação era sem dúvida novidade. Não havia como resistir aos Pegadores, e isso os levou a imaginar que eram os agentes do destino da humanidade. Ainda pensam assim, claro.

— Com certeza.

— Bem, agora gostaria de dar uma espiada na revolução ao completar cinquenta anos. Os Pegadores dominaram quatro tribos ao norte, que podemos chamar de Hulla, Puala, Cario e Alba. Os Puala já viviam basicamente da agricultura, mesmo antes da conquista dos Pegadores, de modo que a mudança foi menos penosa para eles. Os Hulla, em contraste, eram caçadores-coletores e se dedicavam muito pouco ao que chamamos de “agricultura”. Os Alba eram pastores-coletores havia algum tempo. E os Cario cultivavam alguns alimentos como suplemento ao que caçavam e coletavam. Antes da conquista dos Pegadores, essas tribos coexistiam do modo habitual, pagando na mesma moeda, realizando expedições guerreiras ocasionais contra os vizinhos. Só para ter certeza de que você não se esqueceu, para que serve a estratégia da retaliação sem nexos?

— Para que serve?

— Por que tinham necessidade dela? Por que precisavam de alguma estratégia, afinal?

— Porque são competidores. A estratégia os mantinha em pé de igualdade.

— Mas os Pegadores acabaram com o jogo da Retaliação sem Nexos entre

eles, pois determinaram que os Hulla, Puala, Cario e Alba seriam, dali para a frente, Pegadores também. É assim que as pessoas devem viver, certo?

— Certo.

— Portanto, a estratégia da retaliação sem nexo ficou fora de questão para esses povos.

— Certo.

— Então, o que os mantinha em pé de igualdade agora?

— Boa pergunta... talvez não tivessem mais razão para competir.

Ismael balançou a cabeça, entusiasmado.

— Trata-se de uma idéia terrivelmente interessante, Julie. Como isso seria possível em sua opinião?

— Bem, eles estão todos do mesmo lado agora.

— Em outras palavras, talvez o tribalismo fosse a *causa* da competição em vez de um meio evoluído de *lidar* com a competição. Com o desaparecimento das tribos, a competição simplesmente se dissolve e é substituída pela paz absoluta.

Eu disse que não sabia nada sobre paz absoluta.

— Vamos dizer que você seja Cario. O verão foi muito seco, Julie, e seus vizinhos do norte, os Hulla, represaram o riacho para irrigar as terras deles. Como estão todos do mesmo lado agora, você vai deixar que sua lavoura seque e as plantas morram?

— Não.

— Então, evidentemente, estar do mesmo lado não encerra a competição intra-espécie, afinal de contas. Que pretende fazer?

— Pediria aos Hulla que desfizessem a represa.

— Certamente. E eles diriam: “Sinto muito, não vai dar”. Eles represaram o rio para irrigar as lavouras deles.

— Talvez eles pudessem dividir a água.

— Eles disseram que não podiam. Precisavam de toda a água que conseguissem.

— Eu apelaria ao senso de justiça deles.

Um som sibilante, alto, chegou até mim, passando através do vidro, e ao olhar para cima percebi que Ismael estava dando risada. Quando terminou, disse:

— Você está brincando, não é?

— Claro.

— Ótimo. Então, que vai fazer com a questão da água, Julie?

— Acho que começariam uma guerra.

— Essa é uma possibilidade, realmente.

— Mas espera um pouco. Tenho a impressão de que os Cario e os Hulla podem ter vivido esse tipo de conflito antes de passar para o lado dos Pegadores.

— Absolutamente possível — disse Ismael. — O que eu disse que os Hulla eram antes que se tornassem agricultores de tempo integral? Com sua excelente memória, você deve se lembrar.

— Eles eram caçadores-coletores.

— E por que caçadores-coletores represariam um rio, Julie? Eles não têm lavouras para irrigar!

— Tá legal. Mas vamos fazer de conta que eles eram agricultores.

— Tudo bem. Mas, pelo que eu me lembre, os Cario dependiam apenas parcialmente da agricultura. Perder um riacho não ameaçaria sua sobrevivência.

— Também é verdade — disse eu. — Mas vamos fazer de conta que eles viviam exclusivamente da agricultura.

— Tudo bem. Então os Cario partiriam para uma retaliação sem nexo e brutal. Por isso, os Hulla teriam de decidir se represar o rio valia realmente a pena para eles.

— Portanto, haveria guerra, de qualquer maneira — afirmei. — Não fez diferença eles se tornarem Pegadores.

Ismael balançou a cabeça.

— Agora mesmo você disse que eles “começariam uma guerra” por causa do riacho. Será que “começar uma guerra” é a mesma coisa que “retaliar”?

— Não, acho que não.

— E qual é a diferença na sua opinião?

— Retaliação significa dar o troco na mesma moeda. Ir à guerra significa conquistar outro povo, para obrigá-lo a fazer aquilo que você quer.

— Portanto, mesmo que seja possível dizer que “haveria guerra, de qualquer maneira”, trata-se de dois tipos diferentes de guerra, com objetivos distintos. A idéia da retaliação é mostrar aos outros que você pode ser cordial ou hostil, dependendo de o comportamento deles ser cordial ou hostil. O propósito de uma guerra é conquistar e impor sua vontade. São duas coisas muito diferentes, e a retaliação sem nexo diz respeito ao primeiro comportamento e não ao segundo.

— É, acho que sim.

Ismael permaneceu em silêncio por um momento. Em seguida, perguntou se eu conhecia algum exemplo de retaliação sem nexo entre os Pegadores da atualidade. Depois de refletir por algum tempo, disse a ele que via aquela estratégia nas guerras entre gangues de jovens.

— Você é muito perspicaz, Julie. A retaliação sem nexo é exatamente a estratégia empregada por eles para manter as coisas em pé de igualdade. E o que as pessoas da sua cultura tentam fazer com as gangues juvenis?

— Acabar com elas, com certeza. Liquidá-las.

— Naturalmente — disse Ismael, balançando a cabeça. — Mas existem outros combatentes ostensivos que adotam a estratégia da retaliação sem nexos na atualidade, não é?

— Ah, claro que sim. Você está se referindo àqueles malucos da Bósnia, não é?

— Isso mesmo. E o que as pessoas da sua cultura querem fazer com eles?

— Impedir que continuem lutando.

— Querem que parem de adotar estratégias de retaliação sem nexos.

— Exatamente.

— Fazer guerras é aceitável para vocês, mas a retaliação sem nexos, não, e nunca foi. Desde o início, os Pegadores se mostraram invariavelmente hostis a essa estratégia tribal. Suspeito que isso se deva ao fato de a retaliação sem nexos ser fundamentalmente auto-regulamentada e basicamente refratária ao controle externo. Eles querem controlar tudo e não ter nada em volta que escape ao controle.

— É verdade. Mas, por acaso, você está sugerindo que se deve deixá-los continuar lutando enquanto quiserem?

— De modo algum, Julie. Você já deveria saber que eu não tenho a pretensão de saber o que se “deve” ou não fazer. A retaliação sem nexos não é “boa”, e sua supressão, ruim. O que está acontecendo naquela parte do mundo é apenas a calamidade mais recente de uma história calamitosa, que não pode ser corrigida por nenhum meio existente.

— É o que parece — disse eu.

— Enquanto nos encontramos momentaneamente fora do caminho principal, gostaria de ressaltar que estamos em condições de observar algo novo. Já mostrei que a competição entre membros de uma mesma espécie é

necessariamente mais abrangente do que a competição entre membros de espécies diferentes. Os cardeais competem de modo mais abrangente com outros cardeais do que com gaios azuis ou pardais. Seres humanos competem de modo mais abrangente com outros seres humanos do que com ursos ou texugos.

— É isso aí.

— Bem, você está em condições de ver que a competição entre pessoas que levam o mesmo tipo de vida é necessariamente mais abrangente do que a competição entre pessoas com estilos de vida diferentes. Agricultores competem mais com outros agricultores do que com caçadores-coletores.

— É verdade — disse eu. — Portanto, ao criar um mundo cheio de agricultores, aumentamos o nível de competição ao máximo.

— É essa realmente a situação entre os Hulla, Puala, Cario e Alba, Julie. Havia muita competição quando levavam vidas diferentes. Agora, vivendo da mesma maneira, em vez de eliminar a competição, eles precisam competir de modo mais acirrado.

— Estou entendendo.

— Em nosso exame das estratégias competitivas vimos que seu efeito é permitir que os competidores convivam sem precisar lutar até a morte por cada item em disputa. Os Hulla, Puala, Cario e Alba não podem mais viver lado a lado jogando Retaliação sem Nexo. Essa estratégia foi descartada. Sem ela, na questão do riacho represado, sua sugestão seria partir para a guerra. Em outras palavras, seguir direto para o combate mortal. Tenho certeza, porém, de que você compreende que isso não daria certo para os Hulla, Puala, Cario e Alba, ou seja, guerrear por qualquer motivo.

— Certo.

— A estratégia para manter a paz no passado era “Pague na mesma moeda,

mas não seja muito previsível”. Os Pegadores a descartaram. O que inventaram para pôr no lugar dela?

Refleti por alguns minutos, fiz um esforço supremo e disse, finalmente:

— Acho que se pode dizer que os Pegadores puseram a si mesmos no lugar. Eles se declararam guardiões da paz.

— Isso mesmo, Julie. Eles se nomearam administradores do caos e tem mantido essa postura desde então, com graus variáveis de êxito. Eles tomaram para si a manutenção da paz, no início da revolução deles, e não a largaram mais. Como você já sabe, quando chegaram ao Novo Mundo ninguém mantinha a paz por aqui. A paz era preservada pelo modo tradicional: as pessoas davam o troco na mesma moeda e não eram muito previsíveis. Os Pegadores acabaram com isso, e agora a manutenção da paz está em suas eficientes mãos. O crime é uma indústria multibilionária, crianças vendem drogas na esquina, cidadãos ensandecidos descarregam a raiva uns nos outros usando metralhadoras.

O Crescente, parte II

— Antes que os Hulla, Puala, Alba e Cario fossem conquistados pelos Pegadores, cada tribo tinha um jeito próprio de lidar com as coisas, uma dádiva de dezenas de milhares de anos de experiência cultural. Os Hulla eram diferentes dos Puala, que eram diferentes dos Alba, que eram diferentes dos Cario, em termos de costume. Em comum, os costumes só tinham um aspecto: funcionavam bem — os dos Hulla para os Hulla, os dos Puala para os Puala, os dos Alba para os Alba, os dos Cario para os Cario.

“Esses povos consideravam vitalmente importante dispor de meios para lidar com as pessoas como elas eram. Eles não pensavam nos humanos como seres cheios de defeitos, mas isso não quer dizer que os consideravam anjos. Sabiam muito bem que as pessoas podiam ser problemáticas, contraditórias, egoístas, más, cruéis, ambiciosas, violentas, e assim por diante. Os humanos são passionais e incoerentes, e não precisamos de um intelecto genial para chegar a essa conclusão. Um sistema funcional, aplicado por dezenas de milhares de anos, não poderia ser um sistema que só funciona para pessoas invariavelmente agradáveis, solícitas, altruístas, generosas, gentis e cordiais. Um sistema que funciona por dezenas de milhares de anos deve ser capaz de lidar com pessoas sujeitas a se tornarem problemáticas, contraditórias, egoístas, más, cruéis, ambiciosas e violentas. Isso faz sentido para você?”

— Faz muito sentido.

— Entre os povos tribais, não encontramos leis que *proíbem* o comportamento destrutivo. Para a mentalidade tribal, isso representaria a suprema insanidade. Em seu lugar, encontramos leis que servem para minimizar os danos do comportamento destrutivo. Por exemplo, nenhuma

tribo faria uma lei proibindo o adultério. Em vez disso, temos leis que determinam os procedimentos adequados quando ocorre o adultério. As leis prescrevem medidas que minimizam os danos causados por esse ato de infidelidade, que ofende não só o cônjuge como também a comunidade, ao vulgarizar o casamento aos olhos dos filhos. Novamente, o objetivo não é punir, mas consertar, promover a cura, de modo que tudo possa voltar ao normal, na medida do possível. Isso vale também para a agressão. Para a mentalidade tribal, seria fútil dizer: “Ninguém pode lutar”. Contudo, não é fútil saber exatamente o que deve ser feito para resolver as coisas quando ocorre uma briga, de modo que todos sofram o menor dano possível. Quero que você perceba o quanto isso é diferente dos efeitos de suas leis, que, em vez de minimizar os danos, acabam por ampliá-los e multiplicá-los no âmbito social, destruindo famílias, arruinando vidas, abandonando as vítimas à sua própria sorte, para que cuidem sozinhas de suas feridas.

— É, eu sei disso — disse eu.

— Pelo que foi dito anteriormente, acho que ficou claro que há apenas um imperativo comum a todas as tribos: *Ataque outras tribos; defenda a sua*. Em outras palavras, apesar de todas as desavenças e rixas internas, a tribo se une contra o mundo. Se você for Hulla, pode atacar um Cario ou Puala, mas atacar outro Hulla não é uma boa idéia. Se for Cario, pode atacar um Hulla ou Puala, mas não um Cario. Entende por que deve ser assim?

— Acho que entendo. Se a lei dos Cario estimulasse o ataque contra os membros da própria tribo, os Cario acabariam desaparecendo como tribo. Se a lei dos Cario proibisse os ataques contra os Hulla ou Puala, então a estratégia da retaliação sem nexos seria jogada pela janela, e os Cario acabariam extintos como tribo.

— Exatamente. No início da nossa revolução, sua própria tribo, que

chamamos de Pegadores, era exatamente igual aos Hulla, Puala, Alba e Cario — e igual a dezenas de milhares de outras que habitavam o mundo naquela época. Digo iguais no sentido de que adotavam um modo de vida adequado a elas e um conjunto de leis que lhes permitia lidar eficientemente com os comportamentos destrutivos em seu meio. O que você, acha que ocorreu com o modo de vida original, que dava tão certo para os Pegadores?

— Não posso nem imaginar — respondi.

— Bem, vamos ver se conseguimos imaginar isso juntos, Julie. Eis uma coisa sobre a qual podemos ter certeza: nada, no modo de vida tribal dos Pegadores, os preparou para a responsabilidade que assumiram quando conquistaram seus vizinhos, no início da revolução.

— Como sabe disso?

— A cultura tribal mostra às pessoas como lidar com coisas que ocorrem desde o início dos tempos. Ela não diz a ninguém como lidar com algo inédito, que jamais ocorreu antes na história do mundo, e a sua revolução foi exatamente isso. As pessoas competiam e combatiam desde o início dos tempos. Elas sabiam cuidar de si, com a estratégia da retaliação sem nexos. De repente, porém, uma tribo detinha um poder novo, que jamais alguém tivera antes, graças a uma atitude nunca adotada por qualquer tribo humana. Quando sua população começou a aumentar por causa da abundância de comida, os Pegadores não se interessaram mais em se defender dos vizinhos. Eles tinham mais bocas para alimentar, precisavam de mais terras, e eram capazes de derrotar os vizinhos — por assimilação, expulsão ou extermínio (não importa). Mas, assim que derrotaram os vizinhos, perceberam que se encontravam numa situação nova, desconhecida. Que deveriam fazer com eles? Certamente, não voltariam a jogar Retaliação sem Nexos com os sobreviventes. Isso não teria o menor sentido. Tampouco aceitariam jogar Retaliação sem Nexos entre si. Não

teria sentido. Você está entendendo por quê?

— Acho que sim. A retaliação sem nexo é um modo de manter a independência em pé de igualdade com os vizinhos. Os Pegadores eram contra isso. Eles não queriam que os Hulla, Puala e Cario fossem tribos independentes em constante conflito.

— E qual é a antiga lei dos Pegadores em relação a conflito? Eu me refiro à lei que havia antes da revolução.

Notando o meu olhar inexpressivo, ele acrescentou:

— A lei que todos os povos tribais seguem em relação à luta.

— Ah! Você quer dizer “Lutem contra a outra tribo, não entre si”.

— Isso mesmo. Todas as tribos seguiam essa lei no Crescente Fértil, no Oriente Próximo, no mundo inteiro.

— Entendi.

— Mas, quando os Pegadores começaram a conquistar tribos vizinhas, sentiram necessidade de criar uma nova lei. Não queriam que as tribos dominadas por eles lutassem entre si.

— Isso também eu entendi.

— Então, qual foi a nova lei, Julie?

— A nova lei sé podia ser “Não lutem contra *ninguém*”.

— Claro. Como você mesma disse, isso significava jogar a estratégia da retaliação sem nexo pela janela e, com ela, a independência tribal. Os Pegadores queriam administrar um mundo no qual as pessoas trabalhassem e não um mundo em que elas desperdiçassem energia jogando Retaliação sem Nexo.

— Isso está na cara.

— As antigas fronteiras tribais — tanto geográficas quanto culturais — perderam o sentido. E não somente para os Hulla, Puala, Cario e Alba, mas

também para os próprios Pegadores. Eles não levaram seus costumes tribais para a nova ordem. Não teriam o menor sentido para os outros. Todos os antigos costumes tribais igualmente perderam o sentido na nova ordem mundial construída pelos Pegadores. Seria inútil aos Hulla ensinar para os filhos o que funcionara bem para os Hulla durante dezenas de milhares de anos, pois eles não eram mais Hulla. Seria inútil aos Cario ensinar para os filhos o que funcionara bem para os Cario durante dezenas de milhares de anos, pois eles não eram mais Cario.

“Mas, embora pertencessem a uma nova ordem mundial, as pessoas não deixaram de ser problemáticas, contraditórias, egoístas, más, cruéis, ambiciosas e violentas, certo? O mesmo comportamento continuou a existir, sem haver, no entanto, as leis tribais antigas para moderar seus efeitos. Mesmo que as antigas leis tribais fossem lembradas, os Pegadores descobririam que era impossível administrar a situação com elas. O jeito com que os Hulla lidavam com comportamentos destrutivos funcionava bem para os Hulla, mas não seria aceitável para os Cario. Tenho certeza de que você percebe isso”.

— Claro.

— Então, como os Pegadores poderiam lidar com o comportamento destrutivo entre os povos sob seu domínio? Como lidar com adultério, agressão, estupro, roubo, assassinato e outros problemas?

— Considerando cada um deles como crime.

— Claro. Na ordem tribal, declarar algo ilegal não tinha cabimento. Na verdade, as leis serviam para minimizar os danos e reaproximar as pessoas. As leis tribais não diziam: “Tais coisas não devem ocorrer *nunca*”, porque eles sabiam, sem sombra de dúvida, que tais coisas *iriam* acontecer. Portanto, diziam: “Quando tais coisas ocorrerem, devemos fazer isso e aquilo para colocar as coisas novamente em ordem, na medida do possível”.

— Entendo.

— Estamos próximos do final quanto a esse tema, Julie. Resta apenas analisar um aspecto. Para a mente tribal, seria estupidez formular uma lei que todos *sabem* que será desobedecida. Formular uma lei que todos *sabem* que será desobedecida equivale a colocar o próprio conceito de lei em risco. Casos típicos de lei que todos *sabem* que será desobedecida assumem a forma *não farás*. Não interessa o que seja o fazer. Não matarás, não mentirás, não cometerás adultério, não roubarás, não ferirás — cada uma delas é uma lei que todos *sabem* que será desobedecida. Como os povos tribais não perdiam tempo com leis que todos sabiam que seriam desobedecidas, a desobediência não era um problema para eles. A lei tribal não tornava ilegais os atos condenáveis, ela determinava os meios para corrigir tais atos, e as pessoas obedeciam a ela de bom grado. A lei fazia algo bom para eles. Por que desobedecer-lhe? Mas, desde o início, a lei dos Pegadores formava um conjunto que todos *sabiam* que seria desobedecido. Não surpreende que as leis vêm sendo desobedecidas diariamente nos últimos dez mil anos.

— É verdade. Isso é Incrível. É um jeito surpreendente de olhar as coisas.

— E, como as leis foram formuladas com a consciência de que seriam desobedecidas desde o primeiro dia, foi preciso encontrar um jeito de lidar com quem desobedecia à lei.

— Aquele que desobedecesse à lei devia ser punido.

— Isso mesmo. O que mais se poderia fazer com os desobedientes? Tendo criado uma série de leis que todos *sabiam* que seriam desobedecidas, a única atitude seria punir as pessoas por fazer exatamente o que se esperava que elas fizessem desde o início. Por dez mil anos vocês têm criado e multiplicado leis que todos *sabem* que serão desobedecidas, até chegar a milhões de leis, muitas delas desobedecidas milhões de vezes por dia. Conhece alguma pessoa que

nunca tenha desobedecido a uma lei?

— Não.

— Aposto que você, mesmo na sua idade, já desobedeceu a várias.

— Um monte — respondi, confiante.

— Os políticos que vocês elegem para fazer e defender as leis também desobedecem a elas. E, ao mesmo tempo, os pilares de sua sociedade consideram possível a indignação com o fato de que as pessoas respeitam muito pouco as leis.

— Isso é incrível — disse eu.

— A destruição da lei tribal e da estratégia da retaliação sem nexos não pode ter ocorrido gradualmente no decurso de centenas ou milhares de anos. Precisava realizar-se imediatamente, no local do primeiro encrave dos Pegadores. A lei tribal e a retaliação sem nexos eram barricadas a ser derrubadas logo no começo. Fossem quais fossem seus nomes reais, os Hulla, Cario, Alba e Puala deviam desaparecer enquanto entidades tribais. Em poucas décadas, as outras tribos vizinhas precisavam cair do mesmo modo, trocando voluntária ou involuntariamente a independência tribal pelo regime dos Pegadores. A revolução espalhou-se a partir do centro, como um círculo de fogo a queimar uma herança cultural que remontava às origens primatas dos humanos.

“É claro que a lembrança de ter sido Hulla, Cario, Alba e Puala não desaparecia numa única geração. Mas não seria plausível crer que pudesse durar mais de quatro ou cinco gerações — digamos que tenha sobrevivido por dez gerações, e isso significa apenas dois séculos. Ao final de mil anos, no centro de tudo, os descendentes dos Hulla, Cario, Alba e Puala nem sequer se lembrariam de que um dia existira algo chamado vida tribal. Essa lembrança

permanecia obviamente no perímetro da expansão dos Pegadores, que já englobava a Pérsia, a Anatólia, a Síria, a Palestina e o Egito. Mais mil anos e as fronteiras chegariam até o Extremo Oriente, Rússia e Europa. Os povos tribais ainda eram encontrados e absorvidos no perímetro da expansão dos Pegadores, mas isso ocorreu há oito mil anos, Julie.

O coração da revolução ainda se encontrava no Oriente Próximo, principalmente no Crescente Fértil. A Mesopotâmia, localizada entre o Tigre e o Eufrates, era a Nova York daquela época. Ali a inovação cultural mais poderosa (depois da agricultura totalitária e da comida trancada à chave) estava fermentando — a escrita. Contudo, outros cinco mil anos transcorreriam até que os logógrafos da Grécia clássica começassem a usar esse instrumento para registrar o passado humano. Quando eles finalmente começaram a registrar o passado humano, o quadro que emergiu foi o seguinte: *A raça humana surgiu há poucos milhares de anos nas vizinhanças do Crescente Fértil. Ela nasceu dependente das colheitas e plantava instintivamente, assim como as abelhas constroem colméias. Nasceu também com o instinto para a Civilização. Portanto, assim que surgiu, a raça humana começou a plantar e a construir a civilização.* Não havia naturalmente a menor lembrança do passado tribal da humanidade, que se estendia a centenas de milhares de anos. Ele havia desaparecido sem deixar traços, num processo que um de meus alunos chama, com certo cinismo (mas com propriedade), de Grande Esquecimento.

“Durante centenas de milhares de anos, pessoas tão inteligentes quanto você adotaram um modo de vida que funcionava bem para elas. Os descendentes desses povos podem ser encontrados ainda hoje espalhados pelo mundo e sempre que são localizados em estado natural, intocados, mostram-se contentes com a vida que levam. Não vivem em guerra uns contra os outros,

geração após geração. Não há luta de classes. Não vivem atormentados pela angústia, ansiedade, depressão, falta de amor-próprio, pecado, loucura, alcoolismo e toxicomania. Eles não se queixam de opressão ou injustiça. Não acham a vida sem sentido ou vazia. Não explodem de ódio ou raiva. Não olham para o céu, esperando um contato com anjos, deuses, profetas, extraterrestres e espíritos dos mortos. E não esperam que alguém apareça e os ensine a viver, isso ocorre porque eles já sabem viver, como os seres humanos sabiam há dez mil anos. Mas as pessoas da sua cultura precisam destruir essa sabedoria de viver para tornar-se senhores do mundo.

“Elas têm certeza de que são capazes de substituir o que estão destruindo por algo que tenha a mesma preciosidade, e sempre tentaram fazer isso, experimentando uma coisa após outra, dando ao povo tudo o que podiam imaginar para preencher a lacuna. A arqueologia e a história nos dão um relato de cinco mil anos, em que uma sociedade de Pegadores após outra procura coisas capazes de aplacar e inspirar, de divertir e distrair, algo que leve o povo a esquecer a miséria e o sofrimento que, por alguma estranha razão, recusam-se a desaparecer. Festivais, festas, cortejos cívicos, solenidades religiosas, pompa e circunstância, pão e circo, a sempiterna esperança de obter poder, riquezas e luxúria, jogos, dramas, competições, esportes, guerras, cruzadas, intriga política, causas nobres, exploração do mundo, glórias, títulos, álcool, drogas, jogatina, prostituição, ópera, teatro, artes, governo, política, carreira profissional, privilégios, alpinismo, rádio, televisão, cinema, *show business*, *vídeo games*, computadores, superestrada da informação, dinheiro, pornografia, conquista do espaço — há alguma coisa para cada um, certamente, algo para fazer com que a vida pareça valer a pena, para preencher o vazio, inspirar e consolar. E, claro, isso preenche o vazio de muitos de vocês. Mas só uma pequena fração de vocês pode ter a esperança de conseguir

as coisas boas que existem em determinado momento, como atualmente só alguns poucos podem acalentar a esperança de viver como as pessoas que levam (claro que levam!) uma vida que vale a pena — bilionários, estrelas de cinema, astros do esporte e *top models*. Em geral, a maioria de vocês são pobres. Essa palavra é familiar para você?”

— Pobres? Claro que sim.

— Na vida tribal não existia essa história de ricos e pobres. As pessoas só aceitariam um esquema desses se fossem forçadas. Até trancarem a comida à chave, não havia maneira de obrigar as pessoas a aceitar isso. O modo de vida dos Pegadores sempre foi um esquema de ricos e pobres. Os pobres sempre foram a maioria. Como eles poderiam descobrir a origem de sua miséria? A quem poderiam pedir explicações sobre o fato de o mundo estar organizado desse modo: favorecer um pequeno grupo e forçar o resto a se matar de trabalhar para sobreviver com fome, frio e sem teto? Poderiam perguntar aos governantes? Aos feitores de escravos? Aos chefes? Certamente que não”.

“Cerca de dois mil e quinhentos anos atrás, quatro diferentes teorias começaram a evoluir para explicar tudo isso. Provavelmente, a teoria mais antiga seja a seguinte: o mundo é o produto da eterna guerra entre dois deuses. Um deles é o deus da luz e da bondade; o outro, do mal e das trevas. Isso fazia sentido num mundo que parecia dividido para sempre entre os que viviam na luz e os que viviam nas trevas; essa teoria era a base do zoroastrismo, maniqueísmo e diversas religiões. Outra teoria afirmava que o mundo era produto de uma comunidade de deuses que, absorvidos pelos seus próprios afazeres, o conduziam conforme seus caprichos, e, quando surgiram, os humanos passaram a ser favorecidos, usados, destruídos, violentados ou ignorados, de acordo com o humor dos deuses. Esta, obviamente, era a teoria adotada pela Grécia clássica e Roma. Outra teoria ainda afirmava que o

sofrimento era intrínseco à vida, fazia parte dela, constituía o destino de todos os seres. A paz só poderia ser alcançada por aquele que se libertasse de todos os desejos. Essa era a teoria ofertada ao mundo pelo Buda Gautama. Finalmente, outra teoria afirmava que o primeiro homem, Adão, que vivia na Mesopotâmia, havia alguns milhares de anos, desobedeceu a Deus, caiu em desgraça e foi expulso do Paraíso, condenado a viver do suor de seu rosto, numa existência miserável, brigado com Deus, prostrado pelo pecado. O cristianismo foi construído a partir dessa base hebraica, incluindo um messias que ensinou que no Reino de Deus os primeiros serão os últimos, e os últimos, os primeiros, ou seja, que os ricos e os pobres trocariam de lugar. Durante a vida de Cristo e nas décadas seguintes, a maioria pensava que o Reino de Deus seria construído na própria Terra, tendo Deus como soberano. Quando isso não se materializou, porém, chegaram à conclusão de que o Reino de Deus ficava no céu, acessível apenas depois da morte. O islamismo também foi elaborado a partir da base hebraica, rejeitando Jesus como messias, mas afirmando que as boas ações receberiam recompensa na vida após a morte”.

“Mas, como você sabe, essas teorias jamais foram inteiramente satisfatórias, especialmente nos últimos séculos, e mais ainda, talvez, nas últimas décadas, quando o imenso vazio no centro de suas vidas engoliu uma infinidade de religiões, modas espirituais, gurus, profetas, cultos, terapias e curas místicas — sem conseguir preencher a lacuna”.

— Isso é verdade — disse eu.

Ismael me olhou por um longo tempo, sério.

— Talvez você compreenda agora por que tantas pessoas de sua cultura olham para o céu, ansiando por um contato com deuses, anjos, profetas, alienígenas e espíritos dos mortos. Talvez agora você compreenda por que tantas pessoas de sua cultura têm devaneios como aquele que você me contou

na primeira visita.

— Sim, entendo.

— E agora você sabe para onde nos leva o caminho principal, embora ele não termine aqui.

— Bem, fico feliz em saber *disso*, finalmente.

Uma questão de orgulho

— Espero que saiba que eu tenho um milhão de perguntas — disse eu, ao chegar, dois dias depois, no sábado.

— Eu já esperava por algumas — disse Ismael.

— Muita gente, ao ouvir o que você me disse, exclamaria: “Meu Deus, não resta nenhuma esperança para nós!”

— Por quê?

— Bem, não podemos voltar a viver nas cavernas, não é?

— Pouquíssimos povos tribais viveram em cavernas, Julie.

— Você sabe do que estou falando. Não podemos voltar à vida *tribal*.

Ismael franziu a testa.

— Na verdade, não sei bem o que você *está* querendo dizer.

— Está certo. O que estou querendo dizer é que não se pode voltar no tempo e recomeçar tudo. Não podemos viver do jeito que a gente vivia quando nos tornamos Pegadores.

— Que você quer dizer com isso, Julie? Que vocês não podem voltar a viver de um jeito que funciona bem para as pessoas?

— Não. Eu acho que não podemos voltar a ser caçadores-coletores.

— Claro que não. Por acaso já me ouviu fazer semelhante proposta? Cheguei a insinuar, mesmo de leve, tal idéia?

— Não.

— E nunca vai ouvir. Uma dúzia de planetas do tamanho da Terra não seria suficiente para acomodar seis bilhões de caçadores-coletores. A idéia é completamente absurda.

— Então, como fica? — perguntei.

— Você está se esquecendo do que veio procurar aqui, Julie. Você veio aqui para aprender como as pessoas, em outros pontos do universo, conseguem viver sem devorar o mundo em que estão.

— É verdade.

— Agora, você já sabe como isso poderia ser feito, não é? E não precisa viajar numa nave espacial para aprender isso. Os alienígenas que você estava procurando são simplesmente seus próprios ancestrais, que conseguiram viver em harmonia por centenas de milhares de anos sem destruir o mundo — seus ancestrais e os herdeiros culturais deles, os povos tribais que subsistem atualmente. Você ficou confusa por imaginar que mostrei respostas, quando, na verdade, mostrei apenas *onde* procurar as respostas. Você acha que estou dizendo: “Adote o modo de vida dos Hulla”, quando, na verdade, eu digo: “Compreenda como o modo de vida dos Hulla *funcionava* e continua a funcionar muito bem, onde quer que ainda exista”. Como Pegadores, vocês lutam há dez mil anos para *inventar* um modo de vida que funcione, e até o momento falharam. Inventaram um milhão de coisas que *funcionam* — aviões, torradeiras, computadores, órgãos de tubos, navios, videocassetes, relógios, bombas atômicas, carrosséis, bombas d’água, lâmpadas elétricas, cortadores de unha e canetas esferográficas —, mas nunca conseguiram criar um modo de vida que funcione bem. E, quanto mais pessoas surgem no mundo, mais amplo, patente e doloroso se torna o fracasso. Vocês não conseguem construir prisões em quantidade suficiente para prender seus criminosos. O núcleo da família está fadado a cair no esquecimento. A incidência de toxicomania, suicídio, doença mental, divórcio, abuso sexual de crianças, estupro e assassinato continua aumentando.

O fato de vocês jamais terem conseguido criar um modo de vida que funcione não chega a surpreender. Desde o início, subestimaram a dificuldade

que envolve essa tarefa. Por que o modo de vida tribal *funciona*, Julie? Não me refiro ao mecanismo. Quero dizer: como foi possível que tal modo de vida funcionasse?”

— Acho que funcionou porque foi testado desde o início dos tempos com o ser humano. O que funcionou foi mantido; o que fracassou foi abandonado.

— Claro. Deu certo porque se submeteu ao mesmo processo evolutivo que produziu um modo de vida eficiente para chimpanzés, leões, veados, abelhas e castores. Não se pode simplesmente inventar uma coisa e esperar que funcione tão bem quanto um sistema testado e refinado durante três milhões de anos.

— É. Estou percebendo isso agora.

— Mas, por estranho que pareça, a maior parte de suas improvisações teria funcionado *se...*

— Se o quê?

— É a isso que eu quero que você responda, Julie. Acho que pode fazer isso. O império mesopotâmico teria dado certo com o Código de Hamurabi *se...* o quê? A Décima Oitava Dinastia egípcia teria dado certo sob a liderança religiosa de Akhenaton *se...* o quê? Os reinos de Judá e Israel teriam dado certo sob o domínio dos reis *se...* o quê? O vasto Império Persa teria dado certo quando Alexandre o conquistou *se...* o quê? O Império Romano, ainda maior, teria dado certo sob a *Pax Romana* de Augusto *se...* o quê? Não preciso passar por todas as eras, lembrando improvisação após improvisação. O sistema que você conhece melhor, o dos Estados Unidos da América sob o que se presume ser a constituição mais aperfeiçoada da história humana, teria dado certo *se...* o quê?

— Se as pessoas fossem melhores.

— Claro! Tudo funcionaria maravilhosamente bem, Julie, se as pessoas fossem melhores do que são. Vocês seriam uma imensa família feliz se fossem

melhores do que são. Os grupos rivais dos Bálcãs se abraçariam e fariam as pazes. Saddam Hussein desmontaria sua máquina de guerra e entraria para um convento. O crime desapareceria da noite para o dia. Ninguém desobedeceria a nenhuma lei. Vocês poderiam dispensar os tribunais, a polícia, os presídios. Todos deixariam de lado os interesses pessoais e trabalhariam juntos para melhorar a vida dos pobres e livrar o mundo da fome, racismo, ódio e injustiça. Eu poderia passar horas citando as coisas maravilhosas que aconteceriam... se as pessoas fossem melhores do que são.

— Eu posso imaginar.

— Essa era a tremenda força do modo de vida tribal; seu sucesso não dependia de as pessoas serem melhores. Ele funcionava para as pessoas como elas eram — pouco desenvolvidas, incultas, impertinentes, destruidoras, egoístas, cruéis, gananciosas e violentas. Os Pegadores nunca chegaram perto de um êxito assim em termos de sistema. Na verdade, jamais tentaram. Em vez disso, contaram com sua capacidade de *melhorar* as pessoas, como se elas fossem produtos com defeito de projeto ou fabricação. Eles confiavam nas punições para melhorar as pessoas, na capacidade de inspirá-las a ser melhores, numa educação capaz de melhorá-las. Apesar de dez mil anos de tentativas para melhorar as pessoas sem o menor sucesso, eles nem pensam em voltar a atenção para outro lugar.

— É. Isso é verdade. Tenho certeza de que a maioria das pessoas, se ouvisse o que andei ouvindo aqui, diria: “Sim, tudo bem. É isso aí. Mas nós temos a obrigação de continuar tentando melhorar as pessoas. Elas *podem* ser melhoradas. Só não descobrimos um jeito de fazer isso ainda”. Ou então vão dizer: “É um objetivo a longo prazo. Imagine o quanto as pessoas seriam *piores* se não estivéssemos tentando melhorá-las constantemente”.

— Infelizmente, você tem razão, Julie.

— Mesmo assim — disse eu —, acho que estou num beco sem saída. O que devemos *fazer* em relação a tudo isso? Você não espera que a gente volte à estratégia da retaliação sem nexos, não é?

Ismael me encarou por dois minutos inteiros, mas não me intimidei. Sabia que ele não estava bravo comigo — estava só meditando. Quando, finalmente, ficou satisfeito com as idéias, começou a contar mais uma história.

— Em tempos imemoriais, uma ponte de madeira ligava dois povos que eram aliados havia muitos séculos. Ela fora construída sobre um rio cujas margens eram tão distantes que não permitiam ser ligadas por uma ponte. O local parecia especialmente preparado para a construção de uma ponte, pois nas duas margens do rio erguiam-se rochedos imensos, como um contraforte. Após alguns séculos, porém, concluiu-se que algo mais moderno do que uma ponte de madeira seria necessário para unir os dois povos. Uma equipe de engenheiros projetou uma ponte de metal para substituir a de madeira. Ela foi construída, mas ruiu depois de algumas décadas. Estudando os destroços, outra equipe de engenharia decidiu que a fadiga do metal se devia ao aço de qualidade inferior usado pelos primeiros engenheiros. A ponte foi reconstruída com os melhores materiais disponíveis, mas desabou após quarenta anos. Outra equipe de engenheiros se reuniu para estudar o problema, e dessa vez eles se concentraram no projeto inicial, que consideraram falho em diversos aspectos fundamentais. Prepararam um novo projeto e construíram outra ponte — que ruiu novamente, passados apenas trinta anos.

“Até então todos haviam trabalhado com uma ponte fixa, cujas vigas se apoiavam em dois pilares fincados no rio. Eles decidiram substituir aquele sistema por uma ponte articulada, com várias vigas de apoio, o que, pensavam, resolveria definitivamente o problema. Quando a nova ponte também veio abaixo, depois de trinta anos, resolveram fazer uma ponte em arco. Foi um

progresso, mas ela ruiu depois de quarenta anos. Tentaram uma ponte com vários arcos, que durou vinte e cinco anos. Depois, uma ponte sustentada por cabos, que desabou também depois de vinte e cinco anos.

“Os construtores da primeira ponte, aquela de madeira, estavam mortos havia séculos, claro, mas um estudioso do trabalho deles ofereceu uma explicação para a efemeridade das pontes metálicas dos engenheiros. ‘O trânsito sobre a ponte faz com que o metal vibre’, disse ele, ‘Isso é previsível, aliás. A vibração é transmitida para as rochas que são usadas como pontos de apoio, o que também é presumível. O que não se presumia era a intensa ressonância que aquela vibração provocava nas rochas. Essa ressonância, transmitida de volta à ponte pelo metal, é que causava a sua rápida deterioração. A primeira ponte, de madeira, quase não transmitia vibrações para as rochas e, assim, não gerava ressonância. Por isso é que aquela ponte de madeira durou tanto tempo, e, na verdade, ainda estaria lá, funcionando muito bem, se não a tivessem demolido’”.

“Não preciso nem dizer que os engenheiros ficaram furiosos com essa explicação. Em vez de mostrar gratidão ao estudioso, disseram: ‘Que espera que façamos com relação a isso? Você, por acaso, está sugerindo que voltemos a fazer pontes *de madeira?*’”

Ismael me encarou, com ar interrogativo. Encarei-o também, por alguns minutos, enquanto pensava no caso. Finalmente, eu disse:

— Bem, ele *não estava* sugerindo que eles voltassem a fazer a ponte de madeira?

— Certamente que não, Julie. Ele estava tentando encaixar a última peça no quebra-cabeça que atormentava os engenheiros para que pudessem começar a pensar de modo criativo. Devo acrescentar, por falar nisso, que engenheiros de verdade dificilmente construiriam uma ponte após outra, irresolutamente.

Tampouco reagiriam daquela forma à informação. Pelo contrário, acredito que engenheiros de verdade seriam inspirados positivamente pela informação, pois sua ausência bloqueava todas as possibilidades de êxito. Aquela informação abria caminho para a exploração de uma série de opções que jamais seriam tentadas de outra forma.

— Entendo. Mas acho que não estou vendo uma série de opções para *mim* — ou, como você fica dizendo, para as pessoas da minha cultura. Ismael pensou na questão por algum tempo e depois disse:

— Suponha, Julie, que pudéssemos fazer a viagem intergaláctica que você sonhou. Suponha que encontremos um planeta no qual pessoas muito parecidas com você tenham um modo de vida seguro e altamente satisfatório, que provou ser eficiente por centenas de milhares de anos. E suponha que fosse possível prender um cabo no planeta e arrastá-lo até a Terra, onde qualquer pessoa pudesse estudá-lo à vontade. Você olharia para ele e continuaria sem ver opções a ser exploradas?

— Não.

— Então, por favor, explique a diferença para mim.

— Acho que não quero viver do modo que as pessoas viviam há milhares de anos.

A sobancelha direita dele se levantou.

— Perdoe-me se arregalei os olhos, Julie. Você tem sido muito racional até agora.

— Não estou sendo irracional, só honesta.

Ele balançou a cabeça.

— Você está descartando uma sugestão que jamais foi feita, Julie. E isso não é racional. Nunca lhe pedi que voltasse a viver como as pessoas faziam há dez mil anos. Nem de longe sugeri tal coisa. Se eu lhe dissesse que os

bioquímicos de uma universidade jesuíta haviam descoberto a cura para o câncer, você a recusaria alegando que não desejava tornar-se católica?

— Não.

— Então, novamente por favor, explique a diferença para mim.

— Não vejo semelhança entre o que você está dizendo e a cura para o câncer.

Ele me estudou gravemente, por alguns momentos, e disse:

— Talvez seja melhor você dar uma volta, passar uma hora contemplando o papel de parede ou outra coisa qualquer quando precisar dar um tempo.

Pulei da poltrona e fui batendo o pé até a estante capenga de Ismael olhar os livros. Cheguei a folhear alguns volumes, esperando que uma citação genial saltasse da página em minha direção. Mas não aconteceu nada. Passados dez minutos, voltei e me sentei.

— Acho que tem a ver com orgulho, sei lá — disse eu.

— Continue.

— Se trouxéssemos um planeta até aqui e ele fosse habitado por membros de uma raça alienígena — quase disse uma raça *mais avançada* —, seria uma coisa. Seria *aceitável* se eles soubessem de algo que não sabemos. O que é *intolerável* é que esses amaldiçoados *selvagens* saibam algo que nós não sabemos.

— Compreendo, Julie. Ou, pelo menos, acho que compreendo. Bem, você precisa entender uma coisa. Não estamos analisando aqui o que esses povos *sabem*. Você poderia entrevistar todas as pessoas deste planeta que vivem de modo tribal a respeito da vida tribal, e nenhuma delas conseguiria articular espontaneamente a estratégia da retaliação sem nexos para você. Mas, assim que você lhes explicasse, eles a reconheceriam imediatamente e provavelmente diriam algo assim: “Claro, todos nós sabemos *disso*. Só não

falamos porque era óbvio demais. Nem precisava dizer”. E eu concordo. Só um dos cientistas mais brilhantes de todos os tempos conseguiu explicar o fato de objetos caírem em direção ao centro da Terra, uma coisa que qualquer criança de cinco anos sabe — ou, certamente imaginará que sabe se você mostrar a ela.

— Não sei bem aonde está querendo chegar.

— Eu também não sei, para ser honesto, Julie. Você precisa ter paciência enquanto procuro respostas capazes de satisfazê-la... Os cientistas de várias áreas estão interessados na bioluminescência — a produção de luz por seres vivos —, mas nenhum deles está tentando descobrir o que esses seres *sabem* a respeito da produção de luz. O que eles possam *saber* sobre a luz não vem ao caso. Não *faz* muito tempo, estudamos o comportamento que permite ao camundongo-de-pata-branca sobreviver com sucesso. Mas não tentamos descobrir o que esses camundongos *sabiam* a esse respeito, não é?

— Claro.

— O mesmo ponto de vista se aplica ao nosso tema atual. Não estamos interessados no que os Largadores *sabem* sobre modos de vida, assim como o conhecimento a respeito da luz pelos seres bioluminescentes não nos interessa. O nosso objeto de estudo não é o conhecimento deles. O *sucesso*, sim.

— Tudo bem. Entendi. Só não sei o que o sucesso deles tem a ver com a *gente*.

Ismael balançou a cabeça.

— É exatamente por esse motivo que isso nunca foi estudado por vocês, Julie. Vocês nunca consideraram relevante estudar povos cuja única qualidade foi ter vivido no planeta durante três milhões de anos sem arrasá-lo. Mas, conforme vocês se aproximarem do ponto que não tem volta e avançarem rumo à extinção, esse estudo se tornará extremamente relevante.

— É. Estou entendendo o que você está dizendo... Mais ou menos.

— Já se sabe que os *vikings* passaram pelo Novo Mundo cerca de quinhentos anos antes de Colombo. Mas os contemporâneos dos *vikings* não ficaram entusiasmados com a descoberta, pois ela era irrelevante para eles. Alguém poderia anunciar aquilo aos quatro ventos e as pessoas ficariam intrigadas com o motivo de tanta agitação. Mas, quando Colombo fez sua descoberta, quinhentos anos depois, os contemporâneos *dele* ficaram maravilhados. A descoberta de um novo continente tornara-se algo extremamente relevante. Até agora, Julie, eu tenho sido um Leif Eriksson trombeteando sozinho num continente vasto, deslumbrante, a respeito do qual ninguém dá a mínima nem quer ouvir falar. Este continente está aqui, disponível para estudo por parte de seus filósofos, educadores, economistas, cientistas políticos e outros, faz mais de um século, mas ninguém dedicou a ele mais do que um olhar entediado. Sua existência só provoca bocejos. Contudo, percebo que as coisas estão mudando. Seu aparecimento aqui, nesta sala, é um sinal dessa mudança — e, como você bem se recorda, eu mesmo quase o deixei passar. Percebo que um número cada vez maior de pessoas está preocupado com esse mergulho na direção da catástrofe. Percebo que há cada vez mais gente em busca de novas idéias.

— É. Mas, infelizmente, cada vez mais gente anda atrás de formas exóticas de mandraquice.

— Já era de se esperar, Julie. O que vocês estão passando equivale a um colapso cultural. Durante dez mil anos, acreditaram que só havia um modo correto de vida para as pessoas. Mas, nas últimas três décadas, essa crença foi se tornando cada vez mais insustentável. Você pode achar esquisito, mas os homens de sua cultura têm sido atingidos com mais vigor pelo fracasso de sua mitologia cultural. Eles fazem (e sempre fizeram) um investimento muito

maior na crença de que a sua revolução estava certa. Nos próximos anos, à medida que os sinais do colapso se tornarem mais inegáveis, você os verá cada vez mais refugiados no mundo artificial do sucesso masculino, que é o mundo dos esportes. E, pior ainda, você os verá adotando uma postura vingativa cada vez mais violenta, em consequência do desapontamento com o mundo que os cerca — e, especialmente, voltada contra as mulheres.

— Por que contra as mulheres?

— O sonho dos Pegadores sempre foi um sonho masculino, Julie, e os homens de sua cultura imaginam que o colapso desse sonho os devastará, embora deixe as mulheres relativamente intocadas.

— E vai ser assim?

Ismael pensou por um momento antes de responder.

— Os reclusos da prisão dos Pegadores constroem novamente cadeias para si, a cada geração, Julie. Sua mãe e seu pai fizeram a parte deles, e continuam fazendo. Você, pessoalmente, quando frequenta a escola obedientemente e se prepara para ocupar seu lugar no mundo do trabalho, está engajada na construção da prisão a ser ocupada pela próxima geração. Quando ela estiver pronta, será o resultado do esforço de todos vocês, tanto homens como mulheres. Todavia, as mulheres de sua cultura nunca se mostraram tão entusiasmadas pela vida na cadeia quanto os homens — raramente tiveram os mesmos benefícios que eles.

— Está dizendo que os homens dirigem a prisão?

— Não. Enquanto a comida permanecer trancada, a prisão se governa por si mesma. O governo que você vê são os prisioneiros governando-se a si mesmos. Eles podem fazer isso e viver como querem dentro da prisão. Em geral, os prisioneiros preferem ser governados pelos homens — ou permitiram que homens os governassem —, mas isso não quer dizer que os homens

dirigem a prisão.

— Que é a prisão então?

— A prisão é a sua cultura, que vocês sustentam, geração após geração. Você mesma está aprendendo com seus pais a ser prisioneira. Seus pais aprenderam com os pais deles a ser prisioneiros. E os pais deles aprenderam com os pais deles a ser prisioneiros. E assim por diante, até o início de tudo, no Crescente Fértil, dez mil anos atrás.

— E como a gente pode acabar com isso?

— Aprendendo algo diferente, Julie. Recusando-se a ensinar seus filhos a viver como prisioneiros. Quebrando o padrão. Por isso, quando as pessoas perguntam o que devem fazer, costumo responder: “Ensinem aos outros o que aprenderam aqui”. Com frequência, porém, eles respondem: “Claro, está certo. Mas o que devemos *fazer?*” Quando seis bilhões de pessoas se recusarem a ensinar aos filhos a se tornar prisioneiros da cultura dos Pegadores, esse terrível pesadelo terá se acabado — numa única geração. Ele só pode persistir enquanto vocês continuarem a propagá-lo. Sua cultura não tem existência autônoma — exterior a vocês. Quando deixarem de propagá-lo, desaparecerá. Deve desaparecer, como um fogo sem lenha que o alimente.

— Está certo, mas o que vai acontecer depois? Não se pode simplesmente parar de ensinar *coisas* às crianças, não é?

— Claro que não, Julie. Não se pode parar de ensinar alguma coisa a elas. No entanto, vocês precisam começar a ensinar-lhes algo *novo*. E, se pretendem ensinar algo novo, é claro que devem primeiro aprender algo novo. É para isso que estamos aqui.

— Entendi — disse eu.

Confusão escolar

— Estou percebendo, Julie, que preciso ensiná-la a explorar o novo continente para onde a levei.

— Fico feliz em ouvir isso — disse eu.

— Acho que gostaria de saber como eu comecei a explorá-lo.

— Adoraria.

— Domingo passado mencionei o nome Raquel Sokolow. Ela foi a pessoa que me possibilitou manter esse local. Você não precisa saber como isso se deu, mas conheço Raquel desde a infância — estive em contato com ela, como ocorre entre mim e você. Eu não tinha nenhum conhecimento de seu sistema de ensino quando Raquel entrou na escola. Não tinha motivo para tanto e jamais pensara a esse respeito. Como a maioria das crianças de cinco anos, ela estava animada por finalmente poder freqüentar a escola, e eu também fiquei animado, imaginando (como ela) que uma experiência realmente maravilhosa a aguardava. Só vários meses depois comecei a notar que a animação diminuía — e continuou a diminuir, mês após mês, ano após ano, até que ela chegou à terceira série, completamente entediada e louca para arranjar qualquer desculpa para faltar às aulas. Essa história parece estranha para você?

— Claro que não — disse eu rindo, sarcástica. — Cerca de oito milhões de crianças foram dormir ontem a noite rezando para cair um metro de neve. Assim, as escolas ficariam fechadas.

— Através de Raquel, tornei-me um estudioso de seu sistema educacional. Na verdade, fui à escola com ela. A maioria dos adultos da sua sociedade se esqueceu do que ocorre quando foram à escola ainda pequenos. Se, como os adultos, fossem obrigados a ver tudo aquilo de novo pelos olhos de uma

criança, aposto que se encheriam de horror e espanto.

— É, acho que tem razão.

— O que se vê inicialmente é o quanto a escola real se encontra distante do ideal de “jovens mentes despertas”. A maioria dos professores adoraria despertar a mente dos alunos, mas o sistema no qual trabalham frustra sistematicamente essa vontade insistindo em que todas as mentes devem ser despertadas na mesma ordem, usando os mesmos instrumentos, no mesmo ritmo, conforme uma agenda estabelecida previamente. O professor é encarregado de conduzir a classe como um todo até determinado ponto do currículo, num prazo preestabelecido, e os indivíduos que formam a classe logo aprendem o procedimento para ajudar o professor em sua tarefa. Isso, em certo sentido, é a primeira coisa que precisam aprender. Alguns aprendem depressa, com facilidade; outros, lenta e dolorosamente, mas todos aprendem, mais dia, menos dia. Tem alguma idéia do que eu estou dizendo?

— Acho que sim.

— O que você aprendeu a fazer para ajudar os professores em sua tarefa?

— Não fazer perguntas.

— Explique isso melhor, Julie.

— Se você levantar a mão e disser: “Puxa, professora Smith, não entendi nada do que a senhora falou hoje”, a professora Smith vai odiá-lo. Se alguém levantar a mão e disser: “Puxa, professora Smith, não entendi nada do que a senhora falou a semana inteira”, vai ser odiado cinco vezes mais. E se disser: “Puxa, professora Smith, não entendi nada do que a senhora falou o ano inteiro”, a professora Smith vai puxar uma arma e dar um tiro na sua testa.

— Portanto, a idéia é dar a impressão de que você entendeu tudo, seja ou não verdade.

— É isso aí. A última coisa que um professor quer ouvir é alguém dizer que

não entendeu a matéria.

— Você começou citando a regra contra fazer perguntas. Você não explicou isso ainda.

— Não fazer perguntas quer dizer... não criar caso só porque você fica pensando nas coisas. Quero dizer, vamos supor que a gente esteja estudando a força das marés. Ninguém pode levantar a mão e perguntar se é verdade que os loucos ficam mais loucos durante a lua cheia. Posso imaginar que alguma criança aja assim no jardim de infância, mas, na minha idade, fazer isso já virou tabu. Por outro lado, os professores gostam de se divertir com determinados tipos de pergunta. Se eles gostam de um certo assunto, os alunos logo percebem qual é, e eles sempre estão prontos para falar do que lhes interessa, como um *hobby*, por exemplo.

— E por que você estimularia o professor a falar do *hobby* dele?

— Porque é muito melhor do que ouvir a explicação a respeito de aprovação de uma lei no Congresso.

— E de que outras maneiras se pode ajudar um professor?

— Nunca discorde. Nunca aponte contradições. Nunca levante questões que possam aprofundar o assunto, indo além do que está sendo ensinado. Nunca demonstre que está perdido. Sempre finja que entendeu cada palavra. No final, vai dar tudo no mesmo.

— Compreendo — disse Ismael. — Novamente, enfatizo que se trata de um defeito do próprio sistema e não dos professores, cuja obrigação primordial é “dar a matéria”. Você compreende que, apesar de tudo, temos aqui o sistema educacional mais avançado do mundo. Funciona muito mal, mas continua sendo o mais avançado.

— É. Deve ser. Gostaria que desse um sorriso afetado, ou algo assim, para mostrar quando está sendo irônico.

— Duvido que eu consiga me expressar de uma forma aceitável, Julie... Mas vamos voltar à minha história. Acompanhei Raquel sendo empurrada de série em série (devo acrescentar que frequentou uma escola particular muito cara — a mais avançada das mais avançadas). Enquanto isso, eu começava a juntar o que estava vendo com o que já sabia a respeito do funcionamento dessa sua cultura tão avançada. Nesse ponto, ainda não havia desenvolvido nenhuma das teorias que você já conhece. Nas sociedades que vocês consideram primitivas, os jovens “se formam” aos treze ou catorze anos, e nessa idade já aprenderam quase tudo o que precisam saber para agir como adultos na comunidade. Na verdade, aprenderam tanto que, se o resto da comunidade simplesmente desaparecesse do dia para a noite, eles seriam capazes de sobreviver sem dificuldade. Saberiam fabricar os apetrechos necessários à caça e pesca. Construir abrigos e fazer roupas. Aos treze ou catorze anos, sua condição de sobrevivência já era de cem por cento. Presumo que saiba do que estou falando.

— Claro.

— Em seu muito avançado sistema, os jovens se formam na escola aos dezoito anos, e sua condição de sobrevivência é virtualmente zero. Se o resto da comunidade desaparecesse do dia para a noite, e eles fossem deixados inteiramente por sua conta, teriam muita sorte se conseguissem sobreviver. Sem instrumentos ou ferramentas — e sem as ferramentas para *confeccionar* ferramentas —, não conseguiriam pescar ou caçar, e muito menos com eficiência. A maioria nem distinguiria as plantas silvestres comestíveis. Não saberiam fazer roupas ou construir um abrigo.

— Isso mesmo.

— Quando os jovens de sua cultura se formam na escola (exceto quando as famílias continuam a cuidar deles), devem encontrar imediatamente alguém

que lhes dê dinheiro para comprar as coisas de que necessitam para sobreviver. Em outras palavras, precisam arranjar emprego. Você já deve saber por que isso ocorre.

Confirmei com a cabeça.

— Porque a comida fica trancada à chave.

— Exatamente. Gostaria que percebesse a ligação entre as duas coisas. Como eles não têm condição de sobrevivência por conta própria, precisam procurar emprego. Isso não é uma opção para eles, a não ser que sejam ricos. Ou arranjam emprego ou passam fome.

— Estou sabendo disso.

— Tenho certeza de que você sabe que em sua sociedade os adultos insistem em dizer que o sistema educacional faz um serviço péssimo. Embora seja o mais avançado da história, é péssimo. Por que suas escolas conseguem decepcionar tanto as pessoas, Julie?

— Meu Deus do céu, como que eu vou saber? E isso não me interessa muito. Eu simplesmente desligo quando as pessoas começam a falar dessas coisas.

— Vamos, Julie. Você nem precisa pensar muito para responder.

Resmunguei:

— As provas são uma droga. As escolas não preparam ninguém para o mercado de trabalho. Acho que algumas pessoas querem dizer que as escolas *deveriam* nos ensinar a sobreviver. *Deveríamos* ter condições de ser bem-sucedidos quando terminássemos o curso.

— É para isso que existem as escolas, não é mesmo? Elas estão aí para preparar os jovens para uma vida bem-sucedida, em sociedade.

— É isso aí.

Ismael balançou a cabeça.

— Isso é o que a Mãe Cultura ensina, Julie. Trata-se, na verdade, de um de seus ardis mais elegantes. Pois as escolas não existem para isso, obviamente.

— Então, para que elas servem?

— Demorei anos para descobrir. Naquela altura, eu ainda não tinha prática em desvendar essas trapaças. Foi minha primeira tentativa, e demorei muito. As escolas existem, Julie, para regular o fluxo de competidores no mercado de trabalho.

— É isso. Estou entendendo.

— Há cento e cinquenta anos, quando os Estados Unidos ainda eram uma sociedade agrária, não havia razão para manter os jovens fora do mercado de trabalho depois dos oito ou dez anos, e não era incomum que as crianças abandonassem a escola nessa idade. Apenas uma minoria ia para a faculdade aprender uma profissão. Porém, com o crescimento da urbanização e da industrialização, houve uma mudança. No final do século XIX, oito anos de escola tornaram-se regra e não exceção. Conforme a urbanização e a industrialização se aceleraram nas décadas de 20 e 30, doze anos de escola tornaram-se a regra. Depois da Segunda Guerra Mundial, sair da escola antes de doze anos de estudo passou a ser desencorajado com firmeza, e disseram que os quatro anos de faculdade não deveriam mais ser considerados privilégio da elite. Todos deveriam receber formação superior, mesmo que fosse por apenas dois anos, certo?

Ergui a mão.

— Uma pergunta. Tenho a impressão de que a urbanização e a industrialização deveriam provocar o efeito contrário. Em vez de manter os jovens *fora* do mercado de trabalho, o sistema deveria tentar colocá-los *dentro* do mercado.

Ismael balançou a cabeça.

— É verdade. À primeira vista isso parece razoável. Imagine, porém, o que aconteceria hoje se os educadores decidissem subitamente que o segundo grau não seria mais necessário.

Meditei por alguns segundos e disse:

— Estou vendo aonde quer chegar. Haveria, de repente, vinte milhões de jovens competindo por vagas que não existem. A taxa de desemprego cresceria uma barbaridade.

— Seria uma catástrofe, literalmente. Veja bem, Julie: não se trata apenas de manter os jovens de catorze anos fora do mercado de trabalho. É essencial mantê-los em casa, como consumidores sem renda própria.

— Que você quer dizer com isso?

— Os jovens dessa faixa etária exigem uma quantidade enorme de dinheiro — estimada em duzentos bilhões de dólares por ano — dos pais para comprar livros, roupas, jogos eletrônicos, novidades, CDs e produtos similares, criados especialmente para eles e mais ninguém. Muitas indústrias gigantescas dependem dos consumidores adolescentes. Você deve ter noção disso.

— Acho que sim. Só que nunca pensei nesses termos.

— Se os adolescentes se transformassem subitamente em trabalhadores assalariados e não tivessem mais liberdade para arrancar bilhões de dólares dos bolsos dos pais, as indústrias voltadas para a juventude desapareceriam, despejando outros tantos milhões de pessoas no mercado de trabalho.

— Estou entendendo. Se os adolescentes tivessem que ganhar a vida, não gastariam o dinheiro em tênis Nike, jogos eletrônicos e CDs.

— Há cinquenta anos, Julie, os adolescentes viam filmes feitos para adultos e usavam roupas criadas para os adultos. A música que ouviam não era composta e gravada para eles. Era música para adultos — feita por adultos como Cole Porter, Glenn Miller e Benny Goodman. Para andar na moda, na

primeira onda do pós-guerra, as adolescentes saqueavam os guarda-roupas do pai, pegando as camisas brancas sociais. Uma coisa assim jamais aconteceria hoje.

— Com certeza.

Ismael permaneceu em silêncio por alguns minutos. Depois, disse:

— Ainda agora você mencionou que seu professor explicou como uma lei era aprovada no Congresso. Presumo que tenha aprendido isso na escola.

— Foi. Na aula de educação cívica.

— E você sabe como uma lei é aprovada no Congresso?

— Não tenho a menor idéia, Ismael.

— Fez alguma prova sobre esse assunto?

— Com certeza.

— Tirou uma boa nota?

— Claro. Sempre tiro ótimas notas nas provas.

— Então, supõe-se que você “aprendeu” como uma lei é aprovada, fez a prova e logo esqueceu tudo a esse respeito.

— É isso.

— Você consegue dividir frações?

— Acho que sim, claro.

— Dê-me um exemplo.

— Bem, vamos lá: se você tem meia torta e quer dividi-la em três partes, cada fatia será um sexto.

— Isso é um exemplo de multiplicação, Julie. Meio vezes um terço é igual a um sexto.

— É, tem razão.

— Você estudou divisão de frações na quarta série, provavelmente.

— Sim. Eu me lembro vagamente.

— Pense mais e veja se consegue me dar um exemplo de divisão de duas frações.

Pensei um pouco e admiti que estava fora do meu alcance.

— Se você divide meia torta por três, obtém um sexto da torta. Isso é lógico. Se dividir meia torta por dois, obtém um quarto da torta. Se dividir meia torta por um, quanto obterá.

Olhei para ele, confusa.

— Se você dividir meia torta por um, obterá meia torta, claro. Qualquer número dividido por um dá o próprio número.

— Claro.

— Então, quanto obterá se dividir meia torta por meio?

— Puxa! Uma torta inteira?

— Claro. E se dividir meia torta por um terço?

— Três meios, acho. Uma torta e meia.

— Isso mesmo. Na quarta série, você passou semanas tentando compreender esse conceito, mas obviamente ele era abstrato demais para alunos de quarta série. Mas, como disse, você passou na prova.

— Claro que passei.

— Portanto, aprendeu o que precisava para passar, e logo esqueceu tudo. Sabe por que esqueceu?

— Esqueci porque não dava a mínima para aquilo.

— Exatamente. Esqueceu pela mesma razão por que apagou da memória como uma lei é aprovada no Congresso. Ou seja, porque não havia uso para aquilo em sua vida. Na verdade, as pessoas raramente se lembram de coisas inúteis.

— É verdade.

— De tudo o que aprendeu na escola no ano passado, do que você se

lembra?

— Quase nada, acho.

— Você acha que é diferente de seus colegas nesse aspecto?

— Nem um pouco.

— Portanto, a maioria não se lembra quase nada do que aprendeu na escola quando passa de um ano para o outro.

— Isso mesmo. Claro que a gente sabe ler e escrever, e um pouco de aritmética... quer dizer, a maioria sabe.

— O que prova meu argumento, certo? Ler, escrever e fazer as quatro operações são coisas úteis na vida de vocês.

— Claro. Quanto a isso, não tenho dúvida.

— Eis uma questão interessante para você, Julie. Os professores esperam que você se lembre do que aprendeu no ano passado?

— Não, acho que não. Eles esperam que a gente tenha ouvido falar no assunto. Se o professor fala em “força das marés”, ele espera que todos balancem a cabeça e digam: “Já estudamos isso no ano passado”.

— Você entende como agem as forças que provocam as marés, Julie?

— Sim, sei como elas são. Por que o oceano incha dos dois lados da Terra ao mesmo tempo é uma coisa absolutamente sem sentido para mim.

— Mas você não confessa isso ao professor.

— Claro que não. Acho que tirei 9,7 na prova. Eu me lembro mais da nota do que da matéria, sempre.

— Mas, agora, você está em condições de entender por que passa anos de sua vida na escola aprendendo coisas que esquece rapidamente assim que termina a prova.

— É mesmo?

— É. Faça uma tentativa.

Tentei.

— Eles precisam nos dar *alguma coisa* que nos mantenha ocupados durante os anos em que ficamos fora do mercado de trabalho. E isso precisa parecer legal. Tem de ser uma coisa muuuiiiiiiiiito útil. Eles não podem deixar a gente passar doze anos queimando fumo e ouvindo *rock*.

— Por que não, Julie?

— Porque não pareceria certo. Estaria tudo perdido. O segredo seria revelado. Todos saberiam que estávamos ali apenas para matar o tempo.

— Quando enumerou as coisas que as pessoas consideram erradas no sistema educacional, você notou que elas têm um péssimo conceito quanto à preparação das pessoas para o mercado de trabalho. Por que você acha que elas têm um péssimo conceito a esse respeito?

— Por quê? Sei lá. Nem sei se entendi direito a sua pergunta.

— Ah — exclamou ele. E foi só o que ouvi durante uns três minutos.

Depois, admiti que não tinha a menor idéia de como pensar no assunto, do jeito que ele esperava que eu fizesse.

— O que as pessoas pensam a respeito desse fracasso da escola, Julie? Isso lhe dará uma pista do que a Mãe Cultura ensina.

— As pessoas pensam que a escola é incompetente. É isso que eu acho que elas pensam.

— Tente me passar o que sabe com segurança, com certeza.

Analisei o caso por algum tempo e disse:

— Os jovens são preguiçosos e as escolas são incompetentes e recebem poucas verbas.

— Ótimo. Isso é realmente o que a Mãe Cultura ensina. O que as escolas fariam se tivessem mais dinheiro?

— Se as escolas tivessem mais dinheiro, poderiam contratar professores melhores, pagando mais. Em teoria, melhores salários incentivariam os professores a fazer um melhor trabalho.

— E quanto à preguiça dos alunos?

— Parte do dinheiro iria para pintura das salas, livros e aparelhos e equipamentos melhores. Os jovens não seriam mais preguiçosos. É por aí.

— Então, vamos supor que as escolas novas, bem-equipadas, formem alunos diferentes, mais bem preparados. O que aconteceria?

— Sei lá. Acho que seria mais fácil arranjar um bom emprego.

— Por quê, Julie?

— Porque eles estariam mais bem preparados. Saberiam fazer as coisas que os patrões querem.

— Excelente. Portanto, Johnny Smith não precisaria trabalhar como empacotador num supermercado, certo? Ele poderia se candidatar ao cargo de assistente da gerência.

— Isso mesmo.

— Seria maravilhoso, não acha?

— Acho que sim.

— Mas, sabe como é, o irmão mais velho de Johnny Smith terminou o segundo grau há quatro anos, antes que as escolas fossem melhoradas.

— E daí?

— E daí que ele também foi trabalhar no supermercado. Mas, como não tinha uma boa formação, começou como empacotador.

— Ah, tudo bem.

— E agora, passados quatro anos, ele também quer a vaga de assistente da gerência.

— Sério? — disse eu.

— E também temos o caso de Jennie Jones, outra recém-formada muito bem preparada. Ela não precisaria começar trabalhando como escriturária num escritório de contabilidade. Poderia entrar direto como gerente de administração. E isso é algo sensacional, certo?

— Até agora, sim.

— Mas a mãe dela voltou ao mercado de trabalho há alguns anos e, como não tinha experiência, foi obrigada a começar como escriturária num escritório. Agora, está apta a ser promovida a gerente de administração.

— Que droga!

— Você acha que as pessoas vão gostar de escolas renovadas, capazes de preparar os alunos para o mercado de trabalho?

— Nem um pouco.

— Agora você sabe por que as escolas fazem um péssimo trabalho no que diz respeito a preparar os jovens para a vida profissional?

— Claro que sei. Os recém-formados precisam começar por baixo.

— Portanto, você está vendo que as escolas fazem *exatamente* o que se espera que *façam*. As pessoas *imaginam* que adorariam ver os filhos entrando no mercado de trabalho já com uma profissão, mas, se isso realmente ocorresse, eles começariam a competir com seus irmãos mais velhos e outros parentes, o que seria catastrófico. Se um aluno sai da escola com uma ótima formação, você acredita que ele aceitaria trabalhar como empacotador num supermercado, Julie? Quem varreria ruas? Quem encheria tanques de carros? Quem fritaria hambúrgueres?

— Tenho a impressão de que isso se transformaria numa questão de idade.

— Está querendo dizer que Johnny Smith e Jennie Jones não podem conseguir os empregos que desejam não porque haja pessoas mais qualificadas, mas porque elas são mais velhas.

— Isso mesmo.

— Então, de que adianta dar a Johnny e Jennie a formação adequada para conseguir esses empregos?

— Acho que, se eles tiverem uma boa formação, poderão usar isso quando chegar a vez deles.

— E onde os irmãos mais velhos e os seus parentes aperfeiçoaram essa formação?

— No próprio emprego, acho.

— Você quer dizer: enquanto empacotavam as compras, varriam o chão enchiam tanques de carros e fritavam hambúrgueres?

— É, acho que e isso.

— E os novos formados não poderiam aprender tudo o que os irmãos e os parentes aprenderam desempenhando essas tarefas?

— Poderiam.

— Então, qual é a vantagem de aprender tudo antes se vão aprender o que precisam lá no serviço mesmo?

— Acho que não tem vantagem nenhuma, de um jeito ou de outro — respondi.

— Bem, agora vamos ver se você consegue decifrar por que as escolas produzem jovens com capacidade de sobrevivência zero.

— Está bem... Para começar, a Mãe Cultura diz que seria inútil formar pessoas com alta capacidade de sobrevivência.

— Por quê, Julie?

— Porque ninguém precisa disso. É claro que os povos primitivos precisam, mas os civilizados, não. Seria perda de tempo aprender a sobreviver por conta própria.

Ismael pediu que eu continuasse.

— Acho que você perguntaria agora o que aconteceria se formássemos uma nova classe de estudantes, com uma capacidade de sobrevivência de cem por cento.

Ele confirmou com a cabeça.

Parei por algum tempo para analisar o caso.

— A primeira coisa que pensei foi que eles poderiam arranjar emprego no mato, como guias no deserto ou coisa parecida. Mas isso é uma tremenda besteira. Poxa! Se eles tivessem capacidade para sobreviver, não precisariam de emprego *nenhum*.

— Continue.

— Trancar a comida não os manteria na prisão. Eles estariam *fora de moda*. Eles estariam *livres!*

Ismael concordou novamente.

— É claro que alguns poucos escolheriam viver no sistema. Mas seria uma questão de preferência. Arrisco afirmar que um Donald Trump, um George Bush ou um Steven Spielberg não sentiriam a menor vontade de abandonar a prisão dos Pegadores.

— Aposto que haveria mais do que alguns poucos. Acho que metade permaneceria no sistema.

— Continue. Que aconteceria então?

— Mesmo que metade escolhesse ficar, a porta continuaria aberta. As pessoas começariam a cair fora. Muitos ficariam, mas outros tantos iriam embora.

— Você quer dizer com isso que para muitos de vocês arranjar um emprego e trabalhar até a aposentadoria não é exatamente um paraíso.

— Pode ter certeza — disse eu.

— Portanto, você sabe por que as escolas não formam jovens com cem por cento de capacidade de sobrevivência.

— Isso mesmo, eu sei. Como eles não sabem sobreviver de outro jeito, são forçados a entrar na economia dos Pegadores. Mesmo que desejem cair fora, não podem.

— Novamente, o ponto essencial a registrar é que, apesar de todas as queixas, as escolas estão fazendo exatamente o que vocês desejam que elas façam, ou seja, produzir trabalhadores aos quais não resta outra escolha senão entrar para o sistema econômico, de acordo com o que foi estabelecido. Aqueles que tiverem somente o segundo grau exercerão, em geral, atividades subalternas. Talvez sejam tão inteligentes e talentosos quanto aquele que cursou uma faculdade, mas não provaram isso agüentando mais quatro anos de estudos — que, em sua maior parte, não são mais úteis para a vida do que os doze anteriores. Não obstante, um diploma de curso superior garante o acesso a empregos mais bem remunerados, que geralmente se encontram fora do alcance de quem só tem o segundo grau.

“O que as pessoas aprenderam no segundo grau ou nos cursos superiores não importa muito, seja na vida privada, seja na profissional. Poucas delas precisarão dividir frações, fazer análise sintática, dissecar uma rã, criticar um poema, provar um teorema, discutir a política econômica de Jean-Baptiste Colbert, definir a diferença entre os sonetos de Spenser e Shakespeare, explicar a tramitação de uma lei no Congresso ou o inchamento do oceano nas extremidades opostas do planeta, formando as mares. Se elas se formarem ignorando tudo isso, realmente não importa nada. Em geral, quem faz pós-graduação encontra-se numa situação diferente. Médicos, advogados, cientistas e pesquisadores acadêmicos, por exemplo, usam na vida real o que aprendem na universidade. Para uma pequena parcela da população, a escola

realmente faz alguma coisa, além de manter os jovens fora do mercado de trabalho”.

“O truque da Mãe Cultura, no caso, é alegar que a escola existe para atender às necessidades das pessoas. Na verdade, ela existe para atender às necessidades da economia. As escolas formam jovens que não podem viver sem trabalhar, mas que não aprenderam uma profissão, e isso é perfeito para o sistema econômico. O que vemos em funcionamento no sistema educacional não é um *defeito*, mas uma *exigência*. E essa exigência é atendida com uma eficiência próxima de cem por cento”.

— Ismael — disse eu, quando nossos olhares se encontraram —, você descobriu tudo isso sozinho?

— Sim, depois de muitos anos. Sabe, Julie, eu penso muito devagar.

Confusão escolar II

Ismael perguntou se eu havia acompanhado o crescimento de algum irmão desde a infância e respondi que não.

— Então, você não sabe, por experiência própria, que as crianças pequenas são as máquinas de aprender mais poderosas do universo. Elas conseguem, sem muito esforço, dominar todos os idiomas falados em sua casa. Ninguém precisa colocá-las numa classe e enfiar gramática e vocabulário na cabeça delas à força. Elas não fazem lição de casa, nem provas, e não precisam passar de ano. Aprendem idiomas sem sofrer, apreciando algo que lhes é imensa e imediatamente útil e gratificante.

“Tudo o que você aprende durante os primeiros anos é imensa e imediatamente útil e gratificante, mesmo que seja apenas engatinhar ou construir uma torre de blocos ou bater numa panela com a colher ou gritar até sentir dor de cabeça. O aprendizado das crianças pequenas só é limitado pelo que elas conseguem ver, cheirar e pegar. Essa ânsia de aprender continua até o jardim de infância, e por mais algum tempo. Lembra-se das coisas que aprendeu no jardim de infância?”

— Não, acho que não me lembro, não.

— Sei as coisas que Raquel aprendeu há vinte anos, mas duvido que sejam muito diferentes daquelas que costumam ensinar hoje em dia. Ela aprendeu o nome das cores primárias e secundárias — vermelho, azul, amarelo, verde, e assim por diante. As formas geométricas básicas — quadrado, círculo, triângulo. Ver as horas. Reconhecer os dias da semana. Contar. Ela aprendeu as unidades monetárias básicas, como centavos. O nome dos meses e das estações do ano. Todos aprendem isso, obviamente, quer freqüentem a escola,

quer não. De todo modo, essas coisas são úteis e gratificantes, e as crianças não encontram dificuldade em aprendê-las logo na pré-escola. Depois de revisar tudo isso no primeiro ano, Raquel começou a aprender adição, subtração e a ler (na verdade, ela já sabia ler desde os quatro anos, pelo menos). Como antes, as crianças geralmente consideram tudo isso útil e gratificante. Mas não pretendo repassar todo o currículo escolar. O ponto que desejo enfatizar é: da pré-escola à terceira série, a maioria das crianças aprende a dominar os elementos que os cidadãos precisam para viver em sua cultura — ler, escrever, contar. Essa capacidade, adquirida até os sete ou oito anos, é apreciada pelas crianças, e útil. Cento e cinquenta anos atrás, essa era a educação básica dos cidadãos. As outras séries, da quarta à oitava, foram adicionadas ao currículo para manter os mais jovens fora do mercado de trabalho, e as coisas ensinadas nessas séries são aquelas consideradas inúteis e entediadas pelos estudantes. Somar, subtrair, multiplicar e dividir frações é um exemplo típico. Nenhuma criança (e pouquíssimos adultos) tem oportunidade de usar as operações com frações, mas elas estavam lá, disponíveis, e foram acrescentadas ao currículo. Exigem meses e meses de estudo, e isso é bom, pois a idéia é exatamente ocupar o tempo dos estudantes. Você mencionou outras matérias, como educação cívica e ciências, que apresentam inúmeras oportunidades para matar o tempo. Recordo-me de que Raquel foi obrigada a decorar o nome de todas as capitais dos Estados para um curso qualquer. Meu exemplo favorito dessa tendência ocorreu quando ela estava na oitava série. Ela aprendeu a preencher a declaração do imposto de renda, algo que não lhe servia para nada na vida que levava naquele momento, e não serviria nos cinco anos seguintes. Depois disso, já teria obviamente esquecido a forma de fazer a declaração, cujas regras, de qualquer maneira, teriam mudado bastante. E todo jovem passa anos estudando história —

estadual, nacional, mundial, antiga, medieval e moderna — e consegue guardar apenas cerca de um por cento do que aprende.

Resolvi falar:

— Pensei que você apoiasse o estudo de história.

— Apóio, sem dúvida. Endosso o estudo de qualquer matéria, pois uma criança deseja aprender tudo. Todavia, o que as crianças querem saber em história é *como as coisas chegaram a esse ponto*. Mas ninguém, em sua cultura, sequer pensaria em ensinar essas coisas. Em vez disso, despejam milhões de nomes, datas e fatos que elas “precisam saber”, mas que somem da cabeça delas assim que terminam as provas. Isso equivale a entregar um livro de medicina de mil páginas a uma criança de quatro anos que pergunta de onde vêm os bebês.

— É a mais pura verdade.

— Contudo, aqui nesta sala, você está aprendendo a história *que tem importância* para você, não é?

— É!

— Vai esquecer tudo depois?

— Não. Seria impossível.

— As crianças aprendem qualquer coisa que elas *querem* aprender. Elas talvez não consigam aprender porcentagem na sala de aula, mas descobrirão sem dificuldade como calcular médias de tacadas em beisebol (que não passam de porcentagens, claro). Elas não aprendem ciências na escola, mas conseguem desarmar os sistemas mais sofisticados de segurança por meio de seus computadores, sem o menor esforço.

— É verdade. A mais pura verdade.

— Se você ler revistas, jornais e ver programas de televisão, verá pelo menos uma vez por semana algum projeto novo para “resolver” o problema do ensino. Quando falam em resolver o problema do ensino, as pessoas querem dizer um sistema capaz de ajudar os alunos e não somente de distraí-los por doze anos, para soltá-los sem qualquer qualificação no mercado de trabalho. Para criar alguma coisa que funcione bem, as pessoas de sua cultura acreditam que precisam inventar algo a partir do nada. Jamais percebem que estão tentando reinventar a roda. Caso você não conheça a expressão, “reinventar a roda” significa dedicar muito esforço a uma descoberta que, na verdade, ocorreu há muito tempo.

“Entre os povos tribais, o sistema educacional funciona tão bem que não exige nenhum esforço, não atormenta os estudantes, forma pessoas plenamente capacitadas a ocupar seu lugar naquela sociedade em particular. No entanto, chamá-lo de sistema é enganoso, se alguém espera ver prédios enormes cheios de inspetores e supervisores, comandados pelos diretores e delegacias de ensino. Nada disso existe. O sistema é completamente invisível e imaterial e, se pedisse a um membro da tribo para explicá-lo, ele nem saberia do que você está falando. A educação transcorre de modo constante e tranqüilo, e, portanto, eles não têm consciência de seu funcionamento bem como não percebem o mecanismo de funcionamento da gravidade”.

“A educação transcorre entre eles de modo constante e tranqüilo, como a educação de uma criança de três anos em casa. Se ela não viver confinada num berço ou num chiqueirinho, não há como impedir que aprenda. Uma criança de três anos é um monstro curioso, com mil braços estendidos em todas as direções. Ela quer tocar, cheirar e experimentar tudo. Vira coisas de pernas para o ar, quer ver se elas voam e sentir seu gosto ao serem degustadas, engolidas ou enfiadas no ouvido. A criança de quatro anos não tem menos

vontade de aprender, mas não precisa repetir as experiências que fez aos três. Já tocou, cheirou, comeu, virou, atirou e engoliu o que desejava. Está pronta para seguir adiante, assim como as crianças de seis, sete, oito, nove, dez anos, etc. Mas não se permite isso em sua cultura. Haverá muita bagunça. Desde os cinco anos a criança é controlada, cerceada e obrigada a aprender o que os professores, pedagogos encarregados de preparar currículos e outras autoridades determinam que elas ‘devem’ aprender, no mesmo ritmo que outras crianças da mesma idade.

“Isso não ocorre nas sociedades tribais. Lá, a criança de três anos tem liberdade para explorar o mundo à sua volta, até onde puder, o que não é tão longe quanto aos quatro, cinco, seis, sete ou oito anos. Não há barreiras para impedir crianças de qualquer idade, nenhuma porta para restringi-las. Não existe uma idade determinada para aprender alguma coisa. Ninguém sequer cogitaria um absurdo desses. Na verdade, todas as coisas que os adultos fazem são fascinantes para as crianças, e elas acabam, inevitavelmente, querendo fazê-las também, não necessariamente no mesmo dia das outras crianças, nem na mesma semana ou no mesmo ano. Esse processo, Julie, não é cultural, é genético. Quero dizer que as crianças não *aprendem* a imitar os pais. Como uma coisa dessas poderia ser ensinada? Faz parte da *constituição* da criança imitar os pais. Elas *nascem* querendo imitá-los, exatamente como os patinhos nascem dispostos a seguir o primeiro ser em movimento que encontram, que geralmente é a mãe. E esse impulso continua a existir dentro da criança, até... Julie?”

— Oi?

— A criança anseia por aprender a fazer todas as coisas que os pais fazem, mas essa vontade acaba desaparecendo. Quando?

— Droga! Como é que eu vou saber?

— Você sabe, Julie. Essa disposição desaparece no início da puberdade.

— É isso. Desaparece mesmo.

— O início da puberdade marca o final do aprendizado da criança, de acordo com a concepção dos pais. Ele assinala o final da própria infância. Novamente, isso não é cultural, mas genético. Nas sociedades tribais, o adolescente é considerado pronto para a iniciação na vida adulta — e *deve* ser iniciado. Não se pode mais esperar que a pessoa queira imitar os adultos. A vontade passou, e essa fase da vida encerrou-se. Nas sociedades tribais faz-se um reconhecimento ritualístico do fato para que todos tenham clareza. “Ontem, essas pessoas eram crianças. Agora, são adultas. E pronto”.

“O fato de que essa transformação é genética, e não cultural, pode ser demonstrado pelo nosso fracasso em aboli-lo por meios culturais — mediante a legislação e a educação. Realmente, vocês fizeram leis que prolongam a infância indefinidamente e redefiniram o que é ser adulto como um privilégio moral, que, em última análise, só pode ser invocado pela própria pessoa a partir de alegações obscuras. Nas culturas tribais, os indivíduos são *tornados* adultos, assim como seus presidentes se tornam presidentes, e não duvidam que sejam adultos, assim como George Bush não duvidava que ele era o presidente. A maioria dos adultos de sua cultura, contudo, nunca chega à certeza absoluta de ter cruzado a linha — se é que algum dia a cruza”.

— Isso parece ser verdade — disse eu. — Acho que tudo isso tem a ver com as turmas.

— Claro! Tenho certeza de que você consegue estabelecer a ligação.

— Eu diria que os jovens das gangues se rebelaram contra a lei que prolonga a juventude até um futuro indefinido.

— Isso mesmo, embora não o façam conscientemente. Eles simplesmente descobrem que é intolerável viver sob essa lei, intolerável negar o fator

genético que lhes diz que já são adultos. É claro que as gangues florescem apenas nas camadas menos privilegiadas da população. Outros grupos oferecem recompensas suficientes, fazendo com que os jovens abram mão dos privilégios da vida adulta por mais alguns anos. Só os jovens que não recebem nada em troca — ou, pelo menos, nada que tenha valor para eles — acabam nas gangues.

— É isso aí.

— Saímos ligeiramente do caminho principal aqui. Eu queria mostrar um sistema educacional que funciona em benefício *das pessoas*. Ele opera com simplicidade, sem custo, sem esforço, sem qualquer tipo de administração. As crianças vão para onde querem e passam o tempo com qualquer pessoa para aprender as coisas que querem aprender, na hora em que querem aprendê-las. A educação não é a mesma para todas as crianças. Por que deveria ser? A idéia não é passar a herança cultural a cada criança e sim transmiti-la a cada *geração*. O que sempre acontece, sem falta. Isso é provado pelo fato de que a sociedade continua a funcionar, geração após geração, o que não ocorreria se a herança não fosse transmitida fiel e totalmente geração após geração.

“Obviamente, muitos detalhes são deixados para trás de uma geração para outra. Boatos não são herança cultural. Eventos ocorridos há quinhentos anos não são lembrados do mesmo modo que aqueles que sucederam cinquenta anos atrás. E os eventos de cinquenta anos atrás não são lembrados do mesmo jeito que os do ano passado. Todos, porém, sabem que algo que não seja transmitido de uma geração para outra se perde de modo completo e irrevogável. O essencial, no entanto, é sempre transmitido, precisamente porque é essencial. Por exemplo, conhecimentos necessários à fabricação de instrumentos usados todos os dias não podem ser perdidos exatamente porque

são usados no cotidiano — e uma criança os aprende de modo rotineiro, assim como em sua cultura as crianças aprendem a usar o telefone e o controle remoto. Os chimpanzés de hoje aprendem a preparar e usar gravetos para ‘pescar’ formigas dentro do formigueiro. Onde quer que exista essa prática, ela é transmitida de maneira infalível de uma geração para outra. O comportamento não é genético; a capacidade de *aprender* é que é genética”.

Eu disse a Ismael que ele se esforçava muito para dizer algo, mas não conseguia me transmitir esse algo. Para minha surpresa, ele pegou um talo de aipo e o mordeu, emitindo um som parecido com um tiro. Mastigou o talo por algum tempo. Depois continuou:

— Era uma vez um marreco azul ancião, muito respeitado, chamado Titi. Ele convocou uma grande assembléia dos marrecos, reunindo os mais velhos e sábios na ilha de Wight, no canal da Mancha. Quando estavam reunidos, um marreco menos idoso e respeitado, chamado Ooli, deu um passo à frente e fez algumas observações introdutórias.

“‘Certamente, vocês todos sabem quem é Titi’, começou. ‘Caso alguém não saiba, porém, vou explicar. Ele é, sem a menor dúvida, o cientista mais genial de nossa época e a maior autoridade em migração de aves, um tema a que consagrou mais tempo e dedicação do que qualquer outro marreco o fez na história, azul ou não. Não sei por que ele nos convocou para essa assembléia, mas aposto que seus motivos são importantes’. Depois de pronunciar essas palavras, ele passou a direção da assembléia a Titi”.

“Titi eriçou as penas para atrair a atenção dos presentes e disse: ‘Convoquei-os para apresentar uma importante inovação, indispensável para a educação de nossos filhos’. Bem, Titi certamente conseguiu atrair a atenção de todos com esse pronunciamento e foi bombardeado com perguntas dos outros marrecos, que desejavam saber o que poderia estar errado no sistema

educacional dos marrecos azuis, que vinha funcionando satisfatoriamente havia muitas gerações, desde o início dos tempos”.

“Compreendo e aceito sua indignação, respondeu Titi, quando finalmente os marrecos sábios se acalmaram. ‘Mas, para que entendam minha proposta, é preciso que reconheçam e admitam que sou muito diferente de vocês. Como meu amigo Ooli mencionou, sou a maior autoridade em migração. Isso significa que possuo um profundo conhecimento teórico de um processo que vocês apenas executam, sem pensar, de modo rotineiro. Em termos mais simples, todos os anos, na primavera e no outono, vocês sentem uma certa inquietação, que acaba desaparecendo quando voam num sentido ou noutro sobre o canal da Mancha. Não é assim?’”.

“Todos os presentes concordaram, e Titi prosseguiu: ‘Não nego o fato de que essa sensação ligeiramente incômoda serve ao objetivo de fazer com que migrem. No entanto, não gostariam que seus filhos pudessem guiar a vida deles com base em algo mais sólido do que uma vaga sensação de inquietude?’”

“Quando lhe pediram que explicasse aonde queria chegar, ele disse: ‘Se fizessem as observações minuciosas que fiz como cientista, perceberiam com que frequência assombrosa vocês hesitam, por uma semana ou dez dias, realizando uma série de tentativas, voando para um lado e para outro, saindo como se realmente pretendessem migrar, apenas para voltar depois de percorrer dez, quinze ou vinte quilômetros. E saberiam quantos de vocês realmente saem e percorrem uma distância equivalente à da migração propriamente dita — na direção errada!’”

“Os marrecos agitaram as asas, nervosos, e eriçaram as penas para mostrar irritação. Sabiam que as palavras de Titi correspondiam à verdade absoluta (e, realmente, são verdadeiras — não valem somente em relação aos marrecos,

mas para as aves migratórias em geral), mas se sentiram mortificados ao perceber que o comportamento desleixado deles fora *notado* por alguém. Finalmente, perguntaram o que poderiam fazer para melhorar o desempenho”.

“Devemos fazer com que os jovens tomem consciência dos elementos necessários a um plano de migração ideal. Devemos prepará-los para observar as condições relevantes e calcular o momento certo para a partida”.

“Mas, ao que parece, você já é capaz de fazer isso, como cientista’, argumentou um dos presentes. ‘Não poderia simplesmente nos *avisar* a hora em que devemos iniciar a migração?’”

“Isso seria uma estupidez suprema’, retrucou Titi. ‘Não posso estar em todos os lugares ao mesmo tempo para realizar todos os cálculos relevantes. Vocês mesmos devem fazê-los, onde estiverem, levando em consideração as condições específicas que encontrarem”.

“Não é agradável ouvir um marreco gemer, em circunstâncias normais, mas aquele grupo emitiu um gemido espantoso ao ouvir tais palavras. Mas Titi insistiu, dizendo: ‘Vamos lá! Não é tão difícil quanto parece. Vocês precisam entender simplesmente que a migração torna-se vantajosa quando as condições do seu hábitat atual são inferiores às do hábitat alvo, multiplicadas pelo que é conhecido como fator migratório, que é apenas uma medida do quanto a parcela do êxodo reprodutivo potencial que está sobre o seu controle se reduziria em consequência dessa migração. Admito que isso pode soar um pouco complicado para vocês no momento, mas tornarei tudo perfeitamente claro a todos com o auxílio de alguns poucos conceitos e fórmulas matemáticas”.

“Bem, a maioria daqueles marrecos eram apenas pássaros comuns e sequer cogitaram se opor a uma autoridade tão renomada e respeitada que sabia muito mais de migração do que eles. Sentiram que não lhes restava escolha senão

seguir adiante com o plano, obviamente preparado para o benefício deles. Logo se viram estudando várias noites, junto com os filhos, para tentar compreender e explicar padrões de rota, mecanismos de navegação, percentagem de retorno, dispersão e convergência. Em vez de passar as manhãs brincando ao sol, os filhos aprendiam cálculo, um instrumento matemático desenvolvido no século XVII por dois famosos marrecos azuis, Leibnitz e Newton, que permitia lidar com as diferenciações e integrações de funções de uma ou mais variáveis. Em poucos anos, qualquer marrequinho já era capaz de calcular as variáveis de custo-migração tanto das migrações facultativas quanto das compulsórias. Condições climáticas, direção e velocidade do vento e até peso corporal e percentual de gordura entravam no cálculo das migrações”.

“Os fracassos iniciais do novo sistema educacional foram impressionantes, mas não imprevistos. Titi previra que o número de migrações bem-sucedidas seria menor nos primeiros cinco anos do programa, mas atingiria níveis anteriores e os superaria depois de mais cinco anos. Ao final de vinte anos, afirmou, um número maior de marrecos migraria com sucesso, em comparação com qualquer outro período da história. Mas, assim que os marrecos lograram êxito novamente em suas migrações, descobriu-se que a maioria deles falsificava os cálculos — eles meramente seguiam seu instinto, adequando os dados ao comportamento e não o comportamento aos dados. Novas regras, mais rigorosas, foram criadas para impedir qualquer forma de burla, e o número de migrações bem-sucedidas caiu vertiginosamente. Finalmente, concluiu-se que os pais não estavam qualificados para ensinar aos filhos algo tão complexo quanto a ciência da migração. Uma tarefa desse porte deveria caber exclusivamente a profissionais. Portanto, os marrequinhos começaram a ser retirados do ninho em tenra idade e passaram aos cuidados

da nova equipe de especialistas, que organizavam os grupos de jovens em unidades altamente competitivas, impondo a todos um alto padrão de exigências, provas padronizadas e disciplina rígida. Esperava-se uma certa rebeldia ao novo regime, e ela logo se manifestou, sob a forma de abstencionismo crônico, hostilidade, depressão e suicídio, principalmente entre os mais jovens. Formaram-se novos especialistas em motivação, psicoterapeutas, consultores e guardas, que lutaram para manter a situação sob controle, mas não demorou muito e os membros do bando começaram a fugir, como moradores de um prédio em chamas (pois Titi e Ooli não eram tão doidos a ponto de acreditar que conseguiriam manter o bando unido à força)”.

“Enquanto os dois amigos observavam os últimos remanescentes do bando levantando vôo, Ooli balançou a cabeça e perguntou o que havia dado errado. Titi eriçou as penas, irritado, e disse: ‘Falhamos ao deixar de levarem consideração um fato importante, ou seja, que os marrecos são preguiçosos e estúpidos e estão perfeitamente satisfeitos em permanecer assim’”.

— Os problemas envolvidos na migração — quando iniciar, para que lado ir, até onde seguir, quando parar — estão muito além da capacidade de processamento de qualquer computador, mas são rotineiramente resolvidos não só por criaturas dotadas de cérebro relativamente avantajado, como pássaros, tartarugas, cervos, salamandras, ursos e salmões, como também por piolhos, pulgões, platelmintos, mosquitos, besouros e lesmas. Eles não precisam ir à escola para aprender isso. Você compreende?

— Claro que sim.

— Milhões de anos de seleção natural produziram criaturas capazes de resolver esses problemas de um modo pragmático, que não é perfeito, mas funciona bem, porque — atenção! — essas criaturas continuam *aqui*. Da

mesma maneira, milhões de anos de seleção natural produziram criaturas humanas que nascem com um desejo incontável de aprender qualquer coisa e tudo o que seus pais sabem e capazes de feitos, em termos de aprendizado, cujas fronteiras encontram-se literalmente além da imaginação. Crianças que mal aprenderam a engatinhar e que vivem numa casa em que se falam quatro idiomas conseguem falar todos eles sem muito esforço, em poucos meses. Elas não precisam ir à escola para isso. Mas em dois anos...

Ergui a mão.

— Acho que entendi. As crianças aprendem aquilo que desejam aprender, qualquer coisa que seja útil para elas. Mas, para obrigá-las a aprender o que não tem a menor utilidade, é preciso mandá-las para a escola. Por isso, precisamos de escolas. Precisamos de escolas para ensinar às crianças coisas que não servem para nada.

— Que, na verdade, elas *não* aprendem.

— Que, na verdade, quando o sinal da última aula toca, elas *não aprenderam*.

Descolarizando o mundo

— Mas — continuei — *você* não acha que o sistema original poderia realmente dar certo no mundo moderno, não é?

Ismael refletiu por alguns momentos e disse:

— Suas escolas funcionariam perfeitamente se... se o quê, Julie?

— Se as pessoas fossem melhores. Se os professores fossem brilhantes, os alunos, atentos, obedientes e esforçados, com visão para saber que aprender o que se ensina nas escolas é ótimo para eles.

— Você já descobriu que as pessoas não se tornarão melhores se você não encontrar um jeito de *torná-las* melhores. Então, o que se pode fazer?

— Gastar dinheiro.

— Mais dinheiro. Cada vez mais e mais dinheiro. Não se pode melhorar as pessoas, mas sempre é possível gastar mais dinheiro.

— É isso aí.

— Como se chama um sistema que só funciona se as pessoas envolvidas forem melhores do que eram antes?

— Não sei. Existe um nome para isso?

— Como se chama um sistema baseado no pressuposto de que as pessoas desse sistema serão melhores do que eram antes? Todos aqueles que pertencem ao sistema serão gentis e generosos e atenciosos e altruístas e obedientes e compassivos e pacíficos. De que tipo de sistema estamos falando?

— Utópico?

— Exatamente. Utopias. Todos os seus sistemas são utópicos. A democracia seria o Paraíso — se as pessoas fossem melhores do que antes.

Claro, o comunismo soviético também se considerava um Paraíso — se as pessoas fossem melhores do que antes. Seu sistema judiciário funcionaria perfeitamente — se as pessoas fossem melhores do que antes. E, claro, as escolas funcionariam perfeitamente, nessas condições.

— E daí? Não sei aonde você está querendo chegar.

— Vou devolver a pergunta a você, Julie. Acha mesmo que um sistema escolar utópico funcionaria no mundo moderno?

— Agora, estou entendendo o que está querendo dizer. O sistema que temos hoje não funciona. A não ser como um esquema para manter os jovens fora do mercado de trabalho.

— O sistema tribal funciona para as pessoas do jeito que elas são e não do jeito que gostaríamos que fossem. Trata-se de um sistema eminentemente pragmático, que tem funcionado perfeitamente para as pessoas, por centenas de milhares de anos, mas vocês consideram, evidentemente, que é uma noção bizarra achar que possa funcionar para vocês atualmente.

— Só não vejo *como* poderia funcionar. Como seria possível *fazer* com que funcionasse.

— Para começar, explique em benefício de quem o sistema funciona e para quem não funciona.

— Nosso sistema funciona para o mercado, mas não para as pessoas.

— E o que você está procurando agora?

— Um sistema que funcione em benefício das pessoas.

Ismael concordou, balançando a cabeça.

— Na infância das crianças da sua cultura, seu sistema é indistinguível do sistema tribal. Vocês simplesmente interagem com as crianças de um modo que é mutuamente satisfatório e dão-lhes a liberdade do lar — pelo menos, a maioria. Não as deixam balançar no lustre ou enfiar o garfo na tomada

elétrica, mas em geral vivem livres para explorar o que querem. Aos quatro ou cinco anos, elas desejam ir mais longe, e a maioria dos pais permite que façam isso nas vizinhanças da casa. Elas têm permissão para visitar os amigos vizinhos. Na pré-escola, têm aulas de estudos sociais. Nessa época, as crianças aprendem que nem todas as famílias são iguais. Elas diferem em composição, costumes e estilo de vida. Passado esse momento, em seu sistema, as crianças vão para a escola, onde seus movimentos são controlados durante a maior parte do dia. É claro que isso não ocorre no sistema tribal. Aos seis ou sete anos, as crianças começam a ter interesses distintos. Algumas preferem ficar em casa, outras...

Ergui a mão.

— Como elas vão aprender a ler?

— Julie, durante centenas de milhares de anos, as crianças conseguiram aprender as coisas que desejavam e precisavam aprender. Elas não mudaram.

— Está certo, mas como vão aprender a ler?

— Elas aprendem a ler do mesmo jeito que aprendem a ver convivendo com pessoas que enxergam. Do mesmo modo que aprendem a falar convivendo com pessoas que falam. Em outras palavras, elas aprenderão a ler convivendo com pessoas letradas. Sei que você aprendeu a não confiar nesse processo. Sei que foi ensinada a deixar isso nas mãos dos “profissionais”, mas, na verdade, os profissionais apresentam resultados no mínimo duvidosos. Lembre-se de que, de um jeito ou de outro, as pessoas de sua cultura conseguiram aprender a ler por *milhares de anos* sem que fossem ensinadas por profissionais. O fato é que as crianças que crescem em famílias letradas aprendem a ler.

— Está certo. Mas nem todas as crianças crescem em famílias letradas.

— Vamos supor, para efeito de raciocínio, que uma criança cresça num lar

em que as pessoas não lêem as instruções para cozinhar os alimentos impressas nas embalagens, em que ninguém lê as mensagens na tela da televisão, nem as contas de telefone. Uma casa em que os pais sejam analfabetos e não saibam distinguir uma nota de um de outra de dez.

— Certo.

— Aos quatro anos, a criança começa a ampliar suas perspectivas. Seria possível que existisse um analfabetismo de cem por cento em toda a vizinhança? Creio que seria ir longe demais, mas vamos supor isso, de qualquer maneira. Aos cinco, o universo da criança se expande ainda mais, e creio ser um fato impossível que todos os moradores do bairro sejam iletrados. Ela vive rodeada de mensagens escritas — e todas são inteligíveis às pessoas com as quais convive, especialmente as outras crianças da mesma idade, que não sentem o menor pudor em alardear seus conhecimentos superiores. Ela pode não aprender a ler imediatamente com a competência de um aluno do colegial, mas, se estivesse numa de suas escolas, com essa idade estaria aprendendo o bê-á-bá, de qualquer maneira. E aprende o suficiente. Aprende o que precisa saber. Sem falta, Julie. Acredito que faça isso. Acredito que uma criança possa fazer sem muito esforço o que vem sendo feito, por crianças humanas há centenas de milhares de anos. E o que ela precisa fazer no momento são as mesmas coisas que as outras crianças estão fazendo.

— Eu também acho.

— Aos seis anos, as perspectivas da criança são ainda mais amplas, e ela vai querer ter um dinheirinho no bolso, assim como os amigos. Não precisará freqüentar a escola para aprender a diferença entre uma nota e outra. E entenderá adição e subtração com naturalidade, não porque seja “boa em matemática”, mas porque precisa aprender isso para ir adiante, desbravar o mundo.

“As crianças do mundo inteiro ficam fascinadas pelo trabalho que os pais realizam fora de casa. Em nosso novo sistema tribal, os pais vão entender que a inclusão dos filhos em suas vidas profissionais é a alternativa para o gasto de dezenas de bilhões de dólares anuais em escolas que não passam no fundo de casas de detenção. Não estou sugerindo transformar as crianças em aprendizes — isso seria outra coisa completamente diferente. Estamos falando apenas de permitir o acesso ao que elas querem aprender, e todas as crianças querem saber o que os pais fazem quando saem de casa. Se ficarem soltas num escritório, elas farão as mesmas coisas que costumam fazer em casa — descobrirão segredos, investigarão os cubículos e armários, e aprenderão, claro, a operar as máquinas, do carimbo datador à copiadora, do fragmentador de papel ao computador. E, se ainda não souberem ler, certamente aprenderão nesse momento, pois não há praticamente nada que se possa fazer num escritório sem ler. Isso não quer dizer que as crianças estarão proibidas de ajudar. Não há nada que faça uma criança se sentir melhor do que ajudar a mãe ou o pai — e, mais uma vez isso não precisa ser ensinado, é genético”.

“Nas sociedades tribais, era um fato normal as crianças desejarem ajudar os mais velhos. O círculo do trabalho constitui também um círculo social. Não estou falando de unidades de produção extenuantes. Isso não existe em sociedades tribais. Ninguém espera que as crianças se comportem como operários na linha de montagem, realizando tarefas repetitivas. Ademais, como poderiam aprender algo a não *ser fazendo?*

“Contudo, as crianças logo ficarão enjoadas dos locais de trabalho dos pais, especialmente se lá as tarefas são repetidas com certa freqüência. Nenhuma criança fica fascinada com empilhar latas num supermercado por muito tempo. O resto do mundo está aí, e vamos supor que nenhuma porta se fechará para elas. Imagine um menino de doze anos com inclinação para a música

num estúdio de gravação. Imagine o que uma criança de doze anos, interessada em animais, poderia aprender num jardim zoológico. Imagine o que ela poderia aprender num ateliê de artes plásticas, se gostar de pintura. Ou, se gostar de malabarismos, o que poderia aprender num circo”.

“Claro, a existência de escolas não seria proibida, mas as únicas capazes de atrair estudantes seriam as que já conseguem fazer isso atualmente — cursos de artes plásticas, música, dança, artes marciais e assim por diante. Os cursos superiores também atrairiam estudantes mais velhos, sem dúvida — que se dedicariam à pesquisa, ciências e profissões liberais. O aspecto importante a se notar é que nenhuma escola seria uma casa de detenção. Todas se dedicariam a transmitir aos alunos o conhecimento por que eles anseiam e pretendem utilizar”.

Suponho que uma objeção comum a esse sistema se basearia na premissa de que tais escolas não produziriam estudantes ‘versáteis’. Mas essa objeção meramente confirma a falta de confiança de sua cultura em suas próprias crianças. Se tivessem acesso a tudo o que existe neste mundo, elas não seriam estudantes versáteis? Creio que a idéia é absurda. Elas seriam superversáteis, e ninguém presumiria que a formação delas chegaria ao fim aos dezoito ou vinte e dois anos. Por que deveria? As idades se tornariam pedagogicamente insignificantes. Tenho a impressão de que poucos desejariam se tornar homens e mulheres renascentistas. Por que deveriam? Se estiverem contentes em conhecer apenas química, marcenaria, computadores ou antropologia forense, ninguém tem nada com isso, exceto elas. Todas as profissões acabam encontrando candidatos a cada geração. Nunca ouvi falar de uma profissão que tenha desaparecido por falta de candidatos ávidos por aprendê-la. De um jeito ou de outro, cada geração produz pessoas loucas para estudar línguas mortas ou fascinadas pelos efeitos das doenças no corpo humano, ou loucas

para entender o comportamento dos ratos — e isso seria verdade também no sistema tribal, como o é no atual.

“É claro que a presença de crianças nos locais de trabalho reduziria substancialmente a eficiência e a produtividade. Manter as crianças em casas de detenção é terrível para elas, mas ótimo para os negócios. O sistema que acabei de esboçar não será implantado entre as pessoas da sua cultura enquanto os negócios forem mais importantes que as pessoas”.

— Então — disse eu — você parece que é a favor de algo parecido com a educação em casa.

— Não sou nem um pouco a favor da educação em casa, Julie. Não é à toa que escola etimologicamente significa “doutrina”. Uma postura sectária é desnecessária e contraproducente, no que diz respeito a crianças. As crianças não precisam mais da escola aos cinco, seis, sete ou oito anos do que precisavam quando tinham dois ou três, quando realizavam prodígios de aprendizado sem o menor esforço. Nos últimos anos muitos pais perceberam a futilidade de enviar os filhos para escolas convencionais, e as escolas reagiram, dizendo: “Tudo bem, vamos permitir que seus filhos fiquem em casa, desde que vocês compreendam que eles devem ser *ensinados*. Não se pode confiar neles para aprender o que devem aprender. Vamos mantê-los sob vigilância, para ter certeza de que não deixarão que eles aprendam o que *precisam* em vez do que *devem* aprender. E o que eles devem aprender é definido no currículo oficialmente aprovado pelas autoridades responsáveis”. Aos cinco ou seis anos, a escola doméstica pode ser um mal menor do que a escola convencional, mas depois disso nem chega a ser um mal menor. As crianças não precisam de instrução. Elas precisam ter acesso ao que desejam aprender — e isso significa acesso ao mundo exterior, fora de casa.

Eu disse a Ismael que estava pensando em outra razão para as pessoas não aceitarem o sistema tribal.

— O mundo está muito perigoso. As pessoas não deixariam seus filhos passearem pela cidade hoje.

— Não tenho tanta certeza, Julie, de que os bairros, em sua maioria, sejam mais perigosos do que as escolas atualmente. Pelo que leio, os jovens estão muito mais propensos a ir para as escolas armados do que os empregados dos escritórios. Poucas empresas mantêm guardas armados na entrada para proteger os executivos dos ataques dos funcionários ou os funcionários, de ataques dos colegas.

Fui obrigada a admitir que ele tinha razão nesse aspecto.

— Todavia, o principal ponto para o qual chamo sua atenção é que *seu* sistema é utópico. O sistema tribal não é perfeito, mas não é utópico. Trata-se de algo exequível, que pode economizar dezenas ou centenas de bilhões de dólares por ano.

— Acho que a idéia não receberia um apoio entusiástico dos professores. Ismael deu de ombros.

— Pela metade do custo atual, seria possível aposentar todos os professores, com salário integral.

— Eles adorariam isso. Mas sei que as pessoas diriam algo mais a esse respeito. Há tanta coisa a ser aprendida em nossa *maravilhosa* cultura que as crianças devem ser mandadas para a escola por tantos anos.

— Você tem razão, alguns diriam isso. Mas eles estão certos à medida que realmente há uma quantidade imensa de conhecimento disponível em sua cultura que não existia nas culturas tribais. Mas isso não importa para o que estamos discutindo aqui. A educação básica dos cidadãos não foi aumentada de quatro para oito anos de modo a proporcionar o estudo de astronomia,

microbiologia e zoologia. Ela não foi aumentada de oito para doze anos para que se pudesse incluir astrofísica, bioquímica e paleontologia. E não passou de doze para dezesseis anos para incluir física quântica e cirurgia cardíaca. As pessoas hoje não saem da escola com todos os avanços dos últimos cem anos na cabeça. Assim como seus bisavós há cem anos, elas saem apenas com o suficiente para começar por baixo no mercado de trabalho, fritando batata, pondo gasolina nos carros, empacotando compras no supermercado. Quem termina o colegial hoje ainda tem um longo caminho pela frente.

O estilo pegador de riqueza

No dia seguinte, domingo, resolvi me livrar da lição de casa antes de encontrar Ismael de novo e por isso cheguei à sala 105 no meio da tarde. Assim que peguei na maçaneta ouvi alguém do outro lado dizer claramente: “Os deuses o teriam”.

O panaca tinha chegado antes de mim.

Por dez segundos pensei em ficar por ali, mas acabei desistindo. Eu me sentia péssima. Dei meia-volta e fui para casa.

Os deuses o teriam.

Fiquei imaginando que conversa implicaria tal resposta. Certamente, não teria nada a ver com o sistema educacional e a aposentadoria dos professores. Não que o assunto fizesse alguma diferença para mim. Eu me sentiria da mesma maneira se tivesse ouvido “Os supermercados o teriam”. Ou: “A mulher do padre o teria”. Vocês entendem o que estou querendo dizer, não é? Eu estava com ciúmes.

Acho que *vocês* pensam que, no meu lugar, não estariam.

— Julie, gostaria de ver se é capaz de penetrar no âmago da mensagem que tenho para você — disse Ismael, quando finalmente voltei lá, na quarta-feira.
— Ver se consegue discernir o que estou dizendo repetidamente das mais variadas maneiras.

Pensei um pouco e disse:

— Você está tentando me mostrar onde está o tesouro.

— Exatamente, Julie. As pessoas de sua cultura imaginam que a arca do tesouro estava completamente vazia quando começaram a erguer a sua

civilização há dez mil anos. Vocês acreditam que os três primeiros milhões de anos da humanidade não produziram nada de valor para o conhecimento humano além do fogo e dos instrumentos de pedra. Na verdade, porém, vocês começaram *esvaziando* a arca de seus elementos mais preciosos. Você queriam começar do zero, inventando tudo, e foi o que fizeram. Desafortunadamente, além dos instrumentos (que funcionam muito bem), vocês foram capazes de inventar poucas coisas que funcionam bem — para as pessoas. Seu sistema de leis escritas que serão desobedecidas, como *sabe*, funciona muito mal para as pessoas, mas vocês não conseguem descobrir um sistema que o substitua, por mais que olhem em *sua* arca, pois logo no início jogaram o outro sistema fora. Todavia, ele continua lá, funcionando perfeitamente, na arca do tesouro dos Largadores que estou mostrando a você. Seu sistema de punição para as pessoas que desobedecem às leis inventadas para serem desobedecidas funciona mal para as pessoas e, por mais que olhem em *sua* arca, não conseguem achar algo que o substitua, pois logo no início jogaram o outro sistema fora. Todavia, ele continua lá, funcionando perfeitamente, na arca do tesouro dos Largadores que estou mostrando a você. Seu sistema educacional funciona muito mal para as pessoas e, por mais que vocês procurem em *sua* arca, não conseguem encontrar um sistema que o substitua, pois logo no início jogaram o outro sistema fora. Todavia, ele continua lá, funcionando perfeitamente, na arca do tesouro dos Largadores que estou mostrando a você. Todas as coisas que estou mostrando e vou mostrar antes de terminarmos a nossa conversa faziam parte do tesouro de todos os povos Largadores que vocês conquistaram e destruíram. Cada um desses povos sabia o quanto eram inestimáveis esses tesouros que vocês jogaram no lixo. Muitos tentaram fazer com que vocês enxergassem seu valor, mas não conseguiram. Sabe por quê?

— Acho que é porque... a gente olhava para a situação do seguinte jeito: “É claro que os Sioux acham que o modo de vida deles é maravilhoso. Grande coisa! É lógico que os Arapaho querem ser deixados em paz. Por que não quereriam?”

— Isso mesmo. Se eu conseguir mostrar o valor das coisas que vocês descartaram, não será por possuir mais inteligência do que os Largadores de sua própria espécie, mas porque *não sou um deles*.

— Entendi.

— E que arca do tesouro devo abrir para você hoje? — perguntou ele.

— Não estou preparada para responder a isso.

— Não achei que estivesse, Julie. Pense num sistema que vocês têm e que não funciona para as pessoas em geral, mas que pode funcionar bem para alguma. Pense num sistema com o qual vocês andam às turras, combatendo-o desde o início. Pense em outra roda, que vocês têm certeza de que precisam inventar a partir do nada. Pense num problema que certamente vocês resolverão *um dia*.

— Você está pensando num sistema em particular, Ismael?

— Não estou brincando de adivinhação. Essas são as características dos sistemas que vocês inventaram para substituir os sistemas descartados no início da sua revolução.

— Tudo bem. Há um sistema no qual estou pensando que tem todos esses aspectos, mas não sei se existe uma arca no tesouro dos Largadores que corresponda a ele. Na verdade, duvido muito.

— Por quê, Julie?

— Porque é o sistema que usamos para trancar a comida.

— Entendo o que está querendo dizer. Uma vez que os povos Largadores

não trancam a comida deles, não possuem um sistema para fazer isso.

— Acertou.

— Mesmo assim, vamos pensar um pouco mais no assunto. Não sei se entendi exatamente a que sistema você se refere.

— Acho que estou falando do sistema econômico.

— Ah, sim. Então, você não acredita que no sistema dos Pegadores a economia funcione para as pessoas em geral?

— Bem, funciona maravilhosamente bem para algumas pessoas, é claro. Trata-se de um lugar-comum. Existe um pequeno grupo no topo, que se dá superbem. Muitas pessoas do meio acabam se virando. E a maioria, da base, vive na pior.

— O sonho socialista é nivelar todos. Redistribuir a riqueza equitativamente, de modo que a maior parte dela não fique concentrada nas mãos de uns poucos, enquanto a massa passa fome.

— Acho que é isso aí. Mas devo dizer que entendo mais de foguetes espaciais do que disso aí.

— Você sabe o suficiente, não se preocupe, Julie... Quando vocês começaram a ter problemas com a distribuição da riqueza? Deixe-me reformular a pergunta: quando uma parcela desproporcionalmente grande da riqueza começou a se concentrar nas mãos das pessoas que estão no alto da pirâmide?

— Minha nossa! Eu não sei! Imagino os primeiros potentados vivendo em palácios magníficos, enquanto os súditos viviam como animais.

— Não há dúvida de que foi esse o caso, Julie. As primeiras civilizações de Pegadores foram inteiramente construídas nesses moldes. Não havia a menor hesitação quanto a isso, na época. Assim que existe riqueza visível — em oposição a comida na mesa, roupas para vestir e um teto sobre a cabeça —,

fica fácil prever como ela será distribuída. Haverá alguns imensamente ricos no topo, uma classe mais numerosa de ricos em segundo lugar e um número bem maior de comerciantes, soldados, artesãos, trabalhadores, servos, escravos e miseráveis no fundo. Em outras palavras, realeza, nobreza e povo. O tamanho e a formação das classes mudaram com o passar dos séculos, mas não o modo como a riqueza é distribuída entre elas. Típica e compreensivelmente, as duas classes superiores acreditam que o sistema está funcionando admiravelmente bem, porque, na verdade, está mesmo — para eles. O sistema permanece estável enquanto as duas classes superiores são relativamente grandes, como ocorre, por exemplo, nos Estados Unidos. Mas, na França de 1789 ou na Rússia de 1917 a riqueza ficou concentrada em um número de mãos reduzido demais. Entende o que estou querendo dizer?

— Acho que sim. Não haverá nenhuma revolução se a maioria das pessoas acreditar que está se dando relativamente bem.

— Isso mesmo. Na atualidade, a disparidade entre os mais ricos e os mais pobres em sua cultura é maior do que um faraó egípcio seria capaz de imaginar. Os faraós não tinham como dispor de recursos remotamente similares aos existentes hoje para as extravagâncias dos seus bilionários. Pode-se até argumentar que essa foi a razão para a construção das pirâmides. O que mais poderiam fazer com o dinheiro? Eles não podiam comprar mansões em ilhas paradisíacas, nem viajar para elas em jatos particulares ou iates de cem metros de comprimento.

— Bem lembrado.

— Entre os ricos da sua cultura, o colapso do império soviético é considerado como uma vitória clara da ganância capitalista. Para eles, trata-se da prova de que os pobres preferem viver num lugar onde pelo menos podem sonhar em ser ricos a morar num mundo em que todos são pobres, porém mais

ou menos *igualmente* pobres. A ordem conservadora foi reafirmada, e agora pode se esperar um futuro interminável de fartura, desde que, como sempre, você esteja entre os privilegiados. Se não estiver, diz o argumento, não deve culpar ninguém além de si mesma, pois, afinal de contas, todos têm a possibilidade de se tornar ricos no sistema capitalista.

— Muito persuasivo — disse eu.

— Os ricos estão sempre dispostos a manter as coisas como estão e não criar problemas. Eles não entendem por que as outras pessoas não adotam a mesma atitude.

— Faz sentido — disse eu.

— Bem, agora vamos ver se você consegue identificar o mecanismo básico de criação de riqueza dos Pegadores.

— Mas ele não é igual ao de todos?

— Claro que não — respondeu Ismael. — O mecanismo de criação de riqueza dos Largadores é basicamente diferente.

— Você está me pedindo para descrever o mecanismo de criação de riqueza dos Pegadores?

— Isso mesmo. Não é nada terrivelmente obscuro.

Pensei um pouco e disse:

— Acho que, em resumo, seja: “Tenho algo que você quer e posso dar isso em troca de algo que eu quero”. Ou estou sendo muito simplista?

— Acho que não, Julie. Prefiro começar pelo osso a cavar até encontrá-lo.

Ismael disse isso enquanto pegava um bloco e uma caneta hidrográfica. Ele folheou o bloco até encontrar uma página em branco e passou três minutos desenhando um diagrama, que grudou no vidro para que eu pudesse observá-lo.



— Esse esquema mostra como sua economia funciona: fazer produtos para obter produtos. Obviamente, estou usando a palavra “produto” em seu sentido mais amplo, mas qualquer pessoa que trabalhe num setor de serviços entende o que estou dizendo se eu me referir à sua atividade também. E, em termos gerais, as pessoas conseguem dinheiro por seus produtos, mas o dinheiro está apenas a um passo de distância dos produtos que pode adquirir, e as pessoas querem os produtos e não pedacinhos de papel. Se você se lembrar das nossas conversas anteriores, não terá dificuldade em identificar o evento que possibilitou o início dessa troca de produtos.

— Claro. Foi o trancamento da comida.

— Sem dúvida. Antes daquela época, não havia sentido fazer produtos. Fazia muito sentido moldar um pote de barro, uma ferramenta de pedra ou um cesto de vime, mas não havia sentido produzir uma centena deles. Ninguém estava no *ramo* da olaria, das ferramentas de pedra ou da cestaria. Mas, com a comida trancada à chave, tudo isso mudou imediatamente. Graças ao simples ato de ser trancada, a comida se transformou imediatamente em produto — o produto fundamental de sua economia. De repente, alguém que tivesse três potes poderia conseguir o triplo de comida do que outro que possuísse apenas um pote. E, de repente, alguém que possuísse trinta mil potes poderia residir num palácio, enquanto alguém com três mil potes poderia viver numa bela

casa e alguém sem nenhum pote teria de viver na rua. Toda a economia se organizou assim que a comida foi trancada.

— Então, você está dizendo que os povos tribais não têm economia.

— Não estou dizendo nada disso, Julie. Eis a transação fundamental da economia tribal.

Ele grudou no vidro outra página do bloco, com um novo esquema:



— Não são os produtos que fazem com que a economia tribal funcione e sim a energia humana. Essa é a transação fundamental, que ocorre tão naturalmente que as pessoas se equivocam freqüentemente pensando que não existe nenhuma economia, assim como supõem, equivocadamente, que elas não têm nenhum sistema educacional. Vocês fazem e vendem centenas de milhões de produtos a cada ano para construir, equipar e contratar pessoas para trabalhar nas escolas e educar seus filhos. Os povos tribais atingem o mesmo objetivo graças a um nível menor, porém constante, de troca de energia entre adultos e crianças, que mal é percebida. Vocês fazem e vendem centenas de milhões de produtos a cada ano para poder contratar policiais para manter a lei e a ordem. Os povos tribais atingem os mesmos objetivos fazendo isso eles mesmos. Manter a lei e a ordem não é uma tarefa agradável, mas isso não chega a tirar o sono deles, como ocorre com vocês. Vocês fazem e

vendem trilhões de produtos a cada ano para manter governos incrivelmente ineficientes e corruptos, como você bem sabe. Os povos tribais conseguem se autogovernar com eficiência, sem comprar nem vender nada.

“Um sistema baseado na troca de produtos inevitavelmente canaliza a riqueza para as mãos de poucos, e nenhuma mudança governamental será capaz de corrigir isso. Não tem nada a ver com o capitalismo especificamente. O capitalismo foi apenas a expressão mais recente de uma idéia que surgiu há dez mil anos com a fundação da sua cultura. Os revolucionários do comunismo internacional não se aprofundaram suficientemente para realizar as mudanças que sonhavam. Eles pensaram que poderiam parar o carrossel se capturassem todos os cavalos. Mas, claro, os cavalos não faziam o carrossel girar. Os cavalos eram apenas passageiros, como todos vocês”.

— Ao falar em cavalos, você está se referindo aos governantes, não é?

— Isso mesmo.

— E o que nós *podemos fazer* para deter o carrossel, afinal?

Ismael pensou um pouco e disse:

— Suponha que você nunca tenha visto um carrossel e se depare com um completamente fora de controle. Talvez tente pular na frente dos cavalos e segurá-los pelas rédeas, gritando “Oooopa”, para detê-lo.

— Acho que sim, se acordar meio doida nesse dia.

— E, se isso não desse certo, o que faria?

— Pularia para fora e tentaria achar os comandos.

— E se não houvesse comandos à vista?

— Aí acho que tentaria descobrir como aquilo funcionava.

— Por quê?

— Por quê? Se não tivesse um botão de desligar, seria preciso entender como aquilo funciona para poder pará-lo.

Ismael concordou, balançando a cabeça.

— Agora você compreende por que estou tentando mostrar como funciona o carrossel dos Pegadores. Não há um botão para desligá-lo, e, se quiser detê-lo, precisará descobrir como ele funciona.

— Um minuto atrás — disse eu — você afirmou que um sistema baseado na troca de produtos sempre concentra a riqueza nas mãos de poucos. Por que isso acontece?

Ismael pensou por um momento e disse:

— A riqueza, em sua cultura, é algo que pode ser trancado à chave. Concorda com essa afirmação?

— Acho que sim. Exceto, talvez, por um pedaço de terra.

— A escritura de um pedaço de terra fica trancada à chave — disse Ismael.

— Certo.

— O dono da terra talvez nunca tenha posto os pés lá. Se ele possuir a escritura, pode vendê-la a alguém, que tampouco irá até lá.

— Certo.

— Uma vez que sua riqueza *pode* ser trancada, ela *é* trancada, e isso significa que ela se acumula. Especificamente, ela se acumula entre as pessoas que *possuem* as chaves. Talvez um exemplo ajude... Se você imaginar a riqueza do antigo Egito como uma substância visível sendo retirada da terra átomo por átomo pelos agricultores, mineiros, pedreiros, artesãos e assim por diante, verá uma névoa difusa que cobre o país inteiro, no início. Mas essa névoa de riqueza está em movimento. Vem sendo sugada por cima, formando uma corrente cada vez mais densa e estreita de riqueza que flui na direção dos armazéns da família real. Se você imaginar a riqueza de um condado medieval inglês como uma substância visível similar, verá que ela é canalizada para o

conde ou duque local. Se imaginar a riqueza dos Estados Unidos no século XIX, verá que ela é canalizada diretamente para as mãos dos magnatas das ferrovias, industriais e financistas. Cada transação no nível mais baixo conduz uma pequena parcela da riqueza para um Rockefeller ou um Morgan. O mineiro que compra um par de sapatos enriquece Rockefeller mais um pouquinho, pois parte desse dinheiro acaba chegando à Standard Oil. Outra parte diminuta vai para Morgan, graças a uma de suas ferrovias. Nos Estados Unidos, hoje, a riqueza é canalizada para o mesmo tipo de pessoa, embora se chamem Boesky e Trump em vez de Rockefeller e Morgan. Obviamente, pode-se aprofundar muito o assunto. Mas já responde à sua pergunta, não é?

— Sim. Eu não entendo uma coisa. Se existe riqueza, para onde ela pode ir senão para as mãos dos indivíduos?

— Estou vendo o que a deixa confusa — disse ele, balançando a cabeça. — A riqueza deve ir para os indivíduos, claro. Mas essa não é a questão. Não estou falando que a riqueza gerada pelos produtos sempre vai para indivíduos e sim que sempre vai para poucos indivíduos. Quando a riqueza é gerada por produtos, oitenta por cento dela acaba sempre nas mãos de vinte por cento da população. Isso não é privilégio do capitalismo. Numa economia qualquer, baseada em produtos, a riqueza se concentra sempre em poucas mãos.

— Agora, estou entendendo. Mas tenho uma pergunta.

— Diga.

— E os astecas e incas? Pelo pouco que eu sei, aposto que mantinham a comida trancada à chave também.

— Você está absolutamente correta, Julie. A idéia de trancar a comida surgiu também no Novo Mundo, de forma independente. E, entre os povos como os astecas e os incas, a riqueza fluía inexoravelmente para as mãos de alguns poucos, os ricos.

— E esses povos eram Pegadores ou Largadores?

— Eu diria que estavam no meio-termo, Julie. Deixaram de ser Largadores, mas não chegaram a Pegadores, pois lhes faltava um elemento essencial: eles não acreditavam que todos deviam viver da mesma maneira que eles viviam. Os astecas, por exemplo, ambicionavam conquistar outras terras. Mas, quando conquistavam outro povo, não se importavam com o modo de vida desse povo.

O estilo largador de riqueza

— A riqueza gerada numa economia tribal não apresenta a tendência de fluir para as mãos de uns poucos — disse Ismael. — Isso não ocorre porque os Largadores são pessoas melhores do que vocês, mas porque eles possuem um tipo de riqueza fundamentalmente diferente. Não há meio de *acumular* riqueza entre eles, nenhum jeito de trancá-la. Portanto, não há como concentrá-la nas mãos de *ninguém*.

— Não tenho a menor idéia do que *seja* a riqueza deles.

— Eu sei, Julie, e pretendo reparar essa deficiência. A bem da verdade, o modo mais fácil de compreender a economia deles é começar estudando a geração da riqueza. Quando as pessoas de sua cultura olham para os povos tribais, não vêem riqueza de espécie alguma, enxergam apenas pobreza. Isso é compreensível, uma vez que o único tipo de riqueza que reconhecem é aquela que pode ser trancada, e os povos tribais não se interessam por esse tipo.

“A maior riqueza dos povos tribais é a segurança do berço ao túmulo para todos os membros. Estou vendo que essa riqueza magnífica não a deixa muito entusiasmada. Certamente, não é impressionante nem emocionante, em especial para uma pessoa de sua idade. Contudo, há centenas de milhões de indivíduos entre vocês que vivem apavorados com o futuro, pois não vêem nenhuma segurança em nenhuma parte. Ser mandado embora de uma empresa por causa da adoção de uma nova tecnologia, ser despedido devido à contenção de despesas, ou perder o emprego ou a própria profissão em consequência de traição, favoritismo ou preconceito são apenas alguns dos fantasmas que assombram os sonhos dos trabalhadores. Certamente, você já ouviu histórias de empregados que são despedidos e voltam para matar a tiros

os antigos patrões, chefes ou colegas”.

— Claro. Uma por semana, no mínimo.

— Eles não são loucos, Julie. Perder o emprego é mesmo o fim do mundo para eles. É um golpe mortal. Para eles, a vida acaba, e não resta mais nada senão a vingança.

— Com certeza.

— Isso é inimaginável na vida tribal, Julie, e não só porque os povos tribais não têm emprego. Da mesma forma que cada um de vocês, cada membro da tribo precisa ganhar a vida. Os meios de sobrevivência não caem do céu para eles. Contudo, não há modo de privar qualquer membro de um meio para sobreviver. Ele tem os meios, e pronto. É claro que isso não significa que ninguém passa fome. Mas alguém só passa fome quando *todos* passam fome. Insisto: isso não acontece porque os povos tribais são mais generosos ou altruístas. Não é nada disso. Você acha que consegue explicar isso?

— Você quer saber o motivo pelo qual ninguém passa fome a não ser que todos passem? Não sei, mas posso tentar descobrir.

— Por favor, tente.

— Tudo bem. Ora, eles não têm um supermercado aonde vão comprar comida. Não tenho muita certeza do que estou falando.

— Vá com calma então.

— Nos filmes, é assim. Vamos dizer que apareça um grupo de exploradores numa missão ao pólo norte ou qualquer coisa parecida. O navio fica preso no gelo, e eles não podem voltar na época combinada. Portanto, o problema é a sobrevivência. Eles precisam racionar a comida, dividindo tudo com muito cuidado e de modo justo. Mas, quando estão nas últimas, prontos para morrer, adivinhe o que acontece? Um safado tem comida escondida e se recusa a dividi-la com os outros.

Ismael balançou a cabeça.

— Bom, o motivo por que isso jamais acontece numa sociedade tribal é que eles não começam com um estoque de comida. Eles vão vivendo, e por algum motivo a comida começa a escassear gradualmente: uma seca, incêndio na mata ou outro motivo qualquer. Certo dia, todos estão procurando comida, e quase ninguém a encontra. O chefe da tribo passa fome também. Por que ele poderia escapar se não há uma reserva à qual recorrer? Todos saem à procura de comida, o máximo que for possível, e se alguém consegue bastante, o melhor a fazer é dividi-la com os outros. Não porque o sujeito seja legal e sim porque, se houver mais gente em pé com condições de procurar comida, melhora a condição de todos, inclusive a dele.

— Trata-se de uma excelente análise, Julie. Você tem uma facilidade admirável para isso... Claro, não há nada exclusivamente humano nesse contexto. Sempre que os animais caçam em bando, eles dividem a comida — não por altruísmo e sim para atender melhor aos seus interesses individuais. Por outro lado, tenho certeza de que existiram sociedades tribais que desprezaram essa maneira de lidar com a fome, nas quais a regra passou a ser: “Se faltar comida, não divida a sua, esconda-a”. Contudo, não conhecemos nenhuma. Aposto que sabe o motivo.

— Sim. Se uma regra dessas fosse adotada, a tribo se desintegraria. Pelo menos, é o que eu acho.

— Claro que se desintegraria, Julie. As tribos sobrevivem porque se mantêm unidas a qualquer preço. Quando passa a ser cada um por si, a tribo deixa de ser tribo.

— Comecei essa parte da nossa conversa dizendo que a maior riqueza de uma tribo é a segurança para todos os membros por toda a vida. É essa

exatamente a riqueza pela qual os membros da tribo lutam juntos. Como você pode ver, é impossível a uma pessoa possuir mais riquezas do que as outras. Não há modo de acumulá-la, nem de trancá-la à chave.

“É claro que não quero dizer que essa riqueza seja indestrutível. Ela só permanece intata enquanto a tribo se mantém intata. Por isso, muitas tribos de Largadores lutaram até a morte. No modo deles de ver as coisas, se a tribo for destruída, eles morrerão, de qualquer jeito. Também não estou querendo dizer que as pessoas não podem ser seduzidas pela riqueza. Sem dúvida, podem, e é isso que ocorre quando, por algum motivo, não se pode mandar tropas para acabar com uma tribo. Os jovens em particular são mais suscetíveis ao apelo da riqueza dos Pegadores, que obviamente é mais vistosa e brilhante do que a deles. Se vocês conseguem que os jovens ouçam vocês, e não seu próprio povo, estão no caminho certo para destruir a tribo, uma vez que os conhecimentos dos pais, se não forem transmitidos, estarão perdidos para sempre quando eles morrerem”.

“Viver e se movimentar entre os vizinhos sem medo é a segunda grande riqueza dos povos tribais. Novamente, não se trata de uma riqueza muito vistosa, embora muitos de vocês desejem possuí-la. Não fiz nenhuma pesquisa a esse respeito, mas me parece que as pesquisas realizadas revelam que os assaltos constituem a maior preocupação de vocês, ou uma das maiores. Nas sociedades de Pegadores, só os ricos estão livres do medo — ou relativamente livres do medo. Nas sociedades tribais, todos vivem livres do medo. É claro que isso não significa que nunca acontece nada de ruim às pessoas. Mas significa que isso raramente ocorre e que ninguém vive trancado dentro de casa, nem carrega armas para usar em defesa própria contra seus semelhantes. Novamente, é óbvio que essa riqueza não pode se concentrar nas mãos de uns poucos. Não pode ser acumulada, nem trancada à chave”.

“Há uma outra forma de riqueza igual a essas que falta a vocês de modo tão profundo que chega a ser patético. Numa sociedade de Largadores, ninguém lida sozinho com um problema sério. Por exemplo, um filho autista ou deficiente. Isso é considerado responsabilidade de todos, mas (como sempre) não se trata de altruísmo. Simplesmente, não faz sentido dizer ao pai ou mãe da criança: ‘Isso é problema exclusivamente seu. Não incomodem os outros com ele’. Se alguém tem um pai idoso, ou que está ficando senil, o resto da tribo não vai virar as costas para essa pessoa. Todos sabem que uma dificuldade compartilhada praticamente deixa de ser dificuldade. E todos sabem muito bem que cada um vai precisar, mais dia, menos dia, de ajuda para resolver um problema qualquer. Considero lamentável que as pessoas de seu mundo sofram por falta dessa riqueza. Se um dos parceiros de um casal de meia-idade contrai uma doença terrível, as economias são consumidas em poucos meses, os amigos desaparecem, o dinheiro para medicamentos acaba, e de repente a situação do casal torna-se totalmente desesperadora. Repetidamente, a única solução que eles encontram acaba sendo morrer juntos — eutanásia seguida de suicídio. Histórias como essa são lugar-comum na sua cultura, mas praticamente desconhecidas nas sociedades de Largadores”.

“No sistema dos Pegadores, as pessoas usam a riqueza derivada da produção, que é cuidadosamente acumulada, para comprar a riqueza do apoio, que existe gratuitamente no sistema dos Largadores. Quando um povo tribal precisa enfrentar um desordeiro, os mais fortes se unem para fazer o que for preciso. Isso, na verdade, é altamente eficiente. Vocês, por outro lado, para evitar fazer esse serviço, transformam-no em produto. Criam forças policiais, depois competem para ver quem tem a melhor corporação (mais bem paga e equipada, etc.). Isso é notoriamente ineficaz, apesar de gastarem cada vez mais com segurança, ano após ano. O resultado, claro, é uma situação em que

os ricos vivem bem mais protegidos do que os pobres. Nas sociedades de Largadores, todos os adultos participam da educação dos jovens, que se dá sem violência e de modo eficiente. Vocês, por outro lado, para fugir desse serviço, transformam-no em produto, construindo escolas, competindo para ver quem tem o melhor estabelecimento (professores mais bem preparados, escolas mais bem equipadas, etc.). Isso também é notoriamente ineficaz, apesar de gastarem mais com educação, ano após ano. No final das contas, os filhos dos ricos recebem uma educação menos pior e menos desagradável. Os cuidados com doenças crônicas, idosos, deficientes e doentes mentais — são questões tratadas pelo conjunto das sociedades de Largadores. Na sua sociedade, tudo isso é transformado em produtos, pelos quais as pessoas competem. Os ricos ficam com os melhores serviços, e os pobres se consideram afortunados quando conseguem alguma coisa”.

Atingimos um ponto em que nenhum de nós dois tinha qualquer coisa para acrescentar. Depois de algum tempo, eu disse:

— Preciso que esclareça isso para mim, Ismael. Não sei bem onde estivemos, nem onde estamos.

Ele coçou o queixo, antes de prosseguir:

— Se quiserem sobreviver neste planeta, Julie, as pessoas de sua cultura precisarão começar a ouvir os outros membros da comunidade da vida. Por incrível que pareça, vocês não sabem tudo. E, por mais incrível que pareça, vocês não *inventaram* tudo. Vocês não precisam *inventar* todas as coisas que dão certo, basta ver o tesouro que existe em volta de vocês. Não deve causar surpresa o fato de saber que os povos Largadores desfrutam de segurança do nascimento à morte. Afinal de contas, entre seus vizinhos da comunidade da vida, a mesma segurança é desfrutada por todas as espécies cujos membros formam comunidades. Patos, leões-marinhos, cervos, girafas, lobos, vespas,

macacos e gorilas (só para citar alguns dos milhões de espécies) desfrutaram de tal segurança. Pode-se presumir que os *Homo habilis* também desfrutaram de tal segurança — caso contrário, como teriam sobrevivido? Há algum motivo para duvidar que os *Homo erectus* desfrutaram de tal segurança ou que a transmitiram a seus descendentes, os *Homo sapiens*? Não. Como espécie, vocês surgiram em comunidades nas quais a segurança pela vida toda era regra, e a mesma regra foi obedecida no desenvolvimento do *Homo sapiens*, até o presente momento — *nas sociedades de Largadores*. Apenas na cultura dos Pegadores a segurança do berço ao túmulo tornou-se uma raridade, um privilégio da minoria.

Ismael estudou a expressão do meu rosto por alguns segundos e concluiu que ainda não havia me convencido totalmente.

— Você sonhou acordada, Julie. Percorreu o universo para aprender o segredo de como viver. Estou lhe mostrando onde esses segredos podem ser encontrados, aqui mesmo em seu planeta, entre os seus próprios vizinhos da comunidade da vida.

— Entendo... acho. No ano passado, havia uma menina na minha classe que recebia informativos de uma organização ou outra. Não me lembro do nome da entidade, mas recordo-me do lema, que era aproximadamente o seguinte: “Curando a si mesmos para curar o mundo”. É disso que você está falando?

Ismael refletiu um pouco e disse:

— Lamento, mas não simpatizo muito com a abordagem em termos de cura para seus problemas, Julie. Vocês não estão doentes. Seis bilhões de pessoas como você acordam diariamente e começam a devorar o mundo. Não se trata de uma doença contraída numa certa noite, ao ficar ao relento. Curar é sempre uma proposta arriscada. Acho que você sabe disso. Algumas vezes, a aspirina cura a dor de cabeça; outras, não. A quimioterapia acaba com o câncer às

vezes; outras, não. Vocês não podem mais se enganar com essa história de curar. Precisam começar a viver de um jeito diferente, e logo, já.

Menos nem sempre é mais

— Sabe disse eu —, acho que você poderia fazer algo para me ajudar mais. Nem sei se tenho o direito de pedir isso, mas vamos lá.

Ismael franziu o cenho.

— Por acaso dei a impressão de que meu programa não está aberto para mudanças? Você me considera assim tão rígido, a ponto de pensar que não estou disposto a me adaptar a suas necessidades?

Opa, disse comigo mesma, mas, depois de pensar um pouco, resolvi não pedir desculpas.

— Provavelmente, faz muito tempo que não se vê uma menina de doze anos conversando com um gorila de quinhentos quilos.

— Não entendo o que o *peso* tem a ver com isso — retrucou ele asperamente.

— Tudo bem. Então, com um gorila de cem *anos*.

— Não tenho cem anos, e peso menos de trezentos quilos.

— Meu Deus — disse eu —, essa conversa parece tirada de *Alice no País das Maravilhas*.

Ismael riu e me perguntou o que poderia fazer para ajudar.

— Conte para mim como o mundo seria, em sua opinião, se realmente conseguíssemos começar a “viver de um modo diferente”.

— É um pedido procedente, Julie. Nem posso imaginar por que hesitou para fazê-lo. Você sabe por experiência que, a esta altura, muita gente imagina que eu estou pensando num futuro no qual a tecnologia tenha desaparecido. Para vocês, é fácil demais colocar a culpa de todos os problemas na tecnologia. Contudo, os humanos nascem com vocação para a tecnologia,

assim como nascem com vocação lingüística. Não conheci nenhum povo Largador que vivesse sem ela. Como muitas outras facetas da vida dos Largadores, porém, a tecnologia que empregam tende a permanecer invisível a olhos acostumados a uma tecnologia tão furiosamente poderosa e extravagante como a de vocês. De todo modo, não vislumbro para vocês um futuro desprovido de tecnologia.

“Com freqüência, as pessoas acostumadas a pensar conforme o sistema dos Pegadores me dizem: ‘Bem, se o modo de vida dos Pegadores não é o correto, qual é o modo correto?’ Mas, obviamente, não existe um modo correto para as pessoas viverem, assim como não existe um modo correto para os pássaros fazerem ninhos ou as aranhas tecerem teias. Portanto, não estou pregando um futuro em que o império dos Pegadores seja destruído e substituído por outro. Isso é um absurdo. O que a Mãe Cultura diz que vocês devem fazer?”

— Ora — respondi —, acho que ela diz que não devemos fazer absolutamente nada.

Ele balançou a cabeça.

— Ouça a voz dela, não fique nas conjecturas. Há um minuto você mencionou os ensinamentos da Mãe Cultura sobre essa questão. São os seguintes: “Vocês sofrem de uma doença indefinida e provavelmente incurável; nunca descobrirão do que se trata exatamente. Mas podem experimentar alguns remédios. Tente essa; se não funcionar, tente outra. Se não funcionar, tente outra. E assim por diante”. *Ad infinitum*.

— Certo. Estou entendendo o que está querendo dizer. Deixe-me pensar um pouco.

Fechei os olhos e, depois de cinco minutos, vislumbrei uma resposta.

— Talvez eu esteja completamente errada — disse eu. — Pode ser uma simplificação, mas o que eu ouvi foi: ‘Claro, você pode salvar o mundo, mas

vai odiar isso. Vai ser doloroso demais”.

— Por que seria doloroso demais?

— Por causa das coisas que teríamos de deixar de lado, abrir mão. Como já falei, é uma simplificação.

— Não se trata de simplificação, Julie. É uma mentira da Mãe Cultura. Embora a Mãe Cultura não passe de uma metáfora, ela muitas vezes se comporta estranhamente como uma pessoa real. Por que você acha que ela conta essa mentira?

— Acho que ela quer desencorajar as mudanças.

— Claro. Sua principal função é preservar o *status quo*. Isso não é peculiar à sua Mãe Cultura. Em todas as culturas, a função da Mãe Cultura é preservar o *status quo*. Não quero insinuar que isso seja uma atividade iníqua.

— Estou entendendo.

— A Mãe Cultura pretende bloquear as pessoas desde o início, persuadindo-as de que qualquer mudança será *inevitavelmente* para pior. Por que, *no caso de vocês*, qualquer mudança será inevitavelmente uma mudança para pior, Julie?

— Não entendo por que você diz “no caso de vocês”.

— Bem, vamos pensar nos bosquímanos da África no lugar de vocês. Por que qualquer mudança seria inevitavelmente uma mudança para pior no caso deles?

— Ah, estou entendendo o que você está querendo dizer. A resposta é não, claro. Para os bosquímanos da África, qualquer mudança seria para melhor de acordo com a Mãe Cultura.

— Por quê?

— O que eles possuem não tem o menor valor. Portanto, qualquer mudança é um progresso.

— Significa estar numa boa, obviamente.

— Claro. *Bem* não é sinônimo de coisas materiais e sim de bem-estar. Em termos de produtos, vocês estão muito ricos, mas, em termos de riqueza humana, são pateticamente pobres. Em termos de riqueza humana, são o povo mais miserável da face da Terra. E é essa a razão por que vocês não pensam em abrir mão de nada. Como se poderia esperar que os miseráveis da Terra abrissem mão de qualquer coisa? Seria impossível. Pelo contrário, vocês devem se concentrar em *obter* tudo — desde que não seja uma torradeira nova, Julie. Nem rádios. Televisores. Telefones. Aparelhos de CD. Brinquedos. Vocês precisam se concentrar em obter os bens dos quais precisam desesperadamente *como seres humanos*. No momento em que desistiram de todos esses bens, decidiram que eles eram impossíveis de se obter. Considero minha tarefa, Julie, mostrar que não é esse o caso. Vocês não precisam desistir dos bens dos quais necessitam desesperadamente como seres humanos. Eles estão ao alcance da mão — se souberem onde procurá-los. Se souberem *como* procurá-los. Foi isso que você veio aprender aqui.

— Mas como podemos fazer isso, Ismael?

— Vocês precisam ser mais exigentes, pedir mais, Julie — e não menos. Nesse aspecto, discordo dos seus religiosos fanáticos, que os encorajam a ser corajosos e resignados e esperar pouco desta vida — para ganhar muito na vida após a morte. Vocês precisam exigir para si a riqueza que os povos aborígenes do mundo inteiro estão dispostos a morrer para defendê-la. Vocês precisam exigir os bens que os seres humanos possuem desde o início dos tempos, que consideraram uma riqueza acessível por centenas de milhares de anos. Vocês precisam exigir a riqueza que jogaram fora para se tornarem senhores do mundo. Mas não podem exigir isso de seus líderes. Eles não a guardam. Não a possuem para dá-la a vocês. Por isso, devem ser diferentes

dos revolucionários do passado, que simplesmente queriam ver pessoas diferentes comandando o sistema. Vocês não vão conseguir resolver os problemas simplesmente trocando-os.

— Está certo, mas de quem vamos exigir isso a não ser de nossos líderes?

— Exijam de si mesmos, Julie. A riqueza tribal é a energia que os membros da tribo dão uns aos outros para preservar a tribo. Essa energia é inesgotável, um recurso plenamente renovável.

Gemi.

— Você não está me dizendo *como* fazer isso.

— Julie, os bens que vocês querem, como seres humanos, estão *disponíveis*. Venho repetindo essa mensagem incessantemente. Vocês podem ter essas riquezas. As pessoas que vocês desprezam, que chamam de selvagens ignorantes, têm tais bens. Por que vocês não podem tê-los também?

— Mas *como*? Como *podemos* obtê-los?

— Em primeiro lugar, devem se dar conta de que é *possível* obtê-los. Sabe, Julie, antes de ir à Lua, vocês precisaram perceber que era *possível* ir à Lua. Antes de construir um coração artificial, precisaram perceber que era *possível* fazer um. Entende isso?

— Claro.

— No momento, Julie, quantos de vocês percebem que seus ancestrais tinham um modo de vida que funcionava bem, em benefício das pessoas? Aqueles que viviam daquele jeito não lutavam constantemente contra crime, loucura, depressão, injustiça, pobreza e raiva. A riqueza não se concentrava nas mãos de uns poucos sortudos. As pessoas não viviam aterrorizadas pelos semelhantes. Elas sentiam segurança, e *estavam* seguras, de uma forma quase inimaginável para vocês. Esse modo de vida ainda existe, e funciona tão bem como sempre funcionou, para as pessoas — ao contrário do seu modo, que

funciona muito bem para os negócios, mas é péssimo para as pessoas. Quantos de vocês se dão conta disso?

— Nenhum.— disse eu. — Ou pouquíssima gente.

— E por onde eles podem começar? Para ir à Lua, foi preciso primeiro perceber que isso era possível.

— Então, o que você está dizendo? Que isso é impossível?

Ismael suspirou.

— Lembra-se do que eu pedia no anúncio?

— Claro. Você procurava alunos com um desejo sincero de salvar o mundo.

— Presumo então que você veio até aqui porque tinha esse desejo. Você achou que eu ia lhe dar uma varinha de condão? Ou uma metralhadora para liquidar todos os malfeitores desse mundo?

— Não.

— Você achava que não era possível fazer nada? Que viria até aqui, ouviria tudo e voltaria para casa, sem fazer nada? Acha que não fazer nada é a minha idéia de salvar o mundo?

— Não.

— Com base no que já foi dito aqui, Julie, o que *precisa* ser feito? O que precisa ser feito antes que as pessoas comecem a pensar num jeito de obter os bens dos quais necessitam tão desesperadamente?

Balancei a cabeça, mas não adiantou. Levantei-me da poltrona e agitei os braços. Ismael me olhou, curioso, como se eu tivesse perdido o juízo. Disse a ele:

— Ei! Você não está falando em salvar o mundo. Não estou entendendo! Está falando em *nos* salvar!

Ismael fez que sim com a cabeça.

— Compreendo suas dúvidas, Julie. Vou explicar melhor. As pessoas de sua cultura se engajaram no processo de tornar o planeta inabitável para vocês mesmos e para milhões de outras espécies. Mesmo que consigam fazer isso, a vida continuará, certamente, mas em níveis que vocês (em seu modo preconceituoso) consideram indubitavelmente mais primitivos. Quando você e eu falamos em salvar o mundo, referimo-nos salvação do mundo como o conhecemos atualmente — um mundo habitado por elefantes, gorilas, cangurus, bisões, alces, águias, focas, baleias, e assim por diante. Está entendendo?

— Claro.

— Só há duas maneiras de salvar o mundo nesse sentido. Uma delas é destruir vocês imediatamente — não esperar que tornem o mundo inabitável para os outros. Não conheço um modo de fazer isso, Julie. Você conhece?

— Não.

— O outro jeito de salvar o mundo é salvar vocês. Mostrar como podem obter os bens de que necessitam desesperadamente — *em vez* de destruir o mundo.

— Ah! — murmurei.

— Minha bizarra teoria, Julie, diz que as pessoas da sua cultura não estão destruindo o mundo porque são malvadas e estúpidas, como a Mãe Cultura ensina, mas porque são terrivelmente carentes, porque vivem privadas dos bens de que os seres humanos precisam desesperadamente, sem os quais não podem viver ano após ano, geração após geração. Minha bizarra teoria afirma que, se tiverem a chance de escolher entre destruir o mundo e conseguir as coisas que realmente querem, vocês escolherão a segunda opção. Mas, antes que possam *fazer* tal escolha, vocês precisam *perceber* que ela existe.

Encarei-o como mesmo olhar frio com que ele sempre me fitava.

— E a minha tarefa é mostrar a eles que têm essa escolha, certo? É isso?

— Isso mesmo, Julie. Não era isso que queria fazer em seu devaneio? Trazer a iluminação para o mundo, de longe?

— É. Era o que eu queria fazer no meu *devaneio*. Mas, na vida real, tenha dó! Sou apenas uma menina que imagina como vai ser a minha vida quando eu finalmente chegar ao segundo grau.

— Sei disso. Mas você não será uma menina para sempre. Quer saiba ou não, você veio aqui para ser modificada, e você mudou. Saiba disso ou não, a mudança é permanente.

— *Sei* disso muito bem — disse eu. — Mas, sabe, você não respondeu à minha pergunta. Perguntei como o mundo seria se realmente conseguíssemos começar a viver de um outro jeito. Acho que precisamos de uma meta. De todo modo, *eu* preciso.

— Farei isso, Julie, mas da próxima vez. Creio que basta por hoje. Você pode vir na sexta-feira?

— Acho que sim. Mas por que sexta-feira?

— Porque eu gostaria que você conhecesse uma pessoa. Não é Alan Lomax — acrescentou ele apressadamente quando viu meu rosto. — O nome dele é Art Owens e vai me ajudar a mudar deste lugar.

— Eu posso ajudar também.

— Sei que pode, Julie. Mas ele tem um veículo e um lugar para me levar, e tudo será feito na calada da noite. Não é uma boa hora para você ficar andando por aí.

Pensei um pouco no assunto.

— Ele poderia me pegar em casa. Se ele pode vir até aqui, pode ir até lá.

Ismael balançou a cabeça.

— Um afro-americano de quarenta anos pegando uma menina de doze no

meio da noite seria sinônimo de catástrofe.

— Concordo. Odeio dizer isso, mas você tem toda a razão.

Meu Deus, isso não sou eu!

Na sexta-feira, quando eu cheguei, havia mais uma poltrona, o que não me agradou nem um pouco. Não falo da poltrona, claro, e sim da idéia de dividir *meu* Ismael com outra pessoa. Sou egoísta. Pelo menos, não era tão aconchegante quanto a velha poltrona confortável que eu sempre usava. Fingi que não estava ali, e começamos.

— Entre os amigos da minha benfeitora Raquel Sokolow na universidade — explicou Ismael — havia um jovem chamado Jeffrey, cujo pai era um cirurgião famoso. Jeffrey tornou-se uma pessoa importante para muita gente, naquela época e também depois, pois representava um problema para as pessoas. Ele não conseguia decidir o que queria fazer na vida. Era fisicamente atraente, inteligente, original e talentoso em praticamente qualquer atividade. Tocava violão muito bem, embora não mostrasse o menor interesse pela carreira musical. Poderia fotografar muito bem, escrever peças de teatro, ser o ator principal de uma montagem universitária, escrever um conto formidável ou um ensaio polêmico, mas não queria ser fotógrafo, autor de teatro, ator, escritor ou ensaísta. Saía-se bem em todas as matérias, mas não pretendia tornar-se professor ou pesquisador. Tampouco se interessava por seguir a carreira do pai ou entrar para a política. A matemática, o direito e as ciências não o atraíam. Apreciava questões relativas ao espírito e freqüentava a igreja ocasionalmente, mas não pensava em se tornar padre, pastor ou teólogo. Apesar de tudo, parecia ser um rapaz “bem ajustado”, como se dizia. Ele não exibia fobias ou confusão quanto à preferência sexual. Acreditava que um dia ia se acomodar e casar. Mas só pretendia fazer isso depois de encontrar um propósito na vida.

“Os amigos de Jeffrey buscavam incessantemente novas idéias que pudessem despertar seu interesse. Será que ele gostaria de escrever resenhas de filmes para o jornal local? Já pensara em fazer desenho ornamental em marfim ou ourivesaria? A marcenaria era considerada uma atividade absorvente. E a procura de fósseis? Gastronomia? Talvez devesse tornar-se escoteiro! Não gostaria de tentar arqueologia? O pai dele compreendia a dificuldade de Jeffrey para encontrar algo que o entusiasmasse e se dispunha a apoiá-lo em qualquer tentativa que ele julgasse válida. Se uma volta ao mundo o atraísse, era só falar com o agente de viagens, que tomaria as devidas providências. Se quisesse tentar a vida ao ar livre, haveria equipamento à disposição, imediatamente. Caso preferisse velejar, um barco seria providenciado. Se escolhesse cerâmica, ganharia um forno. Mesmo que preferisse viver apenas badalando na noite e saindo nas colunas sociais, tudo bem. Mas ele dispensava tudo, com muita educação, constrangido até por dar tanto trabalho aos outros”.

“Não quero lhe dar a impressão de que o rapaz era mimado ou temperamental. Ele sempre foi o primeiro da classe, desde garoto trabalhava meio período, morava numa república de estudantes e não tinha carro. Ele simplesmente olhava para tudo o que o mundo lhe oferecia e não conseguia vislumbrar uma única coisa que valesse a pena. Os amigos insistiam: ‘Você não pode viver assim. Há tantas coisas à sua espera. Precisa de um pouco de *ambição*, encontrar *algo* que você realmente queira fazer na vida’”.

“Jeffrey formou-se com distinção, mas sem rumo. Depois de passar o verão na casa do pai, viajou para visitar um casal de amigos da universidade que acabara de se casar. Levou a mochila, o violão e o diário. Passou algumas semanas e seguiu em frente, de carona, para visitar outros amigos. Não tinha a menor pressa. Parava no caminho, ajudava alguém a construir um celeiro,

ganhava dinheiro suficiente para seguir viagem, e acabou chegando ao seu destino. Com a aproximação do inverno, ele voltou para casa. Conversava longamente com o pai, jogava baralho, via jogos de futebol americano na televisão, tomava cerveja, lia e ia ao cinema”.

“Quando a primavera chegou, Jeffrey comprou um carro usado e tomou a direção oposta para visitar outros amigos. As pessoas o recebiam com carinho, aonde quer que ele fosse. Gostavam e sentiam pena dele, pois não tinha raízes, objetivos, metas. E não desistiam de ajudá-lo. Um amigo quis comprar uma filmadora para registrar suas andanças. Jeffrey não se interessou. Outro amigo se ofereceu para enviar os poemas que Jeffrey escrevia a algumas revistas para ver se conseguia publicá-los. Jeffrey disse que tudo bem, mas não se importava se iam ser publicados ou não. Depois de trabalhar num acampamento de férias durante o verão, ele foi convidado para ficar por lá, mas não se interessou pelo serviço”.

“Quando o inverno chegou, o pai o convenceu a conversar com um psicólogo amigo, pessoa em quem confiava. Jeffrey fez terapia durante o inverno, três vezes por semana, mas no final o terapeuta admitiu que ele, embora fosse ‘um pouco imaturo’, não tinha nenhum problema. Quando pediram que explicasse o que era ser ‘imaturo’, o terapeuta disse que ele não conseguia se motivar, vivia nas nuvens, não tinha metas — mas isso todos já sabiam. ‘Ele vai encontrar algo que desperte seu interesse em um ou dois anos’, previu o psicólogo. ‘Provavelmente, será algo bem óbvio. Aposto que está bem na frente dele agora. Mas ele não consegue ver o que é’. Quando a primavera chegou, Jeffrey voltou para a estrada, e se havia algo bem à sua frente, ele continuava a não vê-lo”.

“Os anos foram passando, sem nenhuma mudança. Jeffrey observava os amigos, que se casavam, tinham filhos, progrediam em suas carreiras,

conquistavam alguma fama ou fortuna... enquanto isso, ele continuava tocando violão, escrevendo poemas esporadicamente, fazendo seu diário. Na primavera passada ele comemorou o trigésimo primeiro aniversário com os amigos, num chalé à beira de um lago em Wisconsin. Na manhã seguinte, ele escreveu algumas linhas em seu diário, foi até a beira do lago, entrou na água e se afogou”.

— Que coisa triste — murmurei, incapaz de pensar em algo inteligente para dizer.

— É uma história muito comum, Julie, exceto por um fato: o pai de Jeffrey era rico e lhe permitia viver despreocupado. Sustentou-o durante dez anos, enquanto Jeffrey não fazia nada. Não o pressionou para que se tornasse um adulto responsável. Isso fez Jeffrey diferente dos milhões de jovens de sua cultura, que no fundo não têm nenhuma motivação, como ele. Você acha que estou enganado nesse aspecto?

— Não o conheço bem o bastante para dizer se você está enganado ou não.

— Pense nos jovens que você conhece. Eles estão ansiosos para se tornar advogados, banqueiros, engenheiros, cozinheiros, cabeleireiros, vendedores de seguros ou motoristas de ônibus?

— Alguns, sim. Não necessariamente ser cabeleireiros ou motoristas de ônibus, mas eles têm alguns interesses. Conheço jovens que adorariam ser estrelas de cinema ou esportistas profissionais.

— E quais são as chances de conseguirem isso, em termos realistas?

— Uma em milhões, acho.

— Acha que os adolescentes de dezoito anos estão sonhando com profissões como motorista de táxi, dentista ou asfaltador de ruas?

— Não.

— Você acha que existem muitos rapazes de dezoito anos por aí como Jeffrey

que no fundo não se interessam por coisa alguma que esteja no mundo do trabalho dos Pegadores? Que ficariam fora dele de bom grado se conseguissem alguém que lhes desse vinte ou trinta mil dólares por ano?

— Minha nossa, claro que sim. Se fosse desse jeito, sem dúvida. Você fala sério? Haveria milhões.

— Mas, se não existe nada que eles realmente queiram fazer no mundo do trabalho dos Pegadores, por que entram no sistema, afinal? Por que aceitam serviços que não têm nada a ver com eles, nem com qualquer pessoa?

— Eles trabalham porque precisam. Os pais os expulsam de casa. Se não trabalharem, morrem de fome.

— Isso mesmo. Mas é claro que em cada classe de segundo grau que se forma há alguns que preferem correr o risco de morrer de fome. As pessoas costumavam chamá-los de vagabundos, *hippies* ou mendigos. Atualmente, eles preferem ser chamados de ‘sem-casa’, dando a impressão de que vivem na rua porque são obrigados e não porque querem. São jovens que fugiram de casa, vagabundos de praia, prostitutas ocasionais, retirantes, desordeiros e catadores de lixo. Eles dão um jeito para viver, seja qual for. A comida pode ficar trancada à chave, mas eles encontram fendas na parede do cofre. Tomam dinheiro de bêbados e catam latas de alumínio. Pedem dinheiro em farol, viram as latas de lixo dos restaurantes e fazem pequenos furtos. Não é uma vida fácil, mas eles preferem isso a aceitar empregos sem sentido e viver como a maioria dos pobres das cidades. Trata-se de uma subcultura muito ampla, Julie.

— É. Dá para perceber. Conheço jovens que falam em viver nas ruas. Querem ir para cidades específicas, onde há muitos jovens vivendo assim. Acho que Seattle é uma delas.

— Esse fenômeno se confunde com os fenômenos das gangues Juvenis e

dos rituais. Quando esses garotos das ruas se organizam em torno de chefes carismáticos, são considerados membros de gangues. Quando seguem gurus carismáticos, fazem parte de cultos. As crianças que moram nas ruas têm uma expectativa de vida muito pequena e não demoram muito a perceber isso. Vêem amigos morrendo antes dos vinte anos e sabem que seu destino será o mesmo. Mesmo assim, não conseguem alugar um barraco, comprar uma roupa decente e tentar arranjar um emprego idiota, ganhando salário mínimo, porque odeiam isso. Entende o que estou dizendo, Julie? Jeffrey é apenas um representante da classe alta dentro desse fenômeno. Os representantes das classes mais baixas não têm o privilégio de se afogar num lago cristalino de Wisconsin, mas acabam fazendo a mesma coisa, de outro jeito. Preferem morrer a participar da massa de pobres urbanos e geralmente morrem cedo.

— Estou entendendo — disse eu. — Só não sei aonde você quer chegar.

— Ainda não quero chegar a lugar nenhum, Julie. Só estou chamando a sua atenção para algo que as pessoas de sua cultura fingem que não tem importância, que é irrelevante. A história de Jeffrey é muito triste — mas ele é um caso raro, certo? Vocês se preocupariam se houvesse milhares de Jeffreys se afogando nos lagos. Mas os jovens miseráveis que morrem nas ruas aos milhares podem ser ignorados, em segurança.

— Isso é verdade.

— Estou olhando para algo que as pessoas de sua cultura acham que não precisa ser levado em consideração. Estou olhando para os drogados, fracassados, membros de gangues e a ralé. A atitude dos adultos em relação a eles é: “Se querem viver como animais, problema deles. Se querem se matar, que se matem. São marginais, sociopatas, vagabundos. É melhor ficarmos livres deles mesmo”.

— Eu acho que a maioria dos adultos pensa desse jeito.

— Eles se recusam a olhar para a realidade, Julie. E o que estão se recusando a ver?

— Eles acham que esses não são filhos deles. São filhos dos outros.

— Isso mesmo. Não há nenhuma mensagem para eles no fato de Jeffrey se matar no lago, ou Susie morrer de *overdose* na sarjeta. Não há nenhuma mensagem nas dezenas de milhares que se matam anualmente, que desaparecem nas ruas, deixando para trás apenas as fotos nos cartazes de desaparecidos. Isso não é um recado. É como a estática no rádio, algo a ser ignorado, e, quanto mais você ignora tudo isso, melhor ouve a música.

— É a pura verdade. Mas ainda estou esperando para ver aonde você quer chegar.

— Ninguém pensa em perguntar a si mesmo: “De que essas crianças *precisam?*”

— Claro que não. Quem se importa com o que elas precisam?

— Mas você pode se perguntar isso, certo? Consegue fazê-lo, Julie? É capaz de agüentar?

Fiquei ali sentada por um minuto, olhando para o vazio, e repentinamente aconteceu uma coisa desgraçada: comecei a chorar. O choro explodiu. Fiquei ali sentada, soluçando feito louca, e o choro não passava mais, não passava, até que achei que tinha encontrado a razão da minha vida: ficar chorando naquela poltrona.

Quando me acalmei um pouco, levantei-me e disse a Ismael que voltaria logo. Saí para dar uma volta pelo quarteirão — por uns três quarteirões, para dizer a verdade.

Quando voltei, disse a ele que não sabia expressar o que estava sentindo em palavras.

— Não se pode colocar emoções em palavras, Julie. Sei disso. Você as

colocou no choro, e não há palavras equivalentes. Contudo, há *outras* coisas que você *pode* colocar em palavras.

— É, acho que sim.

— Você teve uma visão da imensa perda que está compartilhando com os jovens de quem falávamos.

— Sei. Mas eu não sabia que compartilhava isso com eles. Não sabia que compartilhava alguma coisa com eles.

— No primeiro dia em que veio aqui, você falou que ficava dizendo a si mesma, constantemente: “Preciso cair fora daqui, preciso cair fora daqui”. E disse que isso significava correr para salvar a vida.

— Isso mesmo. Acho que era isso que eu estava sentindo há pouco, quando chorava. *Por favor! Por favor! Deixem que eu corra para salvar a minha vida. Por favor, me deixem cair fora daqui! Por favor, me deixem ir embora! Não quero ser prisioneira pelo resto da vida! Preciso CAIR FORA! Não AGÜENTO mais!*

— Mas você não pode compartilhar esses pensamentos com seus colegas de escola, certo?

— Eu não poderia compartilhar esses pensamentos nem *comigo mesma* há duas semanas.

— Você não teria coragem de olhar de frente para eles.

— Não. E, se olhasse, diria: “Minha nossa! Que há de errado comigo? Devo estar doente ou algo assim”.

— Esses foram os pensamentos que Jeffrey escreveu repetidamente em seu diário. “Que há de *errado* comigo? Que há de errado *comigo*? Deve haver algo muito errado *comigo*, pois não consigo achar graça nenhuma no mundo”. Ele escrevia, sem parar: “Que há de errado *comigo*? Que há de errado *comigo*? Que há de errado *comigo*? Que há de errado *comigo*?” E, claro, os amigos diziam sempre: “Que

há de errado com *você*? Que há de errado com *você*? Que há de errado com *você*? Por que não quer participar de algo tão maravilhoso?”.

Talvez você entenda, pela primeira vez, que meu papel aqui é lhe dar uma notícia maravilhosa: ***Não há nada de errado com VOCÊ!*** Não está em você o erro. Creio que, em seu choro, havia um elemento de compreensão: “Minha nossa! O problema não está em *mim!*”

— É, você tem razão. Em parte, eu estava sentindo uma tremenda sensação de *alívio*.

Revolucionários

— Você quer saber como seria o mundo se vocês começassem a viver de um jeito diferente. Agora, você já sabe para que serve um jeito diferente. Expliquei que vocês precisam parar de pensar em abrir mão de bens e exigir mais, mas não acho que tenha entendido o que eu quis dizer antes.

— Para falar a verdade, não entendi mesmo. Mas achei que tinha entendido.

— Agora, você está entendendo mesmo. Você ficou chocada quando finalmente se deu conta de que eu realmente era sensível às suas exigências, que eu queria saber quais eram, e de que você merecia que suas exigências fossem atendidas.

— É, é isso mesmo.

— É assim que vamos criar um mundo para você, Julie. Ouvindo seus pedidos. O que você quer? O que vale tanto quanto a sua vida?

— Meu Deus — disse eu. — Taí uma pergunta difícil. Eu quero um lugar onde não sinta vontade de gritar a toda hora: ***“Preciso cair fora daqui, preciso cair fora daqui. Preciso cair fora daqui, preciso cair fora daqui”***.

— Você e os Jeffreys deste mundo precisam de um espaço cultural próprio.

— É, é isso mesmo.

— Um espaço cultural não é necessariamente um espaço geográfico. Os jovens que vivem nas ruas de Seattle e lugares similares não precisam de mil hectares de terra. Eles ficariam contentes de compartilhar o território e provavelmente morreriam de fome se fossem obrigados a viver num território próprio, por sua conta. Afinal, eles estão dizendo: “Olhem, estamos contentes de viver do lixo que vocês dispensam. Por que não podemos fazer isso em paz? Basta que nos dêem espaço suficiente para vivermos de catar lixo.

Seremos a tribo do Corvo. Vocês não matam os corvos que devoram os animais atropelados na beira da estrada, certo? Se matarem os corvos, precisarão cuidar dos animais mortos. É melhor que os corvos o façam. Eles não pegam nada que vocês queiram. Então, qual é o problema com os corvos? Também não pegamos nada que vocês queiram. Então, qual é o problema conosco?”

— Parece bem legal. Mas acho que não vai acontecer nunca.

— E você Julie? Gostaria de fazer parte da tribo do Corvo?

— Nem um pouco, para ser honesta.

— Bem, por que deveria? Não existe um modo correto para se viver. Suponha, porém, que o pessoal de Seattle diga: “Vamos tentar isso. Em vez de combater os jovens e tentar mudar a vida deles, ou torná-la insuportável, vamos ajudá-los. Vamos dar uma mão para que formem a tribo do Corvo”. O que poderia acontecer de ruim?

— Isso seria maravilhoso.

— E se você conhecesse gente assim em Seattle... gente disposta a correr um risco desse tipo... gostaria de viver lá, se pudesse escolher uma cidade para morar?

— Nesse caso, eu adoraria viver em Seattle.

— Pode ser um lugar interessante, Julie. Um lugar onde as pessoas *tentassem* alguma coisa.

Ismael permaneceu em silêncio por alguns minutos, e tive a impressão de que ele havia perdido o rumo. Finalmente, ele prosseguiu:

— Por mais que eu tenha aprofundado a questão, nessa altura os alunos dizem: “Certo, mas o que devemos fazer?” E eu lhes digo: “Vocês, Pegadores, orgulham-se de sua criatividade, certo? Bem, *sejam criativos*”. Mas isso não adianta muito, não é?

Eu não sabia se ele estava falando comigo ou com os seus botões. Então, fiquei quieta, ouvindo.

— Fale-me sobre a criatividade, Julie.

— Como assim?

— Qual foi a época mais criativa da história de vocês? O período mais rico em invenções da história da humanidade?

— Acho que é o *período atual*. Este que estamos vivendo. O período da Revolução Industrial.

— Isso mesmo.

— Como funciona?

— O que você quer dizer?

— A principal tarefa de vocês nas próximas décadas é ser inventivos. Não em relação a máquinas, mas em benefício das pessoas. Isso tem sentido?

— Tem.

— Então, podemos aprender muita coisa sobre criatividade estudando o período mais criativo da história da humanidade, concorda?

— Claro.

— Então, repito: como funciona?

— A Revolução Industrial? Sei lá!

— Por acaso o Exército Revolucionário Industrial invadiu a capital e tomou o poder? Reuniu a família real e mandou guilhotinar todo mundo?

— Não.

— Então, como foi feito?

— Minha nossa! Você está perguntando sobre cartéis e monopólios?

— Não, nada disso. Não quero saber nada sobre o dinheiro. Estamos falando de criatividade. Pensar no modo como a Revolução Industrial começou, Julie.

— Está bem. Disso eu me lembro. É só o que lembro, aliás. James Watt. A máquina a vapor. Mil e setecentos e alguma coisa.

— Muito bem, Julie. James Watt, máquina a vapor, mil e setecentos e alguma coisa. James Watt geralmente é apontado como o inventor da máquina a vapor, que deu início a tudo, mas isso não passa de uma redução ardilosa, que deixa escapar a questão mais importante da revolução. James Watt, em 1763, apenas aperfeiçoou uma máquina fabricada em 1712 por Thomas Newcomen que apenas aperfeiçoou uma máquina fabricada em 1702 por Thomas Savery, que sem dúvida alguma conhecia a máquina descrita em 1663 por Edward Somerset, que não passava de uma variação da fonte de vapor de Salomon de Caus, que em 1615 trabalhou em cima de um equipamento descrito treze anos antes por Giambattista della Porta, que foi o primeiro sujeito a fazer uso do vapor desde a época de Héron de Alexandria, no primeiro século da era cristã. Essa é uma excelente demonstração de como a Revolução Industrial funcionava. Mas creio que você ainda não entendeu. Por isso, vou dar outro exemplo.

“As máquinas a vapor não teriam muita utilidade sem o carvão mineral, que não *faz* chama nem fumaça. O aquecimento do carvão produz gás de carvão, que era considerado inútil. Contudo, em 1790 ele já estava sendo queimado nas fábricas, tanto para acionar as máquinas quanto para produzir luz. Mas queimar carvão para produzir gás de carvão gerava outro subproduto, alcatrão, uma substância repulsiva, fedorenta, difícil de se livrar. Químicos alemães pensaram que seria bobagem jogar o alcatrão fora. Melhor seria encontrar um uso para ele. Destilando o alcatrão, eles conseguiram querosene, um novo combustível, e o creosoto, uma substância útil para a preservação da madeira. Como o creosoto impedia o apodrecimento da madeira, era razoável supor que resultados similares poderiam ser obtidos de outros derivados do carvão. Em

uma das experiências, utilizou-se o ácido carbólico para inibir a putrefação dos esgotos. Tomando conhecimento dos efeitos desse material, em 1865 o cirurgião inglês Joseph Lister deduziu que ele poderia impedir a putrefação de tecidos humanos nas feridas (o que tornava as cirurgias da época muito arriscadas). Funcionou. Outro derivado do carvão era um resíduo negro encontrado na fumaça do alcatrão queimado. Ele serviu para uma espécie de papel-carbono, inventado por Cyrus Dalkin em 1823. Outro uso foi descoberto por Thomas Edison: uma placa de carbono, instalada no receptor do telefone, amplificava seu sinal”.

Ismael olhou para mim, esperançoso. Eu disse a ele que o alcatrão era muito mais útil do que eu imaginava.

— Lamento — acrescentei. — Não entendi nada.

— Você me perguntou o que deveria fazer, Julie, e eu lhe dei uma sugestão clara: seja criativa. Agora, estou tentando mostrar o que significa ser criativo. Estou tentando mostrar como funcionavam as coisas no período de maior criatividade da história humana. A Revolução Industrial resultou de um milhão de pequenas tentativas, de um milhão de idéias, de um milhão de inovações e aperfeiçoamentos modestos de invenções anteriores. Acho que não estou exagerando ao falarem milhões. Durante um período de trezentos anos, centenas de milhares de pessoas, agindo quase exclusivamente em interesse próprio, transformaram o mundo, divulgando idéias e descobertas, aproveitando idéias e descobertas para aprimorar passo a passo outras idéias e descobertas.

“Sei que há puritanos totalmente avessos ao uso de máquinas e métodos modernos entre vocês, que acreditam que a Revolução Industrial é coisa do demônio, mas seguramente não me considero um deles, Julie. Em parte, por não ter sido realizada conforme um plano teórico, a Revolução Industrial não

foi uma tarefa utópica — ao contrário de instituições como as suas escolas, prisões, tribunais e governo. Ela não dependia de que as pessoas fossem melhores do que antes. Na verdade, dependia de que as pessoas fossem iguais. Quem conhece a iluminação a gás dispensa as velas. Quem conhece a luz elétrica abandona a iluminação a gás. Quem ganha sapatos atraentes e confortáveis abandona os feios e desconfortáveis. Quem conhece a máquina de costura elétrica abandona a movida a pedal. Quem conhece o televisor em cores abandona o preto-e-branco”.

“É importantíssimo notar que a riqueza da criatividade humana gerada pela Revolução Industrial não se concentrava nas mãos de uns poucos privilegiados, mas estava distribuída pela sociedade. Não estou me referindo aos bens produzidos e sim à riqueza intelectual que foi gerada. Ninguém podia trancar o processo criativo, nem as descobertas que dele derivavam. Quando um novo equipamento ou processo surgia, todos eram livres para dizer: ‘já sei o que vou fazer com isso!’ Todos podiam dizer: ‘Vou usar essa idéia de um jeito que o inventor nem imaginava’”.

— Bem — disse eu —, nunca pensei na Revolução Industrial nesses termos.

— É importante notar que não a estou colocando como candidata à canonização. Não recomendo suas metas, nem endosso suas características vergonhosas — materialismo implacável, desperdício monumental, enorme apetite por recursos não-renováveis, ânsia para atacar em qualquer direção onde houvesse lucros. Só estou recomendando seu modo de agir, que permitiu o surgimento da maior onda de criatividade da história humana, de modo democrático. Em vez de pensarem abrir mão dos bens, vocês devem pensar em liberar outra onda de criatividade humana — uma que não seja orientada na direção da riqueza em produtos, mas sim capaz de criar o tipo de riqueza

que vocês jogaram fora quando se tornaram donos do mundo e que agora precisam desesperadamente recuperar.

— Dê um exemplo, Ismael. Dê um exemplo.

— O projeto de Seattle que acabamos de discutir é um exemplo. Pode ser o equivalente à fonte de vapor de Salomon de Caus, de 1615, Julie. Não a última palavra, mas sim apenas um começo. As pessoas de Los Angeles olharão para a experiência e dirão: “Sim, não é ruim. Mas podemos fazer algo melhor por aqui”. E as pessoas de Detroit estudarão o esforço de Los Angeles e encontrarão um ângulo diferente para atacar a questão em sua própria cidade.

— Outro exemplo.

— Suponhamos que as pessoas de Peoria, em Illinois, digam: “Podemos usar o modelo tribal, aproveitando a experiência da Escola de Sudbury Valley, em Framingham, Massachusetts. Vamos aposentar os professores, fechar as escolas e abrir a cidade para as crianças. Vamos deixar que aprendam o que quiserem aprender. Vamos correr o risco. Acreditamos na capacidade de nossos filhos”. Uma experiência desse tipo atrairia a atenção do país inteiro. Todos a acompanhariam para ver se funcionava direito. Pessoalmente, aposto que seria um tremendo sucesso — desde que deixassem as crianças livres para fazer o que lhes desse na telha e não estragassem o projeto impondo um currículo. Claro, Peoria seria apenas o início. Outras cidades encontrariam maneiras de enriquecer e ampliar a idéia.

— Certo. Mais um exemplo, por favor.

— Sabe, Julie, nem todos os profissionais da saúde estão contentes de participar da máquina de fazer dinheiro que se tornou a medicina neste país. Muitos escolheram a área por outros motivos, não para ganhar dinheiro. Talvez em Albuquerque, no Novo México, eles possam se unir e dar um novo rumo ao sistema. Talvez eles percebam que já existe uma espécie de James

Watt nesse campo, um médico chamado Patch Adams, que fundou o Gesundheit Institute, um hospital da Virgínia onde as pessoas são tratadas de graça. Talvez, porém, precisem de inspiração adicional, vendo idéias semelhantes implantadas em outros locais — como os projetos de Seattle e Peoria. Era assim que a Revolução industrial funcionava, Julie. As pessoas viam outras pessoas descobrindo modos de fazer com que as coisas funcionassem e resolviam tentar também, inspiradas pelos resultados positivos.

— Acho que o maior obstáculo para essas idéias será o governo.

— Claro, Julie. Para isso existem os governos. Para evitar que as coisas boas aconteçam. Mas, lamento dizer, se vocês não conseguirem nem mesmo fazer com que seu governo presumidamente democrático permita iniciativas boas para as pessoas, então vocês provavelmente merecem ser extintos.

— Concordo.

— Abri a arca do tesouro tribal para você, Julie. Mostrei os bens que vocês jogaram fora quando se tornaram donos do mundo. Um sistema de riqueza baseado na troca da energia que é inesgotável e totalmente renovável. Um sistema de leis capaz de ajudar as pessoas a viver em vez de puni-las por fazer coisas que sempre foram feitas e continuarão a ser feitas. Um sistema educacional que não custa nada, funciona perfeitamente e aproxima as gerações. Há muitos outros sistemas merecedores de nossa atenção, mas você não encontrará nenhum que estimule as pessoas a usar criativamente as idéias alheias, como ocorreu na Revolução Industrial. A criatividade não era proibida na vida tribal. Contudo, não havia necessidade dela, ou recompensa.

Ele ficou em silêncio por um momento. Abri a boca para falar, mas ele ergueu a mão e fez um gesto que me fez calar.

— Ainda não lhe dei o que você deseja. Mas estou chegando lá. Você precisa ter paciência, esperar que eu chegue lá do meu jeito.

Fechei os olhos e me relaxei.

Uma espiada no futuro

— Para você, isso não passa de mais um episódio da história antiga, como a Restauração* ou a Guerra da Coréia. Contudo há vinte e cinco anos, milhares de jovens de sua idade descobriram que o modo de vida dos Pegadores era um modo de morte. No fundo, eles não sabiam muito mais do que isso, mas tinham certeza de que não queriam fazer o que seus pais haviam feito: casar, arranjar um emprego, ficar velho, aposentar-se e morrer. Queriam viver de um jeito novo, mas os únicos valores reais que eles possuíam eram o amor, companheirismo, sinceridade, drogas e **rock ‘n’ roll** — que não são absolutamente coisas ruins, embora não sejam suficientes como fundamento para uma revolução, e era isso que eles queriam. Assim como não possuíam uma teoria revolucionária, não dispunham de um programa revolucionário. Só tinham um *slogan*: “Entre em sintonia, se ligue e caia fora”. Eles imaginavam que todos iam simplesmente seguir essas palavras. Todos saíam dançando pelas ruas e uma nova era da humanidade se iniciaria. Estou contando isso porque é tão importante saber a razão do fracasso das coisas quanto de seu sucesso. A revolta dos jovens nos anos 60 e 70 fracassou porque eles não tinham uma teoria ou um programa. No entanto, eles estavam certos em uma coisa: chegara a hora de fazer algo novo.

“Vocês *precisam* de uma revolução para sobreviver, Julie. Se continuarem no rumo atual, é difícil imaginar que sobrevivam mais um século. Mas não podem ter uma revolução negativa. Qualquer revolução que pregue a volta aos ‘velhos tempos’, considerados melhores e mais simples, nos quais os homens cumprimentavam as mulheres com o chapéu, as mulheres ficavam em casa

cozinhando e ninguém se divorciava ou questionava a autoridade, se baseia apenas em sonhos. Qualquer revolução que dependa da disposição das pessoas para desistir de coisas que elas querem, em troca de coisas que elas não querem, está destinada ao fracasso, não passa de utopia. Vocês precisam fazer uma revolução positiva, uma revolução que dê ao povo *mais* do que as pessoas *realmente* querem e não *menos* do que eles *não* querem. As pessoas não querem jogos eletrônicos de dezesseis *bits*, mas, se for o melhor que podem conseguir, elas os aceitarão. Uma revolução não iria muito longe se pedisse às pessoas que desistissem dos jogos de dezesseis *bits*. Se você quer que elas percam o interesse pelos joguinhos, deve lhes dar algo *muito melhor* do que eles”.

“Essa deve ser a base de sua revolução, Julie: não a pobreza voluntária, mas a riqueza voluntária. Mas riqueza *de verdade*, agora. Nada de brinquedos, equipamentos ou entretenimento. Nada de coisas que possam ser guardadas nos cofres dos bancos. A verdadeira riqueza é aquela com a qual os seres humanos já nascem. Falo de riquezas que os seres humanos desfrutaram por centenas de milhares de anos — e continuam a desfrutar, onde quer que o modo de vida dos Largadores permaneça intato. E essa riqueza vocês podem aproveitar sem sentir culpa, Julie, pois não terá sido roubada do mundo. Trata-se de uma riqueza que deriva totalmente de sua própria energia. Está me acompanhando?”

— Estou.

— Bem, vamos ver se conseguimos um modo razoável de olhar para o futuro da sua revolução. Por volta de 1816, o barão Karl von Drais, de Karlsruhe, Alemanha, resolveu arriscar a sorte no campo das invenções (a Revolução Industrial havia atingido todas as classes, altas ou baixas, cooptando talentos). Ele pretendia criar um veículo auto-propulsor e

conseguiu um bom protótipo em sua primeira tentativa: uma bicicleta impulsionada pelos pés, que ficavam no solo. Bem, se ele pudesse olhar para o futuro, dali a setenta anos, veria uma bicicleta que funcionava *realmente* bem, construída pelo inglês James Starley, que, exceto por alguns refinamentos, continua em uso até hoje, mais de um século depois”.

“Assim como o barão, nós podemos olhar para o futuro e ver um sistema social humano global que funcione bem de verdade. Tal sistema pode vir a existir — mas não podemos sequer imaginá-lo, assim como o barão não poderia imaginar a bicicleta de James Starley. Está entendendo o que estou dizendo?”

— Acho que sim.

— De todo modo, estamos numa situação melhor que a do barão. Ele não poderia olhar para o futuro em busca de orientação (porque ninguém pode), nem para o passado, pois não havia bicicletas para estudar. Estamos numa situação melhor, embora não possamos olhar para a frente e ver um sistema social global que funcione bem, mas podemos olhar para *trás* e estudar um sistema que funcionava muito bem. Tão bem que se pode dizer, com certa segurança, que se tratava de um sistema final, impossível de ser melhorado, para os *povos tribais*. Não havia organizações complexas. Tínhamos apenas diversas tribos usando a estratégia da retaliação sem nexo: “Pague na mesma moeda, mas não seja muito previsível”.

— Certo.

— Bem, qual o princípio legal que a estratégia da retaliação sem nexo reforçava ou protegia entre os povos tribais?

— Bem... ela protegia a identidade e a independência das tribos.

— Sim, isso é verdade, mas essas coisas não são princípios, nem leis.

Pensei no assunto, mas no final fui obrigada a admitir que não sabia

responder.

— Não faz mal. A estratégia da retaliação sem nexos reforçava a seguinte lei: *Não existe um único modo correto de vida para todas as pessoas.*

— Claro! Estou percebendo agora.

— Trata-se de uma afirmação tão verdadeira hoje quanto há um milhão de anos. Nada pode torná-la obsoleta. Essa lei é algo com que podemos contar, Julie. Pelo menos você e eu, enquanto revolucionários. Os oponentes da revolução insistirão que existe sem dúvida um jeito certo para as pessoas viverem e continuarão insistindo que o conhecem, como sempre. Tudo bem, desde que não tentem impor esse modo de vida aos outros. “Não existe um único modo correto de vida para todas as pessoas”, esse é o começo de tudo, assim como “Penso, logo existo” marcou o começo de tudo para Descartes. As duas declarações devem ser aceitas como evidentes, ou simplesmente recusadas. Nenhuma é passível de prova. Elas podem ser contrapostas a outros axiomas, mas não se pode provar que uma delas é falsa. Está entendendo?

— Acho que sim, Ismael. Quase tudo.

— Portanto, você já tem um lema para a sua bandeira: “Não existe um único modo correto de vida para todas as pessoas”. Já temos um nome para a revolução propriamente dita?

Depois de pensar por algum tempo, disse:

— Ela poderia ser chamada de Revolução Tribal.

Ismael balançou a cabeça.

Trata-se de um bom nome, Julie. Mas acho melhor usarmos Nova Revolução Tribal. Caso contrário, as pessoas pensarão que estamos falando em usar arco e flecha ou morar em cavernas.

— É, tem razão.

— Eis algumas coisas que podemos esperar da Nova Revolução Tribal, com

base na experiência da Revolução Industrial. Podemos chamar isso de Plano dos Sete Pontos.

Um: *A revolução não ocorrerá num único lugar, de uma vez só.* Não será uma espécie de golpe de Estado, nos moldes da Revolução Francesa, ou Russa.

Dois: *Ela será feita paulatinamente, com base na experiência acumulada e modificada pelas pessoas.* Essa foi a grande inovação que estimulou a Revolução Industrial.

Três: *Não haverá um líder.* Como a Revolução Industrial, não haverá necessidade de guia, organizador, líder, comandante ou chefe. Será algo grande demais para que alguém assuma a liderança.

Quatro: *Ela não acontecerá por iniciativa de uma instituição governamental, política ou religiosa* — novamente, como a Revolução Industrial. Alguns alegarão, sem dúvida, que apóiam e protegem a revolução; sempre aparecem líderes prontos a assumir o comando depois que as pessoas mostram o caminho.

Cinco: *Ela não tem um objetivo final específico.* Por que deveria ter?

Seis: *Não seguirá nenhum plano.* Como poderia, afinal, haver um plano?

Sete: *Quem promover a revolução será pago com a moeda da revolução.* Na Revolução industrial, quem contribuía muito para o aumento da riqueza recebia muito da riqueza produzida; na Nova Revolução Tribal, quem contribuir com muito apoio receberá muito apoio.

“Bem, tenho uma pergunta para você, Julie: que acontecerá com os Pegadores nessa revolução?”

— Como assim?

— Quero que você comece a pensar como revolucionária agora. Não me obrigue a fazer o trabalho sozinho. A primeira idéia das pessoas será tornar o

modo de vida dos Pegadores ilegal, certo?

— Olhei para ele, confusa.

— Não sei.

— Pense, Julie.

— Como seria possível tornar o modo dos Pegadores ilegal?

— Suponho que se faça isso do jeito costumeiro que se usa para tornar algo ilegal.

— Não, quero dizer... se não existe um único modo correto para as pessoas viverem, não se pode considerar o jeito dos Pegadores ilegal. Ou qualquer outro estilo de vida.

— Assim está melhor. Se não há um modo correto para as pessoas viverem, obviamente não se pode tornar o modo dos Pegadores ilegal. Ele continuará a existir, e as pessoas que o adotarem serão aquelas que realmente *gostam* de trabalhar para comer. Só quem preferir deixar a comida trancada à chave o fará.

— Os Pegadores perderão muita gente nesse caso, pois o resto desejará que a comida fique por aí, disponível para quem precisar.

— Então, acontecerá exatamente isso, Julie. Você não precisa tornar o modo dos Pegadores ilegal para que desapareça. Basta abrir a porta da prisão para as pessoas começarem a sair dela. Contudo, sempre haverá alguns que preferem o modo de vida dos Pegadores, que realmente adoram essa vida. Talvez eles possam se reunir na ilha de Manhattan, que seria declarada um parque nacional. As crianças poderiam ir lá, em excursões escolares, conhecer a vida dos habitantes.

— E como o resto das pessoas vai trabalhar, Ismael?

— No sistema original, o nascimento determinava sua participação em uma tribo. Ou seja, você nascia Ute, Penobscot ou Alawa. Não tinha escolha.

Suponho até que fosse possível, mas era raríssimo. Por que um Hopi desejaria se tornar Navajo, ou vice-versa? Todavia, na Nova Revolução Tribal, a participação se dará exclusivamente por escolha, pelo menos no início. Imagine um mundo em que Jeffrey, em vez de viajar de um grupo de amigos Pegadores para outro, pudesse viajar de uma tribo para outra — ou para tribos diferentes, todas elas de portas abertas para as pessoas que quisessem entrar ou sair. Acha que ele teria se afogado no lago?

— Não, acho que não. Acho que ele teria encontrado uma tribo na qual as pessoas ficavam passeando, tocando violão e recitando poesia.

— Eles provavelmente não “realizariam” muitas coisas, certo?

— Claro que não. Mas quem se importa com isso? Não existem muitas comunidades assim por aí hoje?

— Inúmeras. Mais do que nunca. Infelizmente, todas elas funcionam dentro da prisão dos Pegadores. São forçadas a tanto, pois a prisão dos Pegadores não tem lado de fora. Os Pegadores reivindicaram há muito tempo o planeta inteiro para si. Portanto, só existe *dentro*.

— Que isso tem a ver?

— Dentro das prisões reais, os presidiários formam grupos para vários propósitos — alguns sancionados pelas autoridades; outros, não. Por exemplo, alguns bandos se formam para proteção; os membros cuidam uns dos outros. Esses bandos não contam com o reconhecimento oficial. São proibidos, fora da lei. E, se fossem permitidos, seriam inúteis, pois não poderiam agir de um modo que as autoridades condenam. Para realizar sua tarefa, eles precisam continuar clandestinos — livres para quebrar as regras. Quando se tornam legais, viram uma espécie de clube de xadrez ou clube literário — obedientes às regras da prisão e, portanto, de pouca importância para as necessidades reais dos presidiários.

— E que isso tem a ver com as comunidades intencionais?

— As comunidades intencionais quase sempre visam à sanção da lei dos Pegadores no início. Isso evita que sejam perseguidas pela polícia, mas limita a importância que podem vir a ter na vida dos seus membros. Essa é a diferença entre comunidades intencionais, de um lado, e as seitas e gangues, de outro. Comunidades intencionais querem receber a sanção oficial, enquanto as gangues e seitas não desejam isso — o que explica o fato de seitas e gangues ganharem importância tribal na vida de seus membros.

— Que você quer dizer com “importância tribal?”.

— Quero dizer que pertencer a um culto ou gangue adquire a mesma importância que pertencer a uma tribo de Largadores. Basicamente, vale a pena morrer para ser membro, Julie. Quando os seguidores de Jim Jones viram que Jonestown estava condenada, não viram mais motivo para continuar vivendo. Jones disse a eles: “Se vocês me amam como amo vocês, devemos partir todos juntos, ou seremos destruídos de fora”. Sei que isso ocorreu algum tempo antes de você nascer, mas acho que já ouviu falar do caso.

— Disse-lhe que não.

— Novecentas pessoas cometeram suicídio junto com ele. As tribos de Largadores tomam a mesma atitude quando percebem finalmente que não há esperança de continuarem existindo como tribo.

Balancei a cabeça, confusa, e ele perguntou o que estava errado.

— Não sei bem. Ou, talvez, saiba. Estou acostumada a considerar o pessoal das gangues um bando de animais. E quem participa desses cultos como lunáticos. Colocar as tribos de Largadores junto com gangues e cultos me deixa muito confusa.

— Compreendo. À medida que você crescer nesse mundo, verá que as pessoas intelectualmente inseguras tentam aumentar sua confiança mantendo

os assuntos em categorias sólidas, impermeáveis. Tudo é bom, ou então ruim. A Revolução Industrial é *ruim*, e dela não pode sair nada *bom*. Gangues e cultos são *ruins*, e deles não pode sair nada *bom*. Tribos, por outro lado, são *boas*, e não deve haver nenhuma ligação entre elas e coisas ruins como cultos e gangues. É admissível notar que as tribos de Largadores vivem muito bem sem classes e propriedade privada, mas é preciso enfatizar que eles não andaram lendo livros indecentes de Marx e Engels.

— Sim, acredito nisso. Mas ainda não consigo ver o que isso tem a ver com as comunidades intencionais.

— Quando as autoridades governamentais começaram a investigar o Templo do Povo, Jim Jones o levou para a Guiana. Ele fez isso por saber que ele deixaria de funcionar, se fosse obrigado a seguir as regras do governo. Para dar um exemplo diferente, saiba que um alcoólatra recuperado, Charles Dederich, fundou um centro de reabilitação para drogados em Santa Monica em 1958. Chamava-se Synanon. Não era exatamente uma comunidade, pois os viciados podiam entrar e sair. Mas, com o passar do tempo, Dederich ficou insatisfeito com esse modelo. Ele queria uma comunidade, e não demorou muito para começar a convencer viciados a ficar trabalhando lá depois da recuperação. Em seguida, Dederich abriu a comunidade para pessoas de fora — profissionais liberais, empresários e outras pessoas dispostas a entregar a Synanon suas propriedades, carros, contas bancárias e ações, para participar de uma comunidade única, e ter o que esperavam ser um lar para o resto da vida. Gradativamente, Synanon foi deixando de ser um centro de tratamento para se tornar uma seita — e uma seita belicosa, armada não apenas para defesa como também para ataque. Eles se envolveram em tentativas de assassinato e violências contra pessoas que consideravam seus inimigos nas comunidades vizinhas. As seitas de Bhagwan Shree Rajneesh, o Hare Krishna

e a Alamo Christian Foundation atraíram pessoas dispostas a entregar seus bens materiais e trabalhar de graça para poderem *pertencer*, ser membros e ter direito a tudo o que um membro poderia almejar — comida, abrigo, roupas, transporte, tratamentos de saúde, etc. Numa palavra, segurança.

— Bem, continuo sem saber direito por que você está me falando tudo isso.

— Estou tentando mostrar que essas pessoas não são *loucas*. Elas querem desesperadamente algo que os seres humanos tiveram por centenas de milhares de anos, e continuam tendo, nos locais onde o modo de vida dos Largadores sobreviveu. Elas querem apoio *do modo tribal*, Julie. Estão dispostas a dar total apoio à seita em troca de apoio total. Isso significa casa, comida, roupa, transporte, assistência médica e assim por diante — tudo aquilo de que um ser humano necessita para viver. Elas não procuravam as seitas porque achavam que eram tribais. Elas as procuravam porque elas ofereciam algo de que precisavam desesperadamente — e continuam precisando, eu garanto. Nos próximos anos, você verá cada vez mais pessoas comuns, normais e inteligentes serem atraídas pelas seitas. Não vão porque são loucos, mas sim porque as seitas oferecem algo de que precisam desesperadamente e não conseguem obter no mundo dos Pegadores. Esse paradigma de apoio por apoio é mais do que um modo de sobreviver, é um estilo de vida profundamente reconfortante. As pessoas *gostam* de viver desse jeito.

— Tudo bem, isso eu entendi. Agora me diga: o que eu devo fazer a esse respeito?

— No momento, Julie, quem tem autorização para fundar seitas do tipo aqui discutido?

— Acho que ninguém.

— E, como não é permitido fundar seitas, quem as inicia?

— Pirados — disse eu. — Gente com mania de grandeza. Vigaristas também.

— Julie, é isso que estou tentando mostrar a você. Como ninguém, fora lunáticos e vigaristas, tem *permissão* para fundar seitas, por que você se surpreende com o fato de que as seitas são fundadas por lunáticos e vigaristas?

— Eis aí uma questão danada de boa.

— Tenho outra: que você faria em relação a uma seita que não foi fundada por um lunático ou vigarista?

— Que quer dizer com isso?

— Bem, você a reprimiria?

— Não sei.

— Sabe quem são os Amish?

— Sei. Faz uns dois anos Harrison Ford se escondeu lá, num filme.

— Acha que os Amish devem ser reprimidos?

— Não. Por que deveria achar?

— Porque eles formaram uma seita, que não está centrado num lunático ou vigarista.

Fechei os olhos e balancei a cabeça.

— Ismael — disse eu —, você está me confundindo.

— Ótimo, isso já é um progresso. Preciso fazer com que você encare seus tabus culturais. Não conheço outro caminho para romper seu condicionamento em relação às *palavras*. Quando ouve a palavra “ganguê”, você está condicionada a pensar: “Ruim — não devo pensar nela”. Quando ouve a palavra “seita”, você está condicionada a pensar: “Ruim — não devo pensar nela”. Quando ouve a palavra *tribo*, você está condicionada a pensar: “Bom — tudo bem pensar nela”.

— E que devo fazer quando ouvir as palavras “seita” e “ganguê”?

— Você pode começar a pensar: “A palavra não é a coisa”. Ou: “Uma coisa não se torna ruim só por ter um nome ruim”. Ou ainda: “O fato de essa coisa ter um nome ruim não significa que eu não possa pensar a respeito dela”.

— Tudo bem. Mas sobre o que eu devo pensar?

— Você deve pensar sobre o fato de não haver uma diferença *operacional* entre uma tribo e uma seita, Julie. Não há diferença operacional entre um carburador feito por um devoto republicano e outro feito por um anarquista ateu. Os dois funcionam do mesmo jeito. É a isso que eu me referia quando disse que não há diferença operacional entre eles.

— Entendo.

— A mesma coisa é válida aqui. Tanto a tribo quanto a seita operam segundo o seguinte princípio: vocês nos dão seu apoio total e recebem nosso apoio total. Total — dos dois lados. Sem reservas — dos dois lados. As pessoas morrem por isso, Julie. As pessoas *morrerão* por isso. Não porque sejam preguiçosas, mas porque isso realmente significa algo para elas. Elas não trocarão esse apoio total por empregos das nove as seis e aposentadoria quando ficarem velhas.

(Naturalmente, eu me lembrei dessa conversa quando, três anos e meio depois, o poderoso governo dos Estados Unidos considerou necessário esmagar uma minúscula seita, em Waco, no Texas. Não importava que o ramo davidiano não tivesse sido condenado por nenhum crime — nem sido *acusado* de qualquer crime. Eram uns iludidos, e isso significava que podiam ser eliminados sem julgamento — evidentemente, com base no princípio de que *nossas* ilusões não representam ameaça, mas as ilusões *deles*, sim, sendo inerentemente más. Precisavam ser varridas da face da Terra, fossem o que fossem).

Eu disse:

— Até parece que você está me dizendo para fundar uma seita. Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Você é a portadora da minha mensagem, Julie. E a mensagem é a seguinte: abram as portas da prisão e as pessoas sairão. Construam coisas que as pessoas querem e elas correrão para lá. E não desviem o rosto, nem deixem de olhar de frente para as coisas que as pessoas estão dizendo que desejam. Não desviem os olhos só porque a Mãe Cultura deu a elas nomes feios. Em vez disso, compreendam por que ganharam esses nomes.

— Estou entendendo direitinho. Elas ganharam nomes feios porque querem que fuja delas, aterrorizados.

— Isso mesmo.

Como se tivesse recebido uma deixa, um homem atarracado, de boa aparência, sentou-se na poltrona, ao meu lado. E eu percebi na hora que o meu curso com o macaco havia chegado ao fim.

*** Reincorporação dos Estados confederados à União após a Guerra de Secessão (1861-1865). (N. Do E.)**

O homem da África

Ismael disse:

— Julie, esse é Art Owens.

Eu o estudei com mais atenção. Ismael disse que ele tinha quarenta anos, mas aparentava bem menos — bom, não sou lá muito boa para calcular idades. Ele era mais escuro do que a maioria dos afro-americanos que eu conhecia, talvez (soube mais tarde) pela ausência absoluta de brancos entre seus ancestrais. Vestia-se com muita elegância: terno bege, camisa verde-oliva e gravata de estampas discretas. Passamos algum tempo nos olhando. Por isso estou descrevendo o jeito dele com detalhes.

Ele parecia um lutador de boxe, do tipo Mike Tyson, baixo troncado e forte, como uma chave inglesa. Nem sei o que dizer do seu rosto. Ele não era bonito, nem horroroso. Sua face fazia a gente pensar nas infinitas possibilidades de uma face. Se o dono daquele rosto dissesse que a partir de amanhã haveria quarenta dias e quarenta noites de chuva, a gente ia ficar com vontade de comprar um barco.

— Oi, Julie — disse ele, com uma voz profunda e melodiosa. Ouvi falar muito de você.

Partindo de qualquer outra pessoa, eu teria considerado a frase apenas a repetição de um velho lugar-comum. Disse que jamais ouvira uma palavra sequer a respeito dele, e ele reagiu com um sorriso modesto nada exagerado, apenas um cumprimento sutil. Em seguida, ele olhou para Ismael, esperando obviamente que ele me dissesse o que era para eu saber a seu respeito.

— A bem da verdade, você já ouviu uma palavra a respeito de Art, Julie. Eu lhe disse que ele tem um veículo e que vai me ajudar a sair deste lugar.

— É — confirmei. — É verdade.

— Você se ofereceu para ajudar, e sua ajuda é necessária.

Olhei para Art Owens, achando que ele havia desistido ou prometido algo que não poderia cumprir. Ele também me encarou.

— Aconteceu um fato inesperado, que não havia sido previsto. Ele perguntou a Ismael o que eu sabia sobre o plano.

— Absolutamente nada — disse Ismael.

— Ismael vai voltar para a África — disse Art. — Não tem condições de ficar por aqui depois da morte de Raquel.

— Que lugar da África.

— Uma floresta tropical do norte do Zaire.

— Você está brincando — disse eu.

Art franziu o cenho e olhou para Ismael.

— Ela pensa que você está falando de alguns mil metros quadrados com cerca em volta — explicou Ismael.

— Estou falando da floresta tropical virgem — milhares de quilômetros quadrados.

— Vocês dois se enganaram — disse eu. — Quando disse que estavam brincando, quis dizer que não podia acreditar que Ismael fosse para o meio do mato viver como um *gorila*.

Por um momento, os dois ficaram com cara de quem tinha levado um soco. Art voltou a si primeiro e disse:

— Por que ele *não* pode viver como um gorila? Ele é um gorila.

— Ele não é um gorila, ele é um filósofo e tanto.

Eles trocaram olhares atônitos.

Ismael disse:

— Creia em mim, Julie, não há cátedras de filosofia disponíveis para mim

em nenhum lugar do mundo. E nunca haverá.

— Essa não é a única opção.

Ismael ergueu a sobrancelha e me desafiou a citar outras. Mas eu disse que não cabia a mim fornecer sugestões. Eu só estava sabendo do caso fazia vinte segundos.

— Eu pensei nisso durante meses, Julie, e você precisa acreditar em mim quando digo que essa é a melhor saída. Não a considero uma derrota, nem um recurso desesperado. Ela me oferece uma liberdade que não poderia ter de outro modo.

Olhei para um e outro. Não restava dúvida de que a decisão estava tomada. Dei de ombros e perguntei o que eu poderia fazer para ajudar.

Eles se relaxaram visivelmente, e Ismael disse:

— Como acha que uma coisa dessas seria possível, Julie?

— Bem, acho que você não pode simplesmente comprar uma passagem de primeira classe e ir de avião.

— Isso é verdade, sem dúvida. Mas os detalhes relativos ao transporte são os mais fáceis. Os primeiros doze mil quilômetros, daqui até Kinshasa, não representam nenhum problema. Os oitocentos quilômetros seguintes, de Kinshasa ao ponto onde posso ser solto, não podem ser organizados por nenhum agente de viagens ou companhia de transporte do mundo. O trajeto apresenta dificuldades que só alguém da própria África, capaz de ordenar cooperação e assistência nos mais altos escalões do governo, pode resolver.

— Por quê?

— Porque o Zaire não é Kansas, Nova Jersey, Ontário, Inglaterra ou México. Porque o Zaire está além da sua capacidade de imaginação. Chegou a um nível de corrupção e caos organizado que vai além de qualquer fantasia.

— Então, por que lá, droga! Vá para outro lugar.

Ismael balançou a cabeça e sorriu, desconsolado.

— É claro que existem locais mais acessíveis. Mas em nenhum deles um gorila pode circular sem despertar suspeitas, Julie. O único problema é chegar à selva. Assim que eu estiver lá, a corrupção do Zaire ficará para trás, pelo menos no futuro próximo. Enquanto houver o domínio dos Pegadores, não há nenhum lugar do mundo onde um gorila possa viver em segurança para sempre. Além disso, o Zaire é adequado porque temos alguém lá capaz de ordenar a cooperação e assistência nos mais altos escalões do governo. Não podemos contar com isso em nenhum outro lugar.

Obviamente, pensei que esse alguém era Art Owens e olhei para ele, esperando o resto da história.

— Suponho que você não saiba nada a respeito do Zaire — disse ele.

— Absolutamente nada — admiti.

— Serei breve. O Zaire conquistou a independência da Bélgica há trinta e um anos, quando eu tinha cinco. Após um período inicial de caos, o poder caiu nas mãos de Joseph Mobutu, um ditador corrupto e perverso, que está no poder até hoje. Meu nome verdadeiro é Makiadi Owona. Meu irmão caçula, Lukombo, e eu brincávamos com Mokonzi Nkemi, que não passava de um menino comum, da nossa idade. Nós três éramos sonhadores, mas tínhamos sonhos diferentes. Eu era naturalista e não pretendia nada além de viver no mato e aprender ciências. Nkemi era um ativista político, que sonhava em libertar o Zaire não só de Mobutu, como também da influência perniciosa do homem branco. Luk nasceu para ser braço direito. Ele me via como a África que Nkemi queria salvar, e isso nos tornava dois heróis que ele venerava. Faz sentido para você?

— Acho que sim — disse eu.

— Quando éramos adolescentes, Nkemi começou a argumentar que nossa

missão era salvar o povo do Zaire, derrotando o homem branco em seu próprio jogo, e que isso significava ter a melhor educação possível. Não bastaria que eu me tornasse naturalista e vivesse no meio do mato. Precisava ir para a escola e estudar botânica e zoologia. Ele iria para a escola estudar administração pública e política, e isso seria bom para Luk também. E foi o que aconteceu. Graças a muito esforço e determinação, conseguimos entrar na Universidade de Kinshasa. Depois, graças a mais esforço e determinação, Nkemi e eu conseguimos ir para a Bélgica estudar, no início dos anos 80. Lá, Makiadi acabou virando Adi. Dois anos depois, eu consegui cidadania belga. Acabei mudando para os Estados Unidos, onde estudei manejo dos recursos da floresta tropical em Cornell. Adi virou Artie e depois Art. Quando estava em Cornell, conheci Raquel Sokolow e fiquei sabendo de seu relacionamento com um gorila chamado Ismael. Enquanto isso, no Zaire, Nkemi foi nomeado comandante da região urbana de Bolamba, onde começou a montar sua base, tendo Luk como braço direito, posição que sempre quis ocupar.

“Retornei ao Zaire em 1987, cheio de planos na cabeça. Queria fundar uma área de preservação no norte, a parte menos habitada do nosso país. Naquele ano, Nkemi tentou sua primeira grande jogada na política nacional, candidatando-se a uma cadeira na Assembléia Legislativa Nacional. No entanto, suas idéias eram muito radicais, e Mobutu puxou o tapete dele. Nkemi retornou a Bolamba, virtualmente exilado, e nós três — liderados por Nkemi, obviamente — começamos a planejar uma revolução libertadora”.

Art parou para me encarar, pensativo, como se medisse o quanto daquela conversa estava sendo absorvido. Devolvi seu olhar com firmeza, e ele prosseguiu.

— Qualquer idéia teria sido um avanço para o Zaire, que vive num estado caótico, ao qual as pessoas já se acostumaram. Corrupção e suborno são as

únicas coisas garantidas de um dia para o outro. Mas Nkemi tinha uma visão maravilhosa. O norte sempre ficara em segundo plano em relação à parte central do país, mais ‘civilizada’, próximo a Kinshasa. Mobutu precisava de moedas fortes, e isso significava exportar os produtos cultivados no norte. Os agricultores plantavam para exportar e precisavam comprar comida para não morrer de fome. Isso tornava a vida muito difícil.

Ele fez uma pausa, hesitou e olhou para Ismael, como se pedisse ajuda.

— Imagine que você seja sapateiro e tenha uma família grande — disse Ismael. — Você é sapateiro, mas só pode fazer sapatos para exportação. Não deixam fazer sapatos para sua própria família. Você vende os sapatos que fabrica a um intermediário por cinco dólares o par. Ele vende esse par ao atacadista por dez dólares. E o sapato chega ao mercado a vinte dólares o par. Isso quer dizer que você precisa fazer e vender quatro pares de sapatos para comprar um par na loja para sua família.

— Na verdade, é pior ainda, Ismael, pois os sapatos que você compra na loja são importados e custam quarenta dólares o par. Você precisa fazer e vender oito pares para comprar um na loja.

— Entendi a idéia — disse eu.

— Essa era a base da revolução de Nkemi. As pessoas cuidariam das pessoas, antes de tudo. Deveríamos parar de olhar para Kinshasa, pois Kinshasa olhava para Paris, Londres e Nova York. Precisávamos cuidar de nós mesmos, da vida tradicional dos vilarejos, dos valores tribais. Precisávamos nos livrar dos estrangeiros que tentavam desviar nossa atenção para outras coisas — missionários, voluntários e comerciantes estrangeiros, com sua corte de empregados, lojistas, donos de bar e prostitutas. Todos os estrangeiros deveriam partir, e o povo adorava a idéia de se livrar deles. Eles adoravam as idéias de Nkemi.

“No dia 2 de março de 1989, tomamos a sede do governo em Bolamba e proclamamos a República de Mabili — nome do vento leste, que aproxima as pessoas. Como costuma acontecer em situações como essa, houve muita confusão e baderna. Os mais ricos lutavam para manter seus privilégios. Mas não entrarei nesses detalhes. Nossa questão real é Mobutu. Ele precisaria de três ou quatro semanas para deslocar as tropas até o nosso território, e ninguém duvidava que ele faria isso. Mesmo que representássemos uma parte remota e insignificante do país, ele não poderia se dar ao luxo de permitir uma separação sem guerra. De um dia para o outro praticamente as armas começaram a chegar a nossas mãos, vindas do outro lado da fronteira com a República Centro Africana, ao norte. Pelo jeito, André Kolingba, ditador daquele país, ficou encantado com a nossa romântica empreitada”.

“Ficamos preparados para o ataque. Quando ele finalmente ocorreu, em meados de abril, foi surpreendentemente apático. As tropas de Mobutu bombardearam alguns vilarejos, executaram uns poucos rebeldes, queimaram lavouras e voltaram para casa. Ficamos atônitos. Mobutu estaria doente? Estaria com a atenção voltada para problemas que pudessem estar ocorrendo em outras partes do país? Isolados como estávamos, não tínhamos acesso aos verdadeiros fatos. Outra possibilidade era que ele queria nos pegar de surpresa. Como não havia um exército regular, nem disciplina militar, as armas enviadas por Kolingba logo ficaram enferrujadas num canto. Um ataque de surpresa, dentro de um ano, seria devastador. Tentamos manter o povo preparado para a defesa, mas os cidadãos comuns acharam que estávamos sendo cautelosos demais”.

“Havia um agitador parecido com Nkemi, chamado Rubundo, que tentava unir as tribos Zande, localizadas na região leste do nosso território. Ele nos contatou, dizendo que seus seguidores estavam prontos para proclamar a

independência em relação ao Zaire e unir-se à República de Mabili, se quiséssemos. Nkemi disse-lhe que isso era exatamente o oposto do que pretendia, e tinha razão nesse assunto. Rubundo respondeu que compreendia a posição e pediu que pelo menos o ajudássemos a levar avante a sua revolução. Nkemi hesitou, mas acabou dizendo que ia pensar no assunto. Luk e eu o observamos enquanto ele pensava, mas não decidia. Rubundo telefonava e mandava mensagens. Passaram-se semanas. Certo dia, em novembro, soubemos que Rubundo havia sido assassinado. No instante em que ouvi a história, percebi tudo. Nkemi havia feito um pacto secreto com Mobutu:

Deixem nosso povo em paz e manteremos as outras tribos do norte na linha para vocês. Só assim seria possível explicar o fato de Mobutu ter deixado Mabili em paz, com uma reação apenas de fachada. Quando mencionei isso abertamente, vi que intuía a verdade. Luk também deduzira isso, mas pensou que o acordo era vantajoso — apenas política, comum e prática. Como eu não concordei, Nkemi perguntou o que eu pretendia fazer.

“Eu disse: ‘Vocês esperam que eu fique calado diante desses fatos?’”.

“Ele disse: ‘Se você quiser continuar vivo...’”

“Deixei Bolamba naquela mesma noite. Voltei aos Estados Unidos antes do Natal”.

Pensei no assunto por um minuto e depois disse:

— Estou louca para saber por que estão me contando tudo isso. Vocês disseram que haveria uma pessoa no Zaire para ajudar. Seria o tal de Luk?

— Isso mesmo. Meu irmão.

— Tudo bem. Então, continuo sem entender nada. Por que me contaram tudo isso?

— Para que você compreendesse a situação.

— Bom, já entendi. E por que eu precisava entender a situação?

Art Owens olhou para o gorila, antes de prosseguir.

— Levar Ismael até Kinshasa é relativamente fácil. Fazer o resto da viagem exige apoio de muita gente — cooperação, cumplicidade, propinas no valor de milhares de dólares. Luk pode cuidar de tudo isso, mas só depois de obter carta branca de Mokonzi Nkemi. Em outras palavras, ele não precisa apenas da permissão de Nkemi, ele precisa de uma ordem direta de Nkemi para agir.

— Certo. E daí?

— Como Luk pode conseguir que Nkemi o encarregue de resolver isso?

— Sei lá. Pedindo?

Art fez que não com a cabeça.

— Luk não teria motivo para fazer tal pedido. Isso não quer dizer que ele se recusaria a *fazê-lo*. Mas levantaria suspeitas se pedisse.

— Suspeitas de quê?

— Basta que ele levante suspeitas, Julie. Não precisa ser de alguma coisa específica.

— Quer dizer que é perigoso para ele procurar Nkemi e dizer: “Quero importar um gorila dos Estados Unidos”?

— Se ele disser isso a Nkemi, passaria por louco. Nkemi não teria a menor dúvida de que Luk havia enlouquecido.

— Mas e daí?

— E daí que alguém precisa pedir a Nkemi que ordene Luk a cuidar do caso.

Ismael e Art olharam para mim. Quando finalmente me dei conta do motivo, ri alto.

— Então, é isso? Querem que *eu* peça a Mokonzi Nkemi que mande Luk levar Ismael de Kinshasa até Mabili?

— Não, você não precisa mencionar o nome de Luk. Só precisa pedir a

Nkemi que a ajude a levar Ismael para Mabili. Ele passará o caso a Luk automaticamente.

Olhei para os dois, totalmente incrédula. Mas eles não estavam brincando.

— Vocês piraram — disse eu.

— Por quê, Julie?

— Em primeiro lugar, por que Nkemi faria algo por mim?

Art balançou a cabeça.

— Você deve confiar numa coisa: conheço Nkemi. Você pediria a ele para fazer algo que nenhuma outra pessoa da face da Terra seria capaz de fazer. Isso lhe agradaria imensamente, pois ele pensaria que dispunha de poder para realizar algo que ninguém mais seria capaz de fazer.

— Esse não é um bom motivo.

— Você só pedirá a ele que erga um dedo, Julie. É só o que precisa fazer para atender o desejo de uma jovem da nação mais poderosa do mundo. O presidente de seu país em pessoa não poderia lhe satisfazer esse desejo. Mas Nkemi pode. Basta dizer a Luk: “Faça isso”.

— Em outras palavras, ele faria isso por pura... qual é a palavra exata, Ismael?

— Vaidade.

— Isso. Está dizendo que ele faria isso só para se dar esse gostinho.

— Ele pode se dar ao luxo, Julie — disse Art.

— Certo. Mas essa é apenas a primeira parte. A segunda é... vocês querem que eu realmente vá até lá?

— Claro. Só conseguiria persuadi-lo de que fala sério indo lá, com todo o trabalho e despesas decorrentes.

— E quanto tempo isso levaria?

— Um viajante normal precisaria ir de barco de Kinshasa a Bolamba. A

viagem demoraria duas semanas de ida mais duas de volta. Você irá de helicóptero. Com sorte, a viagem inteira — ida e volta ao Zaire — Levaria mais que uma semana.

— Uma semana! Minha nossa! Isso está completamente fora de cogitação! Quero dizer, se vocês pudessem me levar e trazer de volta até segunda de manhã, a tempo de eu ir para a escola, ainda haveria uma chance remota.

Art balançou a cabeça.

— Nem o presidente dos Estados Unidos, com todos os recursos, seria capaz de fazer isso.

— Bem, uma semana é simplesmente impossível. Por que não pedem a Alan Lomax! Ele é adulto. Pode fazer o que bem entender.

Seguiu-se um momento de silêncio mortal. Art ajeitou-se na poltrona, constrangido. Cruzou as pernas e esperou, junto comigo.

— Alan não é um bom candidato para essa missão, Julie — disse Ismael, afinal. — Não daria certo.

— Por que não?

Ismael franziu a testa — fechou a cara, na verdade. Obviamente, não gostava de ver sua palavra questionada nesse assunto. Mas ia ter de engolir essa, certo?

— Vamos colocar a questão nesses termos, Julie: qualquer que seja sua opinião, eu não vou pedir a Alan que faça isso. Estou pedindo a você.

— Bem, fico lisonjeada, sério mesmo. Mas isso não muda o fato de que é impossível.

— Por que é impossível, Julie?

— Porque minha mãe não vai deixar.

— Ela deixaria se você voltasse até segunda-feira de manhã?

— Não... mas eu daria um jeito nisso. Diria que ia passar o final de semana

na casa de uma amiga.

— Eu jamais permitiria que fizesse isso, Julie — disse Art solenemente. — Não por questões morais, mas sim porque seria arriscado demais.

— Não importa, de qualquer modo — disse eu —, uma vez que não posso dizer a ela que vou passar a semana inteira na casa de uma amiga.

— Suponha que digamos a ela algo mais próximo da verdade, Julie. Podemos dizer que você vai visitar um chefe de Estado africano, numa importante missão diplomática.

— Aí ela ia chamar a polícia.

— Por quê?

— Porque ia achar que você era doido. Ninguém manda uma menina de doze anos em missões diplomáticas.

Art virou-se lentamente para Ismael e disse:

— Você me fez acreditar que se tratava de alguém mais inteligente, Ismael.

Pulei da poltrona e o fulminei com um olhar que o reduziu a cinzas fumegantes.

Ismael riu e gesticulou, ordenando que eu me sentasse.

— Julie é muito inteligente. Só não tem experiência em ardis e truques.

Voltando-se para mim, ele prosseguiu:

— Como a realidade não ajuda muito na solução de nossos problemas, vamos ter de ajudá-la um pouco. Na verdade, pode-se dizer que precisaremos criar uma realidade toda nossa, na qual certas missões só podem ser confiadas a uma menina de doze anos.

— E quem vai convencer minha mãe dessa realidade? — perguntei.

— Se você concordar, o ministro do Interior da República de Mabili se encarregará de convencê-la, Julie. Estou falando de Makiadi Owona, que você conhece como Art Owens. Seu passaporte ainda traz o nome e a função dele.

Trata-se de um cargo que impressiona, concorda?

Quase Pronta

Não vou entrar em detalhes.

O que terminamos contando para minha mãe não ficou lá muito longe da verdade. O jeito como contamos, porém, foi totalmente falso. Como já disse, não vou entrar em detalhes. Lá entre eles, Art Owens e Ismael construíram um cenário tão realista que ela só conseguiu dizer:

— Meu Deus do céu, se Julie é a única pessoa do mundo capaz de fazer isso, então acho que deve fazer.

Sua única condição foi não permitir que eu fosse deixada sozinha para ir de um lugar a outro ou trocar de avião. Alguém deveria me encontrar na chegada de cada vôo e cuidar de mim até que eu embarcasse no vôo seguinte.

Naturalmente, ela sabia que a missão tinha a ver com devolver um gorila a seu hábitat natural. Luk também só saberia isso, aliás. Era só o que os dois precisavam saber.

Qualquer outra informação seria mal recebida. O motivo para devolver um gorila à África não seria discutido em hipótese alguma. Era um ato simbólico de importância cósmica, e ponto final.

Ismael saiu do Edifício Fairfield às três da madrugada de domingo. Não me envolvi na operação de mudança.

Art e Ismael, obviamente, relutaram em discutir seu destino imediato comigo, mas no final não viram outro jeito. Naturalmente, antes da informação veio uma história. Os anos que Art passou brincando de naturalista na selva lhe deram meios de sobrevivência durante o período de estudos em Bruxelas e nos Estados Unidos. Ele trabalhava como tratador de animais em

circos, zoológicos e parques de diversões. Conquistou reputação de “sujeito indicado para solucionar casos problemáticos” — animais que não se acostumavam à vida atrás das grades, que não comiam, mostravam-se inusitadamente hostis ou desenvolviam hábitos estranhos e destrutivos, como abrir feridas na própria carne e não deixar que cicatrizassem. Quando voltou para os Estados Unidos, no final de 1989, resolveu trabalhar no parque de diversões Darryl Hicks, então em excursão pela Flórida. Hicks enfrentava alguns problemas e pretendia cortar custos liquidando o minizoológico que acompanhava o parque. Acabou vendendo os bichos para Art, a quem, aliás, não faltavam recursos financeiros. Realizara investimentos lucrativos enquanto morava nos Estados Unidos e os deixara nas mãos de uma amiga em quem podia confiar — Raquel Sokolow. Depois de um ano Hicks resolveu sair do ramo e ofereceu todo o parque a Art. Embora tivesse capital suficiente para dar a entrada, não poderia pagar o parque inteiro de uma vez. Isso aconteceu no segundo semestre de 1990, quando passou a conhecer Raquel melhor — e também Ismael. Em janeiro de 1991 o teste de HIV de Raquel deu positivo. Ela provavelmente havia sido contaminada durante uma operação para corrigir um problema cardíaco qualquer. Raquel, Art e Ismael começaram a fazer os planos nos quais eu estava envolvida agora.

Depois de deixar o Edifício Fairfield, Ismael iria para uma jaula do parque de diversões Darryl Hicks, que permaneceria na cidade por uma semana. Dali em diante, até que a transferência para o Zaire fosse providenciada, Ismael viajaria com o parque. Naturalmente, fiz um monte de perguntas. *Por que na jaula, droga?* Porque haveria pânico se alguém visse um gorila perambulando por aí; a polícia local chegaria em minutos, atirando para todos os lados. *Se eles podiam bancar toda essa operação, por que não mantê-lo no Edifício Fairfield até a hora de embarcar no avião?* Porque o parque possuía todas as

licenças, permissões e contatos que permitiriam colocá-lo num avião quando fosse preciso — e Ismael não tinha os papéis, nem os conseguiria sozinho.

— Você precisa confiar em nós, Julie — disse Ismael. — Nada disso é perfeito, mas foi o melhor que conseguimos, nas circunstâncias.

Tive de me conformar. Mas a primeira vez que fui até o parque, instalado num terreno baldio da periferia da cidade, e vi Ismael numa jaula, senti o coração partido. Acabaria me acostumando, pois não havia outro jeito. Mas, na primeira vez, não consegui encará-lo. Estava constrangida — não por ele, e sim por mim. Mesmo sabendo que era irracional, eu me sentia culpada por ele estar ali.

Havia muito a ser feito — muito mais do que alguém pode imaginar. O plano era sair na madrugada de segunda-feira, 29 de outubro, e voltar (se tudo desse milagrosamente certo) por volta da meia-noite de sexta, 2 de novembro. Portanto, eu perderia uma semana de aulas e precisava arranjar uma desculpa para dar à escola. A data de partida nos daria tempo para:

providenciar as reservas aéreas;

tirar fotos para o passaporte;

tirar o passaporte;

pedir vistos de entrada;

tomar vacinas — tétano-difteria, hepatite A, febre amarela, cólera (não no mesmo dia!);

fazer uma consulta ao médico e ao dentista;

começar a tomar os comprimidos antimalária (duas semanas antes da partida);

comprar passagens e fazer seguro (também de saúde); tirar o certificado internacional de saúde;

comprar um dicionário de frases básicas em francês;

comprar suprimentos médicos: aspirina, anti-histamínico, antibióticos, remédio para o estômago e dor de barriga, loção de calamina, protetor solar, Band-Aid, ataduras, tesoura, anti-séptico, repelente contra mosquitos, purificador de água em tabletes, manteiga de cacau para os lábios, toalha de rosto, lenços de papel e canivete suíço com tesourinha, alicate e lixa de unha;

arranjar uma mochila e uma *pochette* para guardar tudo.

Bem, se você perder o juízo e resolver passar as férias no Zaire este ano, pode seguir a lista acima ao pé da letra. Acrescente, agora, uma declaração de posse de moeda estrangeira (que havia sido eliminada em 1980, mas voltou a vigorar em Kinshasa em 1992).

Eu precisava de um visto de turista de oito dias, mas eles não mandavam esse visto pelo correio para alguém da minha idade. Precisei fazer uma escala em Washington, na embaixada do Zaire, no caminho.

Mais importante do que todas as coisas que eu precisava comprar e providenciar eram as instruções que recebia de Art. Ele as repetiu diariamente, por três semanas.

“Alguém a encontrará no portão de desembarque assim que chegar. Fique lá esperando a chegada da pessoa que vai acompanhá-la. Não fique perambulando pelo aeroporto. Fique no meio do saguão, à vista de todos”.

“Alguém cuidará de você em todos os lugares, desde o momento de sua chegada até a hora de partir novamente. Portanto, não vai precisar de muito dinheiro”.

“O negócio é levar só o indispensável quando viaja”.

“Quando estiver voando, durma o máximo que puder. Quando chegar a Zurique, terá a impressão de estar no meio da noite, mas será o início de mais um dia, para os suíços. Quando chegar a Kinshasa, estará pronta para encarar um novo dia, mas todos estarão jantando e se preparando para dormir. No pouco tempo que terá, não há quase nada a fazer, exceto dormir o quanto puder”.

“Não se envolva com pessoas que conhecer no avião. Seja educada, mas leve um livro bem interessante”.

“Pense em Kinshasa como a cidade mais perigosa do mundo. As pessoas são roubadas e assassinadas na rua em plena luz do dia — é rotina, principalmente para estrangeiros. Não lhe acontecerá nada, terá proteção total, mas você precisa entender a razão de tanta segurança. Não banque a engraçadinha. Não se arrisque. (Tais detalhes da viagem não foram discutidos com minha mãe — desnecessário dizer.)

“Não haverá placas no aeroporto, nem avisos pelos alto-falantes. Siga a multidão na direção do terminal, e meu irmão Luk a procurará antes que você

chegue. Ele não se parece comigo (temos pais diferentes). Na verdade, nós não parecemos irmãos em nada. Ele é alto e magro. Usa óculos de lentes grossas. Se tiver alguma dúvida a respeito de sua identidade, peça-lhe que diga seu nome e o nome do irmão dele. Se não souber, não é Luk, e você não deve falar ou se envolver com o sujeito. Fique com os passageiros do avião, e só fale com Luk”.

“Luk estará acompanhado por duas pessoas — um guarda-costas, armado até os dentes, e o motorista, que ficará no carro (caso contrário, seria depenado ou roubado). O segurança permanecerá com Luk enquanto ele leva suas malas e passa pela alfândega para carimbar o passaporte”.

“Não use óculos escuros. Indicam ‘gente rica’, um alvo valioso. Não use bolsa nem jóias — serão roubadas, com ou sem guarda-costas. Não leve coisas volumosas nas bolsas — alguém as cortaria com uma navalha e sairia correndo antes que conseguisse abrir a boca para gritar. Comparado a Kinshasa, o Times Square de Nova York é seguro como um piquenique de estudantes num domingo”.

“Tire cópias de todos os documentos e guarde os originais numa *pochette*, sob a roupa”.

“Não espere que a polícia a proteja — nem mesmo no aeroporto. Não existe segurança do próprio aeroporto. Ninguém faz questão de tornar o local seguro para turistas. Bandos de crianças e mendigos pegarão tudo o que puderem e sairão correndo”.

“As pessoas que mostram carteirinhas de policiais não pertencem necessariamente à polícia. Mesmo que sejam da polícia, não são necessariamente seus amigos. Eles a prenderão por qualquer infração insignificante — ou sem motivo algum — até que você pague uma propina”.

“Não leve máquina fotográfica — tirar fotos nos momentos errados pode

dar cadeia. Não espere que sua tenra idade a proteja. Ninguém em Kinshasa pensará que você é jovem demais para ser criminosa — ou prostituta. Deve se lembrar de que muitos africanos, especialmente os muçulmanos, pensam que todas as moças americanas são prostitutas, ou quase”.

“Enquanto estiver esperando por Luk, um desconhecido pode colocar um pacote ou saco em sua mão e sair andando sem dizer nada. Ele espera que você leve o material para o outro lado da linha da alfândega, sem que ninguém perceba. Acredite se quiser, as pessoas fazem isso o tempo inteiro. Alguns ficam tão surpresos que acabam carregando o contrabando. Depois, claro, o sujeito reaparece para pegar a mercadoria”.

“Obviamente, nada disso se aplica às pessoas que estarão cuidando de você. Qualquer um apresentado por Luk é de confiança absoluta, mas todos eles ficarão lisonjeados se você os tratar com a cordialidade que dedica a mim”.

“Uma das melhores maneiras de pegar uma verminose é pelos pés. Por isso, não ande descalça nunca. Não nade. Lave as mãos sempre que puder. Só beba cerveja ou água purificada. Beba mais água do que o normal — mas só purificada. Não deixe que ninguém ponha gelo no seu copo, a não ser que seja feito com água purificada. Use apenas água purificada para escovar os dentes. Se alguém oferecer sorvete, recuse também”.

“Quando chegar a Bolamba, prepare-se para comer com as mãos. Isso é perfeitamente respeitável e educado. Saiba que poderá comer coisas estranhas. Pessoas poderão oferecer iguarias do Zaire, especialmente na selva — larvas ou cupins fritos. Feche os olhos e finja que está gostando. Os cupins são crocantes, parecem pipoca. Não vai morrer se comer alguns”.

“Não chame a atenção para sua pessoa. Trate todo mundo com respeito!”

Adorei a última frase!

A caminho

Droga! Logo a primeira pessoa que deveria me encontrar no aeroporto de Atlanta para me colocar no avião para Washington atrasou. Esperei até faltar apenas quinze minutos para fazer a conexão — que saía de outra ala, naturalmente — e saí correndo, seguindo as placas, descendo para uma espécie de estação de trem. Sei, por experiência própria, que a gente não tem liberdade para descer dos trens depois que eles partem. Será que eu ia acabar dentro de um trem, naquela altura da minha vida, e descer três dias depois em Montana? Não, definitivamente não ia.

Corri. Não sou especialista, mas, na minha opinião, os sujeitos que projetaram aquele aeroporto tinham algum ressentimento profundo contra viajantes. Talvez eu não tenha me movimentado com a elegância esperada, mas cheguei lá.

Torcia para que o padrão do resto da viagem não fosse aquele. Nem precisaria ter me preocupado. No Aeroporto Dulles minha acompanhante me aguardava no portão, uma senhora quarentona, de ar competente, vestida como advogada de cinema. Eu me sentia uma órfã, de *jeans* e camiseta (mas eu ia para o Zaire, e ela, não). Pegamos um táxi e no caminho perguntei-lhe se era amiga de Art Owens. Ela sorriu de um modo cordial. Explicou que era acompanhante profissional; fazia isso para viver. Encontrava pessoas em estações de trem e aeroportos para levá-las aonde quer que fossem. Ela explicou que acompanhantes de outras cidades passavam a maior parte do tempo com escritores em sessões de autógrafo pela cidade. Em Washington, elas tinham de bancar as “desbravadoras” da burocracia também.

Na embaixada do Zaire não havia nenhum registro do meu pedido de visto

ou da carta que eles haviam mandado dizendo que providenciariam o visto na hora, desde que eu não fosse indigente. Mostrei para o funcionário meus documentos, mais a cópia da carta deles, mais um bolo de cheques de viagem, no total de quinhentos dólares. Ele disse que estava tudo em ordem e me pediu para preencher outro formulário e voltar dali a dois dias. Minha acompanhante interferiu e explicou educadamente que, se ele não parasse de fazer onda, ia arrancar o pulmão dele e vender como comida de cachorro. Ela não disse exatamente isso, mas o efeito foi o mesmo. Ele parou de fazer onda e eu saí com o visto em quinze minutos. Com base nessa experiência, acrescentei “acompanhante profissional” à minha lista de profissões atraentes.

Entre Washington e Kinshasa foi pura viagem de avião, até dizer chega. Tédio, filmes, cochilos, lanches e mais tédio. Kinshasa, vista do céu, me surpreendeu. Esperava uma ruína pós-apocalíptica fumegante. Em vez disso, vi apenas uma cidade grande com cara de comum, cheia de edifícios comerciais, arranha-céus e tudo o mais. Havia até sol.

O Aeroporto de Njili, às seis da tarde, estava quente e abafado. Não tinha passagens com ar condicionado para os passageiros, daquelas que se prendem na porta do avião. Não precisamos sair na rua para sentir o cheiro de Kinshasa, tivemos uma amostra bem ali, e não foi nada agradável.

Descemos direto para a pista e caminhamos até o prédio do aeroporto. Um *hippie* de meia-idade, rabo-de-cavalo grisalho e barba deu um passo à frente e perguntou, sorrindo:

— Julie?

Ignorei-o e continuei andando. Intrigado, ele observou a multidão novamente, procurando outras meninas de doze anos. Como não encontrou nenhuma, tentou de novo:

— Julie?

Disse a ele com firmeza:

— Estou aqui para encontrar Lukomho Owona e mais ninguém. Se você não for quem estou procurando, peço a gentileza de se afastar de mim.

Ele caiu na gargalhada.

— Você vai ter de esperar um bocado, menina. Luk Owona está a oitocentos quilômetros daqui, em Bolamba.

Continuei andando, enquanto tentava processar a informação. Em nenhum momento disseram que eu poderia aceitar um substituto para Lukombo Owona. Era Luk, e pronto — e mais ninguém, fora Luk. Aquele sujeito havia procurado alguém na multidão. Chegara a minha vez. Procurei um homem alto e magro, com cara de meio irmão de Art Owens. Parado perto da porta do terminal havia um sujeito que poderia ser considerado uma espécie de versão maior e mais forte de Art — não era alto nem magro, mas se interessara por mim, sem dúvida. Aproximei-me e perguntei:

— Luk?

Ele franziu o cenho e falou com o *hippie*. Eles trocaram algumas palavras em francês. Quando terminaram, o *hippie* olhou para mim e disse:

— Expliquei para Mafuta que você esperava encontrar Luk Owona no aeroporto, e Mafuta disse: “Luke Owona é o primeiro-ministro de Mabili. Ele não encontra pessoas no aeroporto”. É isso aí, Julie. Ele *manda* alguém encontrar as pessoas. Ele me mandou aqui, junto com Mafuta. Lamento, mas vai ter de aceitar isso. Ou dar meia-volta e ir para casa.

Portanto, a primeira instrução havia falhado.

Mafuta cuidou de passar minha bagagem pela alfândega, enquanto o *hippie* tomava conta de mim num saguão que parecia um ponto do ônibus que ia para o inferno. Havia gente sentada no chão, encostada na parede, dormindo, fazendo hora, cansada e resignada, esperando aviões que iam chegar um dia

talvez, ou que não iam chegar nunca. O *hippie* era Glen, ou melhor, Só Glen, como o chamavam. Quando era piloto no Vietnam ele trocou o sobrenome pelo helicóptero que nos esperava na pista para nos levar a Bolamba — em outras palavras, desertara num helicóptero roubado cheio de peças sobressalentes e combustível. Passou alguns anos levando armas e contrabando aonde quer que houvesse alguém disposto a pagar, até finalmente se acomodar no Zaire, onde tinha uma vida quase respeitável.

Enquanto Glen falava para matar o tempo, Mafuta distribuía as propinas necessárias. Comecei a acalentar a esperança de voar direto para Bolamba, sem precisar passar uma noite em Kinshasa, como planejado. Mas não ia dar certo. Viajar pelo ar na África, explicou ele, não deveria ser confundido com viajar pelo ar nos Estados Unidos, onde se pode determinar a posição a qualquer hora do dia ou da noite por *loran* — um sistema de navegação de longa distância, baseado numa série de estações de rádio terrestres, e onde se tem a previsão do tempo. Na África, voa-se visualmente, e com a intuição. Decolar para enfrentar oitocentos quilômetros de mata virgem depois que escurece é uma empreitada exclusiva para heróis e doidos.

Meia hora depois estávamos do lado de fora do aeroporto, entrando num tipo de carro desconhecido, certamente não fabricado nos Estados Unidos. Mafuta foi na frente, ao lado do motorista, com a carabina apoiada no joelho esquerdo, bem visível. Era para mostrar à ralé a nossa disposição de revidar em caso de ataque, explicou Glen. Se houvesse encrenca mesmo, seria mais provável que Mafuta usasse o revólver.

Iniciamos a longa jornada através de La Cité, a imensa favela onde vivem dois terços da população — quadras e mais quadras de barracos com cozinha ao ar livre, na qual as refeições eram preparadas em fogão de lenha. Não demorou para que eu me desse conta de que a origem do cheiro horrível que

nos deu as boas-vindas no aeroporto era aquilo. Quando perguntei a Glen a razão do cheiro, ele me perguntou se eu já havia visitado um depósito de lixo. Admiti que até então havia dispensado tal passeio.

— Vamos resumir o caso — disse ele—, o lixo queima.

— E daí?

— Em La Cité, o lixo é o combustível usado para cozinhar. Muita gente cozinhando com lixo provoca um cheiro que nos acompanha por muito tempo.

Não falei nada. Estava concentrada tentando controlar a náusea.

Curiosamente, havia centenas de bares e casas noturnas em La Cité — a maioria funcionando a céu aberto e quase todas tocando uma música que, aos meus ouvidos, parecia a *salsa* mais alucinada do mundo. Não entendia como um povo que vivia em condições tão miseráveis conseguia produzir uma música divertida, animada, pura — e acabei concluindo que a música era o *antídoto* para a miséria. Percebendo meu interesse, Glen disse (com um toque de ironia, acho) que Kinshasa era a capital da música africana. Só não fiquei tentada a parar para ouvir mais um pouco.

Depois de meia hora, sem chegar a lugar nenhum próximo ao centro, onde se localizam os edifícios do governo, museus e lojas em estilo europeu, entramos num bairro melhorzinho, onde Glen morava e onde passaríamos a noite. Ele e a companheira, Kitoko, tinham um apartamento num prédio da era colonial, cuja elegância se perdera por desleixo. Mesmo ali havia gente reunida em torno de fogueiras, fazendo comida. Precisamos subir por uma escada externa para chegar ao apartamento de Glen, no segundo andar.

Gostei de Kitoko assim que a vi. Tinha uns vinte e cinco anos, era magra e não muito bonita. Mas abriu um sorriso amplo, cordial, para mim. Como Mafuta, ela só falava *lingala* e francês, mas não foi necessário fazer um desenho para que ela entendesse que eu precisava ir ao banheiro. Felizmente,

havia um ali. Fiquei mais tranqüila quando soube que eles tinham fogareiro a querosene e não cozinhavam com lixo. O apartamento estava equipado com lampiões de querosene também (e com cheiro de querosene), pois a energia elétrica costumava falhar com frequência.

Kitoko ia preparar *moambé* — frango com arroz num molho de amendoim e dendê que encheu a cozinha com sua deliciosa fragrância. Glen me mostrou sua coleção de cassetes — metade *rock ‘n’ roll*, metade música moderna do Zaire — e me convidou a escolher uma fita. Odeio quando as pessoas fazem isso, mas peguei algumas ao acaso e entreguei-as a ele.

Enquanto ouvíamos música e esperávamos o *moambé* ficar pronto, Glen explicou que conhecera Kitoko quando voava e fazia serviços diversos para a República de Mabili. Soube depois que ela era filha da prima da mulher de Luk — um parentesco que, admito, está além da minha compreensão. Trabalhava numa firma de importação e exportação no centro e também servia de olhos, ouvidos e quebra-galho para Luk em Kinshasa.

Art tinha razão em uma coisa. Eu havia dormido durante a viagem até Zurique e durante boa parte do trajeto até o Zaire. Por volta das nove da noite, hora de Kinshasa, eu estava prontinha para um jogo de pôquer ou qualquer outra atividade que ocupasse a noite inteira. Contudo, depois de tomar duas garrafas enormes de cerveja local e jantar, fiquei zonza. Antes da uma da manhã eu já estava dormindo. Oito horas depois, tomamos café da manhã, composto de bananas fornecidas por eles e biscoitos Oreo que eu tinha levado. Kitoko abraçou todo mundo na despedida. Mafuta nos esperava lá embaixo, no carro, e conseguimos chegar ao aeroporto sem que nos bombardeassem, assaltassem, seqüestrassem, torturassem, metralhassem, esfaqueassem ou atirassem pedras. Não jogaram nem uma bexiga cheia de água na gente.

Por outro lado, alguém roubara todo o combustível do helicóptero durante a

noite. Ele estava estacionado bem à vista, sob guarda permanente de um mecânico especialmente subornado para a tarefa. Para Glen, era pura rotina. Ele conseguiu nos tirar de lá com apenas uma hora de atraso.

No ar, já estabilizado, Glen comentou que eu já podia contar aos meus amigos, quando voltasse para casa, que conhecera um espião de verdade.

No começo, pensei que falava de si próprio, mas isso não tinha o menor sentido. Depois de pensar um pouco, arrisquei:

— Você está falando de Mafuta?

— Não, não é Mafuta. Mafuta é só músculo. Estou falando de Kitoko. A maioria dos espiões da vida real não tem nada a ver com os que você vê em filmes.

Lukombo Owona

A rota básica para Bolamba era das mais simples: seguir o rio Zaire para nordeste, por oitocentos quilômetros, e virar à esquerda no Mongala. Mais oitenta quilômetros e, pronto, você estava lá. A parte do rio Zaire até que era fácil — é um rio enorme, largo e barrento como o Mississippi. Virar à esquerda no Mongala também não apresentaria dificuldade — caso o local estivesse marcado por um monumento tipo World Trade Center. Mas o problema não era meu. Não precisava me preocupar com isso, pois Glen sabia como localizar o Mongala no meio dos outros afluentes que serpenteavam e desapareciam na floresta tropical a cada dois ou três quilômetros.

Essa rota acabou sendo melhor do que uma em linha reta, pois me permitiu ver uma das coisas mais lindas desse mundo, uma espécie de vilarejo flutuante que fica viajando entre Kinshasa e Kisingani. Pelo que eu entendi, um barco puxa uma série de balsas lotadas de gente e mercadorias, a ponto de tornar impossível distinguir as balsas. Havia crocodilos vivos, galinhas e cabras, um sofá e poltronas viajando rio acima (e dando lugar para que uma dúzia de pessoas sentassem), caixas, caixotes, fardos, malas de roupas, um jipe enferrujado, uma pilha de caixões de defunto, um piano de armário, gente aos montes, crianças e bebês, mulheres amassando alguma coisa (mais tarde soube que era mandioca) em imensos tachos esmaltados, outras cozinhando, comerciantes, jogadores, pessoas que passavam de uma balsa a outra. Cada balsa tinha um bar. A música e a dança não paravam, dia e noite. Os mascates das aldeias do interior desciam remando pelos afluentes para chegar ao rio e encontrar as balsas — o que podia demorar vários dias. Durante o trajeto, eles encostavam, amarravam as canoas e vendiam banana, peixe, macacos e

papagaios, comprando utensílios como panelas e potes esmaltados, lâminas de barbear e tecidos, para levar para as aldeias. Glen disse que as balsas eram *quase* uma vila. Crianças que nasciam e cresciam ali raramente pisavam terra firme. Iam e vinham pelo rio, entre Kinshasa e Kisingani. Gostaria que Ismael pudesse ver aquilo, pois tratava-se de uma bela demonstração de que não existe um único jeito para as pessoas viverem. Certamente, aquilo não era para o gosto de qualquer um, mas devo admitir que me atraía terrivelmente.

Só quando estávamos realmente voando por cima da selva do Zaire compreendi o que Glen dissera a respeito de um vôo noturno sobre a mata, sem *loran* nem previsão do tempo. A floresta era um tapete sólido até onde a vista alcançava, para todos os lados. Ela chegava até a beira do rio. Se caísse uma tempestade e o helicóptero fosse forçado a pousar, só havia duas opções — descer sobre as copas das árvores ou no meio do rio. A primeira era morte quase certa, e a segunda, *idem*. Haveria pouca chance de sobreviver. Durante o dia o problema poderia ser resolvido com um pouso na clareira que havia ao lado de todas as aldeias. De noite, seria impossível vê-las.

Voamos por três horas, calculei, antes de rumar para o norte, seguindo o Mongala. Nesse afluente vimos três canoas impulsionadas por varejões que desciam o rio rumo ao Zaire, onde se uniriam ao vilarejo flutuante que passaria pela foz do Mongala na manhã seguinte. Glen disse que eles transportavam inhame e farinha de mandioca. Ele explicou que a raiz era transformada em farinha, usada para preparar vários pratos típicos.

Depois de mais meia hora, avistamos Bolamba. No início, pensei que Glen estava me gozando, e que a Bolamba *real* ficava provavelmente quarenta ou cinquenta quilômetros rio acima. No entanto, ele falava sério. Aquele vilarejo desengonçado, mais ou menos do tamanho de um campo de futebol, era a capital da República de Mabili. Sei que soa estúpido, mas eu me senti

insultada. Se eu soubesse que era aquilo, eu teria dito: “Em vez de me mandar para Bolamba, mandem Bolamba para cá”.

Sentindo minha indignação, Glen explicou que a cidade fora muito maior na época colonial e que, apesar da aparência insignificante, ainda era o principal centro comercial da região. Pousamos no terreiro da escola local — e dúzias de crianças se aproximaram para ver quem ou o que Glen havia trazido. Entre elas havia um jovem, que se aproximou e disse que se chamava Lobi. Era assistente do ministro e nos convidou a acompanhá-lo até a residência oficial, a uma quadra dali. Ele pegou minha mochila e minha mala antes que eu pudesse reclamar e disse:

— Você só trouxe isso?

Quando eu disse que sim, ele se pôs a caminho. Perguntou, educadamente, em inglês com sotaque marcante, se minha viagem fora agradável e minha estada em Kinshasa satisfatória. Respondi que sim, e foi mesmo. A conversa ficou por aí.

A residência oficial fazia parte de um conjunto de edifícios conhecido como Compound, herança da época colonial — muito agradáveis de se ver, por fora. Só uma placa de bronze, no portão, indicava sua função governamental. O prédio da frente parecia uma versão menos cuidada da embaixada do Zaire em Washington. Entramos. Lobi cumprimentou o sujeito da portaria, me acompanhou até o segundo andar, mostrou onde ficava o banheiro e me mandou sentar num banco.

— O ministro já sabe que você está aqui — disse ele — e a atenderá em seguida. Enquanto isso, levarei suas coisas para o quarto. Tudo bem?

Respondi que sim, e ele sumiu no final do corredor. Dez minutos depois, voltou, parecendo surpreso por me encontrar ali ainda.

— O ministro não a chamou? — perguntou, desnecessariamente em minha

opinião.

Respondi que não.

Ele disse que ia verificar qual era o problema e desapareceu atrás de uma porta que dava para um corredor. Depois de três minutos, ele pôs a cabeça para fora da porta e me chamou.

— Ele estava ao telefone — disse Lobi. — Mas agora já pode atendê-la.

Ele me conduziu até a recepção, ou melhor, até a sala projetada para ser a recepção, mas que não era porque não tinha recepcionista. Passamos e fomos para o gabinete, onde um homem que só podia ser Luk Owona levantou-se da cadeira e me saudou com uma mesura.

— Seja bem-vinda a Bolamba, senhorita Gerchak — disse ele, num tom não muito amigável, e me convidou a sentar. Sem mostrar muito interesse, ele desfiou o rosário de perguntas sobre minha viagem e estadia satisfatória em Kinshasa. E foi logo ao assunto. — Pelo que eu soube — continuou ele, me olhando de forma desdenhosa, escondido atrás das lentes grossas dos óculos —, a senhorita busca auxílio para encontrar um lar para um gorila das planícies.

Sentada ali, ouvindo o sujeito falar, percebi finalmente o quanto Art Owens errara em sua avaliação da situação. Eu deveria ter entendido o fato de Luk não ter ido me encontrar no aeroporto de Kinshasa (e provavelmente jamais ter pensado sequer na possibilidade). Ou o fato de que ele não andou uma quadra para ir ao encontro do helicóptero — ou saído no corredor, ou posto a cabeça para fora da porta para me cumprimentar. Mas, sem dúvida, agora eu estava entendendo tudo.

Ao contrário de tudo o que Art dava como certo, seu irmão Luk não era nosso amigo. Não sabia se era nosso inimigo, mas certamente não era aliado.

Em três segundos, fiquei louca da vida — em parte por Art ser tão cego e

em parte por Luk ser como era. Perdi totalmente a paciência, e quando isso acontece sou capaz de fazer coisas realmente estúpidas. Minha atitude, em seguida, pode até parecer corajosa e ousada para muita gente, mas não tenho ilusões a esse respeito. Foi pura estupidez.

Eu disse que sabia que ele e o irmão tinham pais diferentes.

Ele ficou claramente desconcertado com a inclusão de um comentário tão pessoal na conversa, mas admitiu que era verdade.

Aí eu disse:

— Acho que o pai de Art ensinou boas maneiras a ele.

Luk ficou completamente imóvel por vinte segundos, enquanto analisava meu comentário. Quando entendeu, seu rosto negro ficou cinzento como carvão queimado.

Tive vontade de morrer. Ou de voltar para casa, ou pelo menos para o helicóptero. Imaginei, instantaneamente, que iam me levar dali e me fuzilar. Ele me olhou como se estivesse imaginando a mesma coisa. Enfrentei seu olhar — pelo menos isso eu consegui. Se você correr, o bicho pega...

— Como ousa — disse ele — entrar em meu gabinete para me insultar?

— E como *você* ousa — retruquei friamente — ser tão pouco hospitaleiro para com uma amiga de seu irmão que viajou doze mil quilômetros para pedir um favor?

Será que eu estava tão inspirada a ponto de usar a expressão “pouco hospitaleiro”? Não posso jurar, mas acho que estava.

Ele me encarou; eu o encarei de volta. Logo senti a impressão de que nossos papéis estavam invertidos. Agora era ele que estava sentindo vontade de morrer.

Ele baixou o olhar, e me dei conta de que vencera, milagrosamente. Duvido que ele fosse ficar meu amigo para o resto da vida, mas eu o havia enfrentado

de igual para igual.

Ficamos ali sentados. Obviamente, ele não sabia o que fazer, e eu seguramente também não tinha a menor idéia. Acabara de insultar mortalmente um sujeito que tinha poder para mandar me matar — e o forçara a engolir tudo. Nenhum de nós sabia como proceder a partir dali.

Finalmente, por puro desespero, eu disse:

— Seu irmão pediu que eu lhe dissesse que sente muito sua falta — e da África.

Era pura invenção, claro. Ele nunca havia me dito uma coisa nem remotamente parecida com isso.

— É difícil acreditar nisso — disse Luk.

Dei de ombros, como se dissesse: “Que se pode fazer com alguém tão estúpido?”

— Ele está bem?

— Ele está bem — respondi. A pergunta e a resposta significavam que a guerra aberta havia sido evitada.

Depois de outra longa pausa, ele disse:

— Por favor, aceite minhas desculpas... e me faça a gentileza de explicar essa história de gorila direitinho.

Percebi que ele se saíra muito bem, amarrando as desculpas com o pedido de explicações. Poupou a humilhação adicional de ficar ali sentado e receber meu perdão.

Mesmo assim, ficou claro pelo tom que ele presumia que “essa história de gorila” era uma camuflagem para um assunto mais importante. Isso me forçou a mudar ligeiramente o papel que eu deveria assumir em Bolamba. Se eu dissesse a verdade a Luk — que o interesse de Art era apenas arranjar um lugar para o gorila —, ele provavelmente consideraria o caso indigno de sua

atenção. Pelo menos, foi a impressão que ele me deu. Para evitar tal desfecho, mudei tudo e disse que *eu* estava interessada em acomodar o gorila. Em outras palavras, em vez de me apresentar como um instrumento que Art usava para atingir *seu* objetivo, fiz com que Art parecesse um instrumento que eu estava usando para atingir *meu* objetivo. Foi uma atitude ousada e potencialmente desastrosa, uma vez que eu não tive nem cinco segundos para analisar se faria algum sentido ou não.

Fez sentido para Luk de um modo que eu não poderia ter previsto, nem que passasse seis meses pensando no caso. Vi isso na hora em seus olhos. Vi que ele estava pensando percorrer a superfície inteira do corpo, enquanto as células se reorganizavam para enfrentar a nova realidade. Se visse aquela cena eletrizante, Art teria ficado louco. Principalmente comigo. Numa fração de segundo eu me transformara na imaginação de Luk de uma pobre menina cansada de viajar numa ninfeta sedutora.

Eu não podia fazer nada a esse respeito — e não queria fazer nada mesmo. Tudo se esclareceu na cabeça de Luk. Eu tinha um gorila (só Deus sabe como e por quê) e queria devolvê-lo para a selva, no meio da África, Art não se sentiu impotente para me negar ajuda. Art não poderia voltar ao Zaire pessoalmente para tomar as providências. Portanto, lá estava eu. Toda aquela despesa e agitação não tinha nada a ver com o gorila — isso seria absurdo. Era tudo por minha causa. Isso estava ao alcance da compreensão de Luk; portanto, deixei que pensasse o que bem entendesse.

Depois de minha reunião com Luk, fui conduzida aos meus aposentos, que não mereciam uma carta para a mamãe com a descrição do seu luxo. Pendurei o vestido que usaria no dia seguinte para o encontro com Mokonzi Nkemi e tentei alisá-lo um pouco, tirando pelo menos as marcas mais visíveis. Era um

vestidinho meio fresco, do tipo que não me entusiasmava muito, mas me disseram (várias vezes) que *calça jeans* e camiseta iam pegar muito mal numa audiência com o presidente da República. Havia um banheiro no final do corredor com uma banheira em que quase se podia nadar. Tomei um longo e delicioso banho e fui tirar um cochilo.

Como não havia muitas pessoas fluentes em inglês à minha disposição. Só Glen se achou na obrigação de me servir de guia à noite. Iam dar um jantar no lugar que chamavam de “salão de honra”, mas fiquei contente de saber que o jantar não era em minha honra. Nem de ninguém. Fazia parte do estilo Nkemi promover noitadas para o que se podia considerar basicamente o governo inteiro. Ele e Luk raramente apareciam, pois a presença dos chefões poderia deixar os escalões inferiores constrangidos. Naquela noite (como na maioria das outras), haveria trinta ou quarenta convidados — funcionários e suas famílias, dos bebês aos avós.

Glen avisou que minha entrada, quer eu gostasse ou não, provocaria certa comoção, especialmente entre as crianças e jovens. Uma muralha compacta de curiosos se formou ao meu redor, e Glen já havia avisado que era melhor satisfazer a curiosidade do grupo inteiro, ou seria perseguida pelos mais insistentes durante o jantar inteiro, e eu seria obrigada a responder às mesmas perguntas até não agüentar mais.

Naturalmente, eles queriam saber por que eu estava ali. Expliquei que precisava ver o presidente. Naturalmente, quiseram saber o motivo. Depois de traduzir a pergunta, Glen me aconselhou a não discutir o assunto, e aceitei o conselho. Eles queriam saber de onde eu era exatamente e como se vivia em minha terra com todos os detalhes. Queriam saber o que eu achava da comida, da música, das estradas e do tempo do Zaire. Queriam saber o que eu via na televisão americana, e eu me enrolei toda quando tentei explicar o que era um

seriado humorístico. Perguntei o que eles viam na tevê do Zaire, o que provocou gargalhadas. Glen explicou que Mobutu era fã de luta livre, de modo que praticamente só passavam lutas na televisão de lá. Os mais velhos perguntaram se eu aprovava a política dos Estados Unidos em lugares como a Líbia, Israel e Irã. Quando eu disse que mantinha a mente aberta e pedi a Glen que explicasse que era brincadeira, ele disse que não iam entender. Tinha razão — não entenderam. Dei um jeito e mostrei que (para um visitante) eu tinha um conhecimento profundo da história da República de Mabili, o que os encantou profundamente.

Falei por mais de uma hora, até que Glen deu um basta na “entrevista” e me levou para comer alguma coisa. Circulamos em volta das mesas repletas de iguanas — em sua maioria, coisas que nem Glen conseguia identificar. Ele escolheu cinco ou seis que reconhecia e supunha que eu ia gostar, e depois mais meia *dúzia*, por via das dúvidas. Na verdade, não vi nada exótico demais, e fiquei sem saber se cupim parecia mesmo com pipoca. Era tudo bem temperado. Sabe, é raro encontrar comida com gosto de alguma coisa, um contraste marcante com a comida americana, que não tem gosto de nada, e a gente precisa pôr um gosto qualquer dentro dela — sal, pimenta, molho de soja, mostarda ou suco de limão. Uma das sugestões de Glen foi macaco defumado, para ver se eu desmaiava, acho. Não era nada do outro mundo, mas também não me fez desmaiar.

Mokonzi Nkemi

O objetivo de minha conversa com Luk Owona na tarde de quarta-feira fora deixado bem claro. Na história que rolava ali, o papel dele era “descobrir o que eu queria”, para preparar Mokonzi Nkemi para o encontro comigo, na quinta de manhã. Pelo que Nkemi sabia, meu pedido não tinha nadíssima a ver com Art Owens, que *era persona non grata*. Ninguém mencionava seu nome. A reunião com Nkemi deveria ser simples. Eu entraria, trocaríamos algumas amabilidades, e eu explicaria o que desejava. Nkemi diria claro, por que não, e eu diria muito obrigada, até logo, e voltaria para casa. Todo mundo achava que seria assim, e fazia sentido que assim fosse.

Nkemi tinha uma recepção com direito a recepcionista e tudo. Depois de ser conduzida pelo meu fiel acompanhante, Lobi (cujo nome, Glen explicou, era um termo *lingala* que significava, ao mesmo tempo, “ontem” e “amanhã”), fiquei sentada, durante dez minutos, e fui finalmente admitida. O gabinete de Nkemi era apropriadamente maior e mais elegante que o de Luk. Contudo, a grande surpresa foi o sujeito em si. Sem razão, eu esperava um homem baixo, troncado, forte. Em outras palavras, um generalíssimo. Nkemi, ao contrário da minha expectativa, era alto, magro e tinha os ombros curvos, como um intelectual. Usava terno escuro, camisa branca e gravata escura, além dos óculos, que tirou ao me convidar para sentar na poltrona que se encontrava à frente de sua mesa.

— Gostaria de tomar um café comigo? — perguntou ele.

Percebendo minha hesitação, garantiu que era feito com água purificada. Respondi que adoraria, mas, na verdade, preferiria não ter aceite. Ele quis saber em detalhes se minha viagem havia sido agradável e se gostara de

Kinshasa. Acrescentou a essas perguntas questões sobre o Compound e o jantar na noite anterior, que por algum motivo ele chamou de recepção. Logo chegou o café, e tomamos café. Ele explicou que lamentava dispor de pouco tempo para conversar comigo, pois esperava um telefonema de Paris. Eu disse que compreendia e não me importava. Ele disse que o senhor Owona adiantara o teor do meu projeto e me pediu para apresentá-lo em detalhes.

Finalmente, a hora do *show*.

O gorila Ismael, expliquei, era uma celebridade nos Estados Unidos, assim como o gorila Gargântua fora, na geração anterior. Gargântua morrera em cativeiro, mas as coisas mudaram muito desde aquela época graças às sociedades protetoras de animais. Agora havia um movimento que desejava ardentemente libertar Ismael na selva, e seus donos se dispunham a cooperar no projeto — não só entregariam o animal, como estavam investindo um bocado de dinheiro para bancar a viagem de Ismael para sua terra natal, na floresta tropical do centro-oeste da África. Só precisávamos da ajuda de Nkemi para levar Ismael do local de chegada, em Kinshasa, até onde seria solto, na República de Mabili.

Nkemi mostrou um interesse educado pelo assunto, perguntando se um animal que passara a vida em cativeiro seria capaz de sobreviver no mato. Era uma das questões para as quais eu havia sido preparada.

— Se ele fosse um predador, não — respondi. — A um leão adulto, mantido numa jaula a vida inteira, com quase toda a certeza faltaria a habilidade necessária para caçar. Mas um animal que vivia da coleta, como o gorila, não encontraria dificuldade para sobreviver em seu hábitat. Mesmo assim, os responsáveis permaneceriam com ele na selva até se assegurarem de sua perfeita adaptação. Se isso não ocorresse, eles teriam de escolher entre levá-lo de volta e sacrificá-lo de forma não dolorosa.

Não gostei muito de tocar nesse ponto, mas era necessário.

Nkemi quis saber em seguida se a empreitada contava com recursos ou, pelo menos, o apoio de organismos internacionais de proteção à fauna, como o World Wildlife Fund. Ponto para Art, que previu essa pergunta. Nkemi estudava a possibilidade de conseguir belas manchetes para si na imprensa mundial. Disse que não havíamos pedido tal apoio ainda, mas que o faríamos de bom grado se fosse necessário.

Nkemi perguntou a razão para enviarem uma criança nessa missão. Essa, na minha opinião, era a parte fraca da nossa história. Minha única chance, porém, era recitar o que havíamos combinado. Disse que organizaram um concurso nacional de estudantes e ganhou quem escreveu a melhor redação defendendo a volta de Ismael para sua terra natal. Como vencedora, meu prêmio foi a viagem e a responsabilidade de pedir ao presidente da República de Mabili ajuda para o projeto. A opinião de Nkemi sobre esse conto de fadas não parecia ser muito melhor que a minha, mas ele deixou passar isso, sem comentários.

Diga-me, senhorita Gerchak — disse ele, depois de algum tempo —, que motivo acredita que eu teria para ajudá-la nessa questão?

— A oportunidade de praticar um ato beneficente já seria motivo suficiente.

Ele balançou a cabeça em sinal de aprovação diplomática, mas ficou nisso.

— Suponha — insisti — que a mera oportunidade de praticar o bem *não* seja suficiente.

— Está bem — disse eu. — Vamos supor isso. Gostaria que me dissesse, então, o que *seria* suficiente.

Ele balançou a cabeça.

— Não estou pedindo propina, senhorita Gerchak. Quero que encontre nesse projeto algo que o torne vantajoso para mim, pois ainda não vi nada do gênero, para ser honesto. Para ser franco, o que eu ganho com isso? Se não houver nada para mim, o que haveria para Mabili — ou para a África? Não sou um sujeito ganancioso, mas certamente espero ser pago pela minha cooperação, de uma forma ou de outra. Você vai conseguir algo que deseja. Os donos do animal vão conseguir algo que desejam — ou não estariam fazendo isso, posso lhe garantir. E, se o que me diz for verdade então os defensores dos animais, nos Estados Unidos, também conseguirão algo que desejam. No meio de toda essa gente, por que eu devo ser o único que não conseguirei algo que desejo?

Sem dúvida, tratava-se de um argumento e tanto. Como não tinha a menor idéia do que dizer, não via nada à frente exceto o completo fracasso da missão. Fiquei paralisada de terror, e meu cérebro travou.

— O problema — disse eu — é que eu não sei o que você quer.

Ele balançou a cabeça novamente, do mesmíssimo jeito — desconsolado, decepcionado.

— O que eu quero não está em questão, senhorita Gerchak. Se, ao ouvir falar de seu desejo de trazer esse animal, eu a convidasse para vir aqui e tentasse convencê-la a aceitar minha ajuda, você certamente desejaria saber por que deveria me dar a oportunidade — e não a outro. Você desejaria saber de que modo dizer sim à beneficiária. E eu lhe diria, pois eu teria isso pronto na minha cabeça desde o início, antes mesmo de convidá-la a vir.

Fiquei ali sentada, de boca aberta, olhando para ele como uma boba.

— Você é uma jovem adorável — prosseguiu Nkemi. — Tenho certeza de que escreveu uma redação formidável, mas temo que os organizadores disso tudo deveriam ter mandado alguém que realmente soubesse como essas coisas

devem ser feitas.

— Muita gente ficaria desapontada — arrisquei, em voz baixa.

— Contentá-las não é minha responsabilidade.

— Mas estamos pedindo tão pouco! — balbuciei.

Ele deu de ombros.

— Se pede pouco, então deve oferecer pouco. Mas pedir pouco não justifica oferecer nada.

Felizmente, naquele momento, a secretária de Nkemi entrou e disse que o tal sujeito de Paris estava na linha. Ele me pediu para esperar um minuto do lado de fora, se eu não me importasse. Corri para a porta como se meu sapato estivesse pegando fogo.

Vocês podem ter uma idéia do meu estado de espírito se eu confessar que pensei até em tentar falar com Art pelo telefone. Imaginei que estaria em casa, pois onde ele estava seriam quatro e meia da manhã. O problema era que eu não sabia quanto tempo teria, nem quanto demoraria para completar a chamada. Decidi que aproveitaria melhor o tempo superando o pânico e achando uma resposta brilhante, mesmo que no momento isso fosse inimaginável para mim.

Além disso, eu já sabia o que Art teria a dizer sobre o assunto. Ele era o autor do argumento básico que eu acabara de apresentar: *Não estamos pedindo muito. O que o impediria de nos atender?* Esse argumento se mostrou inútil.

Ismael não havia sugerido nada para essa fase. Se o tivesse feito, que seria? Curiosamente, não tinha idéia de qual seria o argumento, mas sabia *como* ele o apresentaria. Ele contaria uma história — uma fábula. Inventaria uma parábola sobre um rei e um estrangeiro que o procurava com o objetivo de fazer um pedido... sobre um rei a quem o visitante pede ajuda para recuperar

algo, mas que não compreende ser a própria recuperação a sua recompensa...

Lembro-me de ter visto Ismael criar uma fábula didática em poucos minutos. Não era algo impossível. Meu problema seria encontrar os elementos apropriados e montá-los de modo que tivesse sentido... pensei primeiro numa pérola. Depois, numa moeda de ouro. Depois de me aquecer com elas, arrisquei pensar na estrutura do ouvido interno que controla o equilíbrio. Se eu soubesse como se chama esse negócio, teria provavelmente ficado por aí. Finalmente, tive uma idéia que me pareceu a melhor possível naquelas circunstâncias. Dediquei-me a ela. Em cinco minutos estava pronta a enfrentar Nkemi, e vice-versa.

— Gostaria de lhe contar uma história — disse eu, ao me acomodar em seu escritório novamente. Nkemi, com um movimento mínimo da cabeça, indicou que se tratava de uma abordagem interessante e inédita e que eu podia prosseguir.

— Certo dia, um príncipe foi interrompido em sua corte por um visitante estrangeiro, que solicitava um favor. O príncipe levou o visitante a seus aposentos e perguntou acerca do favor.

‘Gostaria que mandasse abrir os portões do castelo para que eu pudesse alojar um cavalo em seu estábulo’, disse o estrangeiro.

‘Que tipo de cavalo?’, perguntou o príncipe.

‘Um garanhão cinzento, majestade, com uma estrela preta na testa’.

O príncipe franziu a testa e disse: ‘Havia um cavalo assim no estábulo de meu pai quando eu era menino. Houve um incêndio desastroso e ele desapareceu junto com outros’.

‘Poderia, então, abrir os portões e permitir que eu guarde o cavalo em seu estábulo?’

‘Não entendo por que deveria fazer isso’, retrucou o príncipe. ‘Perdoe-me a

franqueza, mas que benefício eu teria ao fazer isso por você?’

‘Pensei que já houvesse compreendido, majestade’, disse o estrangeiro. ‘Esse é o cavalo que desapareceu do estábulo de seu pai na sua infância. Estou apenas devolvendo o que jamais deveria ter saído daqui’.

Nkemi sorriu e balançou a cabeça. Entendi o gesto como “Prossiga”.

— Não estamos pedindo para nos ajudar a trazer algo que pertence a nós — disse eu — e, sim, tentando devolver algo que pertence a vocês.

Nkemi sorriu novamente.

— Está vendo? Eu mesmo poderia ter descoberto o benefício se pensasse um pouco a esse respeito, mas não tinha essa obrigação. Você, sim, tinha a obrigação de me mostrar isso. Se esperasse que eu encontrasse o benefício em sua proposta, demonstraria falta de respeito para com a minha pessoa — embora eu compreenda que você, pessoalmente, não pretendesse me desrespeitar.

— Compreendo — disse eu — e concordo plenamente.

— É claro que terei prazer em cooperar para o êxito dessa sua pequena aventura. O senhor Owona se encarregará das providências necessárias.

Dizendo isso, ele se levantou e estendeu a mão, em despedida.

Oito horas depois eu estava voando de volta para a Suíça.

Senso de oportunidade

Depois de uma espera longa e tediosa em Atlanta, cheguei em *casa* na sexta-feira, pouco antes da meia-noite. Inteira, mas virtualmente entorpecida. Minha mãe me mandou para a cama, mas nem precisava fazer isso. E me agüentou de mau humor quando me chamou na manhã seguinte para dizer que o senhor Owens estava a caminho para me pegar. Eu preferia passar mais seis horas dormindo, mas me levantei, tomei um banho, me vesti e tomei café a tempo de sair e encontrá-lo na rua, para evitar que ele entrasse e conversasse com minha mãe. Levaríamos cerca de noventa minutos de carro para chegar ao parque de diversões, que naquela altura já estava na segunda cidade, ao norte.

Depois de contar passo a passo a minha viagem à África, perguntei o que estava acontecendo.

— Aconteceram duas coisas desde sua partida — disse ele. — Uma delas é que Ismael pegou um resfriado pavoroso, que infelizmente se transformou em pneumonia. Não existem muitos veterinários capazes de tratar um gorila, ou dispostos a tanto, mas consegui encontrar um, e a ambulância está a caminho do parque neste exato momento.

Só consegui dizer:

— Ele vai ficar bom, não é?

Mas eu conhecia Art o suficiente para saber que, se ele pudesse me tranqüilizar, já o teria feito. Ele não parecia *terrivelmente* assustado, e eu ia ter de me virar com isso.

— E a segunda coisa?

Ele deu uma risada curta, amarga.

— A segunda coisa é que Alan Lomax conseguiu nos localizar.

— Bem disse eu —, acho bom contar direitinho essa história sobre o Alan. Sei que Ismael não gosta de falar no assunto, mas isso não o impede de contar, certo?

Art dirigiu em silêncio por algum tempo, enquanto pensava no problema. Finalmente, disse:

— De vez em quando, Ismael encontra um aluno renitente. Que se torna... possessivo. Isso deixa Ismael morto de medo... por bons motivos, aliás.

— Por que está dizendo isso?

— Pense bem: se você *tem* um animal, você o controla totalmente.

— Sim, mas Ismael não *pertence* a Alan.

O problema é que Alan quer ser o dono de Ismael. Ele me ofereceu mil dólares por ele anteontem.

— Ai, meu Deus do céu — gemi. Queria gritar. Morder e arrancar pedaços do painel. — Que você disse a ele?

Art riu, malicioso.

— Que não vendia por menos de dois e quinhentos.

— Por que disse uma coisa dessas? — perguntei, indignada.

— Que mais queria que eu dissesse? Precisava preservar a farsa de que Ismael, no que me dizia respeito, era apenas mais um animal da minha coleção.

— Entendo.

— Você precisa entender que, do ponto de vista de Alan, ele está fazendo algo admirável. Tentando salvar Ismael de uma situação desesperadora.

— E Ismael não lhe disse que não precisa ser salvo de nada?

— Claro que sim. Mas achou melhor não explicar o motivo pelo qual não quer ser salvo.

— Por que não?

— Pense bem, Julie. Você mesma pode descobrir.

Pensei um pouco no caso, mas não cheguei a lugar nenhum. Perguntei:

— Como Alan acha que Ismael chegou ao parque de diversões, afinal?

— Não tenho a menor idéia.

Seguimos em silêncio por algum tempo. Finalmente, eu disse:

— Que ele pretende fazer, na sua opinião?

— Alan? Acho que vai para casa tentar arranjar o máximo de dinheiro que puder. Assim que ele puder balançar as notas na minha cara, a cobiça me tornará um boneco em suas mãos.

— Mas Ismael já terá partido quando isso acontecer, certo?

— Ah, claro. A não ser que Alan consiga agir depressa. Ismael partirá dentro de algumas horas, e o parque já terá seguido para outra cidade na segunda-feira.

Naquele momento passamos por uma cidadezinha que ficava mais ou menos na metade do caminho, e não é que vi Alan Lomax parado num posto de gasolina? Ele e um mecânico estavam olhando o motor de um Plymouth. Acho que o carro era do tempo do presidente Carter.

— Pelo jeito, ele teve um probleminha no motor — comentou Art.

— É.

— Provavelmente, um defeito no ventilador do radiador.

— Será?

— É bem possível — respondeu Art.

Olhei para ele, curiosa.

— Ele vai precisar trocar o ventilador?

— Sem dúvida — disse ele. — Infelizmente, não é fácil conseguir peças aqui neste fim de mundo, num sábado. Se guiar com cuidado, poderá chegar

em casa sem o ventilador. Mas é tarde demais para conseguir alguém que o conserte hoje.

— Que pena! — comentei.

Adeus, meu Ismael

Ele parecia péssimo, encolhido naquela jaula miserável. Fungava e gemia. Seu pêlo estava desgrenhado, mas ele não desistira e nem dava mostras de que pretendia morrer. Na verdade, estava irritado e mal-humorado, o que não ocorreria pouco antes do último suspiro.

Depois de ouvir todos os detalhes de minha aventura africana, ele se aborreceu ao saber que ele e Art haviam errado tanto em relação a Luk Owona e Mokonzi Nkemi.

— A regra deve ser sempre torça pelo melhor, mas prepare-se para o pior, e nós só torcemos pelo melhor — disse ele. — Um mês afastado do serviço e já estou perdendo o jeito.

Por outro lado, ele ficou muito contente com a fábula do ganhão cinzento que inventei para Nkemi.

— Você disse algo sobre trabalhar uma idéia referente ao ouvido interno. Que é isso, afinal?

— Bem, você sabe, aquela coisinha que fica boiando no ouvido interno e ajuda a gente a manter o equilíbrio. Eu estava pensando... a bruxa malvada roubou aquilo de dentro do ouvido do príncipe e ele cresceu desequilibrado — seus filhos e netos também. Então, um dia, o neto da bruxa aparece no castelo e diz ao príncipe, que já havia se tornado rei: “Bem, eu queria entregar isso”. E o rei diz: “E quem quer essa coisa? Que eu ganho com isso?” Aí o neto da bruxa explica tudo.

— Um pouco... confuso — disse Ismael, hesitante.

— Exatamente. Por isso fiquei com a história do cavalo.

— Você será uma boa professora — disse Ismael, e me pegou de surpresa.

— Você acha que eu vou ser professora?

— Não quis dizer professora *profissional* — disse ele. — Todos vocês devem se tornar professores, sejam advogados, médicos, corretores da bolsa, cineastas, industriais, líderes mundiais, estudantes, balconistas de lanchonete ou varredores de rua. Nada menos que um mundo de *espíritos modificados* pode salvá-los — e modificar o espírito é algo que cada um de vocês pode fazer, não importa quem seja ou onde esteja. Recomendei a Alan que transmitisse tudo a cem pessoas, mas, para dizer a verdade, já estava meio impaciente com ele. Claro que não há nada de errado em atingir cem pessoas, mas, se isso não for possível, então atinja dez. E, senão conseguir chegar a dez, transmita tudo a uma — pois uma pode atingir um milhão.

— Vou atingir um milhão — disse eu.

Ele me encarou por um momento e disse:

— Acredito nisso.

— Você vai tentar ensinar na África? — perguntei.

— Não, de jeito nenhum. Talvez eu lhe escreva uma carta, um dia, mas não pretendo me envolver em mais nada do gênero.

— Que você vai fazer então?

— Seguirei para o recanto mais distante, remoto e escuro da mata; tentarei encontrar uma tribo da minha espécie, que permita que eu viva entre eles, da coleta. Não quero assustá-la, mas seria inútil tentar esconder que a nossa sobrevivência enquanto espécie selvagem não deve durar muito tempo. Por outro lado, claro, eu estou levando um novo enfoque para o problema.

— Como assim?

— Se você ouvir falar de um gorila grisalho andando pelo mato, que ninguém consegue apanhar numa rede, esse gorila sou eu.

Art chegou em seguida para dizer que a ambulância os aguardava.

Pedi a Ismael para ir com ele.

— Prefiro que você não vá, Julie. As despedidas não seriam mais fáceis amanhã do que hoje.

Estendi o braço por entre as barras e ele segurou minha mão como se fosse uma bolha de sabão, de tão frágil.

A vida continua

Por incrível que pareça, segunda-feira de manhã eu me levantei, tomei café e fui para a escola. Na terça fiz a mesma coisa. Saco!

Eu não conseguia entrar em contato com Art. Era sempre ele que me procurava, e foi assim que eu soube que Ismael se recuperara lentamente e partiu em janeiro de 1991 para a África. Não perguntei como a viagem foi providenciada; não seria nada divertida, e, quanto menos eu soubesse a esse respeito, melhor. Art me telefonou em março para me contar que a missão havia sido um sucesso. Ismael estava em casa e se não gostasse ia ter de se acostumar.

Por algum processo misterioso, minha mãe ficou sabendo que a história do Zaire era diferente daquela que lhe contamos. Ela não me interrogou, nem exigiu uma explicação. Nada disso. Mas guardou um certo ressentimento e começou a fazer comentários cifrados, tipo “Sei que tem seus segredinhos. Eu também tenho os meus”.

Em setembro, o parque de diversões Darryl Hicks voltou à cidade. Art e eu pudemos passar algum tempo juntos. Disse a ele que, olhando para a história toda, um ano depois, achava impossível que os dois tivessem sido incapazes de dar um jeito na transferência, a não ser com a minha ajuda.

Art sorriu e disse:

— Pensei que, a essa altura, uma moça esperta como você já tivesse entendido tudo.

— Como assim?

— Tínhamos dois outros planos prontos para a transferência. Qualquer um deles teria saído mais barato — e seria muito mais fácil de realizar — do que

mandar você.

— Droga! Então por que me enviaram?

— Foi Ismael que insistiu. Ele queria que você fosse, e mais ninguém.

— Por quê?

— Digamos que era o que faltava ensinar a você. Foi o último presente de Ismael: a oportunidade de desempenhar um papel decisivo na vida dele. E, sem dúvida, você o fez. O fato de que poderia ter sido providenciado de outro modo não muda isso.

— Mas eu poderia ter fracassado!

Art balançou a cabeça.

— Ele sabia que você não falharia. Isso era parte do plano, claro. Ele queria que você soubesse que ele colocou a vida dele em suas mãos.

— Alan apareceu de novo?

— Apareceu. Bem quando eu pensava que ele apareceria. Estávamos a caminho, no início da manhã. Deixei uma pessoa para interceptá-lo se ele fosse até lá. Ele apareceu na hora do almoço.

— Por que fez isso?

— Precisávamos dar um fim ao caso.

— Não estou entendendo.

— Sei que não. Ismael ficava numa posição difícil quando tinha que discutir Alan com você.

— Por quê?

Art fez uma pausa e me olhou com ar interrogativo.

— Qual a sua opinião a respeito de Alan?

Para dizer a verdade, achava que ele era um panaca.

— Essa é a razão por que Ismael não podia falar a respeito dele para você.

Você não estava disposta a ouvir.

— É. Acho que é isso mesmo.

— Não há nada para achar, Julie. Por algum motivo, quando se tratava de Alan, sua mente se fechava.

— Tudo bem, concordo. E daí?

— A maioria dos alunos de Ismael se comportava como você, de um modo ou de outro. Quando chegava a hora de acabar, tudo bem. Sabe do que estou falando?

— Não tenho certeza. Na verdade, eu não tinha escolha. *Precisava* deixá-lo. Art discordou.

— Não, Julie, não precisava. Poderia ter dito: ‘Se você não me deixar ir junto, cortarei os pulsos’.

— Claro.

— Alan foi um dos alunos que não *conseguiu* deixá-lo. Ismael viu os sinais disso logo no início, e isso se tornou um elemento indispensável de seu plano.

— Como assim?

Quando ficou claro que Ismael teria de sair do Edifício Fairfield, ele podia incluir você nos planos, mas não podia envolver Alan. Assim, Ismael não tinha escolha, exceto desaparecer. Alan só encontraria a sala vazia um dia. Ismael teria desaparecido no ar.

— Quer dizer que Alan não foi informado antecipadamente de que Ismael ia embora?

— Isso mesmo. Que você pensaria se entrasse um dia na sala de Ismael e a encontrasse vazia?

— Sei lá. Acho que teria pensado: “Bem, queridinha, você está por sua conta agora”.

— A maioria das pessoas agiria exatamente dessa forma, mas não Alan. Ele

pensou: “Se Ismael desapareceu, eu preciso *encontrá-lo!*” E foi o que ele fez.

— Estou entendendo. Não lhe ocorreu que Ismael *queria* desaparecer.

— Duvido que ele tenha pensado no que Ismael queria. O único dado era o que Alan queria, ou seja, ter Ismael de volta.

— É. Estou percebendo.

— Bem, é preciso que você entenda que Ismael não queria apenas se livrar de Alan. Ele pretendia despertar Alan. Tentava livrar Alan da dependência. Caso contrário, Alan seria um estudante para sempre.

— Que você quer dizer com isso?

— Ismael não quer apenas alunos. Ele quer alunos que se tornem professores um dia. Ele não deixou isso claro para você?

— Deixou. Disse que todos os seus alunos deveriam transmitir uma mensagem. Por isso era importante que todos tivessem um “desejo sincero de salvar o mundo”. Sem esse desejo, não fariam nada com o que aprendessem.

— Isso mesmo. Mas Ismael só ouvia o seguinte de Alan: “Jamais realizarei meu desejo de salvar o mundo. Não serei nunca um professor como você, nunca transmitirei sua mensagem ao mundo, porque vou ficar bem aqui e ser seu aluno *para sempre*”. Era isso que Ismael estava tentando evitar.

— Agora, estou entendendo.

— Quando Alan localizou Ismael no parque de diversões, a situação se complicou, pois Alan não dizia apenas: “Vou ficar bem aqui e ser seu aluno para sempre”. Ele passou a dizer: “Quero comprar você, levá-lo para casa e ser seu aluno para sempre”. Precisávamos dar um fim nisso, imediata e absolutamente.

— Estou entendendo.

— E como poderíamos fazer isso, Julie? Como você teria agido, sabendo que a situação era delicada? Alan havia voltado para casa, presumivelmente

para levantar o dinheiro para comprar Ismael imediatamente. Ismael estava com uma gripe muito forte, a ponto de precisar ser hospitalizado. Quando Alan voltou na segunda-feira, tanto Ismael quanto o parque haviam ido embora. Mas deixei uma pessoa com um recado para Alan.

— Certo.

— E qual foi a mensagem que deixei para ele?

— “Volte para casa e nos deixe em paz”.

Art negou, balançando a cabeça.

— Não funcionaria, Julie. Alan estava salvando seu mestre das forças do mal. “Volte para casa e nos deixe em paz” não seria suficiente.

— Você está certo. — Dei de ombros. — Eu sei o que faria, mas não sei se Ismael aprovaria a idéia.

— Ismael queria que Alan perdesse qualquer esperança de retomar sua atividade de aluno. Ele queria que Alan dissesse a si mesmo, de uma vez por todas: “Estou por minha conta — para sempre, totalmente. Ismael jamais voltará para me apoiar e orientar”. Ele queria que Alan dissesse a si mesmo: “Ismael se foi; portanto, eu mesmo devo me tornar Ismael”.

— Então, talvez, ele *aprovasse*.

— E que mensagem você deixaria a Alan?

— Eu teria deixado a seguinte mensagem: “Ismael está morto. Ele piorou e morreu de pneumonia”.

— Foi esse o recado que deixamos para Alan, Julie.

— Minha nossa — exclamei, e não pude deixar de pensar: *será que deu certo?*

Cinco meses depois, obtive a resposta.

O Ismael de Alan

No relato de sua experiência com Ismael*, Alan Lomax admite não ser o “tipo de escritor” que poderia transmitir a mensagem de Ismael ao mundo. Mas, diante da morte de Ismael, ele evidentemente voltou para casa e deu um jeito de se tornar o tal escritor. Merece meu respeito por isso.

Conversei com muita gente que leu o livro de Alan, e ninguém comentou um fato estranho: que Ismael saiu do Edifício Fairfield sem dizer uma única palavra a Alan a esse respeito. (Alan tampouco comenta o fato!) E também ninguém parece notar o fato de que Ismael não se mostra nem um pouco satisfeito quando Alan finalmente aparece no parque de diversões Darryl Hicks. (Quando Alan finalmente percebe isso, evita examinar a questão mais detidamente).

Acho que todos se sentirão aliviados ao saber que não pretendo fazer uma comparação, ponto por ponto, do que Ismael disse a Alan com o que disse a mim. Em minha cabeça, a única discrepância real ocorre em relação aos outros alunos de Ismael. Se Alan disse a verdade (e por que não falaria?), Ismael lhe transmitiu a impressão de que tivera poucos alunos anteriormente — e que havia fracassado com todos. Isso é muito estranho, pois para mim ele passou a impressão oposta — que teve muitos alunos e obteve sucesso com todos eles, de certo modo. Isso mostra que Ismael escondeu os fatos de um de nós, embora não consiga imaginar por que ele fez isso.

O Ismael de Alan é o *meu* Ismael? Pessoalmente, acho que sim, mas dificilmente posso me considerar uma pessoa objetiva no assunto. O Ismael de Alan parece ser um pouco severo e melancólico, além de desconfortável em relação àquele aluno em particular. Contudo, como o *meu* Ismael se parecerá a

quem ler este relato? Não tenho a menor idéia!

Aprendi uma coisa muito importante ao ler o livro de Alan — além dos ensinamentos que Ismael transmitiu a ele. Aprendi algo a respeito do próprio Alan. Não é fácil colocar isso em palavras, em parte porque significa admitir que eu errei. A partir da leitura do livro de Alan, vi o quanto é fácil tirar conclusões precipitadas e falsas a respeito de alguém, e a partir daí ver tudo conforme esses preconceitos iniciais. Depois de concluir que Alan era um panaca, tudo o que ele fazia me parecia típico de um panaca. Ao ler o livro, vi que isso não somente era profundamente injusto como também totalmente inverídico. Em certa medida, Art Owens cometeu o mesmo erro. Mas não Ismael. Ele sempre defendeu Alan e se irritava com meu preconceito, recusando-se a contribuir para isso quando se negava a falar sobre a atitude possessiva de Alan. Li que Sigmund Freud teria dito:

“Compreender é perdoar”. No caso de Alan, depois de conviver com seu livro por quatro anos, refiz a frase: “Compreender é compreender”.

As pessoas perguntam também sobre a minha reação aos ensinamentos de uma pessoa conhecida como B — Charles Atterley**, outro aluno do gorila. Acho que é a seguinte: Ismael não ensinava papagaios, e B certamente não é um papagaio. Ele pegou o que aprendeu de Ismael e o levou na direção de suas paixões. Estou certa de que Ismael quer ver isso mesmo acontecendo. Os ensinamentos de B são autênticos — quero dizer, eles derivam de algum modo dos ensinamentos de Ismael? Devo dizer que sim, sem dúvida, com base nas sugestões do livro de Alan. O fato de que essas mesmas sugestões não estejam presentes em meu livro não quer dizer nada. Ismael sempre deixou bem claro que cada aluno recebia uma “versão diferente” de sua mensagem.

Enquanto escrevia este livro, eu sabia o tempo inteiro que teria de explicar em algum momento a abertura, que falava em acordar, aos dezesseis anos, e ver que já levou ferro. Acho que chegou a hora.

Quando o livro de Alan foi publicado eu disse a Art que queria escrever um também. Sua resposta foi: “Ismael certamente gostaria que você fizesse isso — mas será preciso aguardar um pouco”.

Naturalmente, perguntei o motivo dessa espera.

— Você precisa confiar em mim nesse aspecto — disse ele.

— Eu confio em você — disse eu—, mas isso não quer dizer que eu não possa perguntar o motivo.

— Nesse caso, quer dizer, sim, Julie, Você precisa aceitar isso, de boa-fé.

— Está bem. Mas que estou esperando?

— Não posso dizer também.

— Alguma instrução de Ismael?

— Não.

— Quanto tempo preciso esperar?

— Até que eu lhe diga para prosseguir.

— Sim, mas por quanto tempo? Um ano? Dois? Cinco?

— Lamento, Julie, mas não sei.

— Isso não está certo.

— Sei que não está certo. Não estou fazendo isso porque está certo e sim porque e necessário.

Essa conversa aconteceu no verão de 1992. Imaginei que ele me liberaria em algum momento do ano seguinte, mas isso não ocorreu. Em 1993, acreditei que ele *certamente* me liberaria no ano seguinte — mas isso não ocorreu novamente.

No outono de 1994, fiz um curso de história universal no qual o livro de

Alan foi lido pela classe inteira como uma espécie de introdução. O esforço que precisei fazer para ficar quieta quase me matou. No mais, não foi um ano ruim. Minha mãe superou a fase difícil de sua vida e cortou a bebida de uma vez. Começou a perder peso, participar de um grupo de mulheres e acabou se lembrando até de sorrir.

Quando encontrei Art, no verão de 1995, disse:

— Bem, não pode haver mal nenhum em *escrever* o livro, certo? Não posso ir escrevendo se prometer não mostrá-lo a ninguém?

Ele disse que sim. Eu poderia escrevê-lo se jurasse sobre uma pilha de Bíblias que não o mostraria.

Então, comecei a escrever — mas continuei achando que tinha sido ferrada.

Enviei uma cópia a Art. Ele disse:

— Está ótimo. Mas você precisa esperar.

Esperei mais um ano, depois escrevi este capítulo.

Art continuou dizendo para... esperar.

Hoje é 26 de novembro de 1996... e continuo esperando.

* - Ismael, Editora Fundação Peirópolis, 1998.

** - A História de B. Editora Fundação Peirópolis, 1999.

Final da espera

No dia 11 de fevereiro de 1997, duas semanas antes do meu décimo oitavo aniversário, Art telefonou para me dar a luz verde.

Ele disse:

— Os dias de Mobutu estão contados. Ele não dura mais do que algumas semanas no poder.

— Pelo amor de Deus, era isso que eu estava esperando?

— Era isso que você estava esperando, Julie. Se os dias de Mobutu estão contados, os de Nkemi também.

— Você quer dizer que Nkemi precisava deixar o poder para eu poder revelar onde Ismael estava?

— Esse não é o ponto principal. Até que Nkemi deixasse o poder, eu não queria que ele soubesse que tipo de gorila havia ajudado. Lembre-se de que você disse o *nome* Ismael a ele.

— É verdade. Mas Alan também disse. Nkemi poderia ter descoberto tudo no livro de Alan. Saberá que tipo de gorila tinha ajudado.

— Não, ele não poderia saber nada pelo livro de Alan, pois lá Ismael morre.

— É, está certo, concordo. Mas o que Nkemi faria se soubesse?

— Não tenho a menor idéia, mas certamente não gostaria de descobrir da pior forma: observando-o.

— Certo.

Pensei no caso por um minuto; depois, quis saber se os dias de Nkemi estavam contados.

— Acredite em minha palavra, Julie. Tenho informações que nem o Departamento de Estado dispõe no momento. Até o verão, Nkemi e sua

república serão parte da história.

— Gostei de Nkemi, e também do seu irmão.

— Não se preocupe com os dois. Antes do Halloween, eles estarão lecionando ciência política e história da África em Paris ou Bruxelas — embora provavelmente ganhem dinheiro como assessores de empresários interessados em subornar políticos do novo regime.

— Por que você não podia me contar o motivo de tantos anos de espera?

— Se eu tivesse feito isso, você me perguntaria quanto tempo Mobutu ainda ficaria no poder, e eu teria de responder: “Ninguém pode saber. Ele talvez viva até os cem anos”. Acho que você não gostaria de ouvir isso.

— É verdade.

Portanto, a espera acabou, estou dois anos mais velha e mais sábia do que a menina que escreveu este livro. Poderia facilmente retomá-lo e refazer as partes ruins que acredito existir.

Mas acho melhor deixar do jeito que está.